

LISA KLEYPAS

Irresistible

ROMÁNTICA





Irresistível

Lisa Kleypas

Sinopse

Ela era solteira, intocada e tinha quase trinta anos, mas, a romancista Amanda Briars, não estava a fim de passar seu próximo aniversário sem fazer amor com um homem. Quando ele apareceu em sua porta, ela acreditou que ele era seu presente, contratado para uma noite de paixão. Terrivelmente bonito, irresistivelmente viril, ele a tentou de maneiras que ela nunca imaginou serem possíveis, mas, algo o impediu de realizar completamente seu sonho.

A determinação de Jack Devlin de possuir Amanda tornou-se maior quando descobriu sua verdadeira identidade. Mas, educada com esmero, Amanda desejava respeitabilidade mais do que ela admitia, enquanto Jack, filho bastardo de um nobre e empresário mais famoso de Londres, recusou-se a viver de acordo com as regras da sociedade. No entanto, quando o destino conspirou para que se casassem, seus mundos colidiram com uma força apaixonada inesperada... mas que ambos desejavam.

Prólogo

Londres, novembro de 1836

—Que estilo prefere, senhorita Briars? Gostaria de um homem loiro ou moreno? Alto ou de estatura mediana? Inglês ou estrangeiro? —A mulher usava um tom prático, como se estivesse falando de um prato para ser servido em um jantar, ao invés de um homem de aluguel para aquela noite.

Suas perguntas fizeram com que Amanda se encolhesse. Notou que queimavam suas faces até senti-las arder e se perguntou se era isso o que ocorria aos homens quando visitavam pela primeira vez um bordel.

Por sorte, aquele bordel era muito mais discreto e estava mobiliado com o melhor gosto do que havia imaginado. De suas paredes não se penduravam pinturas chocantes, nem gravuras vulgares, nem tampouco havia a vista clientes, nem prostitutas.

O estabelecimento da senhora Bradshaw era bastante atraente: as paredes eram forradas de damasco e verde musgo e a salinha de recepção privada, mobiliada ao estilo Hepplewhite. Havia uma mesinha de mármore, colocada com muito bom gosto junto ao sofá estilo Império, adornada com escamas de delfin douradas.

Gemma Bradshaw pegou um pequeno lápis dourado e um minúsculo caderno que estava preso na borda da mesa e a olhou: —Não tenho um estilo preferido —respondeu Amanda, mortificada, embora decidida —Confio em seu critério. Simplesmente me envie alguém na noite do meu aniversário, dentro de uma semana a partir de hoje.

Por alguma razão, aquilo pareceu divertir a senhora Bradshaw.

—Como um presente para si mesma...? Que ideia deliciosa. —Observou Amanda com um sorriso que, pouco a pouco, foi iluminando seu rosto anguloso. Não era formosa, nem sequer bonita, mas, possuía uma pele aveludada e uma cabeleira de um castanho avermelhado profundo, além de um corpo ereto e voluptuoso —Senhorita Briars, me permite a indiscrição de perguntar se voce é virgem?

—Por que deseja saber isso? —replicou Amanda, cautelosa.

A senhora Bradshaw arqueou uma das sobrancelhas perfeitamente depiladas em um gesto divertido.

—Se realmente está disposta a confiar em meu critério, senhorita Briars, devo conhecer os detalhes de sua situação. Não é habitual que uma mulher como você utilize o meu estabelecimento.

—Muito bem. —Amanda respirou fundo e falou com toda pressa, impulsionada por algo similar ao desespero, no lugar do bom senso que sempre se orgulhara: —Sou uma solteirona, senhora Bradshaw. Dentro de uma semana completarei trinta anos. E sim, eu ainda sou virgem... —Engasgou com aquela palavra para em seguida prosseguir em tom resolvido —mas, isso não quer dizer que tenha que seguir sendo. Procurei você, porque todos sabem que é capaz de proporcionar qualquer coisa que solicite um cliente. Já sei que deve ser surpreendente que venha aqui uma mulher como eu...

—Querida —interrompeu a senhora Bradshaw com um suave sorriso —Faz muito que passou a época em que eu era capaz de me surpreender com algo. Creio que entendo muito bem seu dilema e logo procurarei dar-lhe uma solução que seja de seu agrado. Diga-me, tem alguma preferência quanto a idade e o aspecto físico? Algo que te agrade ou desgoste em particular?

—Preferiria um homem jovem, mas não mais que eu, que não fosse muito velho. Não é necessário que

seja bonito, embora não quizesse que fosse desagradável aos olhos. E limpo —adicionou, ao ocorrer a ela a ideia —Insisto na limpeza.

O lápis trabalhava rapidamente sobre o caderno.

—Não creio que isso seja um problema —respondeu a senhora Bradshaw, com uma faísca cintilante em seus bonitos olhos castanhos, suspeitosamente parecida com um sorriso.

—Também devo insistir na descrição —disse Amanda em tom contundente —Se descobrem o que fiz...

—Querida —disse a senhora Bradshaw adotando uma postura mais cômoda no sofá —o que você acha que seria de meu negócio, se consentisse que se violasse a intimidade de meus clientes? Deve saber que meus funcionários atendem a alguns dos membros mais destacados do Parlamento, para não mencionar os lordes e damas mais famosas da alta sociedade. Seu segredo estará a salvo, senhorita Briars.

—Obrigada —respondeu Amanda, invadida em partes iguais pelo alívio e pelo terror, como também pela terrível suspeita de que estava cometendo o erro mais grave de toda sua vida.

Capítulo 1

Amanda sabia exatamente que o homem que estava em pé na porta era um prostituto. Desde o momento em que o fez entrar na casa com gesto de quem proporciona asilo a um convicto fugitivo, ele não deixou de olhá-la em silêncio, confuso.

Era óbvio que carecia da capacidade mental necessária para dedicar-se a uma ocupação de nível mais intelectual. Mas, era evidente que um homem não necessitava possuir inteligência para fazer aquilo para o qual o haviam contratado.

—Depressa —sussurrou Amanda, puxando com ansiedade o musculoso braço do homem. Fechou a porta com um golpe atrás dele —Acha que alguém viu você? Não havia previsto que se apresentaria na porta principal. Os homens de sua profissão não sabem guardar certa discrição?

—Minha... profissão —repetiu ele, desconcertado.

Agora que o tinha a salvo dos olhares públicos, Amanda se permitiu observá-lo de cima abaixo. Apesar de sua aparente escassez de intelecto, era notavelmente elegante. Na realidade, era belo, se é que podia aplicar-se semelhante adjetivo a uma criatura tão masculina.

Possuía uma constituição robusta, apesar de ser magro, com uns ombros que pareciam abarcar toda largura da porta. Seu cabelo negro e brilhante era espesso e estava bem cortado. Seu bronzeado rosto brilhava graças a uma barba bem feita. Tinha um nariz longo, reto e uma boca sensual.

Também um par de notáveis olhos azuis, de um tom que Amanda estava certa de não ter visto antes, à exceção, talvez, na loja onde o farmacêutico local fabricava tinta, cozinhando plantas índigo e sulfato de cobre durante vários dias, até que produziam um azul tão intenso e profundo que se aproximava do violeta.

Sem dúvida, os olhos deste homem não possuíam o ar angelical que em geral, se poderia associar a tal cor: era astuto, curtido, como se tivesse contemplado com muita frequência o lado desagradável da vida que ela não chegou a conhecer.

Para Amanda não foi difícil compreender por que as mulheres pagavam para gozar da companhia daquele homem. A ideia de alugar aquela criatura masculina de poderoso olhar, para que fizesse o que lhe ordenasse, era extraordinária. E tentadora.

Amanda se sentiu envergonhada da secreta reação que experimentou ao vê-lo, dos estremecimentos frios e quentes que percorreram todo seu corpo, do intenso rubor que tingiu suas faces.

Tinha se resignado a ser uma digna solteirona... Inclusive, tinha se convencido de que o fato de não ter se casado lhe permitiria desfrutar de uma grande liberdade. Não obstante, seu inquieto corpo, não entendia que uma mulher de sua idade não devia se encontrar acossada pelo desejo.

Em uma época, em que ter vinte e um anos se considerava ser velha, chegar solteira aos trinta dizia às claras que essa mulher havia ficado para vestir santos. Havia deixado para trás seu melhor momento, já não era desejável. Uma “encalhada”, assim era como a sociedade denominava uma mulher como ela. Quem dera pudesse aceitar seu destino.

Amanda se obrigou a olhar diretamente naqueles extraordinários olhos azuis.

—Tenho a intenção de ser franca, senhor... Não, não importa, não me diga seu nome. Não vamos nos

conhecer o suficiente para que eu necessite saber. Verá, tive oportunidade de refletir sobre uma decisão que tomei de maneira precipitada e o fato é que... enfim, que mudei de ideia. Te peço que não tome como uma ofensa pessoal, não tem nada a ver com você, nem com seu físico e, por certo, assim o farei saber a sua chefe, senhora Bradshaw. Na realidade, você é um homem muito elegante e muito pontual e não tenho dúvida alguma de que se sai muito bem com... bom, o que você faz. O certo é que cometi um erro. Todos cometemos erros e eu não sou uma exceção. São muitíssimas as vezes que cometo pequenos equívocos ao julgar... —Espere. —O homem levantou suas enormes mãos, num gesto defensivo e cravou o olhar no ruborizado rosto de Amanda —Pare de falar.

Ninguém, em toda sua vida adulta, tinha se atrevido, jamais, a fazê-la calar. Surpreendida, selou seus lábios e se esforçou para conter a torrente de palavras que ameaçava transbordá-los.

O desconhecido cruzou os braços diante de seu peito musculoso e apoiou as costas contra a porta para olhá-la fixamente. A luz da lâmpada que havia no minúsculo hall de entrada daquela casa, à moda londrina, projetava um feixe de sombras, devido a seus longos cílios, sobre suas perfiladas e elegantes maçãs do rosto.

Amanda não pôde evitar pensar que a senhora Bradshaw tinha um excelente gosto. O homem que tinha enviado para ela se vestia muito bem e oferecia um aspecto próspero, com um traje na moda, sem deixar de ser tradicional: sobrecasaca negra e calças cinzas, sapatos negros impecavelmente brilhantes. Sua camisa branca engomada acentuava sua tez morena e sua gravata de seda cinza luzia um nó simples e perfeito.

Até esse momento, se pedissem a Amanda que descrevesse seu homem ideal, teria-o imaginado loiro, de pele clara e ossos finos, mas, agora se viu obrigada a revisar por completo aquela visão. Nenhum Apolo de cabelos loiros poderia sequer se comparar com aquele homem grande e elegante.

—Você é a senhorita Amanda Briars —disse ele, como se solicitasse confirmação —A romancista.

—Sim, escrevo romances —respondeu ela com forçada paciência —E você é o cavalheiro enviado pela senhora Bradshaw, não é assim?

—Sim, sou eu —respondeu ele muito depressa.

—Pois bem, aceite minhas desculpas, senhor... Não, não me diga. Como já expliquei, cometi um equívoco e, portanto, você deve ir embora. É claro que pagarei por seus serviços, mesmo que não sejam mais necessários, uma vez que a culpa é toda minha. Me diga quais são seus honorários habituais e acertaremos o assunto imediatamente.

Sem deixar de olhá-la, o semblante do desconhecido experimentou uma mudança e o atordoamento deu lugar à fascinação, enquanto seus olhos azuis brilhavam com um ar entre divertido e malicioso, que causou um incômodo formigamento na pele de Amanda.

—Me explique quais eram os serviços que você solicitou —sugeriu com cautela, se afastando da porta. Se aproximou de Amanda, com o corpo muito próximo ao dela —Temo que não cheguei a falar dos detalhes com a senhora Bradshaw.

—Oh... Suponho que, meramente, os básicos. —O controle de Amanda estava se perdendo a cada segundo que passava. Sentia esquentar as faces e o coração retumbava em todo seu corpo —O normal. —Se voltou às cegas até a mesa semicircular de madeira envernizada, que estava apoiada contra a parede, onde havia depositado um maço de dinheiro, dobrado com extremo cuidado —Sempre pago minhas dívidas. Causei incômodos, tanto para você, como para a senhora Bradshaw, para nada, de modo que estou mais que disposta a compensá-lo.

Emitiu um som afogado, ao sentir que ele fechava a mão ao redor de seu braço. Era impensável que um desconhecido ousasse pôr a mão em alguma parte do corpo de uma dama. Embora, mais impensável ainda, era que uma dama recorresse a um homem de aluguel e, sem dúvida, isso era precisamente o que ela havia feito.

Deprimida, tomou a decisão de se enforcar antes de voltar a cometer semelhante estupidez. Enrijeceu o

corpo ao sentir seu contato e não se atreveu a se mover quando ouviu sua voz às suas costas: —Não quero dinheiro. —Sua voz profunda estava tingida do que poderia denominar-se como uma sutil diversão —Não vou cobrar nada por um serviço que você não recebeu.

—Obrigada. —Amanda juntou as duas mãos, fechando-as em um só punho, com os nós brancos devido a força com que apertava —Muito amável de sua parte. Ao menos me deixe pagar um coche, não há necessidade de que volte para sua casa a pé.

—Oh, ainda não estou pensando em ir.

Amanda deixou cair o queixo. Se voltou para olhá-lo de frente com uma expressão de horror. A que se referia com isso de que não ia embora? Bem, pois o obrigaria a ir, gostasse ou não! Estudou rapidamente as diferentes alternativas, mas, por desgraça, tinha muito poucas a seu alcance. Havia dado a noite de folga a seus serventes —um criado, uma cozinheira e uma donzela —de modo que não poderia obter ajuda.

Ainda não pensava em pedir socorro a gritos, pois, a consequente publicidade seria prejudicial para sua carreira e seus livros constituíam o único sustento econômico daquela casa.

Olhou de lado, para a sombrinha com cabo de carvalho que descansava no porta guarda-chuvas de porcelana, situado junto à porta e foi se aproximando dela com a maior discrição possível.

—Está pensando em me golpear com isso? —inquiriu com cortesia seu indesejado convidado.

—Se for necessário...

Aquela afirmação foi acolhida pelo homem com um bufo de diversão. O convidado tocou em seu queixo e a obrigou a levantar a vista para ele.

—Senhor —exclamou Amanda —Se importaria...?

—Me chamo Jack. —A sombra de um sorriso cruzou por seus lábios. — Vou embora em breve, mas não sem antes falar com você sobre algumas coisas. Tenho algumas perguntas para lhe fazer.

Ela suspirou com impaciência.

—Senhor Jack, não tenho dúvida de que assim é, mas...

—Jack é meu primeiro nome.

—Muito bem... Jack. —Franziu o cenho —Agradeceria que tivesse a amabilidade de ir embora imediatamente!

Como em resposta, ele entrou um pouco mais para o vestíbulo, estava muito relaxado como se ela o tivesse convidado para tomar um chá.

Amanda se viu obrigada a revisar sua opinião inicial sobre a pobreza intelectual daquele indivíduo. Agora que havia se recuperado da surpresa por ter sido introduzido na casa tão depressa, sua inteligência mostrava sinais de uma rápida melhora.

O desconhecido percorreu a casa com o olhar, valorizando o que via, fixando-se no desenho clássico dos móveis daquela salinha azul e bege, assim como na mesa com pé de mogno, coroada por um espelho que havia ao fundo do vestíbulo.

Se procurava sinais de luxuosa ornamentação ou detalhes evidentes de riqueza, sem dúvida ficaria decepcionado. Amanda não suportava a pretensão e nem a falta de sentido prático, por isso havia escolhido a mobília tendo em conta sua funcionalidade, a seu estilo.

Se adquiria uma poltrona, devia ser grande e cômoda. Se comprava uma mesinha auxiliar, devia ser o bastante robusta para sustentar uma pilha de livros ou uma lamparina grande. Não gostava do dourado, nem nos pratos de porcelana, nem mesmo gravados em hieróglifos, que estavam na moda.

Quando o visitante se deteve próximo à porta de sua salinha, Amanda falou em tom seco: —Já que pelo visto faz o que tem vontade, independente do que eu desejo, entre logo e sente-se. Posso lhe oferecer algo? Uma taça de vinho, talvez?

Embora o convite retumbava de sarcasmo, ele aceitou com um leve sorriso.

—Sim, se você me acompanhar.

O reflexo de seus dentes brancos, o inesperado brilho deslumbrante de seu sorriso, causaram uma estranha sensação em Amanda, parecida com a que se experimenta ao submergir em um banho quente num dia cinza de inverno.

Ela sempre tinha frio. O clima úmido e nublado de Londres parecia calar até os ossos e apesar de utilizar abundantes meias nos pés, mantas sobre o colo, banhos quentes e chá reforçado com conhaque, sempre estava a um passo de congelar.

—Talvez um pouco de vinho —ouviu dizer a si mesma —Por favor, sente-se, senhor..., quer dizer, Jack. —dedicou-lhe um irônico olhar —Considerando que agora se encontra em minha salinha, talvez deseje me dizer seu nome completo.

—Não —respondeu ele em voz baixa, com o sorriso ainda brilhando em seus olhos —Em vista das circunstâncias, creio que vamos ficar no plano dos nomes de batismo... Amanda.

Era um descarado! Indicou com um gesto brusco que ele se sentasse, enquanto ela ia até o aparador. Jack, pelo contrário, permaneceu de pé até que serviu as duas taças de vinho. Somente quando ela se acomodou no divã de mogno, Jack decidiu ocupar a poltrona Trafalgar que havia ao lado. A luz procedente do fogo que crepitava na lareira de mármore branco, reluzia sobre seu cabelo negro e sua pele de tons dourados, dando um ar de saúde e juventude. De fato, Amanda começou a se perguntar se ele não seria uns anos mais jovem que ela.

—Brindamos? —sugeriu seu convidado.

—É óbvio que deseja fazê-lo —replicou ela em tom cortante. Aquela resposta provocou nele um deslumbrante sorriso, levantou sua taça.

—Por uma mulher de grande audácia, imaginação e beleza.

Amanda não bebeu. Olhou-o com o cenho franzido, enquanto ele tomava um gole do vinho. Certamente, era uma vergonha que tivesse entrado daquele modo na casa, que houvesse se negado a ir embora quando ela pediu que fosse e agora, caçoava dela.

Ela era uma mulher inteligente e sincera, sabia quem era e não era nenhuma beleza. Seus atrativos eram, quando muito, moderados, não levando em consideração o ideal feminino da época. Era de baixa estatura e alguns até poderiam descrevê-la como voluptuosa, outros a considerariam gordinha.

Seu cabelo era uma massa caótica e rebelde de cor castanho avermelhado. Era odioso, sempre desafiando qualquer substância ou utensílio que ela utilizasse para alisá-los. Sim, tinha uma bonita pele, sem marcas nem manchas e seus olhos haviam sido descritos, em certa ocasião, como “agradáveis” por algum bem intencionado amigo da família, mas eram uns olhos de cor cinza, sem nenhum matiz verde ou azul que desse a eles um pouco de vida.

Por carecer de beleza física, Amanda havia escolhido cultivar sua mente e sua imaginação, tal como havia predito, com tristeza, sua mãe, um golpe de má sorte.

Os cavalheiros não desejavam esposas de mente cultivada, queriam esposas atraentes que não lhes repreenderiam constantemente, nem discutiriam com eles. E, portanto, não procuravam mulheres de imaginação vibrante, que fantasiavam com personagens de ficção tirados dos livros.

Por essa razão, as duas bonitas irmãs mais velhas de Amanda arranjaram marido e ela optou por escrever romances.

Seu indesejado hóspede continuava olhando para ela fixamente, com aqueles penetrantes olhos azuis.

—Diga-me, por que uma mulher com um corpo como o seu tem que alugar um homem para levá-la para a cama.

Seu estilo direto a ofendeu. No entanto... havia algo inesperadamente divertido na perspectiva de falar com um homem sem nenhuma das restrições sociais em uso.

—Em primeiro lugar —disse Amanda friamente —não é necessário que me fale em tom condescendente, dando a entender que sou Helena de Tróia, quando está claro que não sou uma beleza.

Ele a olhou fixamente.

—Eu creio que sim—respondeu ele em voz baixa.

Amanda sacudiu a cabeça com decisão.

—É evidente que você pensa que sou uma dessas ignorantes que sucumbem facilmente aos elogios, do contrário não estaria fazendo isso. Seja como for, senhor, Não se engane comigo.

Um sorriso curvou a comisura dos lábios de Jack.

—Você não deixa muito espaço para o debate, não é assim? É igualmente contundente em todas as suas opiniões?

Ela respondeu ao sorriso dele com outro, mas irônico.

—Por desgracia, sim.

—Por que é uma desgracia ter opinião própria?

—Em um homem, resulta ser uma qualidade admirável, em uma mulher, se considera um defeito.

—Não é essa a minha opinião. —Bebeu um gole de vinho e relaxou em sua poltrona. Em seguida, esticou suas longas pernas e observou-a atentamente. Amanda não gostou do modo como ele se acomodou, como se estivesse disposto a prolongar a conversa. —Não vou permitir que fuja da minha pergunta, Amanda. Me explique por que alugou um homem para esta noite. —Seu olhar vivo a desafiou para que falasse sem enganos.

Amanda reparou que estava segurando com muita força a haste da sua taça, então obrigou seus dedos a afrouxarem a pressão.

—Hoje é o meu aniversário.

—Hoje? —Jack riu com suavidade —Feliz aniversário!

—Obrigada. Quer ir agora, por favor?

—Claro que não, considerando que sou seu presente de aniversário. Vou te fazer companhia. Não deve ficar sozinha em uma ocasião tão importante. Me deixe adivinhar... Hoje você completa seu ano de vida número trinta.

—Como adivinhou a minha idade?

—Porque as mulheres sempre reagem de um modo estranho ao completar trinta anos. Em certa ocasião, conheci uma mulher que nesse dia cobriu todos os espelhos com um tecido negro, exatamente como se tivesse morrido alguém.

—Estava de luto por sua juventude perdida —disse Amanda, após beber um bom gole de vinho, sentindo um rastro de calor no peito —Estava reagindo ao fato de que havia alcançado a meia idade.

—Você não é de meia idade. Está em seu auge. Tal qual um pêssago maduro. —Bobagem —falou Amanda, incomodada ao notar que aquilo era um elogio, embora fosse vazio, lhe provocou uma levíssima sensação de prazer. Talvez fosse o vinho ou talvez se devesse ao fato de saber que se tratava de um desconhecido, ao qual jamais voltaria a ver depois daquela noite. Mas, logo sentiu vontade de lhe dizer o que pensava —Meu melhor momento foi há dez anos, agora simplesmente me conservo e, dentro de não muito, estarei enterrada em um horto, com os parentes que já se foram. Jack riu e deixou de lado sua taça. Em seguida, levantou-se para tirar o casaco.

—Perdoe-me —disse —mas aqui está quente como um forno. Sempre tem a casa tão aquecida?

Amanda o observou com cautela.

—É porque aqui tem muita umidade e eu sempre tenho frio. Na maioria dos dias uso um gorro e um xale dentro de casa.

—Eu poderia sugerir outros métodos para se manter aquecida.

Sem pedir permissão, sentou-se junto a ela. Amanda encolheu-se ao lado do divã, agarrando-se ao que sobrava de sua compostura.

Por dentro, sentia-se alarmada devido ao maciço corpo masculino que tão ao seu alcance tinha, pela experiência desconhecida de estar sentada ao lado de um homem apenas de camisa.

Sua fragrância chegou ao seu nariz, aspirou aquele atraente aroma de pele masculina, linho, com uma

nota penetrante de colônia cara. Nunca havia imaginado como um homem podia cheirar bem.

Nenhum dos maridos de suas irmãs possuía aquele agradável aroma. Diferente deste homem, ambos eram pesados e respeitáveis. Um era professor de uma exclusiva escola e o outro, um rico comerciante da cidade, educado para converter-se em cavalheiro.

—Quantos anos você tem? —perguntou Amanda impulsivamente, unindo as sobrancelhas.

Jack titubeou durante uma fração de segundo antes de responder: —Trinta e um. Os números a preocupam muito, certo?

Parecia jovem demais para ter trinta e um anos, refletiu Amanda. Não obstante, era uma injustiça vital que os homens, raramente delatassem sua idade, ao contrário do que ocorria com as mulheres.

—Esta noite, sim —reconheceu —Amanhã terá passado meu aniversário e não voltarei a pensar nele. Começarei a viver os anos que me restam e procurarei desfrutá-los o máximo que puder.

O tom pragmático de suas palavras pareceu divertir seu convidado.

—Por Deus, você fala como se estivesse já com um pé na cova. É atraente, é uma romancista de renome e se encontra em seu melhor momento.

—Não sou atraente —replicou ela com um suspiro.

Jack apoiou o antebraço sobre o encosto do divã, sem reparar que estava ocupando a maior parte do mesmo, encurralando Amanda contra o canto. Seu olhar a percorreu com um gesto pormenorizado e desconcertante.

—Tem uma pele muito bonita, uma boca perfeita...

—Muito grande —informou ela.

Ele contemplou seus lábios durante uns longos segundos e quando voltou a falar sua voz soou um pouco mais rouca.

—É uma boca muito adequada para o que tenho em mente.

—E sou gordinha —disse, decidida a expor todos os seus defeitos.

—Perfeito. —Jack baixou o olhar a seus seios, a inspeção menos cavalheiresca que Amanda havia sofrido até então.

—E tenho o cabelo ondulado e rebelde.

—Sério? Solte-o. Deixe-me ver.

—Como disse? —Aquela insultante ordem lhe provocou um súbito ataque de riso. Nunca em toda sua vida tinha esbarrado com um presuçoso sem vergonha como aquele.

Jack percorreu com o olhar a acolhedora sala e depois voltou a posar nela.

—Ninguém pode nos ver —disse em voz baixa —Nunca soltou o cabelo para um homem?

O silêncio que reinava na saleta ressaltava ainda mais devido ao sereno crepitar do fogo na lareira e ao ruído da respiração de ambos. Amanda jamais havia se sentido assim, temerosa do que podia fazer.

O coração batia com tal força, que pareceu que ficaria zozza. Aquele homem era um desconhecido. Ela estava sozinha com ele na casa e se encontrava mais ou menos à sua mercê. Pela primeira vez em muito tempo, encontrava-se em uma situação, da qual ela não possuía o controle e tudo havia sido obra dela.

—Por acaso, não estaria tentando me seduzir? —Sussurrou.

—Não há motivo para me temer. Jamais forçaria uma dama.

Pelo visto não havia tido necessidade. Parecia muito provável que ele jamais tivesse ouvido a palavra “não” dos lábios de uma mulher.

Aquela era, sem dúvida, a situação mais interessante em que Amanda havia se encontrado na vida. Sua vida carecia muito de acontecimentos. Uma vida na qual os personagens de seus romances diziam e faziam todas as coisas proibidas que ela não havia se atrevido a dizer ou fazer.

Como se pudesse ler o seu pensamento, seu acompanhante sorriu prazerosamente e apoiou o queixo na mão. Se estava tentando seduzi-la, não parecia ter muita pressa.

—Você é tal como a imaginava —murmurou —Tenho lido seus romances... Bem, ao menos o último.

Não há muitas mulheres que escrevem como você.

Amanda não gostava de falar do seu trabalho. Sentia-se incomodada quando recebia elogios e as opiniões dos críticos a desgostavam. No entanto, agora sentia uma viva curiosidade para saber qual seria a opinião desse homem a respeito do seu trabalho.

—Não esperava que um... um homem de seu... um “gícolo” —disse —lêsse romances.

—Bom, algo temos que fazer em nosso tempo livre —respondeu ele —Não podemos passar todo o tempo na cama. A propósito, não é assim que se pronuncia.

Amanda bebeu o que sobrava do vinho e dirigiu a vista ao aparador, querendo outra taça.

—Ainda não —disse Jack, enquanto tirava de sua mão a taça vazia e a depositava sobre a mesinha que havia atrás. Com aquele movimento, parou justo em cima dela e Amanda encolheu-se até ficar quase reclinada contra o braço do divã —Se beber muito vinho, não poderei seduzí-la —murmurou. Seu hálito quente roçou-lhe a face e, embora seu corpo não tenha chegado a tocar o dela, percebeu como pesava sobre ela sua presença sólida e corpulenta.

—Não imaginava que você tivesse semelhantes escrúpulos —disse em tom nervoso.

—Oh, não tenho escrúpulos —assegurou ele com ar jovial —é que gosto que as coisas sigam o caminho certo. Se bebesse mais vinho, você acabaria sendo uma conquista muito fácil.

—Você é arrogante, vaidoso... —começou Amanda indignada, até que captou no brilho divertido de seus olhos, de que estava provocando-a de forma deliberada. Se sentiu triste e aliviada ao mesmo tempo quando Jack se afastou, forçando então um sorriso de má vontade —Gostou do meu romance? —Não pôde resistir perguntar a ele.

—Sim. A princípio, achei que iria ser pura história de amor e luxo. Mas, gostei do modo em que começaram a desenrolar os personagens. Você os descrevia muito bem. Gostei da sua forma de retratar as pessoas decentes levadas ao engano, à violência, à traição... Pelo visto, não se assusta perante nada na hora de escrever.

—Os críticos afirmam que meu trabalho carece de decência.

—Isso é porque o tema de fundo, em que todas as pessoas comuns são capazes de fazer coisas extraordinárias em sua vida privada, deixa-os incomodados.

—É verdade, realmente leu a minha obra —disse Amanda com surpresa.

—O que leva-me a perguntar que tipo de vida privada seria a da própria senhorita Briars.

—Pois agora já sabe. Sou o tipo de mulher que aluga um “gícolo” para seu aniversário.

Aquela triste afirmação obteve como réplica uma risada contida.

—Tampouco é assim como se pronuncia. —A percorreu de cima abaixo com seu perspicaz olhar azul e, quando falou de novo, sua voz havia mudado: a diversão havia se misturado com uma nota, apesar de sua falta de experiência, Amanda reconheceu como puramente sexual —Já que ainda não me mandou embora... solte o cabelo.

Ao ver que Amanda não se movia, mas que olhava-o fixamente e sem pestanejar, com os olhos arregalados, perguntou em voz baixa: —Está assustada?

Oh, sim. Toda sua vida havia temido aquilo: o risco, o possível rechaço, o ridículo... Inclusive havia tido medo de se desiludir ao descobrir que a intimidade com um homem era, na realidade, tão decepcionante e repulsiva como haviam assegurado suas duas irmãs.

Nos últimos tempos, tinha descoberto que havia algo que temia ainda mais: não saber nada sobre o tentador mistério que o resto do mundo parecia ter experimentado.

Ela mesma havia descrito muito bem em seus romances a paixão, o anseio, a loucura e o êxtase que inspirava. Todas as sensações que ela nunca havia experimentado. E por que tinha que ser assim? Não havia tido a sorte de ser amada por um homem com tanta intensidade, para que este desejasse unir sua vida com a dela. Significava que deveria viver para sempre sem que ninguém a desejasse, a quisesse, a reclamasse para si? Na vida de uma mulher havia, mais ou menos, umas vinte mil noites. Pelo menos em

uma delas não queria estar só.

Sua mão moveu-se com vontade própria em direção às forquilhas do cabelo. Levava dezesseis anos prendendo—o do mesmo modo. Um simples coque que ficava no alto de sua cabeça, que era feito retorcendo-se as mechas, formando um pesado círculo. Eram necessárias meia dúzia de forquilhas para prendê-lo firmemente como ela gostava.

Pelas manhãs, conservava o cabelo relativamente liso, mas, à medida que o dia avançava, nunca deixava de surgir diminutos caracóis por toda a cabeça, que terminavam formando um halo ao redor do rosto.

Uma forquilha, duas, três... Conforme tirando-as, deixava em sua mão até lhe cravarem carne branda das palmas. Quando tirou a última forquilha, o coque se desmanchou e os longos cachos caíram sobre seu ombro.

Os olhos azuis do desconhecido deixaram entrever faíscas de fogo. Levantou uma mão para tocar o cabelo, mas deteve-se no meio do caminho.

—Permite-me? —Perguntou com voz rouca.

Nunca um homem havia pedido permissão para tocá-la.

—Sim —respondeu, embora fossem necessárias duas tentativas para que a palavra fosse entendida com clareza. Então, fechou os olhos e notou que ele aproximava-se. Sentiu um formigamento no couro cabeludo quando ele introduziu suavemente uma mão em seus cabelos para separar os cachos enroscados. As amplas pontas de seus dedos se moveram entre as grossas mechas, acariciando o couro cabeludo, estendendo aquele manto sobre os ombros.

Aproximou a mão dela da sua e obrigou-a, com delicadeza, a abrir os dedos e deixar cair as forquilhas. Seu dedo polegar acariciou as pequenas marcas roxas que haviam deixado na palma e, em seguida, levou a mão aos lábios para beijar aqueles doloridos pontos.

Sua voz ressoou com calor no interior de sua palma.

—Sua mão cheira a limão.

Ela abriu os olhos e ficou olhando-o muito séria.

—Lavo as mãos com suco de limão para eliminar as manchas de tinta.

Aquela informação parecia diverti-lo e no ardor de seu olhar, mesclou-se uma nota de humor. Soltoou a mão e começou a brincar com uma mecha de cabelo, roçando-lhe o ombro com os nós em um gesto que a obrigou a conter a respiração.

—Me diga por que solicitou um homem a Madame Bradshaw, no lugar de seduzir um de seus amigos.

—Por três razões —respondeu ela, encontrando dificuldade para respirar, enquanto a mão dele acariciava o cabelo. Sentiu uma onda de calor ascendendo pela garganta e as faces —Primeiro, não desejava me deitar com um homem e depois ter que me encontrar sempre com ele em eventos sociais. Segundo, não tenho habilidade para seduzir ninguém.

—Essa habilidade é fácil de aprender, querida.

—Que apelido tão fora de lugar —replicou Amanda com uma risada nervosa —Não me chame assim.

—E terceira... —pediu a ela, recordando a explicação.

—Terceira... Não me sinto atraída por nenhum dos cavalheiros que conheço. Tentei imaginar como poderia ser, mas nenhum deles me atraía o suficiente.

—Que tipo de homem te atrai?

Amanda brincou um pouco ao sentir aquela mão deslizando por sua nuca.

—Um... um que não seja elegante.

—Por quê?

—Porque a beleza sempre vem acompanhada de vaidade.

De repente, Jack rompeu a rir.

—E certamente a feiura vem acompanhada de um lote de virtudes, não?

—Eu não disse isso —protestou Amanda —Sinceramente, prefiro que um homem tenha um aspecto normal.

—E sua personalidade?

—Agradável, sem arrogância, inteligente, mas não presunçoso. E afável, mas não tolo.

—Me parece que seu homem ideal é uma amostra de mediocridade. Também creio que está mentindo sobre o que deseja na realidade.

Ela abriu os olhos de repente e franziu o cenho, aborrecida.

—Saiba que sou uma pessoa absolutamente sincera!

—Nesse caso, diga-me que não deseja conhecer um homem igual aos personagens de seus romances. Igual ao protagonista do último.

Amanda lançou um bufo de aborrecimento.

—Um bruto, carente de princípios, que não só arrasta a si mesmo à ruína, mas também a todos que o rodeiam? Um homem que se comporta como um bárbaro e conquista uma mulher sem respeitar em absoluto seus desejos? Esse não era um héroi, senhor, servi-me dele para mostrar que semelhante comportamento não pode trazer nada de bom. —Ela se entusiasmando com o tema e recordou indignada —E os leitores se atreveram a queixar-se de que não tinha final feliz, quando estava bem claro que não o merecia!

—Uma parte de você o apreciava —replicou Jack, olhando-a fixamente —Se percebia ao ler o livro.

Ela sorriu incomodada.

—Sim, no reino da fantasia, suponho que sim. Mas, não na realidade.

A mão que se apoiava em sua nuca se fechou com suavidade, mas de um modo firme.

—Então, este é seu presente de aniversário, Amanda. Uma noite de fantasia.

Pairou sobre ela, ocultando o resplendor do fogo com a cabeça e os ombros e em seguida, inclinou-se para beijá-la.

Capítulo 2

—Espere —disse Amanda em um ataque de pânico, virando a cabeça quando a boca de Jack se aproximou da sua. Os lábios dele pousaram em sua face, um toque de íntimo calor que a deixou atônita —Espere —repetiu com voz tremente. Tinha o rosto voltado para o fogo, cujo amarelado resplendor a deslumbrava, enquanto tentava evitar os inquisitivos beijos daquele desconhecido.

A boca dele deslizou sobre sua face em direção à orelha, fazendo cócegas nos diminutos cachos que caíam por cima desta.

—Beijaram-na alguma vez Amanda?

—Certamente —respondeu ela com orgulho e receio mas, ao que parecia, não tinha como explicar que não havia se parecido em nada com aquele beijo dele.

Um beijo roubado num jardim ou um rápido abraço sob a árvore de natal não era, em absoluto, comparável ao feito de se encontrar nos braços de um homem, aspirando seu aroma, sentindo o calor de sua pele através do tecido de sua camisa —Suponho que você é um artista consumado —disse —devido a sua profissão.

Aquilo lhe provocou uma súbita risada.

—Gostaria de comprovar?

—Antes desejo perguntar uma coisa. Há quanto tempo faz isso?

Ele entendeu logo a que ela se referia.

—Trabalhar para a senhora Bradshaw? Não muito.

Amanda se perguntou o que tinha levado um homem como aquele a se prostituir. Talvez houvesse ficado sem emprego ou lhe tinham despedido por cometer algum erro. Talvez houvesse contraído dívidas e necessitava de mais dinheiro que o normal.

Com seu físico, sua inteligência e seu bom porte, havia muitas ocupações para as quais parecia bem dotado. Ou estava desesperado ou era preguiçoso e dissoluto.

—Tem família? —inquiriu.

—Nenhuma que valha a pena mencionar. E voce?

Ao perceber a mudança em seu tom de voz, Amanda levantou os olhos para ele. Agora seus olhos mostravam uma expressão séria e seu semblante era de uma beleza tão austera que o mero feito de contemplá-lo provocou uma pontada de prazer no peito.

—Meus pais morreram —respondeu —mas, tenho duas irmãs mais velhas, ambas casadas e muitos sobrinhos para enumerá-los.

—Por que você não se casou?

—E por que você tampouco? —Replicou Amanda.

—Gosto muito de minha independência para renunciar sequer a uma parte dela.

—Os mesmos motivos tenho eu —disse Amanda —Além disso, qualquer um que me conheça confirmará que sou obstinada e pouco dada ao compromisso.

Um sorriso se desenhcou rapidamente em seu rosto.

—Você só precisa do trato adequado.

—Do trato —repetiu ela em tom áspero —Se importaria de explicar a que se refere?

—Me refiro a que um homem, que saiba algo de mulheres, conseguiria fazê-la ronronar como uma gatinha.

O peito de Amanda se mesclou com a sensação de incômodo com vontade de rir. O muito malandro! Mas, não iria se deixar enganar por seu aspecto externo, se bem que, em seus modos sedutores, havia algo subjacente... uma espécie de paciente vigilância, uma sensação de força contida, que colocava todos os seus sentidos em estado de alerta.

Não era um juvenzinho principiante, mas um homem feito e direito. E embora ela não fosse uma mulher do mundo, pelo modo que a olhava, sabia que desejava algo dela, talvez sua submissão, seus favores sexuais ou, simplesmente, seu dinheiro.

Jack sustentou o olhar dela, levou uma mão ao lenço de seda cinza que levava arrumado no pescoço, afrouxou e tirou o nó rapidamente, como se temesse que algum movimento repentino pudesse assustá-la. Enquanto Amanda o observava com os olhos muito abertos, soltou os três primeiros botões da camisa, se recostou para trás e contemplou o rosto corado dela.

Quando criança, Amanda havia vislumbrado ocasionalmente o cabelo do peito de seu pai, quando este caminhava pela casa com sua bata. E, certamente, havia visto trabalhadores e camponeses com as camisas desabotoadas.

No entanto, não recordava ter visto nada parecido com isso: um homem cujo peito parecia ter sido esculpido em bronze, com uma musculatura tão forte e definida que, literalmente, resplandecia. Sua carne parecia dura e cálida, a luz das chamas dançavam sobre aquela suavidade, as sombras encontravam na cavidade dos músculos e no espaço triangular da base de sua garganta.

Amanda sentiu desejo de tocá-lo. Queria pousar a boca naquele misterioso espaço e aspirar um pouco mais de seu tentador aroma.

—Vem aqui, Amanda. —Sua voz foi profunda.

—Oh, não posso —respondeu ela nervosa —Creio que deveria ir embora agora.

Jack inclinou-se para frente e pegou o punho dela sem violência.

—Não vou te fazer mal —sussurrou —Não penso em fazer nada que não queira fazer. Mas, antes de te deixar esta noite, vou tomá-la em meus braços.

Amanda experimentou um mistura interior de confusão e desejo que a fez se sentir insegura, desvalida. Permitiu que Jack a pegasse pelos curtos braços que descansavam com rigidez sobre os dele. Jack percorreu as costas dela com a palma da mão e ela notou o rastro de sensações que ia deixando. Tinha a pele muito quente, como se ardesse um fogo aceso justo debaixo daquela superfície dourada e lisa.

Sua respiração ficou entrecortada. Fechou os olhos tremendo, apreciando a sensação de calor que a inundou por inteiro, até os ossos. Pela primeira vez em sua vida, deixou cair a cabeça no braço de um homem e contemplou seu rosto entre as sombras.

Ao perceber que Amanda tremia nos seus braços, Jack deixou escapar algo parecido a um canto suave e puxou-a um pouco mais contra si.

—Não tenha medo, *mhuirnin*. Não vou fazer mal a você.

—Como me chamou? —Perguntou ela desconcertada.

Jack sorriu.

—É um nome carinhoso. Esqueci de mencionar que sou meio irlandês?

Aquilo explicava seu acento, os timbres limpos e cultivados, temperados por uma espécie de suavidade musical que devia ter origem celta.

Também explicava porque havia recorrido a senhora Bradshaw em busca de trabalho: muitas vezes, os comerciantes e as instituições mercantis contratavam um inglês com as piores credenciais que um irlandês, pois preferiam deixar para os celtas os trabalhos mais sujos e servis.

—Você não gosta dos irlandeses? —Perguntou Jack, olhando-a fixamente nos olhos.

—Oh, não —respondeu ela com o olhar turvo —Só estava pensando... que deve ser por isso que tem o cabelo tão negro e os olhos tão azuis.

—*A chuísle mo chroi* —murmurou enquanto retirava delicadamente as mechas de seu rosto.

—O que significa isso?

—Algum dia direi a você. Algum dia.

Mantiveram-se abraçados durante um longo tempo, até que ela se sentiu impregnada de seu calor, com todos os seus nervos à flor da pele. Jack deslizou os dedos até os botões da gola de seu vestido de franjas laranjas e marrons, formado por uma pequena gola com vários babados de musselina. Com muito cuidado e sem nenhuma pressa, soltou os primeiros botões e deixou descoberta a garganta, fresca e suave.

Amanda parecia incapaz de controlar o ritmo de sua respiração, que enchia o peito em nervosas inspirações, fazendo subir e baixar seus seios. Viu como a cabeça escura de Jack se aproximava e emitiu um som indefinido ao sentir a pressão de sua boca na garganta, em seus lábios, explorando-a com delicadeza.

—Tem um sabor dos mais doces.

Aquelas palavras, apenas um sussurro, lhe provocaram um calafrio que percorreu a coluna vertebral. De alguma maneira, cada vez que havia imaginado aquela intimidade com um homem lhe tinha vindo à mente uma imagem de obscuridade, urgência e torpes manuseios. Não esperava aquele resplendor, aquele calor, nem aquele paciente cortejo sobre seu corpo.

Os lábios de Jack vagaram, descrevendo uma trajetória aveludada que ia desde a sua garganta, até a sensível região da orelha, brincando e de repente, Amanda deu um pulo de surpresa ao sentir que a ponta de sua língua acariciava uma diminuta parte secreta.

—Jack —sussurrou —Não tem por que representar o papel de amante comigo. É certo que... é muito amável por fingir que eu sou desejável e...

Notou que ele sorria junto a seu ouvido.

—Você é muito inocente, *mhuirhin*, se acredita que o corpo de um homem reage assim apenas por amabilidade.

Enquanto ele falava, Amanda reparou na íntima pressão que notava sobre seu quadril e, imediatamente, seu corpo ficou tenso. Ficou vermelha e a sua mente começou a revolver uma porção de ideias, como flocos de neve em uma violenta ventania.

Se sentia mortificada...e ao mesmo tempo aguçava a sua curiosidade. Com as pernas enroscadas nas pernas dele e a saia puxada até os joelhos. Percebia a força das coxas de Jack e o duro contorno de sua ereção. Nunca em sua vida havia estado apertada contra o corpo excitado de um homem.

—Esta é sua oportunidade, Amanda —murmurou ele —Sou seu para fazer comigo o que quiser.

—Não sei o que fazer —respondeu ela, agitada —Por isso contratei você.

Ele começou a rir e beijou a parte descoberta de sua garganta, onde vibrava o pulso com ritmo frenético. Para Amanda a situação era fantástica, totalmente diferente de todas as suas experiências anteriores, que era como se estivesse acontecendo com outra pessoa.

A solteirona de dedos manchados de tinta, com suas plumas de escrever e seus papéis, seus gorros de velha e suas jarras para esquentar os pés, havia sido substituída por uma mulher branda... vulnerável... capaz de desejar e ser desejada.

Compreendeu então que sempre havia tido um pouco de medo dos homens. Algumas mulheres entendiam com grande facilidade o sexo oposto, mas a ela, tal compreensão sempre havia fugido. Tão somente sabia que, nem sequer na flor de sua juventude, os homens haviam flertado com ela: falavam de temas sérios e a tratavam com respeito e propriedade, sem suspeitar, em nenhum momento, que ela teria gostado mais se tivessem feito um ou outro movimento impróprio.

E agora tinha ali aquele homem, um patife sem dúvida nenhuma, interessado, ao que parecia, na perspectiva de se meter embaixo da sua saia. Por que não ia lhe permitir que a beijasse e acariciasse? De

que serviria se mostrar virtuosa? A virtude era um frio companheiro de cama, isso ela sabia melhor do que ninguém.

Foi corajosa e abriu a camisa de Jack para incentivar que baixasse a cabeça. Ele obedeceu e nesse momento roçou suavemente a boca dela. Amanda experimentou uma forte e cálida sensação, uma onda de prazer que a deixou paralizada.

Sentiu um pouco mais a pressão de Jack sobre seu corpo, notou como sua boca jogava e pressionava com mais força, até que separou os lábios. Introduziu a língua na sua boca e teria retrocedido ante a estranheza daquele contato se não tivesse a cabeça encaixada com tal força em seu braço.

Naquele momento, um mar de sensações estalou no fundo de seu estômago e em partes de seu corpo que nem sequer podia nomear. Aguardou enquanto ele a saboreava de novo... A maneira como lhe explorava a boca era peculiar, íntima e excitante e não pôde evitar que um leve gemido subisse por sua garganta. Seu corpo relaxou pouco a pouco e suas mãos subiram até a cabeça de Jack para acariciar a sedosa mata de cabelos negros, as compridas mechas que desciam até formar uma curva na altura da nuca.

—Desabote minha camisa —murmurou Jack.

Continuou beijando-a, enquanto ela lutava com os botões do colete e com os da camisa de linho. O fino tecido estava morno e perfumado pelo aroma do seu corpo, enrugada no lugar onde se encaixava dentro das calças.

A pele de seu torso era lisa e dourada, sulcada por músculos sedosos e duros que se contraíam ante o tímido contato de seus dedos. Seu corpo irradiava calor, um calor que a atraía, tal como atrai um gato um pedaço de chão iluminado pelo sol.

—Jack —disse sem fôlego, enquanto suas mãos vagavam sob a camisa em direção a ampla extensão de suas costas —não quero avançar mais... eu... isto já basta como presente de aniversário.

Ele deixou escapar um risinho e passou o nariz contra o pescoço dela.

—Está bem.

Amanda se encostou contra seu peito nú, absorvendo com avareza o calor e o aroma que despendiam dele.

—Oh, isso é terrível.

—Terrível por que? —Inquiriu ele, acariciando o cabelo dela, aventurando—se com um dedo até a base do pescoço para acariciar aquela frágil área.

—Porque as vezes é melhor não saber o que perdemos.

—Querida —sussurrou enquanto roubava um beijo dos lábios dela —Querida... me deixe estar com você um pouco mais.

Antes que ela pudesse responder, beijou-a mais profundamente que antes, segurando a cabeça com as mãos por cima da massa de cachos que caíam por todas as partes.

Ela ficou tensa contra sua boca, e seu corpo foi incapaz de deixar apertar-se contra ele. Uma profunda agitação física, como nunca havia experimentado, foi crescendo em seu interior e ela arqueou-se contra ele.

Jack era forte, corpulento, capaz de dominá-la fisicamente se desejasse mas, sem dúvida, mostrava uma incrível doçura. Em algum lugar, no fundo de sua mente, perguntou-se por que não tinha medo dele.

Desde sua infância, haviam-lhe ensinado que não devia confiar nos homens, que eram criaturas perigosas, incapazes de controlar suas paixões. Mas, com este homem, se sentia a salvo. Apoiou uma mão em seu peito, justo onde a camisa se abria e notou retumbar em sua palma a rápida batida de seu coração.

Jack afastou-se, separando sua boca e contemplou com olhos tão escuros que já não pareciam azuis.

—Amanda, confia em mim?

—É óbvio que não —respondeu ela —Não sei absolutamente nada sobre você.

De seu peito surgiu uma gargalhada.

—É uma mulher sensata. —Seus dedos tocaram os botões do corpete e foi liberando os ganchos de marfim, um a um.

Amanda fechou os olhos, enquanto o ritmo de seu coração ficava mais leve e violento, igual ao furioso canto de um pássaro preso do pânico. *Não voltarei a vê-lo depois desta noite*, disse a si mesma.

Se permitiria fazer com ele aquelas coisas proibidas e depois guardaria para sempre aquela recordação, em algum canto privado de sua memória. Uma recordação só para ela.

Quando fosse velha e já estivesse acostumada aos anos de solidão, conservaria a lembrança de certa ocasião, uma noite em companhia de um elegante desconhecido.

O tecido com franjas marrons abriu-se, revelando uma camisa de sedoso algodão, cor de safira, coberta por um espartilho de baleia que se abotoava na frente. Amanda perguntou-se se deveria indicar a Jack como desabotoar o espartilho, mas logo em seguida ficou evidente tinha conhecimento de sobra. Ficou claro que não era o primeiro espartilho com que ele lidava.

Sentiu uma leve compressão nas costelas quando Jack aproximou as duas bordas da peça para desenganchar a fila de pequenos colchetes com uma milagrosa facilidade.

Depois, incentivou-a para que liberasse os braços das mangas do vestido e ficou então frente a ele, com o peito coberto apenas por um fino tecido de algodão, quase transparente, e com a horrível sensação de estar nua. As mãos tremiam pelo esforço que lhe custava não recolher a toda pressa o corpete do vestido e cobrir-se com ele. —Tem frio? —perguntou Jack, com aparente preocupação ao perceber aquele indiscreto tremor, no instante em que a estreitou contra seu peito. Resultava fácil se mostrar forte, vital. O calor de seu peito se filtrava através da camisa e Amanda começou a tremer por um motivo completamente diferente.

Jack deslizou a alça da camisola pelo braço dela e aproximou os lábios da branca curva de seu ombro. Tocou-a com doçura, fazendo resvalar o dorso de seus dedos sobre a redonda forma do seio.

Logo voltou a mão e sua palma tórrida e ligeiramente úmida fechou-se sobre aquele cume, até notar como o mamilo se erguia. Brincou com ele com as pontas dos dedos, acariciando através do algodão azul, beliscando com ternura.

Amanda fechou os olhos e voltou a cabeça o suficiente para apertar a boca contra a face de Jack, atraída por aquela superfície levemente áspera. Sentiu cócegas nos lábios ao arrastá-los até um lugar situado sob a mandíbula, onde a aspereza diminuía e dava lugar a uma pele lisa e sedosa.

Ouviu que Jack cantarolava algo em gaélico, em tom indistinto e urgente e sentiu como tomava a cabeça dela entre suas grandes mãos. Estendeu-a de costas sobre o divã e começou a mover a cabeça sobre seu peito. Sua boca se deteve em um dos seios, o qual beijou e excitou através do tecido de algodão.

—Me ajude a tirar a camisa Amanda —disse com voz rouca —por favor.

Ela titubeou, sua rápida respiração mesclada com a dele, depois se apressou a tirar os braços das mangas. Sentiu que Jack tirava a camisa até deixá-la enrugada ao redor de sua cintura, descobrindo-a por completo no torso.

Parecia-lhe impossível estar deitada sobre o divã com um homem que não conhecia, meio nua e com o espartilho jogado ao chão.

—Não deveria estar fazendo isso —disse suspirando, tentando em vão cobrir os generosos seios com as mãos —Não deveria ter deixado você passar da porta.

—Certo.

Jack dirigiu-lhe um sorriso torto, enquanto tirava a camisa e deixava descoberto um peito de músculos muito perfeitos, muito bem desenhados para ser real.

Amanda começou a sentir uma insuportável tensão em seu interior, combatendo-a com sentimentos de inibição e de pudor quando Jack se inclinou sobre ela.

—Quer que pare aqui? —Perguntou Jack, aninhando-a contra seu corpo —Não quero assustar você.

Amanda tinha a face contra o ombro de Jack e aproveitou a deliciosa sensação de apertar a sua pele nua contra a dele. Jamais havia se sentido tão vulnerável, tão desejosa de ser vulnerável.

—Não tenho medo —disse com voz turva e arrebatada, enquanto retirava as mãos de entre seus corpos, para que os seios empurrassem diretamente contra o peito de Jack.

Da garganta de Jack saiu um doloroso gemido e afundou o rosto contra o pescoço de Amanda para beijá-lo e continuar descendo. Sua boca cobriu o mamilo, sua língua acariciou-o e Amanda mordeu o lábio, surpreendida pelo prazer que aquilo provocou. Jack descrevia lentos círculos com sua língua, saboreando, fazendo cócegas. O calor de sua boca queimava como vapor.

Então, passou ao outro seio, arrancando um gemido de frustração de Amanda por aquela lentidão, aquele prazer interrompido, como se o tempo não existisse e Jack fosse passar toda eternidade dando um festim com seu corpo.

Jack levantou sua saia e situou-se entre suas coxas, de tal modo que a ereção que havia sob suas calças, encaixasse perfeitamente com a frente de sua calcinha, ali onde o fino tecido podia notar-se úmido.

Amanda permaneceu imóvel, embora todo seu corpo ansiasse elevar-se contra o peso e a dureza de Jack. Este, com os cotovelos apoiados em ambos os lados de sua cabeça, contemplava o rosto aceso de Amanda.

Moveu os quadris contra os dela, provocando uma afogada exclamação, ao sentir aquela íntima pressão logo acima do lugar onde mais desejava. Havia algo maldoso em seu conhecimento exato do corpo de uma mulher.

O movimento provocou uma onda de prazer entre suas coxas, que percorreu todos os lugares secretos de seu corpo. Se sentiu ébria, vibrante de vida, estimulada além do suportável. Lançou outra exclamação, agarrou-se às costas de Jack e sentiu a forte flexão de seus músculos quando ele fez um novo movimento.

Havia ainda várias camadas de roupa entre eles: calças, sapatos e roupas íntimas, sem mencionar o amplo vulto que formava sua saia. Desejou se livrar de tudo, sentir o corpo nú de Jack contra o seu e aquela ânsia a surpreendeu, apesar de sua luta por apertar-se mais contra ele.

Jack entendeu o que ela desejava porque soltou uma nervosa gargalhada e lhe tomou uma mão.

—Não, Amanda... esta noite seguirá sendo virgem.

—Por que?

Cobriu um seio com uma mão e apertou com delicadeza, enquanto arrastava a boca entreaberta por sua garganta.

—Porque antes há algumas coisas que você deve saber sobre mim.

Agora que, ao que parecia, Jack não ia fazer amor com ela, a ideia cresceu na mente de Amanda, até se converter em uma obsessão.

—Mas, não vou ver você nunca mais —protestou —E é meu aniversário.

Jack riu ao ouvir suas palavras. Sem deixar de olhá-la com seus olhos azuis brilhantes, beijou sua boca com ardor e apertou-a com força, enquanto murmurava palavras carinhosas em seu ouvido.

Amanda pensou que ninguém lhe havia dito coisas assim. As pessoas se sentiam intimidadas pelo domínio de si mesma e por seu cabal comportamento. Nenhum homem sequer sonharia lhe dizer que era adorável, em chamá-la querida, minha vida.

E, tampouco, ninguém a havia feito se sentir assim, jamais. Desejava e odiava, ao mesmo tempo, o efeito que exercia Jack sobre ela, a esmagadora comichão das lágrimas nos olhos, o calor da paixão que crescia em seu corpo.

Agora sabia com certeza porque não devia ter pedido que enviassem aquele misterioso homem: sem dúvida era melhor não conhecer o que não ia voltar a ter.

—Amanda —sussurrou ele, interpretando de forma errada a razão daquelas lágrimas —Vou fazer com que se sinta melhor... Peço-te que não se mova... que me permita...

Sua mão procurou sob a saia até encontrar as fitas da calcinha e seus dedos trabalharam com movimentos hábeis para desatá-las. A cabeça de Amanda dava voltas.

Ficou quieta e trêmula, ainda abraçada aos ombros de Jack. Ele tocou a pele lisa do estômago, roçando o umbigo com o polegar e, em seguida, deslizou a mão até o local onde ela jamais imaginou ser tocada, onde jamais havia experimentado tocar sequer ela mesma.

A mão de Jack passou por cima da mata de cachos, buscando com cuidado, com as pontas dos dedos, um movimento que levou Amanda a agitar-se e tremer.

Seu acento irlandês soou mais intenso e rouco que antes.

—É aqui onde dói, *mhuirnin*?

Amanda deixou escapar um gemido, apertando o pescoço de Jack. Seus dedos acariciaram, esfregaram e acabaram por encontrar o lugar mais esquisito e sensível de todos, um montículo que se estremecia e ganhava vida ao ser tocado.

Amanda sentiu um intenso calor na virilha, nos seios, na cabeça. Era uma cativa, prisioneira daquelas suaves manipulações, sentia um fogo e um formigamento que percorria toda sua pele, da cabeça aos pés.

Notou como um dedo pressionava e sondava até conseguir introduzir—se nela, uma leve penetração que causou um ligeiro ardor e o desejo de agarrar-se a Jack com todo o corpo, em um impulso de inocente rechaço.

Jogou a cabeça para trás e olhou para ele com olhos nublados. Tinha uns olhos que ela jamais tinha visto, exceto talvez em sonhos: Brilhantes, de um azul puro, cheios de um conhecimento sexual que a deixou atônita.

O dedo que a penetrava se flexionou, enquanto o polegar começou a acariciar aquele pequeno ponto de prazer, uma carícia que se repetiu uma e outra vez, de modo enlouquecedor, até que Amanda arqueou-se para cima com um gemido desgarrado e seus voláteis sentidos se converteram finalmente em uma labareda de fogo.

Permaneceu alguns instantes, deixando-se levar por aquele mar de sensações, navegando no calor que a envolvia, até que Jack se retirou com um débil grunhido, sentou e virou o rosto.

A perda de suas mãos e boca, a ausência de seu contato, resultou quase dolorosa e Amanda teve a impressão de que todo seu corpo ansiava tê-lo de novo. Se deu conta de que o prazer que ele havia proporcionado a ela não era algo que pretendia obter para si mesmo. Insegura, tentou tocá-lo e sua mão repousou sobre o tecido da calça que lhe cobria a coxa, num intento de demonstrar seu desejo de corresponder com o mesmo prazer que ela acabava de experimentar.

Ainda sem olhá-la, Jack pegou sua mão e levou aos lábios, virando a palma para cima e depositando nela um beijo.

—Amanda —disse em voz rouca —Eu não confio em mim mesmo no que se refere a você. Tenho que ir enquanto ainda sou capaz de fazê-lo.

Amanda ficou perplexa pelo tom sonhador e distante de sua própria voz quando falou: —Fique comigo. Fique toda a noite.

Jack lhe dirigiu um olhar irônico e Amanda percebeu que o rubor cobria suas faces. Ainda segurando a mão dela, ele acariciou a palma com os polegares, como se estivesse flutuando o beijo que havia depositado ali.

—Não posso.

—É por que...? Você tem outro... compromisso? —perguntou ela com voz insegura, enquanto a invadia uma horrível sensação ao imaginá-lo nos braços de outra mulher.

Jack riu por segundos.

—Deus santo, não. É apenas... —Ele parou e olhou para Amanda com uma expressão melancólica, contemplativa —Logo você vai entender. —Então se inclinou sobre ela e a cobriu de beijos no queixo, no rosto, nas pálpebras cerradas.

—Não... Não voltarei a te chamar —disse Amanda, nervosa, enquanto ele pegava uma manta que estava próxima e a estendia sobre seu corpo.

Em sua voz havia um toque de diversão.

—Sim, já sei.

Amanda manteve os olhos fechados, ouvindo o ruído das roupas que indicava que Jack se vestia em frente ao fogo. Flutuando sobre uma torrente de vergonha e prazer, Amanda tentou refletir sobre tudo o que tinha acontecido naquela noite.

—Adeus, Amanda —murmurou ele e, em seguida, se foi, deixando-a despenteada e seminua, com a manta de suave *cashmere* sobre os ombros nus e os cabelos espalhados sobre seu corpo e o braço do divã. Ocorreram-lhe ideias descabeladas. Teve vontade de ir ver Gemma Bradshaw e fazer algumas perguntas sobre o homem que tinha enviado. Desejava saber sobre Jack. Mas, de que serviria? Ele vivia em um mundo muito diferente do seu, um mundo sórdido e clandestino. Não existia possibilidade nenhuma de estabelecer uma amizade com ele e, embora nesta ocasião, não tenha aceitado seu dinheiro, sem dúvida aceitaria na próxima. Oh, ela não tinha imaginado que se sentiria dessa maneira, tão culpada e melancólica, com o corpo ainda vibrante de prazer e a pele sensível, como se tivesse passado através dela um véu de seda. Pensou no dedo que Jack introduziu em seu interior, nas carícias de sua boca em seu seio e cobriu o rosto com a manta, com um gemido de mortificação.

No dia seguinte, seguiria adiante com o resto de sua vida, tal como havia jurado, mas durante o resto da noite, permitiria flutuar em fantasias, pois, aquele homem, estava se convertendo em uma figura de sonhos, mais que em um ser de carne e osso.

—Feliz aniversário —sussurrou para si mesma.

Capítulo 3

Após a morte de seu pai, não custou-lhe tomar a decisão de mudar-se para Londres. Poderia ter ficado sem problemas em Windsor: ficava apenas uns quarenta quilômetros da cidade e ali também havia alguns editores importantes. Sempre tinha vivido em Windsor e as famílias de suas duas irmãs estavam próximas, além do fato de ter herdado a pequena, mas confortável mansão Briars, segundo rezava o testamento de seu pai.

No entanto, após o funeral de seu pai, Amanda vendeu imediatamente a casa, provocando gritos de protesto de suas irmãs, Helen e Sophia. Naquela casa haviam nascido as três, disseram enraivecidas, e ela não tinha o direito de vender uma parte fundamental da história da família.

Amanda recebeu as críticas com aparente paciência, mas com um secreto sorriso, pois considerava que havia ganho o direito de fazer o que quisesse com aquela mansão. Talvez, Helen e Sophia seguissem tendo carinho pela casa, mas para ela, havia sido uma prisão durante cinco anos.

Suas irmãs haviam se casado e tinham ido viver cada uma em sua própria casa, enquanto ela tinha ficado com seus pais e cuidado deles durante sua enfermidade. Sua mãe levou três anos para falecer, um processo lento e especialmente desagradável. Depois disso, veio o longo declínio de seu pai, acelerado por várias queixas, que foram consumindo-o até a morte.

Amanda havia suportado aquela carga sozinha. Suas irmãs estavam muito ocupadas com suas próprias famílias para oferecer ajuda e a maioria dos amigos e parentes estavam certos de que Amanda era o suficientemente competente para se encarregar de tudo sem ajuda. Era uma solteirona, que outra coisa tinha para fazer?

Uma tia bem intencionada comentou que estava convencida de que o Senhor havia impedido que ela se casasse, única e exclusivamente, para que alguém se ocupasse de cuidar dos pais enfermos. Amanda teria preferido que o Todo Poderoso tivesse planejado as coisas de outro modo, mas pelo visto, a ninguém havia ocorrido que ela poderia ter encontrado marido se não tivesse empregado os últimos anos de sua juventude cuidando de seus pais.

Foram anos difíceis, tanto no plano físico, como emocional. Sua mãe, que sempre havia tido uma língua mordaz e era mulher difícil de agradar, havia sofrido os estragos da deterioração com uma silenciosa dignidade que deixou Amanda assombrada. Já próxima do fim, havia se mostrado mais amável e carinhosa do que ela recordava e no dia em que faleceu foi muito doloroso.

Por outro lado, seu pai tinha deixado de ser um homem alegre para converter-se no paciente mais irritante que se poderia imaginar. Amanda corria de um lado para outro para levar coisas para ele, para preparar as refeições que ele nunca deixou de criticar, para atender centenas de queixosas exigências, que a mantinham ocupada demais para cuidar de si mesma.

No entanto, em vez de permitir que a frustração a envenenasse, havia começado a escrever nas noites e nas manhãs logo cedo. No início, era apenas uma maneira de se entreter, mas a cada nova página que escrevia, abrigava a esperança de que seu romance fosse digno de ser publicado.

Com dois livros publicados e seus pais falecidos, Amanda estava livre para fazer o que quisesse. Passaria o que sobrava da vida na maior e mais movimentada cidade do mundo, entre um milhão e meio

de pessoas que nela habitavam. Fazendo uso das duas mil libras que lhe tinha deixado seu pai no testamento, assim como do dinheiro obtido com a venda da casa, Amanda adquiriu uma pequena mas elegante casa, na zona oeste de Londres. Levou consigo os dois criados da família —o laçaio Charles, e a criada Sukey—e contratou uma cozinheira, Violet.

Londres era tudo o que havia esperado e mais. Após seis meses vivendo naquela cidade, ainda despertava pelas manhãs com uma sensação de surpresa e alegria.

Ela amava a sujeira, a desordem e o ritmo frenético de Londres, que a cada dia amanhecia com os gritos estridentes dos vendedores de rua e terminava com os solavancos, nas ruas de paralelepípedos, das carruagens e dos veículos de aluguel que transportavam as pessoas no final da jornada.

Amava o fato de assistir, em qualquer noite da semana, a uma das muitas ceias, leituras teatrais privadas ou debates literários.

Para sua surpresa, ela já era uma figura conhecida no mundo literário de Londres. Aparentemente, muitos editores sabiam o seu nome, assim como poetas, jornalistas e outros romancistas que, até mesmo, haviam lido suas obras.

De regresso a Windsor, seus amigos consideraram frívolos seus escritos. Na verdade, ninguém aprovava o tipo de romances que escrevia e insistiam em que eram muito vulgares para serem lidos por pessoas decentes.

A própria Amanda não entendia por que o que escrevia era tão diferente de sua personalidade. Sua caneta parecia adquirir vida própria quando se sentava na frente de uma folha de papel em branco. Escrevia sobre personagens que não se pareciam em nada com as pessoas que havia conhecido. Alguns eram violentos, brutais, sempre apaixonados. Alguns terminavam fracassando e outros triunfavam, apesar de sua falta de moralidade.

Uma vez que não dispunha de um modelo concreto no qual se basear para criar esses personagens fictícios, compreendeu que aqueles sentimentos e aquelas paixões só poderiam originar-se em seu interior. Se se houvesse permitido aprofundar nessa ideia, com toda probabilidade teria saído alarmada.

Romances de casos amor e luxo, tinha comentado Jack, havia lido muitos daquele tipo, histórias de pessoas privilegiadas que relatavam seu estilo de vida esbanjador, seus romances, a roupa e as jóias que usavam.

No entanto, Amanda sabia tão pouco da classe alta, que não teria sido capaz de escrever um romance de amor e luxo, ainda que sua vida dependesse disso. Em vez disso, escrevia sobre as pessoas do campo, trabalhadores e membros do clero, funcionários e a nobreza rural. Felizmente suas histórias encontraram leitores e as vendas de seus livros cresceram rapidamente.

Uma semana depois de seu aniversário, Amanda aceitou um convite para um jantar na casa do senhor Thaddeus Talbot, um advogado dedicado às negociações e questões legais relacionadas com autores.

Para Amanda, ele era a pessoa mais alegre e dada aos excessos que havia conhecido. Gastava, bebia e fumava além das palavras, gostava de jogos de azar, era um mulherengo e, em geral, parecia se divertir muito.

Em seus jantares comparecia sempre muita gente, já que os convidados contavam com enormes variedades de comida, vinho em abundância e um ambiente jovial.

—Alegra-me que saia esta noite, senhorita Amanda —comentou Sukey, sua criada, quando a viu se arrumar frente ao espelho do vestíbulo. Era uma mulher de meia idade, com uma constituição compacta e miúda, tinha um caráter alegre, há muitos anos a serviço da família Briars —Surpreende-me que não tenha caído doente de enxaqueca, depois de tudo que escreveu esta semana.

—Tinha que terminar o romance —respondeu Amanda com um ligeiro sorriso —Não me atrevia dar a cara em nenhum lugar, com receio de que rumores chegassem ao senhor Sheffield de que eu andasse rondando pela cidade com o trabalho por terminar.

Sukey soltou um bufo de diversão ao ouvir mencionar o nome do editor de Amanda. Um homem sério e

austero, sempre preocupado com o fato de que seu pequeno rebanho de autores fosse surpreendido pela agitação social de Londres e descuidasse de seu trabalho. Com todas as diversões que oferecia a cidade, era bastante fácil esquecer das obrigações.

Olhou para a longa e estreita janela ao lado da porta e se fixou na geadinha aderindo ao vidro. Sentiu um calafrio e voltou o olhar com nostalgia para a sua acolhedora salininha. De repente, ansiou colocar um vestido velho e cômodo e passar algumas horas lendo junto ao fogo.

—Parece que faz um frio terrível —comentou.

Sukey se apressou em trazer a capa de veludo negro de sua senhora, enquanto ia ao diminuto vestíbulo com a sua animada conversa.

—Não se preocupe com o frio, senhorita Amanda. Logo terá tempo de sobra para passar os dias e as noites frente à lareira, quando for muito velha e frágil para suportar o vento invernal. Esta época é para se divertir com seus amigos. Que importância tem um pouquinho de frio? Quando voltar terei preparado algumas brasas na lareira e um copo de leite quente com conhaque.

—Sim, Sukey —respondeu Amanda, sorrindo para a donzela.

—E além disso, senhorita Amanda —atreveu-se a acrescentar a mulher —deveria tentar morder um pouco a língua quando estiver entre cavalheiros. Limite-se a bajular e a sorrir e haja como se você estivesse de acordo com toda essa conversa política e coisas assim...

—Sukey —interrompeu Amanda, com um gesto irônico —não estará abrigando a esperança de que um dia me case, verdade?

—Poderia acontecer, você sabe? —Insistiu a criada.

—Eu não estou indo a este jantar por outra razão que não seja a necessidade de comida e conversa —informou Amanda —Portanto, não vou à caça de um marido!

—Sim, mas nesta noite você está linda!

O olhar de aprovação de Sukey percorreu o seu vestido negro, de resplandecente seda enrugada, com um profundo decote e ajustado às suas voluptuosas formas. O corpete e as mangas longas estavam adornados com fileiras de contas negras, enquanto que as luvas e os sapatos eram de suave couro negro.

O conjunto tinha um ar sofisticado e tirava o máximo partido do físico de Amanda, destacando com generosidade, seu busto. Embora nunca tivesse se vestido com um estilo particular, nos últimos tempos havia procurado uma renomada modista de Londres e havia encomendado muitos vestidos novos.

Com a ajuda de Sukey, colocou a capa forrada de arminho, introduzindo os braços pelas mangas de seda e fechou o broche de ouro que levava em volta do pescoço.

Em seguida, colocou com cuidado um enorme chapéu parisiense de veludo negro, forrado de seda de rosa. Ignorando a sugestão de Sukey, naquela noite havia decidido levar o cabelo penteado em um novo estilo: vários laços caíam de um coque em forma de trança frouxa.

—Com certeza pescará um marido —insistiu Sukey —É possível que o encontre esta noite.

—Não quero um marido —replicou Amanda secamente —Prefiro minha independência.

—Independência —exclamou Sukey levando o olhar ao céu —A mim parece que seria melhor ter um marido na cama.

—Sukey —assinalou Amanda em tom reprovatório, mas a criada limitou-se a rir. Atrevia-se a falar sem reservas, devido a sua idade e a antiga familiaridade que havia entre elas.

—Garanto que pescará um homem melhor que os de suas duas irmãs... que Deus as abençoe —predisse —As melhores coisas chegam aos que sabem esperar, é o que sempre digo.

—Quem se atreveria a te contrariar? —Comentou Amanda com ironia, enquanto fechava os olhos devido a súbita rajada de ar que penetrou quando Charles, o lacaio, abriu a porta.

—A carruagem já está pronta, senhorita Amanda —disse o criado com bom humor e uma manta cuidadosamente dobrada sobre o braço. Acompanhou-a até a carruagem da família, velha mas bem conservada, acomodou-a no interior e, em seguida, estendeu a manta sobre seu colo.

Amanda se recostou contra o couro desgastado e aconchegou-se sob a manta de lã com acabamento de seda, sorrindo ao pensar no jantar. A vida era muito agradável, pensou. Tinha amigos, uma casa confortável e uma ocupação que, não só era interessante, como também rentável. Contudo, apesar de sua boa sorte, havia se sentido incomodada pela insistência de Sukey a respeito de que, algum dia, encontraria um marido.

Na vida de Amanda não havia lugar para um homem. Ela gostava de falar e agir sem que ninguém colocasse obstáculos à sua liberdade. A ideia de que a autoridade jurídica e social de um marido eclipsaria por completo a sua liberdade era... intolerável.

Qualquer diferença que surgisse entre eles, a última palavra seria sempre a dele. Poderia ficar com tudo que ela ganhasse, se assim desejasse e os filhos que pudessem ter, seriam considerados de sua propriedade. Amanda sabia que jamais poderia permitir que outra pessoa exercesse semelhante poder sobre ela. E não era porque não gostasse do gênero masculino, pelo contrário, considerava os homens mais inteligentes por terem organizado as coisas tão claramente a seu favor.

No entanto... como seria bom participar das festas e conferências com um companheiro amado, alguém com quem falar, contar as coisas, alguém com quem compartilhar as refeições e com quem se enrolar na cama, para não deixar entrar o frio do inverno.

Sim, a independência era a melhor alternativa, mas nem sempre, a mais cômoda. Tudo tinha um preço e ela havia pago sua autonomia com uma boa dose de solidão.

A lembrança do que tinha acontecido, apenas uma semana antes, seguia ocupando um lugar de destaque em sua mente, apesar de seus esforços para tirá-la de lá.

—Jack —sussurrou, enquanto levava uma mão ao centro do peito, o ponto onde nascia a dolorosa saudade. Ainda guardava na memória sua viva imagem: aqueles olhos de um azul indescritível, o timbre profundo de sua voz. Para algumas mulheres, uma noite romântica era algo frequente, mas para ela, tinha sido a experiência mais extraordinária de sua vida.

O instante de reflexão se dissolveu quando a carruagem se deteve em frente a casa do senhor Talbot: um atraente edifício de tijolo vermelho com colunas brancas. Seus três pisos de altura estavam enquadrados por um perfeito jardimzinho e resplandeciam de luz, risos e murmúrio de vozes.

Tal como seria de esperar de um advogado bem sucedido, a casa de Talbot era elegante. O *hall* de entrada tinha uma encantadora forma oval e luzia de adornos florais em ambos os lados.

O enorme salão que havia a seguir, estava pintado com uma relaxante cor verde claro e possuía um intrincado teto de gesso que se refletia no escuro chão de madeira de carvalho.

Flutuavam no ar diversos aromas que prometiam um agradável lanche, enquanto o tilintar das taças ofereciam uma alegre música de fundo, que acompanhava a melodia executada por um quarteto de cordas.

O centro do salão estava abarrotado. Amanda foi saudando com a cabeça, conforme iam voltando-se para ela vários rostos sorridentes. Era consciente de que sua popularidade era semelhante a de uma tia avó favorita. Com frequência, faziam piadas maliciosas sobre este ou aquele cavalheiro, embora ninguém realmente acreditasse que era dedicada às necessidades de caráter romântico, estava bem classificada no papel de solteirona.

—Minha querida senhorita Briars! —Exclamou uma robusta voz masculina e, ao se voltar, descobriu o semblante alegre e rosado do senhor Talbot —Enfim, a noite cumpre o prometido... Só faltava você para que ficasse completa.

Embora Talbot fosse ao menos dez anos mais velho que ela, possuía um eterno ar juvenil que contradizia sua característica mecha de cabelos brancos. Suas bochechas carnudas se contraíram em um travesso sorriso.

—E como está atraente esta noite —prosseguiu, tomando a mão de Amanda e estreitando— a entre suas palmas gordinhas —Vai envergonhar as outras mulheres.

—Já estou acostumada a seus elogios, senhor Talbot —informou Amanda com um sorriso —Sou muito

sensata para cair presa a eles. Seria melhor dirigir essas cálidas palavras a alguma juvenzinha, uma muito mais crédula que eu.

—Você é meu alvo preferido —respondeu ele.

Amanda revirou os olhos e sorriu de novo.

Tomou o braço que ele oferecia e o acompanhou até um enorme aparador de mogno ladeado por dois grandes recipientes de prata, um com ponche quente e o outro de água fria. Talbot, com gestos exagerados, fez sinal a um criado para que servisse uma taça de ponche a Amanda.

—Enfim, senhor Talbot, insisto em que atenda a seus outros convidados —disse Amanda, deixando que o penetrante aroma do ponche chegasse ao nariz, desfrutando do calor que despendia da taça de cristal, apesar da proteção das luvas, tinha os dedos frios —Vejo várias pessoas com quem eu gostaria de falar e você me impede de chegar até elas.

Talbot riu jovialmente como resposta àquela fingida reprimenda e se despediu com uma profunda reverência. Amanda observou a multidão enquanto bebia rapidamente o ponche quente. Escritores, editores, ilustradores, impressores, advogados, inclusive um dos críticos, todos misturados, separados e remontados em grupos que não paravam de se mover. O salão ressoava de conversas pontuadas por frequentes estalidos de gargalhadas.

—Amanda querida! —Chegou a ela uma voz aguda e monótona, então ela se voltou para saudar uma atraente viúva de cabelo loiro, a senhora Francine Newlyn.

Francine era a afamada autora de meia dúzia de romances de “sensações”, histórias de profundos dramas, que muitas vezes incluíam bigamia, assassinato e adultério. Embora, em seu íntimo, Amanda considerasse os livros de Francine um tanto exagerados, gostava de todos os modos.

Esbelta, feminina e amante das fofocas, Francine se preocupava em cultivar a amizade de todo autor que ela considerasse bem sucedido o suficiente para ser digno de sua atenção. Amanda desfrutava sempre de suas conversas com aquela mulher, que parecia saber tudo sobre todo mundo, embora tivesse o cuidado de não dizer nenhum detalhe pessoal, que a mulher não teria nenhum escrúpulo em maquiagem e espalhar.

—Querida Amanda —ronronou Francine, com seus esbeltos e enluvados dedos, primorosamente curvados sobre o pé de uma taça —que prazer te encontrar aqui. É possível que você seja a única pessoa ajuizada que entrou por aquela porta até este momento.

—Não creio que ser ajuizada seja o mais desejável em uma ocasião como esta —respondeu Amanda com um sorriso —Certamente, são mais apreciáveis o charme e a beleza.

Francine devolveu o sorriso, mas com uma pitada de maldade.

—Nesse caso, é uma sorte que você e eu possuímos as três qualidades.

—Não acredito —respondeu Amanda secamente —Digame, Francine, como vai seu último romance?

A loira olhou para ela com um falso gesto de reprovação.

—Para sua informação, direi que meu romance não avançou nada.

Amanda sorriu com expressão amistosa.

—Com o tempo, você vai se recuperar.

—Oh, não gosto de trabalhar sem inspiração. Abandonei qualquer tentativa de escrever até que encontre algo ou alguém que estimule minha criatividade.

Amanda não pôde deixar de rir quando percebeu a expressão desolada de Francine. Sua predileção pelas aventuras amorosas era bem conhecida no mundo editorial.

—Já fixou seu interesse em alguém em particular?

—Ainda não... Embora tenha alguns candidatos em mente. —A viúva bebeu com delicadeza de sua taça —Não me importaria ser amiga do fascinante senhor Devlin, por exemplo.

Amanda nunca havia chegado a conhecer aquele homem, mas tinha ouvido mencionar seu nome com frequência. John T. Devlin era uma figura notória na cultura literária de Londres. Um homem de passado

misterioso que nos últimos cinco anos, tinha convertido uma pequena imprensa na maior editora da cidade. Aparentemente, sua ascensão não tinha sido prejudicada por preocupações relativas a moralidade ou à prática consagrada do comércio.

Usando seu charme, o engano e o suborno, havia roubado os melhores autores de outros editores e os tinha estimulado a escrever escandalosos romances sensacionalistas.

Inseria anúncios desses romances nos jornais mais populares e pagava pessoas para que falassem bem deles em festas e bares.

Quando os críticos denunciaram que os livros que Devlin editava eram destrutivos para os valores de um público impressionável, Devlin acrescentou nos livros advertências para os leitores em potencial que um determinado romance podia ser particularmente, violento ou impressionante. Mas isso só fez com que as vendas disparassem.

Amanda tinha visto o edifício de pedra branca, de cinco andares, que Devlin possuía no movimentado cruzamento entre Holborn e Shoe Lane, mas ainda não tinha posto um pé ali.

Por trás das oscilantes portas de vidro, haviam-lhe dito, centenas de milhares de livros foram empilhados em estantes que se estendiam do chão até o teto, com a finalidade de proporcionar a comodidade de uma biblioteca circulante para um público ávido.

Cada um de seus vinte mil leitores pagava uma quota anual a Devlin pelo privilégio de poder alugar seus livros. As galerias superiores continham montes de livros para venda, sem mencionar uma oficina de encadernação e impressão e, é claro, os escritórios particulares do senhor Devlin.

Daquele lugar entravam e saíam sem descanso uma dúzia de coches contratados, que distribuíam quantidades enormes de publicações e livros para seus leitores e clientes.

A cada dia, enormes fragatas eram carregadas nas docas com o material que seria entregue em portos estrangeiros. Não havia dúvida de que Devlin tinha feito uma fortuna, graças ao seu vulgar impresso, mas Amanda não o admirava por isso.

Tinha ouvido falar do modo com que ele havia acabado com o negócio de outros editores menores e de como havia esmagado as diversas bibliotecas circulantes que competiam com a sua.

Não aprovava o poder que ele tinha na comunidade literária, sem mencionar o mau uso que fazia dele. Havia realizado um esforço consciente para evitar cruzar com aquele homem.

—Não tinha ideia de que o senhor Devlin estaria presente esta noite —disse com o cenho franzido —Deus santo, não creio que o senhor Talbot possa ser amigo dele. A julgar pelo que tenho ouvido, Devlin é um canalha.

—Minha querida Amanda, nenhum de nós pode se permitir não ser amigo de Devlin —respondeu Francine —O melhor que pode fazer é ganhar o seu apreço.

—Até agora tenho me arranjado muito bem sem ele. E você, Francine, o melhor que pode fazer é não se aproximar dele. Uma aventura com um homem assim é o menos aconselhável que...

Interrompeu-se de repente ao vislumbrar, durante um instante, um rosto na multidão. Seu coração deu um salto e piscou em um espasmo de assombro.

—Amanda? —Inquiriu Francine, perplexa.

—Parece que vi... —Alterada, Amanda observou com cuidado o resto dos convidados que fervilhavam de um lado para outro. Todos os sons foram amortecidos pelo retumbar de seu coração. Deu um passo à frente, depois outro para trás, olhando de um lado para outro com expressão frenética —Onde está? —Sussurrou com a respiração acelerada.

—Amanda, se sente mal?

—Não, é que... —Consciente de que estava se comportando de um modo estranho, tratou de conservar sua frágil compostura —Acreditei ver... uma pessoa que desejo evitar.

Francine estudou o tenso semblante de Amanda e depois olhou para a multidão.

—Por que desejaria evitar alguém? Trata-se de um crítico desagradável? Ou de alguma amizade

desfeita? —Seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso —Não será um antigo amante que pôs fim à relação de forma desgostosa?

Embora aquela provocativa sugestão tivesse um ar de zombaria, aproximava-se tanto da verdade que Amanda notou suas faces avermelhadas.

—Não seja ridícula —disse em tom cortante, em seguida queimou a língua com um bom gole de ponche quente. Seus olhos lacrimejaram ligeiramente, ao sentir a queimação.

—Jamais adivinharia quem vem até nós neste momento, Amanda —comentou Francine em tom brincalhão —Se o homem que desejava evitar é o senhor Devlin, temo que já é muito tarde.

De algum modo Amanda soube, inclusive antes de levantar a vista.

Uns olhos azuis, impressionantes, transpassaram-na com um fixo olhar. A voz profunda que, apenas uma semana antes, lhe havia sussurrado palavras carinhosas, falou agora em um tom de calma cortesia.

—Senhora Newlyn, espero que me apresente a sua acompanhante.

Francine reagiu com uma risada gutural.

—Não estou certa de que esta dama o deseja, senhor Devlin. Por desgraça, parece que sua fama o precede.

Amanda não podia respirar. Aquele era, embora parecesse impossível, o homem que a visitou em seu aniversário, Jack. O homem que tinha abraçado, beijado e que havia lhe dado prazer na intimidade e na penúmbra de sua própria casa.

Era mais alto, mais corpulento, mais moreno do que recordava. Em um instante, rememorou o modo em que seu corpo ficou tenso sob aquele peso, como suas mãos aferraram os duros músculos daqueles ombros... O doce calor de sua boca.

Ela oscilou, sentiu os joelhos vacilantes e travados. Mas, não devia fazer uma cena, não devia chamar a atenção. Faria o que fosse preciso para esconder o humilhante segredo que ambos compartilhavam. Embora parecesse impossível poder falar, conseguiu articular algumas palavras entrecortadas.

—Pode me apresentar a este cavalheiro, Francine. —Pelo brilho perverso dos olhos de Devlin, advertiu que a este não havia escapado a ênfase irônica que tinha posto na palavra “cavalheiro”.

A loira, magra e formosa Francine estudou a ambos com ar pensativo.

—Não, creio que não farei isso —disse, surpreendendo Amanda —É óbvio que vocês se conhecem. Talvez algum dos dois teria a amabilidade de me pôr a par da situação?

—Não —disse Devlin, suavizando sua brusca contestação com um encantador sorriso.

O olhar fascinado de Francine voou do rosto de Devlin ao de Amanda.

—Muito bem. Deixarei-os a sós para que decidam se se conhecem ou não. —Logo, soltou uma gargalhada —Mas, advirto Amanda: de um modo ou de outro publicarei a história que existe entre vocês.

Amanda observou a retirada de sua amiga em total confusão, ultraje, traição... Estava muito aborrecida para dizer algo de momento. Cada inspiração parecia queimar seus pulmões. John T. Devlin. Jack... permanecia ali, de pé, paciente, com o olhar fixo como o de um tigre.

Ele tinha poder para destruí-la, pensou Amanda em pânico. Com apenas algumas palavras e talvez uma confirmação pública por parte da senhora Bradshaw, poderia destruir sua reputação, sua carreira... sua capacidade para se manter por conta própria.

—Senhor Devlin —conseguiu dizer, por fim, com rígida dignidade —Talvez não haja inconveniente em me explicar como e por que foi até a minha casa na semana passada e por que me enganou.

Apesar de sua óbvia hostilidade e de seu medo, Amanda Briars olhava para Jack diretamente nos olhos, com uma expressão na qual destacava um matiz de desafio. Não era uma covarde.

Jack experimentou a mesma aguda percepção que sentiu quando a viu pela primeira vez, na porta de sua casa. Era uma mulher bem vestida, com aquela pele aveludada e aquele cabelo cacheado e acobreado, além de sua figura indiscutivelmente voluptuosa... E ele era um homem que sabia apreciar qualidade, quando a via.

Possuía feições agradáveis, embora não poderiam ser definidas como belas, mas os olhos... enfim, eram extraordinários: de um cinza penetrante, como a luz cinza da chuva de abril, olhos inteligentes e expressivos.

Havia algo nela que a obrigava sorrir. Sentiu vontade de beijar aquela boca rígida de solteirona, até deixá-la branda e morna pela paixão, sentiu vontade de seduzí-la e flertar com ela.

Mas, mais do que qualquer outra coisa, desejava conhecer a pessoa que havia escrito um romance repleto de personagens, cujas dignas fachadas, ocultavam primitivas emoções. Era um romance próprio de uma mulher mundana, não de uma mulher do campo e solteirona.

Seus escritos o haviam obcecado muito antes de conhecê-la. Agora, após o tentador encontro em sua casa, queria mais dela. Ele gostava do desafio que estava lhe apresentando, o fato de que ela havia conseguido triunfar sem ajuda de ninguém. Nesse sentido, os dois se pareciam.

Sem dúvida, a senhorita Briars possuía uma doçura da qual ele carecia e que tocava o seu coração. Constituía um verdadeiro mistério que conseguisse parecer tão natural e, ao mesmo tempo, tão elegante. Duas qualidades que sempre havia considerado opostas.

—Amanda... —Começou, mas ela o corrigiu com um gesto ofendido.

—Senhorita Briars!

—Senhorita Briars —disse ele em tom calmo —Se não houvesse aproveitado a oportunidade que se apresentou naquela noite, teria lamentado durante o resto de minha vida.

As finas sombrancelhas de Amanda se juntaram em uma careta de reprovação.

—Pensa me delatar?

—Não tenho planos imediatos —respondeu ele com ar pensativo, mas, em seus olhos de diabinho brilhou uma chispa de travessura —Embora...

—Embora o quê? —Perguntou Amanda com receio.

—Seria um material muito interessante para alimentar as fofocas. A respeitável senhorita Briars, alugando um homem para lhe proporcionar prazer. Não gostaria de ver você em uma situação tão vergonhosa. —Seus dentes reluziram em um amplo sorriso ao qual Amanda não reagiu —Creio que deveríamos continuar falando deste tema. Gostaria de saber quais incentivos você poderia oferecer, que me estimulem a manter a boca fechada.

—Acaso pretende me chantagear? —Perguntou Amanda, com crescente cólera —Canalha, traidor, mesquinho...

—Talvez você devesse baixar a voz —aconselhou Devlin —De fato, senhorita Briars, sugiro isto porque me preocupa sua reputação, não a minha, deveríamos conversar em particular... mais tarde.

—Nem pensar —respondeu ela de imediato —Está claro que você não é um cavalheiro e não penso lhe oferecer nenhum tipo de “incentivo”.

Mas, Devlin tinha uma carta na manga e ambos sabiam. Um lento sorriso tocou seus lábios. O sorriso de um homem que sabia como obter o que desejava e que para isso estava disposto a fazer o que fosse.

—Vai se encontrar comigo —disse sem um pinga de dúvida —Não tem outra alternativa. Verá... Eu tenho algo que te pertence e penso fazer uso dele.

—Você é um canalha —disse Amanda com repugnância —Está dizendo que roubou algo de minha casa?

Sua gargalhada atraiu uma multidão de curiosos olhares até eles.

—Tenho seu primeiro romance —informou ele.

—O quê?

—Seu primeiro romance —repetiu Jack, desfrutando da expressão ofendida que demonstrava Amanda —Se intitula *Uma Dama Inacabada*. Eu comprei-o. Não é ruim, embora requeira certo trabalho para a correção, antes de estar pronto para ser publicado.

—Você não pode tê-lo! —Exclamou Amanda, contendo uma torrente de impropérios, já que sua língua

afiada atraía o interesse dos convidados de Talbot —Se o vendi há anos ao senhor Grover Steadman, por dez libras. E depois que fizemos o negócio, ele perdeu o interesse por ele e o guardou em um cofre, que eu saiba.

—Bem. Pois, eu acabo de comprá-lo, junto com todos os direitos. Steadman me cobrou um bom dinheiro por ele. Suas obras têm ganho valor, desde seu último romance, que vendeu muito bem.

—Ele não se atreveria a vendê-lo a você —disse Amanda, acalorada.

—Temo que o fez. —Jack se aproximou um pouco mais e acrescentou em tom confidencial —Na realidade, esse era o motivo pelo qual fui vê-la.

Estava tão próximo dela que sentiu a leve fragrância de limão que desprendia de seu cabelo. Mais que notá-la a nível físico, pressentiu a tensão de seu corpo. Será que estaria lembrando da abrasadora paixão que haviam compartilhado?

Ele tinha sofrido durante horas depois daquele encontro, ficou tenso e com dor na virilha, as mãos ansiosas por tocar sua pele suave como a seda. Não foi nada fácil ir embora e deixá-la ali. No entanto, não teria sido capaz de roubar sua inocência, em uma situação marcada pelo fingimento.

Algum dia voltaria a tê-la em seus braços, sem enganos de nenhum tipo. E nessa próxima vez, não haveria força alguma, na terra e no céu, que conseguiria detê-lo.

A voz de Amanda soou insegura ao formular a pergunta: —Como pôde chegar na hora exata em que eu esperava que chegasse meu... er... meu outro convidado?

—Pelo visto, fui enganado de propósito por nossa amiga em comum, a senhora Bradshaw.

—E de onde você a conhece? —Os olhos prateados de Amanda se entrecerraram ao fazer aquela pergunta —É um de seus clientes?

—Não, querida —murmurou Jack —Ao contrário de você, eu nunca solicitei os serviços de uma amante profissional. —Sua boca se distendeu em um sorriso irresistível ao apreciar que o rosto de Amanda se tornava escarlate. Ah, quanto ele gostava alterar sua compostura! No entanto, em lugar de prolongar seu desconforto, prosseguiu em tom suave —Conheço a senhora Bradshaw, porque acabo de publicar seu primeiro livro, *Os Pecados de Madame B*.

—Suponho que será uma obscenidade —disse Amanda.

—Oh, é claro que sim —respondeu Jack, alegremente —Uma ameaça para a moralidade e a decência. Para não mencionar que tem sido o meu maior êxito de vendas.

—Não me surpreende que você demonstre orgulho, ao invés de vergonha.

Ele ergueu as sobrancelhas como reação à investida de Amanda.

—O certo é que não me envergonho de ter a boa sorte de adquirir e publicar uma obra que agrada ao público.

—O público nem sempre sabe o que lhe convém.

Ele sorriu sem vontade.

—É de se supor que seus livros são apropriados para o que convém ao público?

Amanda se ruborizou, violentada e indignada.

—Não pode colocar minhas obras no mesmo nível que a vulgar biografia de uma mulher de má conduta!

—É óbvio que não —Jack se apressou em dizer, cedendo —É óbvio que a senhora Bradshaw não é uma escritora. Ler suas memórias é como escutar fofocas debaixo da escada, durante várias horas. Pelo contrário, você possui um talento que eu admiro, com total sinceridade.

O rosto de Amanda delatava seu conflito emocional. Tal como a maioria dos escritores, todos atacados pela universal necessidade de receber elogios, desfrutou, de má vontade, daquele elogio. Não obstante, não pôde se permitir o luxo de acreditar na sinceridade do mesmo, olhou Jack com irônica suspeita.

—Seus elogios são desnecessários e pouco eficazes —informou —Economize o esforço, peço-te e

continue com a explicação.

Jack, complacente, prosseguiu.

—Durante uma recente conversa com a senhora Bradshaw, mencionei que havia adquirido *Uma Dama Inacabada* e os meus planos de conhecer você pessoalmente. Então, a senhora Bradshaw me surpreendeu, dando mostras de manter amizade com você. Sugeriu-me que fosse visitá-la a uma hora muito específica: as oito da noite, na quinta-feira. Parecia estar muito certa de que iria ser bem recebido. E, a julgar pelo que aconteceu —não pôde resistir em adicionar —estava certa.

Amanda lhe dirigiu um olhar circunspecto.

—Mas, quais seriam as razões dela para maquinar semelhante arranjo?

Jack encolheu os ombros, pois não desejava confessar que ele mesmo esteve por vários dias se fazendo a mesma pergunta.

—Duvido que ela tivesse algum motivo para fazer aquilo. Assim como a maioria das mulheres, sem dúvida, toma decisões que não se ajustam às pautas lógicas que empregam os homens.

—A senhora Bradshaw queria zombar de mim —disse Amanda em tom ressentido —Ou talvez dos dois.

Jack negou com a cabeça.

—Não creio que fosse essa a sua intenção.

—E qual outra poderia ser?

—Talvez você devesse perguntar a ela.

—Acho que o farei —respondeu Amanda, fazendo Jack rir.

—Vamos —disse ele em tom amável —No fim das contas, não foi tão ruim, não acha? Ninguém se prejudicou... e sinto-me obrigado a dizer que, nessas mesmas circunstâncias, a maioria dos homens não teriam agido com a minha cavalheiresca contenção...

—Cavalheiresca? —replicou Amanda, num sussurro cheio de fúria e indignação —Se tivesse algum resquício de integridade ou honradez, teria se identificado ao se dar conta de que eu o havia confundido com outra pessoa!

—E iria estragar seu aniversário? —Jack adotou uma expressão de falsa preocupação e sorriu, ao ver que ela fechava suas pequenas e enluvadas mãos num gesto de ansiedade —Não se ofenda —disse em tom sedutor —sou o mesmo da outra noite, Amanda.

—Senhorita Briars —corrigiu ela no mesmo instante.

—Senhorita Briars, então. Sou o mesmo homem que naquela ocasião foi muito do seu agrado. Não há razão para que não façamos as pazes e sejamos amigos.

—Sim, há. Gostava mais de você como gigoló do que como editor mesquinho e manipulador. Não posso ser amiga de um homem que pretende me chantagear. Além disso, jamais permitirei que você publique *Uma Dama Inacabada*. Preferiria queimar o manuscrito a vê-lo em suas mãos.

—Temo que não há nada que possa fazer a esse respeito. Porém, está convidada a visitar meu escritório amanhã para que falemos dos planos que tenho para esse livro.

—Se acredita que vou sequer pensar nisso... —começou com veemência, mas fechou a boca de um golpe, ao ver como seu anfitrião, o senhor Talbot, vinha até eles.

O rosto do advogado evidenciava curiosidade. Contemplou-os com um sorriso apaziguador que fez com que suas faces redondas se elevassem sob seus alegres olhos.

—Chamaram-me para que interceda —disse com uma leve risada —Não quero brigas entre os meus convidados, por favor. Permitam-me alertar que vocês não se conhecem o suficiente para mostrar semelhante animosidade.

Amanda pareceu se ofender com aquela tentativa de diminuir a importância do que estava ocorrendo entre eles. Falou sem afastar os olhos de Jack: —Descobri, senhor Talbot, que bastariam cinco minutos de conversa com o senhor Devlin para colocar a prova a paciência de um santo.

Jack respondeu com serenidade, deixando que ficasse claro que aquilo o divertia sobremaneira: —Está afirmando ser uma santa, senhorita Briars?

Amanda corou e apertou os lábios, justo quando estava a ponto de soltar um jorro de palavras furibundas, o senhor Talbot se apressou a intervir.

—Ah, senhorita Briars —exclamou com uma risada muito efusiva —vejo que acabam de chegar alguns bons amigos seus, os Eastman. Peço que faça a anfitriã e me acompanhe para saudá-los. —Jogando um olhar de advertência a Jack, fez o favor de levar Amanda dali.

Mas, antes que fossem, Jack se inclinou para murmurar ao ouvido de Amanda: —Enviarei uma carruagem para buscar você, amanhã às dez.

—Não penso em ir —respondeu ela no mesmo tom e com o corpo rígido, exceto pela leve e atraente agitação de seus seios, ajustados à perfeição pelo decote de seda negra. Aquela visão provocou em Jack uma pontada de súbito alerta. Começou a sentir um intenso calor sob a pele, seu corpo parecia despertar em lugares perigosos. Em seu interior cresceu uma emoção desconhecida, algo parecido com o afã de posse, a excitação... ou inclusive a ternura. Sentiu vontade de mostrar a Amanda a mais mínima gota de bondade que pudesse encontrar no fundo de sua alma, para seduzí-la e tentá-la.

—Sim, virá —disse, sabendo que ela não poderia resistir a ele mais do que ele poderia resistir a ela.

Os convidados passaram à sala de jantar. Uma enorme área forrada de madeira de boa qualidade, onde havia duas longas mesas, cada uma delas rodeada de quatorze cadeiras. Quatro criados de luvas e libré se moviam em silêncio, ajudando os convidados a se sentar, servindo vinho e carregando gigantescas travessas de prata, repletas de ostras. Em seguida, chegou uma tigela com sopa de tartaruga, seguida de robalo com molho holandês e agrião.

Jack se encontrou colocado junto à senhora Francine Newlyn. Tinha a sensação de que Francine tinha conhecimento da sua reputação, mas, embora a considerasse atraente, não valia a pena ter uma aventura com ela, principalmente porque não o agradava que sua vida pessoal fosse revelada com todos os detalhes a uma horda de fofoqueiras.

Contudo, Francine não deixou de deslizar a mão sobre os joelhos dele, por baixo da mesa. Cada vez que a afastava, ela voltava para explorar melhor o território de sua perna.

—Senhora Newlyn —murmurou —suas atenções não me agradam. Se não retirar a mão...

Francine separou a mão no mesmo instante e, em uma careta de fingida inocência, olhou-o com um sorriso gatuno e com olhos muito abertos.

—Me perdoe —ronronou —É que havia perdido o equilíbrio e simplesmente tratava de recuperá-lo. —Pegou sua taça de xerez e bebeu com delicadeza. Depois passou a língua em uma gota de líquido que havia ficado na borda —Você tem uma perna muito forte —comentou em voz baixa —Deve fazer exercícios com muita frequência.

Jack reprimiu um suspiro e voltou os olhos para a outra mesa, onde haviam colocado Amanda Briars. Estava envolvida em uma animada conversa com o cavalheiro à sua esquerda, algo relativo aos novos romances em série, que se publicavam por encomendas mensais, discutiam se eram autênticos romances ou não.

Aquele debate estava em voga, já que vários editores, incluindo ele mesmo, estavam lançando romances por encomenda, sem muito êxito no momento.

Jack desfrutou observando o rosto de Amanda à luz das velas. Sua expressão variava entre a atenção e a risada. Seus olhos cinzas brilhavam com mais intensidade que a prata.

Diferente do resto das mulheres presentes, que se limitavam apenas a cortar a comida com apropriado desinteresse feminino, Amanda exibia um bom apetite. Pelo visto, aquele era um dos privilégios das solteironas: uma mulher assim podia comer bem em público.

Amanda era tão natural e direta que parecia um refrescante contraste com as outras mulheres sofisticadas que ele havia conhecido. Desejava estar a sós com ela. Sentiu inveja do homem que se

sentava a seu lado, o qual parecia estar se divertindo mais que nenhum dos presentes.

Francine Newlyn insistia em sua pressão sob a mesa.

—Meu querido senhor Devlin —disse com voz sedosa —pelo visto não consegue afastar o olhar da senhorita Briars. Certamente, um homem como você não pode abrigar o menor interesse por ela.

—Por que não?

Dos lábios de Francine surgiu uma gargalhada.

—Porque você é um homem jovem e vigoroso que se encontra em seu melhor momento e ela... Enfim, é evidente, não? Oh, os homens gostam da senhorita Briars é obvio que sim, mas só como gostariam de uma irmã ou uma tia. Não é das que sabem despertar os instintos amorosos de um homem.

—Se você diz... —Respondeu ele sem interesse.

Estava claro que aquela mulher considerava seus próprios atrativos muito superiores aos de Amanda e não podia sequer sonhar que um homem pudesse preferir os encantos de uma solteirona aos seus.

Mas Jack já havia estado com mulheres como Francine e sabia o que ela escondia sob aquela fachada bonita e superficial. Ou, mais concretamente, o que não havia.

Naquele momento, aproximou-se um criado carregando um prato de faisão ao creme e Jack aceitou uma porção, com um gesto de cabeça, enquanto reprimia outro suspiro de frustração ao pensar na longa noite que o esperava. A manhã do dia seguinte, assim como a visita de Amanda a seu escritório, parecia distar toda uma eternidade.

Capítulo 4

— Enviarei uma carruagem para buscar você, amanhã às dez.

— Não penso ir.

— Virá.

A lembrança daquele diálogo manteve Amanda preocupada toda a noite, ressoando em seus sonhos e a fez despertar mais cedo do que de costume naquela manhã.

Oh, como gostaria de dar seu merecido não ao senhor John T. Devlin, se negando a subir em sua carruagem! No entanto, teria que encarar o fato de que ele havia adquirido o manuscrito de seu romance *Uma Dama Inacabada*. Não queria que fosse publicada, nem por ele, nem por ninguém.

Haviam transcorrido um bom punhado de anos desde que escreveu aquela obra e, embora tivesse dado o melhor de si naquela época, não tinha dúvida de que o romance continha muitas falhas de argumento e caracterização.

Se viesse a ser publicada *Uma Dama Inacabada*, Amanda temia sofrer uma dura resenha por parte dos críticos e ainda ser difamada pelos leitores, a não ser que fossem feitas numerosas revisões.

Além disso, não tinha tempo, nem vontade de trabalhar em um romance pelo qual só lhe haviam pago dez libras. Sendo assim, teria que recuperar o livro das mãos de Devlin.

Também havia a questão da potencial chantagem. Se Devlin fizesse correr por toda Londres o rumor de que Amanda fazia uso de profissionais do sexo, sua reputação e sua carreira cairiam por terra. De alguma maneira teria que obter de Devlin a promessa de que jamais diria uma única palavra a ninguém sobre aquele horroroso aniversário.

Por mais que odiasse admitir, sentia curiosidade. Não importava o muito que repreendesse a si mesma por permitir que a dominasse sua maldita curiosidade: queria ver a empresa de Devlin, seus livros, seu departamento de encadernação, seu escritório e tudo o que houvesse em seu interior, naquele enorme edifício, situado na esquina de Holborn Shoe Lane.

Com a ajuda de Sukey, prendeu o cabelo num coque trançado no alto da cabeça e colocou o vestido mais severo que tinha: de veludo cinza, perfeitamente entalhado e com botões até em cima, dotado de uma régia saia esvoaçante. Os únicos adornos da roupa consistiam em uma estreita faixa, que parecia feita de cordões de seda entrelaçados e ligados por uma fivela de prata e um laço branco que se ajustava por baixo do queixo.

— Você deve estar como a Rainha Isabel, pouco antes de ordenar que cortassem a cabeça do conde de Essex — comentou Sukey.

Amanda riu, apesar de seu nervosismo interior.

— Para dizer a verdade, gostaria de cortar a cabeça de um certo cavalheiro — disse — Mas, em vez disso, terei que me conformar em castigá-lo com o meu traje.

— Irá ver o seu editor, verdade? — A estreita cara de Sukey parecia a de uma inquisitiva criatura dos bosques.

Amanda se apressou a negar com a cabeça.

— Não é o meu editor e nunca será. Tenho a intenção de deixar isso muito claro esta manhã.

—Ah. —A expressão da criada se iluminou com vivo interesse —Trata-se de algum cavalheiro que conheceu na noite do jantar? Conte-me, senhorita Amanda... É elegante?

—Não reparei nisso —respondeu Amanda em tom cortante.

Sukey correu para buscar a capa de lã negra de Amanda, reprimindo um sorriso.

Enquanto elas se ocupavam de ajustar a capa ao redor dos ombros de Amanda, chegou o lacaios, Charles.

—Senhorita Amanda, já está aqui a carruagem.

O criado, de meia idade, tinha o rosto enrijecido por causa da cortante brisa de novembro. Sua libré desprendia um aroma fresco, quase gelado, que se mesclava com o seco aroma dos pós brancos que usava para o cabelo. Pegou um xale da cadeira do vestíbulo, e colocou-o com garbo sobre o braço e em seguida acompanhou Amanda ao exterior.

— Tenha cuidado onde pisa, senhorita Amanda —advertiu —Há uma placa de gelo sobre o primeiro degrau da escada... Faz um dia úmido e invernal.

—Obrigada, Charles.

Amanda apreciava a preocupação do lacaios. Embora não tivesse a estatura desejável, pois, a maior parte das boas famílias preferiam contratar só aqueles que mediam no mínimo um metro e oitenta. Charles, compensava aquela falta de envergadura física com uma excelente eficiência. Tinha prestado à família Briars e agora à própria Amanda, um serviço leal e sem queixa alguma, durante quase duas décadas.

O débil sol matinal fazia o que podia para iluminar as estreitas casas de Bradley Square. Entre as duas fileiras de casas, estendia-se um pequeno jardim com uma barra de ferro e a geada aderida com firmeza nas plantas e nas árvores que cresciam entre os galhos de gravilha.

Mesmo sendo dez da manhã, continuavam fechadas muitas das janelas dos pisos superiores das casas da cidade, já que seus ocupantes dormiam ainda para expiar os excessos da noite anterior.

Além de um lixeiro que caminhava pela rua que conduzia à via principal e de um agente de polícia de longas pernas, que passeava com seu cassetete preso sob o braço, a rua estava silenciosa e solitária. Contra as fachadas das casas soprava uma brisa gelada, mas com cheiro limpo. Apesar da aversão que Amanda sentia pelo frio invernal, agradecia que o cheiro do lixo e dos desagues fossem muito menos intensos que nos cálidos meses de verão.

Deteve-se na metade dos seis degraus que levavam ao nível da rua ao ver a carruagem que Devlin tinha enviado.

— Senhorita Amanda —murmurou o lacaios, parando a seu lado enquanto ela contemplava o veículo.

Amanda esperava ver uma carruagem usada e prática como a sua. Em nenhum momento pensou que Devlin enviaria para ela um transporte tão elegante. Era um coche com vidros, de carroceria lacrada, com detalhes em bronze, equipado com escadas projetadas para abrir e fechar automaticamente com a porta.

Cada canto do veículo estava brilhando e janelas perfeitamente chanfradas foram cobertas com cortinas de seda, enquanto o interior era estofado em couro de cor creme. Era puxada por um conjunto de quatro cavalos castanhos emparelhados à perfeição, que pisoteavam e resfolegavam com impaciência, levantando com sua respiração pequenas nuvens de vapor no ar gelado. Era o tipo de equipamento que possuíam os aristocratas mais endinheirados.

Como era possível que um editor meio irlandês pudesse se permitir semelhante carruagem? Os negócios de Devlin deviam ir muito melhor do que os rumores lhe haviam induzido a acreditar.

Amanda dominou sua postura e aproximou-se da carruagem. Do banco de madeira desceu um criado que se apressou a abrir a portinhola, enquanto Charles a ajudava a subir as escadas. O veículo, de boa suspensão, apenas se agitou quando ela se acomodou no assento estofado de couro.

Não foi necessário usar o xale que Charles tinha pego, já que haviam preparado para ela uma manta de viagem forrada de pele. Também havia um braseiro para os pés carregado de brasas, que provocou em

Amanda um calafrio de prazer ao sentir a onda de calor que subia por baixo de sua saia até alcançar os joelhos. Aparentemente, Devlin tinha lembrado que ela não gostava do frio.

Quase como em um sonho, Amanda recostou-se contra o suave couro do estofamento e contemplou pela janela embaçada os contornos borrados de sua casa. No mesmo instante, fechou-se a portinhola e o coche arrancou com suavidade.

—Senhor Devlin —disse em voz alta —se acredita que um simples braseiro e uma manta vão fazer com que suavize minha atitude a seu respeito, está muito equivocado.

A carruagem se deteve no cruzamento de Shoe Lane e Holborn, onde a aguardava o enorme edifício branco de cinco andares. Estava repleto de clientes e as arejadas portas de vidro abriam-se e fechavam-se sem descanso, para deixar entrar e sair uma contínua corrente de pessoas.

Embora soubesse que o estabelecimento de Devlin tinha grande êxito, não estava preparada para aquilo. Podia-se ver claramente que Devlin era muito mais que uma loja... Era um império. E ela não tinha dúvida alguma de que a mente afiada de seu proprietário não deixava de idealizar novas maneiras de ampliar seus horizontes.

O criado a ajudou a descer da carruagem e correu para segurar a porta de vidro, com a deferência que se pode observar a um visitante da realeza. Quando seu pé tocou o chão, Amanda foi recebida no mesmo instante por um cavalheiro de cabelos loiros, de uns vinte e muitos ou trinta e poucos anos. Embora sua estatura fosse média, seu físico esbelto e exercitado o fazia parecer mais alto. Seu sorriso era cálido e genuíno e seus olhos cor verde mar brilhavam sob óculos de armação de aço.

— Senhorita Briars —disse o jovem em voz baixa, enquanto executava uma saudação de boas vindas —É uma honra conhecê-la! Sou Oscar Fretwell. E isso —indicou com um gesto de mão tudo o que o rodeava, com inconfundível orgulho —é a Loja Devlin, biblioteca circulante, oficina de encadernação, papelaria, imprensa e editora, tudo sob o mesmo teto.

Amanda inclinou-se, por sua vez, e permitiu que Fretwell a guiasse até um local relativamente protegido, onde havia várias prateleiras de livros colocados sobre um balcão de madeira.

—Senhor Fretwell, qual o cargo que você desempenha para o senhor Devlin?

—Sou seu gerente. Às vezes, executo tarefas como leitor e corretor e apresento romances inéditos, tento descobrir se eles possuem algum mérito. —Sorriu de novo —E tenho, além disso, a sorte de estar a serviço de qualquer dos autores do senhor Devlin, quando eles exigem.

—Eu não sou uma das autoras do senhor Devlin —disse Amanda em tom firme.

—Não, é obvio —respondeu Fretwell, desejoso de não ofender —Não foi minha intenção dar a entender que fosse. Deixe-me expressar o imenso prazer que me têm proporcionado suas obras, não só a mim, mas também a nossos assinantes. Seus livros são fornecidos sem parar e as vendas são grandes. No caso do último livro, *Sombras do Passado*, não temos sido capazes de nos contentar com um pedido de menos de quinhentos exemplares.

—Quinhentos?

Amanda estava muito atônita com aquela cifra para dissimular seu assombro. Os livros eram artigos de luxo, muito caros para a maioria das pessoas. Portanto, suas vendas, quase três mil exemplares, eram consideradas algo excepcional.

No entanto, até agora não tinha se dado conta de que uma grande porcentagem dessas vendas podia atribuir-se ao respaldo de Devlin.

—Logo no início... —comentou Fretwell com veemência, mas se interrompeu ao perceber uma pequena perturbação em um dos mostradores.

Um empregado estava aborrecido porque alguém havia devolvido um livro em mau estado. A assinante, uma dama coberta por uma espessa camada de maquiagem e grandes quantidades de perfume, protestava contra a acusação de que o livro se encontrava deteriorado.

—Ah, é a senhora Sandby —disse Fretwell com um suspiro —Uma de nossas assinantes regulares.

Infelizmente, gosta de levar os livros e lê-los no salão. Quando os devolve, sempre estão sujos de pó e as páginas grudadas com óleo.

Amanda riu de forma inconsciente, observando o antiquado penteado da mulher, pouco mais que uma pilha de cabelo empoado. Não tinha nenhuma dúvida de que ela e o romance haviam passado muito tempo em uma cabeleireira.

—Parece que estão requerendo a sua atenção, senhor Fretwell. Talvez você deveria pôr fim à disputa, enquanto eu espero aqui.

—Não gostaria de deixá-la sozinha —disse ele com o cenho franzido —No entanto...

—Não me moverei daqui —disse Amanda sem deixar de sorrir —Não me importo de esperar.

Enquanto Oscar Fretwell corria para solucionar a situação, Amanda começou a observar ao seu redor. Havia livros por toda parte, cobrindo prateleiras forradas do chão ao teto.

O teto, elevava-se dois pisos mais acima, com uma varanda superior que permitia o acesso à galeria do segundo andar. A deslumbrante coleção de encadernações em cor vermelha, dourado, verde e marrom constituía um festim para os olhos, assim como o maravilhoso aroma da vitela, pergaminho e couro a deixaram com água na boca. Flutuava no ar um delicioso aroma de folhas de chá. Para qualquer um que desfrutasse da leitura, aquele lugar era, sem dúvida alguma, um paraíso.

Frente às vitrines carregadas de catálogos e volumes, via-se a fila de seus assinantes e compradores que aguardavam sua vez. Havia rodas de corda e bobinas de papel marrom que giravam sem parar, enquanto os empregados envolviam os pedidos. Amanda apreciou a perícia com que os empregados atavam os pacotes mais pequenos de livros com papel e corda. Os pedidos maiores pareciam empacotados em antigas caixas de chá —dali procedia o aroma de chá —e depois eram levados a carros e carruagens pelos ajudantes.

Oscar Fretwell trouxe consigo uma expressão contrita e satisfeita quando voltou para junto de Amanda.

—Creio que o assunto já está resolvido —disse em tom de conspiração —Convenci o funcionário a aceitar o livro em seu estado atual e nós faremos o melhor para restaurá-lo. Não obstante, disse à senhora Sandby que no futuro cuide de nossos livros com mais cuidado.

—Deveria ter sugerido a ela que simplesmente renuncie aos pós para o cabelo —sussurrou Amanda e ambos soltaram uma breve risada.

Fretwell ofereceu a ela seu braço a modo de convite: — Permita-me acompanhá-la até a sala do senhor Devlin, senhorita Briars?

A ideia de ver novamente Jack Devlin provocou-lhe um estranho estremecimento de prazer mesclado com nervosismo. A perspectiva de estar em sua presença, gerava uma curiosa mescla de sensações de inquietude e vitalidade.

Endireitou os ombros e pegou o braço de Fretwell.

—Sim, é obvio. Quanto antes falar com o senhor Devlin, melhor.

Fretwell a olhou com um sorriso confuso.

—Você fala como se não gostasse do senhor Devlin.

—E não gosto. Eu o acho arrogante e manipulador.

—Bem. —Fretwell pareceu medir as palavras com todo cuidado —O senhor Devlin pode ser um pouco agressivo quando se fixa em um objetivo concreto. No entanto, posso assegurar que não existe melhor patrão em toda Londres. É amável com seus amigos e generoso com todos os que trabalham para ele. Há pouco tempo ajudou um de seus romancistas a comprar uma casa e sempre está disposto a adquirir entradas para o teatro ou buscar um especialista quando um de seus amigos está doente, ou a ajudá-los de qualquer modo a resolver suas dificuldades pessoais.

Enquanto Fretwell continuava elogiando seu chefe, Amanda acrescentou mentalmente a palavra “controlador” na lista de adjetivos que havia aplicado a Devlin. Claro que fazia todo possível para que

seus amigos e funcionários se sentissem em dívida com ele. Assim, poderia valer-se de sua gratidão e usá-los a seu favor.

—Por que se converteu em editor do senhor Devlin? —Quis saber Amanda —Não se parece em absoluto aos demais editores que conheço. Quero dizer, não parece ser um admirador dos livros.

Fretwell pareceu hesitar e então Amanda percebeu, a julgar por sua expressão, que existia alguma história particular e interessante para contar em relação ao misterioso passado de Devlin.

—Talvez devesse perguntar ao senhor Devlin como e por que —disse Fretwell, por fim —Mas posso dizer-lhe uma coisa: tem um profundo amor pela leitura e o maior respeito pela palavra escrita. Além disso, possui uma capacidade especial para discernir os pontos fortes de um escritor e para estimular esse potencial para alcançar o sucesso.

—Em outras palavras, empurra-os para obter um desempenho econômico —disse Amanda secamente.

O sorriso de Fretwell continha uma ponta de ironia.

—Certamente você não vai se opor a obter o desempenho econômico, senhorita Briars.

—Apenas se a arte é sacrificada pelo comércio, senhor Fretwell.

—Oh, acredito que descobrirá que o senhor Devlin sente o maior respeito pela liberdade de expressão —apressou-se a dizer o jovem.

Foram para a parte de trás do edifício e subiram um lance de escadas iluminadas por uma sucessão de clarabóias. O interior de Devlin's remetia ao exterior, no sentido de que era funcional, mas atraente, com móveis de boa qualidade. As diversas salas que atravessaram estavam aquecidas por suas respectivas lareiras ou caldeiras, todas construídas em mármore jateado e os pisos cobertos com grossos tapetes.

Sensível aos ambientes, Amanda notou que havia um ar alegre entre os empregados da seção de encadernação e da imprensa.

Fretwell parou em frente a uma porta de elegante porte e arqueou as sombrancelhas com um gesto inquisitivo.

—Senhorita Briars, gostaria de ver nossa coleção de livros raros?

Amanda consentiu com a cabeça e o acompanhou ao interior da sala. Ao abrir a porta apareceu uma sala, cujas paredes consistiam em prateleiras de mogno, protegidas por portas de vidro. O teto mostrava um adorno com intrincados desenhos em gesso, formando medalhões de flores, combinando com o tapete Aubusson do chão.

—Todos estes livros estão à venda? —Perguntou Amanda em voz baixa, sentindo-se como se tivesse penetrado na câmara do tesouro de um rei.

Fretwell assentiu.

—Aqui encontrará de tudo: desde antiguidades até zoologia. Temos uma ampla seleção de mapas antigos e cartas celestes, cartilhas e manuscritos originais. —Percorreu-os com um gesto de mão, como se aquelas extensas filas de livros falassem por si só.

—Ficaria encantada de me trancar aqui por uma semana inteira —disse Amanda num impulso.

Fretwell riu e a conduziu para fora da sala. Subiram para o andar de cima e chegaram a uma série de escritórios. Antes que Amanda tivesse a oportunidade de refletir acerca da súbita agitação nervosa que a invadiu, Fretwell abriu uma porta de mogno e incitou-a, delicadamente, no limiar da mesma.

No mesmo instante foi invadida uma torrente de impressões: o enorme escritório, a grande lareira de mármore e as poltronas de couro que havia a seu lado, o ambiente elegante e masculino e o fino papel de listras marrons que cobria as paredes. Através de uma fileira de janelas altas e estreitas, penetrava a luz do sol. Aquela sala cheirava a couro e pergaminho, com uma pitada do áspero aroma de tabaco.

—Finalmente —Disse uma voz grave e familiar, sutilmente tingida de humor. Amanda percebeu que Devlin se divertia com o fato de que ela tinha vindo para vê-lo depois de tudo. Mas, ela não tinha outra alternativa.

Devlin fez uma reverência acompanhada de um cerimonial floreio em tom de piada, em seguida,

percorreu-a de cima abaixo com seus olhos azuis e um amplo sorriso no rosto.

—Minha querida senhorita Briars —disse de um modo que, por algum motivo, dava algum indício de sinceridade a suas palavras —jamaís passei uma manhã tão longa, esperando que você chegasse. Mal pude me conter para não esperar você lá fora, na rua.

Ela o olhou com o cenho franzido.

—Gostaria de resolver este assunto o mais rápido possível para poder ir embora.

O generoso fogo que brilhava atrás da tela de ferro dourado parecia um convite para ficar. Depois de tirar o chapéu e a capa, deixá-los ambos nos braços de Oscar Fretwell, Amanda sentou-se em uma poltrona de couro.

—Gostaria de acompanhar-me enquanto tomo uma bebida? —Perguntou Devlin, todo encanto e atenção —A esta hora eu costumo tomar café.

— Prefiro chá —respondeu ela em tom cortante.

Devlin dirigiu um olhar a Fretwell com seus olhos azuis e chispantes.

—Chá e um prato de biscoitos com açúcar —disse ao gerente, o qual se apressou a desaparecer e deixá-los a sós.

Amanda olhou seu acompanhante e notou que as palmas de suas mãos se umedeciam dentro de suas luvas de pele. Era escandaloso que um homem fosse tão bonito, que tivesse uns olhos azuis ainda mais exóticos do que ela se lembrava, que levasse o cabelo negro cortado de tal modo que apenas uma leve onda fosse encontrada nele.

Era estranho que um homem grande e obviamente robusto fosse aficcionado por livros. Não parecia o típico erudito, nem tampouco parecia que seu lugar estivesse entre as paredes de um escritório, sequer um tão grande como aquele.

—Possui um estabelecimento impressionante, senhor Devlin —disse a ele —Eu não tenho nenhuma dúvida de que todo mundo deve dizer isso.

—Obrigado. Mas, este lugar não se parece nem um pouco ao que será depois das reformas. Apenas acabo de começar.

Devlin sentou-se a seu lado e estirou suas longas pernas para a frente, estudando as ponteiros de seus lustrosos sapatos negros. Estava tão bem vestido como na noite anterior, com um simples, mas moderno traje de corte reto e calças da mesma cor cinza.

—Para onde irá conduzir tudo isso? —Inquiriu Amanda, perguntando-se o que mais ele poderia desejar.

—Este ano vou abrir meia dúzia de lojas por todo país. Em um prazo de dois anos triplicarei esse número. Penso adquirir todo jornal que valha a pena ter e várias revistas.

Amanda não custou nada compreender que essa posição daria a ele um considerável poder político e social. Olhou fixamente aquele jovem de rosto duro que tinha frente a ela com um toque de admiração.

—Você é bastante ambicioso —comentou.

Devlin apenas sorriu.

—Acaso voce não é?

—De modo algum. —Amanda fez uma pausa para refletir alguns segundos sobre o assunto —Não tenho a aspiração de conseguir riqueza nem influência. Apenas desejo segurança e comodidade e, talvez um dia, alcançar certo nível de competência em meu trabalho.

As negras sobrancelhas de Devlin levantaram-se de um modo quase imperceptível.

—Não acredita que já é competente?

—Ainda não. Encontro muitos defeitos em minhas obras.

—Eu não encontro nenhum —respondeu ele com suavidade. Amanda não pôde evitar a onda de rubor que ascendeu de sua garganta ao se ver capturada pelo penetrante olhar de Devlin. Respirou fundo e esforçou-se para impedir que seu cérebro se dissolvesse.

—Pode me agradar o quanto quiser, senhor Devlin —disse —Mas, isso não irá me abrandar nem um pouco. A minha visita tem um único propósito: o de informá-lo de que não penso concordar com seu plano de publicar *Uma Dama Inacabada*.

—Antes que me rejeite de imediato —sugeriu ele amavelmente —Por que você não me deixa explicar? Tenho uma oferta que pode lhe interessar.

— Muito bem.

— Quero publicar *Uma Dama Inacabada* primeiramente na forma de romance em série.

— Um romance em série —repetiu Amanda sem poder acreditar. Sentiu-se insultada por semelhante ideia, pois, todos acreditavam que os romances em série eram de qualidade e importância muito inferiores aos dos romances normais em três volumes —Tirá-lo em séries mensais, com sobrecapas de papel, como uma de suas revistas!

—E depois de ser publicada a primeira parte —prosseguiu Devlin, sem se alterar —voltarei a tirá-lo, desta vez em três volumes, com encadernação de linho, ilustrações em todas as páginas, xilogravuras e fios dourados.

—Por que não publicar assim desde o princípio? Eu não sou uma escritora de romances em série, senhor Devlin, nem desejei ser, jamais.

—Sim, eu sei. —Embora Devlin parecesse relaxado, inclinou-se para frente em sua cadeira e olhou fixamente para ela, com aqueles olhos azuis cheios de energia e calor —Você não pode ser criticada por essa atitude. Muito poucos romances em série que li tinham a qualidade necessária para captar o interesse do público. Além disso, requer um estilo particular. Cada entrega deve ser completa em si mesma, com uma conclusão aberta que faça com que os leitores estejam ansiosos para ler a entrega do mês seguinte. Não é uma tarefa fácil para um escritor.

—Não vejo como *Uma Dama Inacabada* possa se encaixar nessa descrição —disse Amanda com o cenho franzido.

—Claro que sim. Pode ser facilmente dividido em capítulos de trinta páginas, com pontos sensacionais, para que cada parte resulte interessante. Com relativamente pouco trabalho, você e eu poderíamos lhe dar forma para que se adaptasse para a estrutura de um romance em série.

—Senhor Devlin —disse Amanda em tom enérgico —além da minha total falta de interesse em ser conhecida como a autora de um livro em séries, não me entusiasma a perspectiva de aceitar você como meu editor. E também não estou disposta a perder tempo revisando um romance pelo qual me pagaram dez miseráveis libras.

—É obvio.

Antes que Devlin pudesse continuar, o senhor Fretwell entrou na sala carregando uma bandeja de prata com chá. Após depositá-la sobre uma mesinha que havia junto à poltrona de Amanda, serviu uma xícara de porcelana de Sevres e apontou um prato que continha seis perfeitos bolinhos. Cada um, exibia de modo tentador, enfeites de açúcar glaceado sobre sua superfície.

—Prove um, senhorita Briars —incitou o jovem.

—Obrigada, mas não —respondeu Amanda com pesar, sorrindo enquanto ele fazia uma reverência e saía novamente da sala.

Tirou as luvas com movimentos destros e deixou-as sobre o respaldo da poltrona. Em seguida, adicionou leite e açúcar a seu chá e tomou um gole com cuidado. Tratava-se de um chá suave e saboroso. Não pôde deixar de pensar quão bem o acompanharia uns bolinhos.

No entanto, uma constituição como a sua, notava os efeitos de um caramelo ou pastel, fazendo com que ficasse mais ajustada a roupa. A única maneira de conservar sua cintura consistia em evitar os doces e fazer frequentes caminhadas a passo rápido.

Parecia uma loucura, mas teve a impressão de que o homem sentado ao seu lado havia lido o seu pensamento.

—Aceite um bolinho —disse em tom tranquilo —Se está preocupada com sua figura, permita que lhe assegure que é esplêndida em todos os sentidos. Na verdade, eu sou o mais adequado para dizer.

Amanda se sentiu inundada por uma sensação violenta e tediosa.

—Já estava dizendo para mim mesma que estava demorando muito para vir à tona o desagradável tema daquela noite. —Estendeu uma mão para pegar um bolinho, mordeu e olhou furiosa para Devlin.

Este sorriu de orelha a orelha e apoiou os cotovelos nos joelhos, sem deixar de olhá-la fixamente.

—Desagradável, certamente não.

Ela mastigou o bolinho vigorosamente e esteve a ponto de engasgar com um gole de chá.

—Claro que foi! Fui enganada e você me faltou com respeito. Nada me agradaria mais que esquecer todo esse assunto.

—Pois eu não penso permitir que esqueça —assegurou Devlin —Mas, quanto a faltar com respeito... Não foi precisamente como se eu tivesse saído das sombras e me lançado sobre você. Você me animou a continuar, quase passo a passo.

—Porque você não era o homem que eu acreditava que era! E tenho a intenção de averiguar por que a intrigante da senhora Bradshaw enviou você no lugar do homem que deveria me enviar. Quando sair daqui, irei ver a senhora Bradshaw e exigirei uma explicação dela.

—Deixe que eu faça isso. —Embora seu tom fosse natural, via-se claramente que o assunto não dava brechas para discussões —Eu também tinha pensado em visitá-la hoje. Não há motivo para que você arrisque sua reputação indo até seu estabelecimento. De qualquer forma, dará mais explicações a mim do que jamais daria a você.

—Já sei o que vai dizer. —Amanda mantinha os dedos fechados ao redor da xícara de chá quente —Está claro que se divertiu a nossas custas.

—Veremos.

Devlin se levantou para atizar o fogo e separou a grade para recolocar lenha com diligentes movimentos do atizador de ferro.

Amanda ficou hipnotizada ao vê-lo. Iluminado pelo intenso brilho das chamas, parecia que sua tranquila autoconfiança se equilibrava por algo que não tinha visto nele, uma tenacidade que não conhecia limites.

Ela percebeu que era um homem capaz de cortejar, persuadir, argumentar, talvez oprimir e ameaçar a qualquer um que se pusesse em seu caminho. Meio irlandês, não possuía boa família, apesar de seu porte e aparência. Todo aquele sucesso devia significar uma vitória conquistada com afínco.

Sem dúvida, havia trabalhado e se sacrificado muito. Se não fosse um canalha tão arrogante e capaz de irritar qualquer um, encontraria nele muitas coisas admiráveis.

—Dez miseráveis libras —disse Devlin, fazendo-a voltar ao tema anterior da conversa, sobre o valor cobrado pelo romance sem publicar —E um contrato de direitos autorais se o livro chegasse a ser publicado, não?

Amanda sorriu com ironia e encolheu os ombros.

—Bem, já sabia que existiam poucas possibilidades de que cobrasse algo. Os autores não têm como obrigar um editor a apresentar contas de seus gastos. Eu estava certa de que o senhor Steadman afirmaria que não havia benefícios, independentemente das vendas.

De repente, o semblante de Devlin ficou sem expressão.

—Dez libras era uma soma considerável para um primeiro romance. No entanto, seu trabalho agora vale muito mais. É obvio que não posso esperar contar com a sua colaboração, a menos que lhe ofereça um valor aceitável por *Uma Dama Inacabada*.

Amanda voltou a verter chá em sua xícara e fez todo o possível por aparentar desinteresse por aquela conversa.

—Qual soma você consideraria “aceitável”, posso saber?

—Para fazer honra, justiça e uma relação de trabalho amistosa, estou disposto a pagar cinco mil libras pelos direitos de *Uma Dama Inacabada*, para publicá-la tal como descrevi, primeiro em forma de romance em série e mais tarde, em uma edição de três volumes. Além disso, pagarei o valor total adiantado, ao invés de dividir em pagamentos mensais, conforme vá sendo publicado. —Arqueou uma sobrancelha em gesto interrogante —O que acha disso?

Amanda esteve a ponto de deixar cair a colher. Com torpes movimentos, colocou um pouco mais de açúcar no chá e começou a mexer, ouvindo um zumbido do seu cérebro. Cinco mil... Era quase o dobro do que lhe haviam pago por seu último romance e nesta ocasião, tratava-se de um trabalho concluído, em sua maior parte.

Sentiu como retumbava seu coração contra as costelas. Aquela oferta parecia boa demais para ser verdade. Mas, a desvantagem era que ela poderia perder muito de seu prestígio se o romance saísse em forma de série.

—Suponho que sua oferta merece ser estudada —disse com toda prudência —embora não goste da ideia de que me conheçam como uma romancista de revistas.

—Nesse caso, permita-me dar-lhe alguns números para considerar melhor a proposta, senhorita Briars. Estimo que serão vendidos três mil exemplares de seu último romance.

—Três mil e quinhentos —replicou Amanda na defensiva.

Devlin assentiu e seus lábios se curvaram em um leve sorriso.

—Um número impressionante para um romance de três volumes. No entanto, se você me der permissão para publicar uma edição em série pelo preço de um xelim, começaremos lançando dez mil exemplares e estou totalmente seguro de duplicar essa quantidade no mês seguinte. Quando a última parte for publicada, estarei editando uns seis mil exemplares. Não, senhorita Briars, não é uma piada, sempre estou sóbrio ao falar de negócios. Certamente você já ouviu falar do jovem Dickens, o repórter do *Evening Chronicle*. Ele e o seu editor, Bentley, estão vendendo pelo menos cem mil exemplares por mês dos *papeles del club Pickwick*.

—Cem mil —repetiu Amanda sem se incomodar em dissimular seu assombro.

Ela e todas as pessoas cultas de Londres já conheciam o senhor Charles Dickens, uma vez que seu romance em série *Pickwick* havia encantado o público com sua vivacidade e seu humor. Cada entrega era esperada com expectativa pelos representantes dos livreiros do Dia das Revistas. Em todos os bares e cafés ouviam-se conversas e frases de cada capítulo.

Os lojistas guardavam atrás do balcão exemplares para ler no tempo livre, os estudantes escondiam entre as páginas de seus livros de gramática, apesar dos severos castigos que receberiam se chegassem a descobrir suas transgressões. No entanto, apesar do entusiasmo que mostrava o público com *Pickwick*, Amanda não imaginava que Dickens vendesse tanto.

— Senhor Devlin —disse, pensativa —Nunca me acusaram de pecar por modéstia, seja falsa modéstia ou outra forma. Já sei que como romancista, possuo certa capacidade. Mas, o meu trabalho não é comparável ao do senhor Dickens. O que eu escrevo não é humorístico, nem sou capaz de imitá-lo.

—Eu não quero que imite ninguém. Desejo publicar um romance em série, escrito com o seu estilo, senhorita Briars, algo impactante e romântico. Prometo a você que o público seguirá *Uma Dama Inacabada* até a última letra, com tanta fidelidade como lê os seriados mais humorísticos.

—Não pode garantir uma coisa assim —disse Amanda.

Os dentes brancos de Devlin relampejaram em um repentino sorriso.

—Não, mas estou disposto a correr o risco se você também estiver. Com êxito ou não senhorita Briars, você terá o dinheiro no bolso e poderá passar o resto de sua vida escrevendo romances de três volumes, se for esse o seu desejo.

Em seguida, assustou Amanda ao inclinar-se sobre sua poltrona, apoiando as mãos nos antebraços da poltrona de mogno. Não poderia se levantar, caso desejasse fazê-lo, sem chocar-se contra o corpo de

Jack. Notava como as pernas de Devlin roçavam a parte dianteira de sua saia.

—Diga que sim, Amanda —a incitou —Não se arrependerá.

Amanda recostou-se com força contra o encosto da poltrona. Os olhos azuis de Devlin, capazes de desarmá-la, formavam parte de um rosto de tal perfeição e beleza masculina que parecia tirado de um quadro ou de uma escultura. Sem dúvida, em seu aspecto não havia nada de aristocrático. Possuía algo primitivo, uma sensualidade que era impossível ignorar. Parecia com um anjo, no entanto se tratava de um anjo caído.

Todo seu ser vibrou em reação à sua proximidade. Percebeu o aroma intoxicante de seu corpo, o cheiro de homem que havia ficado para sempre impresso em sua memória. Era difícil pensar com clareza, pois só o que desejava era segurá-lo e deslizar as mãos dentro de suas roupas. Em algum lugar recôndito de seu cérebro compreendeu com ironia e desespero, que o encontro que havia mantido com ele não serviu de nada para calar suas indesejadas necessidades físicas.

Se aceitasse a sua oferta, teria que vê-lo, falar com ele e esconder, de algum modo, a traiçoeira reação que provocava nela. Não havia nada mais digno de lástima, mais risível, que uma solteirona frustrada sexualmente perseguindo um homem elegante, arquétipo habitual nas comédias teatrais e nos livros humorísticos. Ela não deveria se colocar numa situação assim.

—Temo que não posso aceitar —respondeu, procurando imprimir um tom firme de rechaço. No entanto, sua voz soou, por desgraça, arquejante. Tentou desviar o olhar, mas de pé e inclinado sobre ela como estava, seu rosto e seu corpo ocupavam todo seu campo de visão —Eu... Eu... sinto uma certa lealdade com o meu atual editor, o senhor Sheffield.

Devlin soltou uma risada não muito lisonjeira.

—Cria-me —zombou —Sheffield sabe muito bem que não pode confiar na lealdade de um autor. Não o surpreenderá que você deserte.

Amanda olhou-o carrancuda.

—Está insinuando que pode me comprar, senhor Devlin?

—Pois sim, senhorita Briars, creio que sim.

Ficaria encantada em demonstrar a ele que estava equivocado, mas a ideia das cinco mil libras era muito tentadora para resistir. Seus olhos se entrecerraram ao franzir o cenho.

—E o que fará se eu rejeitar sua oferta? —Disse ela.

—Publicarei seu livro de qualquer forma e respeitarei o contrato de direitos autorais que você tinha com Steadman. Mesmo assim ganhará dinheiro, querida, mas não tanto quanto lhe propus.

—E sobre sua ameaça de contar a todo mundo sobre a noite em que nós dois...? —Atrapalhou-se com as palavras, formando um nó na garganta. Tragou saliva e prosseguiu —Ainda tem a intenção de me chantagear com o fato de que você e eu...?

—Quase fizemos amor? —Sugeriu ele pretendendo ajudar, olhando para ela fixamente de um modo que deixou-a ruborizada.

—O amor não tem nada que ver com aquilo —replicou ela.

—Talvez não —admitiu Devlin, rindo suavemente —Mas, não levemos as negociações a esse nível, senhorita Briars. Por que não se limita a aceitar minha oferta para que eu não tenha que recorrer a medidas drásticas?

Amanda abriu a boca para formular outra pergunta, quando, de repente, a porta balançou devido ao golpe de um punho ou talvez de uma bota.

—Senhor Devlin. —OuvIU-se a voz amortecida de Oscar Fretwell —Senhor Devlin, me parece que não posso... Uf Em seguida, ouviram ruídos de luta do outro lado da porta. O sorriso de Devlin desapareceu. Ele se voltou para a porta com uma súbita careta de preocupação.

—Que diabos...? —Murmurou, enquanto se dirigia a passos longos até a porta. Parou de repente ao ver que a porta se abria de um golpe, mostrando um cavalheiro corpulento e de expressão furiosa, com

suas elegantes roupas desordenadas e a peruca cor castanha torcida. Acompanhava um acre aroma de álcool, muito evidente de onde estava sentada Amanda. Esta enrugou o nariz com desagrado e se perguntou como podia um homem ter bebido tanto, aquela hora do dia.

—Devlin —rugiu o homem, fazendo tremer suas bochechas com a força de sua cólera —Tenho te encurralado como uma raposa e não poderá escapar de mim! Vai pagar pelo que fez!

Justo atrás dele, Fretwell tentava se safar do robusto companheiro do recém- chegado, que parecia uma espécie de assassino contratado.

—Senhor Devlin —disse Fretwell com voz afogada —tenha cuidado. Este é lorde Tirwitt... O que... Enfim, pelo visto, crê que foi caluniado no livro da senhora Bradshaw...

Tirwitt fechou a porta no nariz de Fretwell e se voltou para Devlin brandindo um robusto bastão prateado. Com movimentos torpes, pressionou uma mola escondida no cabo e uma lâmina de dois gumes saiu do extremo, convertendo o bastão em uma arma mortal.

—Demônio do inferno —disse com violência, olhando para Devlin com seus olhos escuros e reluzentes no rosto congestionado —Penso me vingar de você e dessa maldita bruxa da senhora Bradshaw. Por cada palavra que publicou sobre mim, vou cortá-los em fatias e dar de comer aos...

—Lorde Tirwitt, é assim como se chama? —O penetrante olhar de Devlin se cravou na cara inchada do homem —Se baixar essa maldita coisa, falaremos de seu problema como seres racionais. Caso não tenha percebido, há uma dama presente. Deixaremos que ela se vá e logo...

—Qualquer mulher que esteja em sua empresa não é uma dama —zombou Tirwitt, gesticulando de maneira selvagem com o bastão de ponta de lança —Eu não a teria em melhor consideração que essa puta da Gemma Bradshaw.

O semblante de Devlin adquiriu uma expressão de sanguinária frieza. Deu um passo à frente, sem se preocupar com a ameaça que se supunha ser o bastão.

Naquele momento, Amanda se apressou a intervir.

—Senhor Devlin —disse em voz alta —Acho bastante notável esta representação. Trata-se de alguma farsa que preparou com o afã de me assustar e me fazer assinar um contrato? Ou você tem o hábito de receber em seu escritório pessoas que perderam o juízo?

Tal como tinha previsto, Tirwitt voltou sua atenção para ela.

—Sim, eu perdi o juízo —gritou —é porque me destruíram a vida. Virei motivo de chacota, por causa da maldosa leva de mentiras e invenções que publicou este mal nascido. Destrói a vida das pessoas por dinheiro. Ah, mas chegou o momento de receber o castigo que merece!

—No livro da senhora Bradshaw não é mencionado seu nome em nenhum momento —disse Devlin com calma —Todos os personagens estão dissimulados.

—Há certos detalhes de minha vida pessoal que mostraram sem pudor algum... O suficiente para deixar perfeitamente clara minha identidade. Minha esposa me abandonou, meus amigos me deram as costas. Tiraram-me tudo o que me importava. —Tirwitt respirava com agitação e sua cólera desmandada ia aumentando pouco a pouco. —Não tenho mais nada a perder —sussurrou —Penso arrastá-lo comigo, Devlin.

—Esto é uma loucura —interrompeu Amanda —Atacar desta maneira. É ridículo, milorde. Jamais presenciei um comportamento tão ultrajante. Inclusive eu mesma me sinto tentada de descrevê-lo em um de meus livros.

—Senhorita Briars —disse Devlin com precaução —esta seria uma boa ocasião para que mantivesse a boca fechada. Deixe-me lidar com o assunto.

—Não há nenhum assunto com que lidar! —Gritou Tirwitt, arremetendo igual um touro ferido e esgrimindo a folha de aço em um rápido movimento. Devlin saltou para o lado, mas não antes que a lâmina o alcançasse e rasgasse o tecido de seu paletó e de sua camisa.

—Esconda-se atrás da mesa —ordenou Amanda.

Amanda se encostou contra a parede, contemplando a cena com assombro. Aquela lâmina devia estar muito afiada, pensou, para ter aberto com tanta facilidade através das camadas de roupa. No tecido se formou uma mancha de cor vermelha. Devlin, que caminhava rapidamente rodeando a sala, parecia não se dar conta da ferida que tinha na cintura.

—Ja conseguiu o que queria —disse Devlin com voz grave e a vista cravada nos olhos do outro —Agora abaixe essa coisa ou do contrário estará confinado em um calabouço de Bow Street.

A visão do sangue pareceu estimular em lorde Tirwitt o desejo de provocar que brotasse em abundância.

—Não fiz mais que começar —disse com voz espessa —Vou te cozinhar como um peru de Natal antes que destrua mais vidas. O público me agradecerá.

Naquele momento, Devlin deu um salto para trás com uma impressionante agilidade, enquanto o mortífero bastão silvava cortando o ar uma vez mais, errando por muito pouco.

—O público também gostará de te ver enforcado a mercê do vento.S empre gostam de um bom enforcamento, verdade?

Amanda estava impressionada pela presença de ânimo de Devlin num momento como aquele. Entretanto, via-se claramente que lorde Tirwitt estava muito enlouquecido para se preocupar com as consequências de seus atos. Continuava abusando de sua vantagem, fazendo manobras com seu bastão na tentativa de despojar Devlin de uma outra parte de sua anatomia.

Devlin posicionou-se contra a mesa do escritório. Apalpou a borda da mesa que se apoiava contra a parte posterior de suas cadeiras e agarrou um dicionário encadernado em couro para usar como escudo. A folha da faca atravessou a capa e então Devlin jogou o grosso volume em seu adversário. Lord Tirwitt girou para um lado e deteve o forte impacto com o ombro, fez um ruído raivoso ao absorver a dor e, em seguida, balançou-se sobre Devlin brandindo de novo o bastão.

Enquanto os dois homens lutavam, Amanda percorreu a sala com o olhar até reparar no jogo de utensílios de ferro que havia junto a lareira.

—Perfeito —sussurrou, enquanto se apressava em agarrar o longo atizador com cabo de cobre.

Lorde Tirwitt estava muito envolvido em sua tentativa de assassinar Jack para se dar conta de que ela se aproximava pelas costas. Segurando o atizador com ambas as mãos, Amanda levantou no ar aquela improvisada arma. Logo a fez descer com toda a força que considerou necessária, apontando na nuca do sujeito. Sua intenção era deixá-lo inconsciente, sem chegar a matá-lo.

No entanto, ela não era muito versada na arte do combate. A princípio não o golpeou com força suficiente. Era uma sensação curiosa golpear um homem no crânio com um atizador. Suas mãos tremeram por causa do impacto seco e horripilante da ferramenta.

Para sua consternação, lorde Tirwitt voltou-se no mesmo instante e olhou-a de frente com uma divertida expressão. O bastão com ponta de faca vibrava em suas mãos gordinhas. Amanda deu outra investida, desta vez na frente e fez uma careta ao sentir o golpe.

Lorde Tirwitt caiu no chão enquanto fechava os olhos. Amanda soltou o atizador no mesmo momento e ficou ali, de pé, um tanto impressionada, observando como Devlin se agachava junto ao ferido.

Capítulo 5

—Eu o matei? —Perguntou preocupada.

—Não, não o matou —Devlin respondeu à ansiosa pergunta de Amanda —É uma lástima, mas, viverá.

Passou por cima do homem inconsciente, correu para a porta e, ao abri-la, deparou-se com o rosto expectante do assassino contratado. Antes que este tivesse tempo para reagir, Devlin lhe deu um murro no estômago. Um golpe que o fez se dobrar com um gemido e cair em seguida no chão.

—Fretwell —chamou Devlin, elevando a voz. Poderia pensar que estava pedindo outra bandeja de chá

—Fretwell, onde está?

O gerente apareceu em menos de um minuto, arquejando por causa do esforço. Ficou muito aliviado ao ver que seu chefe estava bem. Atrás dele, vinham dois indivíduos fortes e musculosos.

—Acabo de pedir para que venha um policial de Bow Street —disse Fretwell sem fôlego —E trouxe dois rapazes do armazém para deter este... —lançou um olhar de desagrado ao bandido —este lixo —terminou com uma careta.

—Obrigado —respondeu Devlin sarcasticamente —Bom trabalho, Fretwell. No entanto, a senhorita Briars teve a situação sob controle.

—A senhorita Briars? —O gerente lançou um olhar de assombro a Amanda, de pé, junto ao corpo desmaiado de Tirwitt —Você quer dizer que ela...?

—Deixou-o inconsciente com um golpe —disse Devlin e logo lhe tremeram as comissuras dos lábios devido ao irreprimível impulso de sorrir.

—Antes que continue divertindo-se às minhas custas —disse Amanda —poderia pedir para alguém cuidar dessa ferida, senhor Devlin? A não ser que queira sangrar diante de nós.

—Deus santo! —Exclamou Fretwell, percebendo a mancha de sangue que se distendia sobre o colete de listras cinzas de Devlin —Chamarei um médico. Eu não tinha percebido que esse louco o havia ferido, senhor.

—Não é mais que um arranhão —respondeu Devlin com desdém —Eu não preciso de nenhum médico.

—Eu acho que sim. —O semblante de Fretwell tornou-se pálido e cinzento ao contemplar as roupas de seu chefe tingidas de vermelho.

—Vou dar uma olhada na ferida —disse Amanda em tom firme. Depois de passar tantos anos junto ao leito de dois enfermos, não a assustava a visão do sangue —Senhor Fretwell, encarregue-se que retirem lorde Tirwitt desta sala. Eu me ocuparei da ferida. —Olhou nos olhos cor índigo de Devlin —Tire o casaco, por favor, e sente-se.

Devlin obedeceu. Puxou as mangas do casaco com uma careta de dor. Amanda correu para ajudar, supondo que, àquela altura, o corte que tinha nas costas devia estar doendo como o diabo. Embora não fosse mais que um arranhão, tinha que limpar. Deus sabia com que outros fins havia sido utilizado anteriormente aquele bastão com ponta de faca.

Amanda pegou o casaco de Devlin e dobrou-o com cuidado, colocando sobre o encosto de uma cadeira próxima. O tecido conservava o calor e o aroma de seu corpo. Era uma fragrância inexplicavelmente sedutora, quase de efeito narcótico e, durante um instante de loucura, Amanda sentiu-

se tentada a enterrar o rosto naquele embriagador tecido.

A atenção de Devlin estava fixa nos homens do armazém, ocupados no trabalho de levar o corpo inerte de Lorde Tirwitt. O agressor emitia um gemido de protesto e Devlin fez um gesto de perversa satisfação.

—Espero que esse bastardo acorde com uma dor de cabeça de mil demônios —disse —Tomara que...

—Senhor Devlin —interrompeu Amanda, enquanto o empurrava para trás, até que ficou sentado na borda da mesa de mogno —Não há dúvida de que você possui um impressionante repertório de palavras grosseiras, mas não tenho o menor desejo de ouvi-las.

Os dentes brancos de Devlin apareceram em um breve sorriso. Permaneceu muito quieto enquanto Amanda tirava a gravata de seda cinza, introduzindo os dedos no simples laço. Após retirar a peça de seda morna de seu pescoço e começar a soltar os botões da camisa, experimentou uma sensação de incômodo ao perceber o modo que ele olhava para ela. Seus olhos azuis expressavam calidez e sarcasmo ao mesmo tempo, não deixando margem para dúvidas: estava gostando da situação.

Esperou até que Fretwell e os homens do armazém saíssem do escritório para falar.

—Aparentemente, você sente certa predileção por me tirar a roupa, Amanda.

Amanda deteve-se nos botões da camisa. Suas faces avermelharam-se, mas obrigou-se a sustentar o olhar dele.

—Não confunda minha compaixão pelas criaturas feridas com algum tipo de interesse pessoal, senhor Devlin. Em certa ocasião, enfaixei a pata de um cão de rua que encontrei no povoado. Colocaria você na mesma categoria que ele.

—Meu anjo misericordioso —murmurou Devlin, com a diversão refletida nos olhos. Em seguida ficou em silêncio, enquanto ela continuava desabotoando a camisa.

Amanda tinha ajudado muitas vezes seu pai a se vestir e a se despir, de modo que não era muito sensível a esse respeito. No entanto, uma coisa era ajudar um inválido, e outra completamente diferente, era tirar a roupa de um homem viril, jovem e saudável.

Ajudou a tirar o colete manchado de sangue e terminou de soltar a fileira de botões da camisa até que ficou aberta. A cada centímetro de pele que deixava exposta, maior era a intensidade que lhe ardia o rosto.

—Eu faço isso —disse Devlin, adotando subitamente uma atitude brusca, quando ela foi pegar os punhos da camisa. Desabotoou com gestos precisos, via-se claramente que a ferida lhe doía —Maldito Tirwitt —grunhiu —Se a ferida infeccionar, penso ir atrás dele e...

—Não vai infeccionar —replicou Amanda —Eu a limparei completamente e enfaixarei. Dentro de um ou dois dias você pode retornar as suas atividades.

Com suavidade, retirou a camisa dos largos ombros e viu como sua pele dourada brilhava à luz das chamas. Em seguida, enrolou a roupa ensanguentada e usou para tampar a ferida. Foi um corte de cerca de quinze centímetros, localizado logo abaixo do lado esquerdo das costelas. Tal como havia dito Devlin, era apenas um arranhão, embora bastante grave. Amanda apertou o tecido macio da camisa contra a ferida e sustentou-o assim por um momento.

—Tenha cuidado —disse Devlin em voz baixa —Irá manchar o vestido.

—Posso lavá-lo —respondeu ela, decididamente —Senhor Devlin, tem aqui algum tipo de licor? Conhaque, talvez?

—Whisky. Nesse armário pequeno ao lado da estante. Por que, senhorita Briars? Sente a necessidade de se fortalecer para olhar para meu corpo nú?

—Você é um convencido insuportável — disse Amanda, embora não tenha podido reprimir um repentino sorriso, ao olhar fixamente nos olhos dele, que estavam cheios de diversão —Não, minha intenção é usá-lo para limpar a ferida, Continuou apertando a camisa contra a costela de Devlin, tão próxima dele que seu joelho esquerdo se perdia em algum ponto entre as ruidosas pregas de sua saia. Devlin permaneceu imóvel, sem fazer o menor esforço por tocá-la, mantendo sua posição meio sentado.

As calças cinza ajustavam-se à perfeição em suas coxas, seguindo o duro contorno dos músculos. Como se quizesse demonstrar que não era uma ameaça para Amanda, inclinou-se para trás agarrando com as mãos a borda da mesa, com o corpo relaxado e imóvel.

Amanda procurou não olhar para ele abertamente, mas, sua maldita curiosidade não conhecia limites. Devlin era um ser esbelto e musculoso, como o tigre negro e dourado que havia visto no zoológico.

Despojado de suas roupas, ele parecia ainda mais corpulento, seus ombros largos e seu torso alongado erguiam-se sobre ela. A textura de sua carne era forte e dura, coberta por uma pele que parecia resistente, mas sedosa ao mesmo tempo. Amanda tinha visto estátuas e ilustrações do corpo masculino, mas nada daquilo jamais transmitiu semelhante sensação de calor, de força vital, de potente virilidade.

E, por alguma razão, as representações artísticas omitiam alguns detalhes fascinantes, como as matas de cabelo negro que havia nas axilas, os pontos pequenos e escuros que constituíam os mamilos e o salpicado cabelo crespo, que iniciava justo abaixo do umbigo e desaparecia após a cintura da calça.

Recordou o notável calor que irradiava aquele corpo, a sensação que lhe causou esmagando seus seios contra aquela pele lisa e masculina. Antes que Devlin pudesse notar o súbito tremor em suas mãos, separou-se dele e foi até o armário que havia atrás da mesa. Encontrou uma licoreira de cristal cheia de um líquido ambarino.

— Este é o whisky? — Perguntou, mostrando-o, Devlin assentiu. Amanda contemplou com curiosidade a licoreira. Os cavalheiros que ela havia conhecido bebiam o porto, xerez, madeira e conhaque, mas aquele licor era-lhe desconhecido — O que é exatamente o whisky?

— Uma bebida alcoólica elaborada com malte de centeio — respondeu Devlin com voz rouca e grave — Poderia me servir um copo?

— Não é muito cedo para isso? — Replicou Amanda em tom cético, enquanto tirava um lenço da manga.

— Eu sou irlandês — ele lembrou — Além disso, foi uma manhã difícil.

Amanda derramou cuidadosamente um dedo de whisky em um copo e molhou o lenço com um generoso jorro da garrafa.

— Sim, eu compreendo... — começou a dizer, mas então virou-se para ele e ficou calada. Por trás da mesa, dispunha de um panorama sem obstáculos, das costas nuas de Devlin. Uma visão que a sobressaltou de forma inesperada. Aquela ampla superfície, que ia se estreitando até formar uma cintura delgada. Era desenvolvida e musculosa, vibrante de força. No entanto, a pele estava cravejada por marcas longitudinais de algum antigo traumatismo. Cicatrizes, produto de surras e castigos brutais. Havia inclusive algumas protuberâncias brancas que contrastavam com a pele mais escura que as circulava.

Devlin olhou para trás, alertado por aquele repentino silêncio. A princípio, seus olhos azuis mostraram uma expressão interrogativa, mas, quase imediatamente, compreendeu o que Amanda havia visto. Seu semblante tornou-se frio e reservado, e os músculos de seus ombros se avultaram visivelmente, devido a tensão.

Arqueou apenas uma sobrancelha e Amanda surpreendeu-se ao fixar-se na expressão orgulhosa, quase aristocrática de suas feições. Devlin a desafiava em silêncio a fazer algum comentário sobre uma questão que, obviamente, não era apropriado falar. Com aquela particular expressão, bem poderia tê-lo tomado por qualquer membro da aristocracia.

Amanda obrigou-se a manter o semblante carente de toda expressão e tratou de recordar o que havia dito Devlin... algo sobre uma manhã difícil.

— Sim — disse em um tom de voz sem inflexões, rodeando a mesa com a garrafa de whisky na mão — compreendo que não esteja acostumado que tentem assassinar você em seu escritório.

— Não no sentido literal — respondeu ele com ironia.

Pareceu relaxar ao se dar conta de que Amanda não ia perguntar pelas cicatrizes. Aceitou o copo de whisky e bebeu de um só gole.

Amanda ficou hipnotizada pelo movimento de sua longa garganta. Sentiu vontade de tocar aquela

morna coluna, de apertar a boca contra o espaço triangular que se desenhava na base da mesma. Sua mão livre fechou-se com força, em um punho. Deus do céu, tinha que controlar aqueles impulsos.

Devlin deixou o copo de lado e cravou seu brilhante olhar em Amanda.

—De fato —murmurou —a parte difícil não foi a interrupção de Lorde Tirwitt. O que está me causando problemas esta manhã é o esforço que me custa não tocar em você.

Aquela declaração não era o que se diz como romântica, mas, certamente mostrou-se bastante eficaz. Amanda piscou os olhos surpresa. Com muito cuidado, estendeu o braço e retirou a camisa manchada de sangue das costelas de Devlin e, em seguida, aplicou sobre a ferida um lenço molhado com whisky.

Devlin estremeceu ao sentir a pontada do primeiro contato, deixando escapar um gemido. Amanda voltou a tocar a ferida com suavidade. Ele exortou uma maldição e retrocedeu para evitar o tecido empapado em licor.

Amanda continuou limpando o corte.

—Em meus romances —disse, para continuar a conversa —o herói sempre ignora a importância da dor, por mais intensa que seja.

—Sim, mas eu não sou um herói —grunhiu Devlin —E isso dói como o diabo! Maldição, não poderia ser um pouco mais delicada?

—Físicamente, você tem as proporções próprias de um herói —observou Amanda —No entanto, aparentemente, a estatura de sua personalidade é muito menos impressionante.

—Bom, nem todos podemos ter a magnífica personalidade que você tem, senhorita Briars. —Seu tom estava cheio de sarcasmo.

Amanda, incomodada, passou o lenço inteiro empapado de whisky sobre a ferida, o que arrancou um agudo gemido dos lábios de Devlin. Ele teve que fazer um esforço para dominar a súbita pontada de dor. Seus olhos entrecerrados prometiam uma contundente réplica.

Ambos foram distraídos naquele momento por um repentino ruído afogado, que provinha de algum lugar próximo e voltaram o olhar a tempo para descobrir que Oscar Fretwell havia entrado na sala. A princípio, Amanda achou que ele estava descomposto pela visão do sangue de Devlin. No entanto, pelo rígido tremor de sua boca, seus olhos lacrimejantes, mais parecia que... ria? E que diabos era tão engraçado?

Fretwell, demonstrando um grande domínio, lutou para se controlar.

— Eu... Isso... Eu trouxe ataduras e uma camisa limpa, senhor Devlin.

— Sempre tem preparada uma muda de roupa no local de trabalho, senhor Devlin? —Perguntou Amanda.

—Oh, sim —respondeu Fretwell em tom jovial, antes de que seu chefe pudesse contestar —Manchas de tinta, líquidos que derramam, aristocratas intrusos... Nunca se sabe o que pode ocorrer. Melhor é estar preparado.

—Pode ir, Fretwell —disse Devlin em tom severo. O gerente obedeceu sem perder o sorriso.

—Gosto desse senhor Fretwell —comentou Amanda pegando uma atadura, depois de ter limpado a ferida.

—Você gosta de todo mundo —replicou Devlin com secura.

—Como ele acabou trabalhando para você? —Amanda começou a enrolar a atadura com cuidado ao redor da magra cintura de Devlin.

—Eu o conheço desde que éramos meninos —respondeu ele, sustentando em seu lugar a ponta extrema da tira de linho —Fomos juntos para a escola. Quando decidi me meter no negócio editorial, ele e alguns companheiros de classe decidiram me seguir. Um deles, o senhor Guy Stubbins, cuida de minhas contas e controla os livros. O outro, o senhor Basil Fry, supervisiona os meus negócios no estrangeiro. E Will Orpin se encarrega da seção de encadernação.

—Em qual escola estudou?

Transcorreram alguns segundos sem resposta. No rosto de Devlin não se via expressão alguma. Na verdade, Amanda pensou que talvez não tivesse ouvido, e começou a repetir a pergunta.

—Senhor Devlin...

—Um lugar pequeno nas montanhas —disse ele secamente —Certamente não o conhece.

— Nesse caso, por que não me dizer... —Terminou de colocar a atadura e a fixou em seu local.

—Dê-me a camisa —interrompeu Devlin.

Quase vibrava no ar a causa da tensão que provocou sua irritação. Com um leve encolhimento de ombros, Amanda deixou o assunto de lado e foi pegar a camisa cuidadosamente dobrada. Desdobrou-a de uma sacudida e desabotoou o primeiro botão com habilidade. Guiada pela força do costume, segurou-se para Devlin com gesto tão experiente como um valete veterano, como tinha feito tantas vezes para seu pai.

—Vê-se que você possui uma notável habilidade com a roupa masculina, senhorita Briars —comentou Devlin, enquanto abotoava a camisa sem ajuda, ocultando aquela riqueza muscular sob o linho branco e limpo.

Amanda virou-se e desviou do olhar dele quando ele colocou a camisa dentro das calças. Pela primeira vez desfrutou da liberdade que lhe proporcionava o fato de ser uma solteirona trintona. Aquela era uma situação comprometedora que nenhuma colegial virgem poderia presenciar, jamais. Ela podia fazer o que quisesse, por causa de sua idade.

—Cuidei do meu pai durante os dois últimos anos de sua vida —disse, respondendo ao comentário de Devlin —Era uma pessoa inválida e necessitava que o ajudasse com a roupa. Eu me fiz de valete, cozinheira e enfermeira, sobretudo, quando estava próximo do fim.

A expressão de Devlin pareceu mudar e seu gesto de aborrecimento desapareceu.

—Voce é uma mulher muito capaz —disse, sem rastro algum de ironia.

De repente, Amanda viu-se surpreendida por seu cálido olhar e, de alguma maneira, compreendeu que ele entendia muitas coisas dela: como havia sacrificado os últimos e preciosos anos de sua juventude, movida pela obrigação e o amor, da pressão inexorável da responsabilidade... e o fato de que tivesse escassas ocasiões para flertar, rir e agir com total descontração.

Percebeu uma mudança em seus lábios, com a promessa de um sorriso e a resposta de Amanda foi alarmante. Havia nele uma chispa de travessura, a sensação de uma irreverente vontade de jogar, que a desconcertava. Todos os homens que ela conhecia, especialmente aqueles que eram bem sucedidos, eram sérios ao extremo. Não sabia o que pensar de Jack Devlin.

Buscou algo às cegas, o que fosse, com intuito de romper o íntimo silêncio que se havia estabelecido entre eles.

—O que a senhora Bradshaw escreveu sobre Lorde Tirwitt para que ele reagisse desse modo?

—Conhecendo como funciona sua mente, não me surpreende que me pergunte.

Devlin se dirigiu a uma estante e percorreu com o olhar as fileiras de volumes. Finalmente, retirou um livro encadernado em tecido e o entregou a Amanda.

— *Os Pecados de Madame B* —ela leu com o cenho franzido.

— Um presente para você —disse Devlin —Fala das desventuras de Lorde Tirwitt no capítulo seis ou sete. Logo descobrirá a razão pela qual ele se sentiu bastante ofendido, a ponto de tornar-se um assassinato.

— Não posso levar esta imundície para casa —protestou Amanda, contemplando o complexo adorno dourado da capa. Em seguida, descobriu que, quando se olhava aquele desenho curvilíneo durante o tempo suficiente, começavam a aparecer formas bastante obscenas. Olhou espantada para Devlin —Por que, se é que posso saber, você acredita que eu vou ler isto?

—A modo de investigação, é obvio —respondeu ele em tom inocente —Você é uma mulher do mundo, não é assim? Além disso, este livro não é grosseiro em absoluto. —Inclinou-se um pouco sobre ela e sua voz aveludada lhe provocou um formigamento de prazer na nuca —Claro que se quiser ler algo

verdadeiramente decadente, poderia lhe mostrar alguns livros que a fariam permanecer avermelhada por um mês inteiro.

—Não duvido —respondeu Amanda com frieza. Havia umedecido as palmas das mãos enquanto segurava o livro. Um intenso calafrio subia por suas costas. Amaldiçoou a si mesma. Agora não podia devolver aquele maldito livro, caso contrário, Devlin veria a marca úmida que haviam deixado suas mãos na capa do livro —Estou certa de que a senhora Bradshaw fez um trabalho excelente ao descrever sua profissão. Obrigada pelo material de investigação.

Nos profundos olhos azuis de Devlin brilhou uma chispa de diversão.

—É o mínimo que posso fazer, depois de você ter despachado com tanta habilidade a Lorde Tirwitt.

Ela encolheu os ombros, como se o que havia feito não fosse importante.

— Se houvesse permitido que o matasse, jamais teria conseguido as cinco mil libras.

—Então decidiu aceitar minha oferta?

Amanda titubeou, mas no final assentiu, embora com o cenho franzido.

—Pelo visto, você estava certo, senhor Devlin: pode me comprar.

—Ah, vá... —Devlin riu em voz baixa —Talvez a console saber que você é mais cara que a maioria.

—Além disso, não sinto o menor desejo de descobrir se você seria capaz de se rebaixar, a ponto de chantagear um autor para que escreva para você.

—Em geral, não faria —assegurou ele, com um brilho malicioso nos olhos —No entanto, nunca desejei um autor tanto como agora.

Amanda aferrou com mais força o livro ao ver que Devlin se aproximava, que a cercava, movia-se com uma sigilosa lentidão que não demorou em fazer saltar o alarme em todos os seus nervos.

—O fato de que tenha decidido trabalhar com você não lhe dá direito de tomar certas liberdades, senhor Devlin.

—É obvio. —Devlin encurralou-a com facilidade e não deteve-se até tê-la contra a estante, com a nuca encostada nos livros de couro —Apenas esperava concluir o negócio com um aperto de mãos.

—Um aperto de mãos —repetiu ela inquieta —Suponho que isso poderia permitir... —Lançou uma exclamação afogada e mordeu os lábios ao sentir a enorme mão de Devlin fechar-se sobre a sua. Seus curtos dedos, sempre gelados, viram-se engolidos por uma manta quente.

Uma vez que a teve presa, não soltou-a. Aquele não era um aperto de mãos, era um ato de posse. A diferença de estatura entre os dois era tão grande, que Amanda se viu obrigada a inclinar a cabeça num ângulo incomôdo para poder olhá-lo no rosto. Apesar da figura vigorosa e substancial que possuía Amanda, Devlin conseguia fazê-la sentir-se do tamanho de uma boneca.

Algo acontecia com a sua respiração: uma súbita tendência de seus pulmões a inalar muito ar. Seus sentidos dilataram-se e aceleraram devido ao excesso de oxigênio.

—Senhor Devlin —conseguiu dizer, com a mão imóvel e presa na dele —por que insiste em publicar meu romance em série?

—Porque o fato de ler livros não deve ser um privilégio dos ricos. Quero editar bons livros de forma que as massas possam comprá-los. Um pobre necessita dessa evasão muito mais do que um rico.

—Evasão —repetiu Amanda, que nunca havia ouvido descrever um livro de semelhante modo.

—É algo que transporta a mente longe de onde se encontra. Todo mundo tem necessidade disso. Em meu passado houve uma ou duas ocasiões nas quais me pareceu que um livro era a única coisa que podia me manter longe da loucura. Eu...

Calou-se abruptamente e Amanda se deu conta de que não havia sido seu propósito provocar aquela confissão. Fez-se um incômodo silêncio na sala. Só havia o alegre crepitar do fogo. Amanda teve a sensação de que flutuava no ar alguma emoção não expressa. Sentiu vontade de dizer que entendia perfeitamente a que se referia, que ela também tinha experimentado a profunda liberação que podiam suportar as páginas de um livro. Também em sua vida houve momentos de desolação e os livros tinham

sido seu único prazer.

Estavam tão próximos um do outro que Amanda quase podia sentir o calor de seu corpo contra o dela. Teve que morder os lábios para não perguntar a ele sobre seu misterioso passado e por que os livros foram necessários para se evadir. Talvez fosse algo relacionado com as cicatrizes em suas costas.

— Amanda — sussurrou Devlin. Embora não houvesse nada amoroso em seu olhar, nem em sua voz, ela não pôde evitar se lembrar da noite de seu aniversário: a delicadeza com que ele acariciou sua pele, a doçura que havia em sua boca, a suavidade e a densidade de seu cabelo negro entre os dedos.

Buscou com desespero algo adequado para dizer, a fim de romper o feitiço que flutuava entre eles. Tinha que sair daquela situação imediatamente. Mas, temia que, se tentasse dizer algo, começaria a gaguejar e balbuciar como uma juvenzinha nervosa. O efeito que exercia aquele homem sobre ela era assustador.

Foram misericordiosamente interrompidos pela entrada de Oscar Fretwell, que chamou à porta com gesto rotineiro e entrou sem esperar resposta. Em seu enérgico entusiasmo, não se deu conta de que Amanda se separou de Devlin de um salto, enquanto ficava intensamente vermelha.

— Perdoe-me, senhor — disse Fretwell a seu chefe — Mas, acaba de chegar o policial, o senhor Jacob Romley. Já colocou lorde Tirwitt sob custódia e agora deseja interrogar você acerca dos detalhes do incidente.

Devlin não respondeu, apenas olhou Amanda fixamente, tal como um gato faminto, do qual foi tirado um apetitoso rato.

— Tenho que ir — murmurou ela, recolhendo suas luvas da poltrona situada junto à lareira e colococando-as rapidamente — Deixarei você com os seus assuntos, senhor Devlin. Agradecerei que não mencione meu nome ao senhor Romley. Não tenho nenhum desejo de que falem de mim nas páginas policiais e nem em nenhuma outra publicação. Você pode ficar com o mérito de ter deixado fora de combate o lorde Tirwitt.

— Essa publicidade faria com que seus livros vendessem mais — espetou Devlin.

— Quero que meus livros sejam vendidos por sua qualidade, senhor Devlin, não à custa de uma publicidade vulgar.

Ele franziu o cenho com autêntica perplexidade.

— O que importa, enquanto se vendam?

Amanda soltou logo uma gargalhada e se dirigiu ao gerente, que estava aguardando.

— Senhor Frerwell, importaria ao Senhor me acompanhar até a porta?

— Será um prazer.

Fretwell lhe ofereceu o seu braço com galanteio, ela o tomou e ambos abandonaram a sala.

Jack sempre tinha gostado de Gemma Bradshaw, pois, reconhecia que tinham em comum o fato de serem duas almas endurecidas, que tinham conseguido ser alguém em um mundo que oferecia poucas oportunidades aos que vinham das classes baixas. Os dois tinham descoberto muito cedo na vida que as oportunidades eram algo que tinha que saber procurar.

O fato de compreender isso, junto com um pouco de sorte nos momentos certos, permitiu-lhes alcançar o sucesso, em suas respectivas atividades. Ele no mundo editorial e ela no campo da prostituição.

Embora Gemma tivesse começado na rua e, certamente, tinha se dado muito bem, havia chegado rapidamente à conclusão de que a ameaça representada pelas doenças, a violência e o envelhecimento prematuro, não eram para ela. Encontrou um protetor que tinha dinheiro suficiente para financiar a compra de uma pequena casa e, a partir daí, criou o bordel mais bem sucedido de Londres.

A casa de Gemma era administrada de forma inteligente e em um nível elevado. Havia escolhido e treinado suas meninas com muito cuidado. Assegurou-se de que fossem tratadas como artigos de luxo, de alta qualidade, oferecidos a preços astronômicos e, em Londres não faltavam cavalheiros dispostos a pagar por seus serviços.

Embora, Jack apreciasse a beleza das meninas que trabalhavam no elegante edifício de tijolos, com seis colunas brancas na fachada e dez varandas na parte de trás, além dos luxuosos salões e quartos interiores, não havia aceitado a oferta de Gemma, para passar uma noite de graça com uma de suas meninas.

Ele não estava interessado em passar a noite com uma mulher em troca de dinheiro. Ele gostava de conquistar a atenção de uma mulher. Desfrutava da arte da paquera e da sedução e, acima de tudo, não podia resistir a um desafio.

Fazia quase dois anos que tinha feito à senhora Bradshaw a oferta de escrever um livro a respeito das aventuras que tiveram lugar dentro de seu bordel, assim como sobre o misterioso passado da proprietária.

Gemma gostou da ideia, pois, pensou que uma publicação assim, ajudaria o seu negócio e melhoraria sua reputação, como a dama de maior sucesso de Londres. Além disso, sentia um justificado orgulho por tudo que conseguiu e não se envergonhava de alardeá-lo.

Com a ajuda de um dos autores de Jack, escreveu as memórias recheadas de bom humor e perversas revelações. O livro alcançou um êxito que ultrapassou suas expectativas mais ambiciosas e, junto com isso, um fluxo de dinheiro e publicidade que lançou o estabelecimento de Gemma ao nível de fama internacional.

Jack Devlin e Gemma Bradshaw ficaram amigos, pois, cada um gozava da oportunidade de falar com total sinceridade. Em companhia de Gemma, Jack podia deixar de lado todas as convenções sociais que costumavam impedir as pessoas de falar abertamente entre si.

A Jack ocorreu a divertida ideia de que a única mulher com a qual podia falar com semelhante liberdade, além de Gemma, era a senhorita Amanda Briars. Era curioso, mas, aquela solteirona e a Madame falavam do mesmo modo direto e refrescante.

Embora a jornada de Gemma estivesse sempre sobrecarregada e Jack tinha aparecido de forma inesperada, conduziram-no sem demora à sala de recepção particular da proprietária. Tal como havia suspeitado, Gemma tinha previsto aquela visita. Jack se debateu ente a diversão e a irritação ao vê-la elegantemente sentada na suntuosa sala.

Tal como o resto da casa, a sala tinha sido projetada para favorecer sua cor de cabelo. As paredes estavam forradas de brocado verde. Os móveis, com uma pátina dourada, tinham um estofamento de veludo de suaves tons dourados e esmeraldas, contra o qual sua cabeleira vermelha reluzia como uma chama.

Gemma era uma mulher alta, elegante e voluptuosa, dotada de um rosto anguloso e um nariz grande, mas, possuía um estilo tão notável e tanta segurança em si mesma, que com frequência os homens afirmavam que era toda uma beleza. Sua maior qualidade era o sincero apreço que sentia pelos homens.

Embora, a maioria das mulheres afirmassem apreciar e respeitar os homens, só algumas o diziam de coração e Gemma era uma delas. Tinha uma forma especial de fazer com que um homem se sentisse a vontade, sabia destacar suas deficiências como algo engraçado em vez de irritante, assegurando—lhe que ela não nutria nenhum desejo de mudar nada nele.

—Querido, estava te esperando —ronroneou, aproximando-se dele com os braços abertos.

Jack segurou suas mãos e olhou seu rosto voltado para ele com um sorriso sarcástico. Como sempre, tinha as mãos tão cheias de anéis, que ele quase não chegava a lhe tocar os dedos, entre tantos anéis e tantas pedras.

—Tenho certeza que sim —sussurrou —Temos algumas coisas para falar, Gemma.

Ela riu de prazer, sem dúvida encantada com sua própria diabrura.

—Olhe, Jack, você não está irritado comigo, não é mesmo? Na realidade, pensei que estava te dando um presente. Quantas vezes tem-se a oportunidade de juntar um garanhão com uma criatura tão deliciosa?

—A senhorita Briars lhe pareceu deliciosa? —Perguntou Jack, desconfiado.

—É claro que sim —respondeu Gemma com uma pitada de sarcasmo. Seus olhos escuros brilhavam de

diversão —A senhorita Briars veio a mim com grande audácia, para solicitar a companhia de um homem para seu aniversário, como se estivesse pedindo um pedaço de carne no açougue. Achei muito corajoso de sua parte. Falou comigo de um modo tão agradável, tal como sempre imaginei que falam entre si as mulheres respeitáveis. Eu adorei.

Sentou-se graciosamente no divã e sinalizou a Jack para que se sentasse em uma poltrona próxima. Com um hábito que já formava parte de sua natureza, arrumou as pernas de modo que o contorno de seu elegante corpo ficasse emoldurado pela saia de seu vestido de veludo cor vinho.

—Tolly —chamou e, imediatamente, apareceu uma criada saída do nada —Tolly, sirva ao senhor Devlin um copo de conhaque.

—Prefiro café —disse Jack.

—Café, então, com açúcar e creme.

Os lábios de Gemma, cuja sedutora cor via-se intensificada pelo carmín, curvaram-se em um sorriso doce e atraente. Aguardou até que a criada saísse da sala para falar.

—Suponho que queira uma explicação. Bem, foi coincidência que você veio me ver justo horas depois da visita da senhorita Briars. Acontece que você mencionou o livro que havia adquirido, assim como o seu desejo de conhecer a autora do mesmo. Foi então que me ocorreu a deliciosa ideia. A senhorita Briars queria um homem e eu não tinha nenhum que fosse apropriado para ela. Poderia ter enviado Ned ou Jude, mas nenhum desses rapazes de cara fina e cabeça oca teria servido.

— Por que não? —Perguntou Jack com gesto grave.

— Oh, vamos. Teria assustado a senhorita Briars enviando a ela um ignorante para que lhe tirasse a virgindade. Então, enquanto examinava a situação, pensando em como atender adequadamente a ela, você apareceu. —Encolheu os ombros com esmero, mais que satisfeita consigo mesma —Não foi difícil arranjar tudo. Decidi enviar você para ela, como não recebi queixa alguma por parte da senhorita Briars, suponho que você agiu com total satisfação.

Talvez fosse realmente isso ou a compulsiva fascinação que sentia por Amanda. Até agora, Jack não havia parado para pensar que tinha que agradecer a Gemma Bradshaw. Poderia ter mandado um cachorro arrogante que não teria apreciado a qualidade e a beleza de Amanda e que poderia ter arrebatado a inocência dela sem pensar, tal como teria arrancado uma maçã de uma árvore. Aquela ideia e o modo que reagiu ante ela, foi muito menos alarmante.

— Poderia ter me contado o seu plano —grunhiu, furioso e aliviado ao mesmo tempo. O que teria acontecido se, naquela noite, tivesse chegado algum outro homem à casa de Amanda, de forma inesperada, no lugar dele?

—Não podia me arriscar que você se negasse. Além disso, sabia que quando conhecesse a senhorita Briars não seria capaz de resistir a ela.

Jack não estava ali para dar a ela a satisfação de admitir que havia acertado em cheio.

—Gemma, de onde tirou a ideia de que as solteironas trintonas são de meu agrado?

—Os dois são iguais —exclamou ela —Isso qualquer um pode ver.

Surpreso, Jack elevou as sombrancelhas até a linha do couro cabeludo.

—Iguais em que sentido?

—Para começar, a maneira como ambos têm em conta o próprio coração, como se fosse algo mecânico que necessita ser reparado.

Jack bufou, divertida, prosseguiu em tom mais suave.

— Amanda Briars precisa de alguém que a queira, no entanto, acredita que seu problema seria resolvido em uma única noite com um gigolô. E você, Jack, sempre fez o possível para evitar o que mais necessita: uma companheira. Em vez disso, mergulha em seus negócios, que devem constituir um frio consolo noturno, quando está deitado em sua cama vazia.

—Já tenho toda a maldita companhia que necessito, Gemma. Não sou um monge.

—Não me refiro a meras relações sexuais, não seja obtuso. Nunca sente desejo de ter uma companheira, alguém em quem confiar e a quem contar os seus problemas? Amá-la inclusive?

Jack se sentiu incomodado ao se dar conta de que não tinha resposta. Conhecidas, amigas, até mesmo amantes, disso havia tido em abundância, mas, nunca havia encontrado uma mulher capaz de satisfazer suas necessidades físicas e emocionais. E a culpa era dele. Não havia em sua vida nenhuma mulher em particular. Havia algo que ele não tinha: a capacidade de se entregar de forma não superficial.

—A senhorita Amanda Briars não é precisamente a companheira ideal para um bastardo egoísta como eu—disse.

—Ah, não? —Gemma sorriu provocativamente —Por que não tenta? Você pode se surpreender com os resultados.

—Jamais me ocorreu pensar que você faria o papel de casamenteira, Gemma.

—Gosto de experimentar de vez em quando —respondeu ela em tom ligeiro —Vou acompanhar o assunto com grande interesse e ver se seguem adiante.

—Não vai seguir —assegurou Jack —E se seguisse, preferiria que me enforcassem antes de comunicar a você.

—Querido —ronronou Gemma —seria tão cruel me privando de diversão, mesmo sendo nobres as minhas intenções? Conte-me o que aconteceu naquela noite entre vocês dois. Estou a ponto de morrer de curiosidade.

—Não aconteceu nada —disse com o rosto inexpressivo.

Gemma deixou escapar uma risada como uma cascavel.

—Deveria ser mais esperto, Jack. Talvez acreditasse em você se me dissesse que não houve nada além de uma leve paquera ou até mesmo uma discussão. Porém, percebo que é impossível que não tenha acontecido nada.

Jack não tinha o costume de confiar seus verdadeiros sentimentos a ninguém. Tinha aprendido há muito tempo a arte de falar sem revelar nada. Sempre lhe pareceu que não valia a pena compartilhar seus segredos, pois, a maioria das pessoas eram incapazes de guardá-los.

Amanda Briars era uma bela mulher, disfarçada de mulher insignificante. Era engraçada, inteligente, valente, prática e, acima de tudo, interessante. O que o preocupava era não saber o que ele queria dela.

Em seu mundo, as mulheres tinham uma utilidade muito clara: algumas eram companheiras intelectuais, outras eram amantes, haviam outras que eram parceiras de negócios e a maioria era tão massante, ou muito claramente orientadas para o casamento, que ele preferia evitá-las por completo. Mas, Amanda não se encaixava em nenhuma categoria em particular.

—Eu a beijei —disse bruscamente —Suas mãos cheiravam a limão. Senti... —Como não tinha palavras para explicar o inexplicável, guardou silêncio. Para sua surpresa, aquela noite na casa de Amanda havia adotado em sua mente as dimensões de um cataclisma.

— Isso é tudo o que vai dizer? —queixou-se Gemma, aborrecida por seu silêncio —a sua capacidade descritiva é muito escassa. Não é de estranhar que jamais tenha escrito um romance.

—Eu a quero, Gemma —disse com suavidade —Mas, isso não é bom, nem para ela e nem para mim. —Fez uma pausa e sorriu com tristeza —Se tivéssemos uma aventura terminaria mal para os dois. Ela começaria a desejar coisas que eu não posso dar.

—E como sabe isso? —Disse ela em tom de brincadeira.

—Porque não sou idiota, Gemma. Amanda Briars é dessas mulheres que necessitam e que merecem algo mais que meio homem.

—Meio homem —repetiu ela, rindo daquela expressão —Por que diz isso? A julgar por todos os informes que tenho recebido sobre a sua anatomia, querido, está muito bem servido.

Naquele momento, Jack deixou o tema, pois, compreendeu que Gemma não tinha intenção e nem capacidade para falar de problemas que não tinham uma solução concreta: na realidade, ele tampouco

estava capacitado.

Voltou-se e sorriu para a criada, que acabava de entrar na sala com uma xícara de café com creme e açúcar.

—Enfim—murmurou—Agradeço a Deus que haja outras mulheres no mundo, além de Amanda Briars. Seguindo ele, Gemma também deixou o tema.

—Quando desejar a companhia de uma de minhas meninas, me avise. É o mínimo que posso fazer por meu querido editor.

—Isso me lembra... —Jack fez uma pausa para tomar um gole de café quente e logo continuou falando com uma expressão deliberadamente mansa —Esta manhã recebi em meu escritório a visita de Lorde Tirwitt. Estava desgostoso pelo retrato que fez dele em seu livro.

—Ah, sim? —Disse Gemma sem muito interesse —E o que queria esse velho carcamano?

—Atacou-me com um bastão que tinha uma lâmina na ponta.

Aquele comentário provocou na Madame uma sonora gargalhada.

—Oh, céus —disse quase sem fôlego —tudo porque que procurei ser benévola. Não acreditaria nas coisas que omiti, coisas muito desagradáveis para publicar.

—Ninguém está acusando você de um excesso de bom gosto, Gemma. Incluindo Lorde Tirwitt. Se eu fosse você, recomendaria a meu pessoal que ficasse de olho, se por acaso aparecer por aqui depois de sua estadia no calabouço de Bow Street.

—Não se atreveria a vir aqui —replicou Gemma, enquanto enxugava uma lágrima de seus olhos sombreados com *kohl*, causada pela risada —Só serviria para confirmar os desagradáveis rumores. Mas, agradeço a advertência, querido.

Falaram durante mais um tempo, de negócios, diferenças políticas, a típica conversa que Jack poderia ter tido com qualquer homem de negócios. Gostava do humor áspero e do profundo pragmatismo de Gemma, porque os dois compartilhavam a mesma opinião, carente de escrúpulos, de que deviam evitar todo apego a qualquer pessoa, partido ou ideal em particular.

Apoiavam causas liberais ou conservadoras, dependendo do que servisse melhor a seus propósitos egoístas. Se se encontrassem em um barco a ponto de afundar, eles seriam o primeiro par de ratos a abandoná-lo, usando o melhor bote salva-vidas.

O bule de café acabou ficando morno e Jack lembrou-se de outros compromissos que tinha pendentes naquele dia.

—Já tomei uma boa parte de seu tempo —murmurou, ficando de pé e sorrindo, enquanto Gemma permanecia no divã. Inclinou-se e beijou a mão que ela lhe estendeu, sem que seus lábios chegassem a roçar a pele, com suas jóias tilintantes e reluzentes.

Trocaram um amistoso sorriso e, em seguida, Gemma lhe perguntou com aparente desinteresse:

—Então a senhorita Briars irá escrever para você?

—Sim, mas fiz um voto de castidade no que diz respeito a ela.

—Muito sensato de sua parte, querido.

Sua voz continha uma nota de cálida aprovação, mas, em seus olhos havia um brilho de regozijo, como se risse dele por dentro. Jack ficou perturbado ao se lembrar de que, naquela mesma manhã, seu gerente, Oscar Fretwell, havia-o olhado com a mesma expressão divertida e dissimulada. Que diabos seria que as pessoas achavam tão divertido em seu relacionamento com Amanda Briars?

Capítulo 6

Para surpresa de Amanda, o contrato que Jack Devlin enviou à sua casa não foi entregue por um mensageiro, mas sim pelo próprio Oscar Fretwell. O gerente se mostrou tão entusiasmado como ela se lembrava, com uma expressão cálida e amistosa em seus olhos cor turquesa e um sincero sorriso em seu rosto. Seu aspecto simples impressionou sobremaneira a Sukey e Amanda teve que reprimir um sorriso ao ver como a criada o inspecionava clara e descaradamente.

Estava certa de que Sukey não deixou escapar um só detalhe: desde o cabelo loiro e bem cortado, brilhante como uma moeda de ouro recém cunhada, até a ponta de seus reluzentes sapatos negros.

Sukey, com grande teatralidade, conduziu Fretwell à sala de estar, mostrando zelo como se fosse a visita da realeza.

Ante o convite de Amanda, Fretwell sentou-se em uma poltrona e abriu a pasta de couro marrom que levava na mão.

—Seu contrato —disse, retirando muitos papéis, os quais agitou com gesto triunfante —Só falta você ler e assinar —Sorriu como se pedisse desculpas quando Amanda pegou o espesso volume, com expressão de surpresa.

— Nunca vi um contrato tão longo —disse em tom irônico —Isso é obra de meu advogado, sem dúvida.

— Depois que seu amigo, o senhor Talbot, terminou com todos os detalhes e estipulações, resultou um documento inusualmente detalhado.

—Vou ler sem demora. Se tudo estiver correto, assinarei e o devolverei amanhã pela manhã.

Deixou os papéis de lado. Estava surpresa pela emoção que sentia, emoção que não esperava sentir ante a perspectiva de escrever para um sem vergonha como Jack Devlin.

—Devo transmitir uma mensagem pessoal do senhor Devlin —disse Fretwell, cujos olhos brilhavam atrás de suas impolutas lentes —Pedi para que eu dissesse a você que se sente ferido por sua falta de confiança nele.

Amanda começou a rir.

—É tão digno de confiança como uma serpente. No que se refere aos contratos, não penso deixar um só detalhe sem estar definido, caso contrário ele levaria alguma vantagem.

—Mas, senhorita Briars! —Fretwell parecia assombrado —Se for essa a verdadeira impressão que tem do senhor Devlin, posso assegurar que está equivocada. É um homem estupendo. Se você soubesse...

—Se soubesse o quê? —Perguntou Amanda, arqueando uma sobrancelha —Vamos, senhor Fretwell, diga-me o que é que acha tão admirável em Devlin. Garanto a você que sua reputação não lhe faz nenhum favor e embora seja verdade que ele possui um certo encanto escorregadio e astuto, até o momento não detectei sinais de pessoalidade, nem de consciência. Sinto curiosidade em saber por que acha que ele é um homem estupendo.

—Bom, concordo que o senhor Devlin é exigente, mas, sempre é justo e recompensa de forma muito generosa o trabalho bem feito. Tem um pouco de mau gênio, devo admitir, mas também é bastante razoável. Tem melhor coração do que as pessoas gostariam de acreditar. Por exemplo, se um de seus

empregados fica doente durante um período de tempo prolongado, o senhor Devlin se encarrega de garantir que seu posto de trabalho esteja garantido quando regressar. E isso é mais do que fazem muitos patrões.

—Você o conhece há muito tempo —disse Amanda, com um tom interrogativo na voz.

—Sim, desde que fomos à escola. Ao graduarmos, alguns rapazes e eu viemos com ele para Londres quando nos contou que tinha a intenção de se tornar editor.

—Também compartilhavam o mesmo interesse pelo negócio editorial? —perguntou Amanda, desconfiada.

Fretwell encolheu os ombros.

—Não importava de qual negócio se tratava. Se Devlin nos dissesse que queria ser chefe do cais, açougueiro ou pescador, mesmo assim viríamos trabalhar para ele. Se não fosse pelo senhor Devlin, todos teríamos uma vida muito diferente. Poucos de nós continuaríamos vivos se não fosse por ele.

Amanda procurou dissimular sua estupefação ao ouvir aquelas palavras, mas, notou que afrouxavam as mandíbulas.

— Por que diz isso, senhor Fretwell? —Ficou feliz ao comprovar que o gerente logo ficou incomodado, como se tivesse revelado muito mais do que devia.

Sorriu com arrependimento e respondeu: — O senhor Devlin dá uma grande importância à sua intimidade. Não deveria ter lhe contado tanto. Por outro lado... talvez tenha algumas coisas que você deveria saber a respeito de Devlin. Vê-se claramente que ele tem muito apreço pela senhorita.

— Tenho a impressão de que ele sente apreço por todo mundo —disse Amanda em tom cortante, lembrando da naturalidade que Devlin mostrava com outras pessoas no jantar do senhor Talbot, o grande número de amigos que reclamavam a sua atenção. Como ele se dava às mil maravilhas com o sexo oposto. Não havia escapado a ela os risinhos das convidadas da festa quando estavam em sua presença, emocionadas pela mínima atenção que recebiam dele.

—Isso é só uma fachada —assegurou Fretwell —É adequado para seus fins manter um amplo círculo social de amizades, mas na verdade, gosta de poucas pessoas e confia em menos ainda. Se conhecesse o seu passado, não se surpreenderia.

Amanda não tinha por hábito tentar se valer de seus encantos para obter informações. Sempre preferiu uma aproximação frontal. No entanto, surpreendeu-se obsequiando Fretwell com o sorriso mais doce que foi capaz de esboçar. Por algum motivo, desejava inteirar-se de tudo que ele sabia sobre o passado de Devlin.

—Senhor Fretwell —disse —não confia nem um pouquinho em mim? Eu sei manter a boca fechada.

—Sim, estou certo disso. Mas não é um tema adequado para conversar em uma sala de estar.

— Não sou uma jovem impressionável, senhor Fretwell, nem tão pouco uma criatura delicada e dada a desmaios. Prometo que não desmaiarei.

Fretwell sorriu, mas seu tom foi grave.

—Devlin já lhe contou algo sobre a escola na qual estudou, que estudamos?

—Apenas que era um lugar pequeno, no meio de um povoado, nas montanhas. Não quis me revelar como se chamava.

—Era Knatchford Heath —disse o gerente, pronunciando o nome como se tratasse de uma suja blasfêmia. Logo, aguardou uns instantes, parecia estar recordando um pesadelo perdido no tempo, enquanto Amanda refletia. Knatchford Heath não lhe parecia de todo desconhecido. Não existia uma terrível rima popular que mencionava essa escola?

—Não sei nada dessa escola —respondeu pensativa —Exceto que tenho a vaga impressão de... Não morreu ali um rapaz em certa ocasião?

—Ali morreram muitos garotos. —Fretwell sorriu com gesto grave. Pareceu se distanciar do tema inclusive enquanto falava, sua voz foi se comprimindo em um som monótono —Esse lugar já não existe,

agradeço a Deus. O escândalo foi aumentando até que nenhum pai se atreveu a enviar seu filho para lá, por medo da censura social. Se não estivesse fechada, eu mesmo atearia fogo nela. —Sua expressão se endureceu —Era o lugar para onde enviavam os garotos indesejados ou ilegítimos, cujos pais queriam se livrar deles. Uma cômoda maneira de se desfazer dos erros. Isso é o que eu era, o filho bastardo de uma mulher casada que foi infiel a seu marido e quis ocultar a prova de seu adultério. E Devlin... o filho de um nobre que violentou uma pobre criada irlandesa. Quando a mãe de Devlin faleceu, seu pai não quis saber de seu bastardo, de modo que o enviou a Knatchford Heath ou como nós o chamávamos com carinho, Knatchford Hell[1]. —Fez uma pausa, parecia absorto em alguma amarga recordação.

—Continue —instou Amanda com suavidade —Fale-me da escola.

—Um ou dois dos professores eram o que poderíamos denominar amáveis —disse Fretwell —Mas, a maioria eram uns monstros diabólicos. Era fácil confundir o diretor da escola com o diabo. Se um aluno não aprendia suficientemente bem as lições que ele dava, colocavam ele à base de pão duro ou do lixo que eles chamavam de sopa. Se cometíamos algum erro, aplicavam uma dura disciplina à base de brutais açoites, privação de comida, queimaduras ou métodos ainda piores. Um dos empregados da Devlin, o senhor Orpin, está quase surdo por causa dos violentos golpes nas orelhas. Outro rapaz de Knatchford ficou cego devido a inanição. Em algumas ocasiões, atavam um aluno à porta de entrada e o deixavam ali fora a noite toda, à interperie. Foi um milagre que alguns sobrevivessem.

Amanda olhava fixamente para ele com uma mescla de horror e compaixão.

— E os pais dos garotos sabiam o que acontecia ali? — Conseguiu perguntar.

— Claro que sim. Mas eles davam pouca importância se morrêssemos. Eu creio que o mais provável era que tivessem a esperança de que assim fosse. Nunca havia férias ou feriados. Nenhum pai ia ver seu filho no Natal. Ninguém ia lá para comprovar como se vivia ali. Como lhe disse, não nos queriam, éramos um erro.

—Uma criança não é um erro —disse Amanda em um tom de voz subitamente nervoso.

Fretwell sorriu ante a futilidade daquela declaração e depois prosseguiu: —Quando eu cheguei em Knatchford Heath, Jack Devlin já estava lá há mais de um ano. Em seguida, dei-me conta de que ele era diferente dos outros garotos. Não parecia ter medo dos professores e do diretor, como tínhamos. Devlin era forte, inteligente, seguro de si mesmo. Se havia algo semelhante a um favorito da escola, tanto entre alunos como entre professores, era ele. Não se livrava dos castigos. Surravam ele e o deixavam sem comer como o resto de nós, com mais frequência. Logo descobri que, muitas vezes, carregava a culpa da falta cometida por outro aluno e consentia em ser castigado em seu lugar, pois sabia que os menores não seriam capazes de sobreviver à surra. Ainda incentivava outros alunos grandes e fortes a que fizessem o mesmo. Tínhamos que cuidar uns dos outros, dizia. Recordava-nos que fora da escola havia um mundo e que se conseguíssemos sobreviver tempo suficiente...

Fretwell tirou os óculos e utilizou um lenço para limpar as lentes com cuidado.

—Às vezes, a única diferença que existe entre a vida e a morte é a capacidade de conservar um último resquício de esperança. Devlin nos deu esse resquício de esperança. Fez promessas, promessas impossíveis, que depois se virou para cumprir.

Amanda guardava um profundo silêncio, pois era impossível reconciliar a imagem de Jack Devlin, desenvolto e sem vergonha que ela conhecia, com o corajoso homem que Fretwell acabava de descrever.

Fretwell percebeu a incredulidade estampada em seu rosto porque voltou a colocar os óculos e sorriu ao dizer: —Oh, compreendo o que deve estar pensando. Devlin descreve a si mesmo como alguém reprovável. Mas, eu lhe asseguro que é o homem mais firme e digno de confiança que já conheci. Uma vez me salvou a vida arriscando a sua. Me surpreenderam roubando comida da despensa da escola e meu castigo consistiu em permanecer a noite inteira amarrado na porta. Fazia muito frio. O vento era terrível e eu estava aterrorizado. Mas, logo ao cair a noite, Devlin saiu do prédio às escondidas com um cobertor, desatou-me e ficou comigo até que amanheceu. Nós dois protegidos debaixo daquele cobertor, falando do

dia em que sairíamos de Knatchford Heath. Ao amanhecer, quando enviaram um professor para me buscar, Devlin já tinha me amarrado e desaparecido no interior da escola. Se tivessem pego ele me ajudando, tenho certeza de que isso teria acarretado sua morte.

—Por quê? —perguntou Amanda —Por que se arriscava por você e pelos demais? Eu acreditava...

—Que apenas se importava com o seu próprio bem estar? —Acrescentou Fretwell e Amanda assentiu —Confesso que nunca compreendi de verdade o que motiva Jack Devlin. Mas sim, sei com segurança de uma coisa sobre ele: pode não ser um homem religioso, mas é humano.

—Se você diz, terei que acreditar —murmurou Amanda —No entanto... —Dirigiu-lhe um olhar cético —É difícil aceitar que uma pessoa que tenha suportado dolorosas surras pelos outros tenha se queixado tanto e armado tanto escândalo por um simples corte nas costelas.

—Ah, você se refere a sua visita a nossos escritórios na semana pasada, quando lorde Tirwitt atacou Devlin com aquele mortal bastão.

—Sim.

Por algum motivo, Fretwell esboçou um sorriso.

—Vi Devlin suportar cem vezes mais dor sem sequer piscar —disse —Mas, é um homem, afinal de contas e, embora não seja típico dele, acredito que tentava ganhar um pouco de compaixão feminina.

—Desejava minha compaixão? —Perguntou Amanda, atônita.

Fretwell pareceu disposto a fornecer muito mais daquela interessante informação, mas se conteve. Teve a sensatez de não fazê-lo. Então sorriu e olhou os olhos cinzas de Amanda.

—Creio que já revelei o bastante.

—Mas, senhor Fretwell —protestou ela —não terminou a história. Como conseguiu um bastardo sem família e sem dinheiro chegar a ser o dono de uma editora? E como...?

—Deixarei que o senhor Devlin conte o resto, quando quiser fazê-lo. Não tenho dúvida de que ele irá querer.

—Mas não pode me contar pelo menos a metade da história? —Se queixou Amanda fazendo-o rir.

—Não cabe a mim contá-la, senhorita Briars. —Deixou sua xícara de chá e voltou a dobrar o guardanapo com todo cuidado —Peço que me desculpe, mas devo voltar ao meu trabalho ou terei que responder perante Devlin.

De má vontade, Amanda mandou chamar Sukey, que se apresentou com o chapéu, casaco e as luvas de Fretwell. Este se agasalhou bem para fazer frente ao frio vento invernal que soprava lá fora.

—Espero que volte logo —disse Amanda.

Ele afirmou com a cabeça, como se soubesse de sobra que ela desejava saber mais coisas sobre Jack Devlin.

—Claro que voltarei a procurá-la, senhorita Briars. Oh, já ia me esquecendo... —Ele deslizou a mão no bolso do casaco e tirou um pequeno objeto de dentro de um saco de veludo negro, atado com cordões de seda —Meu chefe me pediu para entregar isto —disse —Deseja comemorar a ocasião do primeiro contrato que você assina com ele.

—Não posso aceitar um presente pessoal de Devlin —replicou Amanda com receio, sem fazer nenhum gesto de pegar a bolsinha.

—É um porta-canetas —disse Fretwell em tom resolvido —Não é um objeto a que se associe um grande significado pessoal.

Com cautela, Amanda pegou a bolsinha que ele estendia e esvaziou o conteúdo na palma de sua mão. Caiu um porta-canetas de prata, juntamente com uma seleção de pontas de aço. Amanda piscou surpreendida e incomodada. Embora ele dissesse que não era nada pessoal, aquele porta-canetas era, de fato, um objeto pessoal, tão caro e delicado como uma joia.

Seu peso testemunhava que era de prata maciça e sua superfície tinha toda uma série de incrustações de turquesas. Quando tinha sido a última vez que havia recebido um presente de um homem, além de

alguma pequena lembrança oferecida por algum familiar no Natal? Não recordava.

Odiou o sentimento que começou a embargá-la de repente, uma sensação de calor e vertigem que não havia experimentado desde a adolescência. Embora seu instinto a incentivasse a devolver aquele belo objeto, não o fez. Por que não podia ficar com ele? Provavelmente para Devlin não significava nada e ela se encantou em tê-lo.

—É encantador —disse em tom rígido, tomando o porta-canetas entre os dedos —Suponho que o senhor Devlin sempre faz agrados semelhantes a todos os seus autores.

—Não, senhorita Briars.

Em seguida, Oscar Fretwell se despediu com um entusiasmado sorriso e saiu ao frio, para a barulhenta e confusa Londres do meio-dia.

—Esta passagem deve ser retirada.

O longo dedo de Devlin assinalava uma das páginas que tinha diante de si, sentado em seu escritório.

Amanda se aproximou e olhou por cima de seu ombro, apertando os olhos para ver os parágrafos que ele indicava.

—É obvio que não. Serve para explicar o caráter da protagonista.

—Retarda o ritmo da história —respondeu ele, secamente, enquanto pegava uma caneta e se preparava para traçar uma linha, cruzando a página que tachara de culpada —Como já lembrei você esta mesma manhã, senhorita Briars, este é um romance em séries. O ritmo é tudo.

—Para você o ritmo está acima do desenvolvimento dos personagens? —perguntou ela acalorada, tomando a página antes que ele pudesse marcá-la.

—Acredite-me, você terá outras centenas de párrafos que ilustram a personalidade de sua protagonista —disse Devlin se levantando da cadeira e indo até ela, que se afastou, levando consigo a página em questão —E esse, em particular, sobra.

—Ele tem uma importância crucial para a história —insistiu Amanda, se aferrando ao papel com gesto protetor.

Jack lutou para evitar sorrir ao olhar para ela, tão adoravelmente segura de si mesma, tão bonita, tão esplêndida e assertiva. Aquela era a primeira manhã que dedicavam a revisar o livro *Uma Dama Inacabada* e, até o momento, para Devlin tinha sido uma atividade das mais prazerosas.

Estava sendo uma tarefa bastante fácil converter o romance de Amanda em uma publicação em série. Ela tinha aceitado fazer quase todas as mudanças que ele havia sugerido e tinha se mostrado receptiva às suas ideias. Alguns de seus autores eram tão teimosos a respeito de seu próprio trabalho, que qualquer sugestão era como uma mudança num fragmento da Bíblia.

Com Amanda era fácil trabalhar, já que não tinha grandes pretensões acerca de si mesma, nem de sua obra. De fato, era bastante modesta no que se referia a seu talento, até o ponto de parecer surpresa e incomodada quando ele a elogiava.

O argumento de *Uma Dama Inacabada* girava em torno de uma mulher jovem que tentava viver em estrita concordância com as normas sociais, mas, que não conseguia aceitar o rígido confinamento do que se considerava a decência. Cometia erros fatais em sua vida privada, tais como: jogos de azar, tomar um amante fora do casamento, ter um filho sem estar casada —tudo por culpa de seu desejo de conseguir a matreira felicidade que ansiava em segredo.

Com o tempo, terminou de maneira sórdida, falecendo de uma doença venérea. Estava claro que sua morte havia sido causada tanto pela falta de saúde, como pelas duras recriminações sociais.

O que fascinava Jack era que Amanda, como autora que era da obra, negava-se a adotar uma postura determinada a respeito da conduta da protagonista, pois, nem a aplaudia, nem a condenava. Mesmo assim, todos simpatizavam com a personagem e Jack suspeitava que a rebeldia interior da protagonista era um reflexo dos sentimentos da própria Amanda.

Embora, Jack tivesse se oferecido para ir ver Amanda em sua casa para falar das revisões necessárias, ela preferiu se reunir com ele no seu escritório de Holborn Street. Sem dúvida, devido ao que tinha acontecido entre eles em sua casa, pensou Jack, com uma agradável sensação de formigamento ao recordar aquilo.

Um leve sorriso surgiu em seus lábios ao imaginar que, com toda probabilidade, Amanda acreditava estar mais a salvo no estabelecimento dele, do que em sua própria casa.

—Me dê essa página —disse, divertido pelo modo que ela havia fugido —Vai ter que retirá-la, Amanda.

—Ficará como está —contra atacou ela, lançando um rápido olhar por cima do ombro para certificar —se de que Devlin não a estava encurralando.

Naquele dia, Amanda usava um vestido de suave lã cor de rosa, ajustado com uma fita de seda de um tom mais escuro. Havia escolhido um chapéu adornado com rosas chinesas, que, naquele momento, repousava em um cabideiro do escritório de Jack e com um par de fitas de veludo na cintura.

O tom rosado do vestido dava cor à face de Amanda, no entanto, o simples corte tirava o máximo partido de sua generosa figura. Além da grande consideração que Jack tinha por sua inteligência, não pôde evitar pensar nela como um elegante bombonzinho.

—Autores —murmurou sorridente —Todos acham que seu trabalho carece do menor defeito e pobre de quem tenta mudar uma só palavra. Este será considerado um idiota.

—Os editores consideram-se as pessoas mais inteligentes do mundo —replicou Amanda.

—Quer que mande vir alguém para dar uma olhada nisso —assinalou com um gesto o papel que ela sustentava na mão —para que proporcione uma opinião imparcial?

—Aqui todo mundo trabalha para você —apontou Amanda —Quem quer que venha, logo se porá do seu lado.

—Tem razão —concedeu ele de boa vontade. Estendeu a mão para que ela entregasse a página, mas ela a segurou com mais força —Esqueça dela, Amanda.

—Para você, sou a senhorita Briars —respondeu ela com ar distinto e embora não pôde dizer que estava sorrindo, Jack notou que estava se divertindo tanto como ele com aquele diálogo —E não pretendo entregar a você esta página. Insisto que fique no manuscrito. O que acha disso?

Aquela valentia já era muito para que Jack conseguisse resistir. Havia adiantado uma grande quantidade de trabalho e tinha vontade de jogar um pouco. Havia algo em Amanda que o instigava a fazê-la perder o equilíbrio.

—Se não me der esse papel —disse em tom suave —vou beijar você.

Amanda piscou, estupefata.

—O que disse? —Perguntou quase em um susurro.

Jack não se incomodou em repetir. Ainda pairavam no ar as palavras que acabava de pronunciar, tal como ondas que se estendem sobre a superfície da água, quando se joga uma pedra em um lago.

—Escolha, senhorita Briars.

Jack descobriu que desejava com intensidade que ela o levasse até o limite. Faltava apenas uma provocação muito leve para que cumprisse sua ameaça. Estava desejando beijá-la desde que pôs os pés em seu escritório naquela manhã.

A primorosa maneira com que apertava os lábios, distorcendo o contorno da boca... o distraía, a ponto de enloquecer. Desejava beijá-la até deixá-la sem sentido, até deixá-la branda e receptiva para o que ele ansiava.

Viu que Amanda lutava por conservar a compostura, com o corpo tenso. Uma cor febril surgiu em seu rosto e seus dedos haviam enrugado o papel que protegia com tanto zelo.

— Senhor Devlin —disse com aquele tom de voz decidido, que nunca deixava de excitá-lo — suponho que você não emprega esses ridículos jogos com os outros autores.

—Não, senhorita Briars —respondeu ele com seriedade —Temo que você seja a única que recebe minhas atenções românticas.

A expressão “atenções românticas” pareceu privá-la da fala. Seus olhos de cor cinza prata arregalaram-se de puro assombro. Naquele momento, Jack sentiu-se igualmente atônito ao descobrir que, embora tivesse decidido deixá-la em paz, sentia-se incapaz de controlar a reação de seu próprio corpo em relação a ela. Seu desejo de jogar viu-se subitamente varrido ao meio, por instintos mais profundos e urgentes.

Embora, certamente conviesse manter uma aparente harmonia entre eles, ele não desejava uma relação de trabalho amistosa, não queria uma imitação de amizade, queria irritá-la e desconcertá-la, fazer com que ela o notasse, do mesmo modo que ele a notava.

—Não duvido de que seja uma espécie de elogio estar incluída no grande número de mulheres que recebem tais atenções de sua parte —disse Amanda por fim—No entanto, eu não pedi para ser submetida a esse tipo de bobagens.

—Vai me entregar essa página? —Perguntou ele com enganosa mansidão.

Com o cenho franzido, Amanda tomou de improviso uma decisão: amassou o papel nas mãos até convertê-lo em uma bola, foi até a lareira e a jogou nas chamas, onde começou arder com um brilho intenso. O fogo perfilou o contorno do papel com luz branca azulada, enquanto que o centro da bola chamuscava rapidamente e adquiria uma cor negra.

—A página desapareceu —anunciou Amanda friamente —Levou a melhor. Deve estar satisfeito.

A intenção daquele gesto era dissipar a tensão que pairava entre eles e esse deveria ter sido o resultado. No entanto, o ambiente continuou denso e eletrizado, como a crescente quietude que precede sempre uma forte tormenta. O habitual sorriso de Jack estava carregado de eletricidade quando disse: —Apenas em duas ocasiões em minha vida lamentei ter levado a melhor. Esta é uma delas.

—Não desejo jogar com você, senhor Devlin. Quero terminar o trabalho que temos pela frente.

—Terminar o trabalho —repetiu Jack e a saudou igual a um soldado que recebeu uma ordem de um superior. Logo, voltou para sua mesa, apoiou as mãos nela e inspecionou suas anotações —De fato, já está terminado. Estas primeiras trinta páginas constituirão uma excelente primeira entrega, Enquanto você termina as revisões das quais temos falado, mandarei imprimi-las.

—Três mil exemplares? —Perguntou Amanda recordando a cifra que lhe havia prometido Devlin.

—Sim. —Jack sorriu ao perceber a sua expressão de incômodo, pois, sabia muito bem o que a preocupava —Senhorita Briars —murmurou —Eles vão vender. Tenho instinto para essas coisas.

—Suponho que sim —respondeu ela, duvidosa —No entanto... esta história em particular... haverá muitas pessoas que a recriminarão. É mais sensacionalista e... bem, mais lasciva do que me lembrava. Eu não adotei uma postura moral o bastante forte a respeito do comportamento da protagonista.

—Isso é o que fará que se venda, senhorita Briars.

Amanda começou a rir imediatamente.

—Tal como vendeu o livro de Madame Bradshaw.

Descobrir que Amanda estava disposta a rir de si mesma, foi para Jack tão agradável quanto inesperado. Afastou-se da mesa e aproximou-se dela, até ficar a seu lado. Submetida àquela repentina proximidade, Amanda foi incapaz de olhar diretamente no rosto dele, então, desviou o olhar para a janela e em seguida, cravou no chão, para depois se fixar no primeiro botão da jaqueta de Jack.

—Suas vendas serão muito maiores que as da famosa senhora Bradshaw —disse Jack, sorrindo —E não será devido ao fato de que o conteúdo seja lascivo, como você chama. Você contou uma história com grande habilidade. Gosto do fato de que não tenha moralizado acerca dos erros que comete sua protagonista. Será difícil para o leitor não se solidarizar com ela.

—Sou eu quem se solidariza com ela —respondeu Amanda com sinceridade —Sempre achei que ficar presa a um casamento sem amor é o maior dos erros. São muitas as mulheres que são forçadas a se casar

apenas por razões econômicas. Se mais mulheres conseguissem se manter sozinhas, haveria muito menos noivas relutantes e esposas infelizes.

— Vá, senhorita Briars — respondeu Jack — você é muito pouco convencional.

Ela contestou seu regogizo franzindo o cenho e mostrando perplexidade.

— Simplesmente sensata, é melhor.

Logo, Jack se deu conta de que aquela era a chave para entender Amanda. Era uma mulher que possuía um sentido prático tão tenaz, que estava disposta a rechaçar as hipocrisias e as rançosas atitudes sociais que a maioria das pessoas aceitavam sem pensar. E, de fato, por que uma mulher devia se casar só porque era isso o que se esperava que fizesse, se pudesse escolher não fazê-lo?

— Talvez a maioria das mulheres acreditam que é mais fácil se casar do que se manter por conta própria — disse Jack, provocando — a de forma deliberada.

— Mais fácil? — Respondeu ela — Jamais vi a menor prova de que passar o resto da vida sendo escrava das tarefas domésticas seja mais fácil que trabalhar fora de casa. O que necessitam as mulheres é mais educação, mais possibilidades de escolha e então poderão considerar outras alternativas além do casamento.

— Mas, uma mulher não está completa sem um homem — disse Jack, na mesma linha de antes e começou a rir ao ver que o semblante de Amanda escurecia. Levantou as mãos a modo de defesa — Acalme-se, senhorita Briars. Eu estava apenas brincando. Não tenho nenhum desejo de ser espancado e insultado, como lord Tirwitt. Na realidade, eu concordo com suas opiniões. Não sou um grande defensor da união conjugal, de fato, procuro evitá-la a todo custo.

— Então, não deseja ter esposa e filhos?

— Deus santo! Não. — Mostrou um amplo sorriso — Para qualquer mulher, medianamente inteligente, fica óbvio que constitui um grave risco.

— Muito óbvio — concordou Amanda, embora, pronunciasse essas palavras sorrindo com pesar.

Em geral, quando Amanda terminava de escrever um romance, começava outro imediatamente. Caso contrário, sentia-se inquieta e sem um propósito fixo. Se não tinha alguma história na cabeça, sentia-se perdida. Diferente da maioria das pessoas, ela nunca se importava não fazer nada ou passar muito tempo sentada em uma carruagem, pois, eram oportunidades para refletir sobre o trabalho que tinha em curso, reproduzir mentalmente fragmentos de diálogos e descartar ideias relativas a seus argumentos.

No entanto, pela primeira vez em muitos anos e não sabia por que não lhe ocorria nenhum tema que incendiasse a sua imaginação com a força necessária para começar a escrever de novo. Havia terminado com as revisões de *Uma Dama Inacabada*, era o momento de conceber um projeto novo e, no entanto, a perspectiva não a animava.

Perguntava-se se Jack Devlin era a causa disso. Durante o mês que havia transcorrido desde que o conheceu, sua vida interior já não era, nem remotamente, tão interessante como o mundo exterior. Um problema com o qual não havia se deparado jamais.

Talvez devesse dizer a ele, pensou de má vontade, que deixasse de vê-la. Devlin havia adotado o costume de aparecer em sua casa, ao menos duas vezes por semana, sem ter o cuidado de avisar com antecedência. Podia aparecer ao meio dia ou até mesmo, na hora do jantar e então se via na obrigação de convidá-lo a acompanhá-la à mesa.

— Sempre me disseram para não alimentar os vagabundos — disse Amanda em tom brusco, na terceira vez que Jack se apresentou na hora do jantar, sem ter sido convidado — Os animais tendem a regressar uma e outra vez.

Devlin, com a cabeça inclinada em um inútil esforço de parecer um penitente, a obsequiou com um sorriso sedutor.

— É hora do jantar?... Não me havia dado conta de que fosse tão tarde. Então, vou embora. Sem dúvida minha cozinheira terá preparado um purê de batata ou uma sopa quente.

Amanda não conseguiu, apesar de seu esforço, compor uma expressão severa.

—Com os meios de que dispõe, senhor Devlin, duvido que sua cozinheira seja tão malvada como você sempre pinta. De fato, outro dia, sem ir mais longe, ouvi dizer que possui uma verdadeira mansão e um regimento de serventes. Duvido que o deixassem morrer de fome.

Antes que Devlin pudesse replicar, uma rajada gelada de ar invernal atravessou a porta de entrada e Amanda se apressou a ordenar a Sukey que fechasse a porta.

—Entre de uma vez —disse a Devlin, em tom áspero —antes que me transforme em uma pedra de gelo.

Visivelmente radiante de satisfação, Jack entrou na casa aquecida e cheirou com prazer.

— Pastel de carne? —Murmurou enquanto olhava com expressividade a Sukey, cujo rosto se distendeu em um amplo sorriso.

— Carne assada, senhor Devlin, com purê de nabos e espinafre e o pudim de marmelada mais delicioso que jamais viu. Esta noite a cozinheira superou a si mesma, verã.

O imperceptível gesto de desagrado que esboçou Amanda ao comprovar o assentimento de Devlin foi recompensado por outro de regozijo ante a ilusão que demonstrava.

— Senhor Devlin, apresenta-se em minha casa com tanta frequência que não oferece nunca a oportunidade de convidá-lo.

Pegou-o pelo braço e o obrigou a acompanhá-la até a sala de jantar, um local pequeno, mas elegante. Embora, jantasse sozinha, sempre acendia as velas e utilizava sua melhor vasilha de porcelana e talheres de prata, justificando seu comportamento dizendo que o fato de carecer de um marido não significava que tivesse que comer de um modo espartano.

—Teria me convidado se eu tivesse esperado tempo suficiente? —Quis saber Devlin com um brilho malicioso nos olhos.

—Não, não teria convidado —respondeu ela em tom impertinente —Raramente gosto de ter sentados à minha mesa chantagistas impiedosos.

—Você já não me guarda rancor por isso —disse Jack —Diga-me qual é o verdadeiro motivo. Ainda se sente incomodada pelo que aconteceu entre nós em seu aniversário?

Mesmo depois de tantos dias, após todas as horas que havia passado em sua companhia, a menor referência àquele encontro sexual ainda conseguia fazê-la corar.

—Não —respondeu em voz baixa —não tem nada a ver com isso. É que... —interrompeu-se e deixou escapar um breve suspiro para obrigar a si mesma a admitir a verdade frente a Devlin —Não sou especialmente atrevida no que diz respeito aos cavalheiros, até o extremo de convidar um homem para jantar, a não ser que exista algum pretexto, como uma questão de negócios. Não me agrada muito a perspectiva de ser rejeitada.

Tal como havia acabado de descobrir, Jack gostava de provocá-la e jogar enquanto ela tinha todas suas defesas despreparadas. Em troca, quando revelava uma ponta de vulnerabilidade, surpreendentemente ele ficava mais amável.

—Você é uma mulher com meios próprios, de rosto agradável, intelecto abundante e boa reputação. Pelo amor de Deus, por que nenhum homem gostaria de casar com você?

Amanda escrutinou o seu rosto em busca de sinais de burla, mas só havia um desperto interesse que a desconcertou.

—Não sou uma sereia capaz de atrair a qualquer um que agrade —disse em um tom aborrecido, embora artificial —asseguro que, é claro, existem homens capazes de me rejeitar.

—Então, quer dizer que você não vale a pena.

—Sim, claro. Como não —respondeu Amanda com uma incômoda risada, tentando dissipar a perturbadora sensação de intimidade que havia surgido entre eles.

Permitiu que ele se sentasse na bonita mesa de mogno, sobre a qual havia disposta uma travessa de

porcelana de Sevres verde e dourada e talheres de prata com cabos de madrepérola. Entre os pratos, havia uma peça de vidro verde para a manteiga, adornada com intrincados relevos em prata, com uma tampa rematada em uma caprichosa asa, também de prata, moldada com a forma de uma vaca. Apesar de Amanda preferir a elegância da simplicidade, não pôde resistir a comprar aquelas peças quando as viu em uma loja em Londres.

Devlin sentouse de frente para ela com um ar de confortável familiaridade. Parecia gostar de estar ali, prestes a jantar, sentado à sua mesa. Amanda ficou perplexa vendo-o tão feliz e sem disfarces. Um homem como Jack Devlin havia sido bem recebido em muitas mesas... Por que preferiria a dela?

—Me pergunto se você está aqui pelo desejo de gozar de minha companhia ou dos talentos de minha cozinheira —refletiu ela em voz alta.

A cozinheira, Violeta, tinha vinte e poucos anos, mas se dava muito bem preparando comidas simples, convertendo-as em algo excepcional. Havia adquirido aquelas habilidades trabalhando como ajudante de cozinheira de uma grande família aristocrática, tomando muitas notas sobre ervas e condimentos e escrevendo centenas de receitas num caderno que tinha engordado a cada dia.

Devlin obsequiou Amanda com aquele lento sorriso que nunca deixava de deslumbrá-la, um irônico gesto de calidez e humor.

—Os talentos de sua cozinheira são consideráveis —reconheceu —mas, sua companhia é capaz de transformar um pão em um manjar digno de um rei.

—Não consigo entender por que me acha tão agradável —respondeu Amanda secamente, tratando de conter a onda de prazer que lhe causou aquelas palavras —Eu não faço nada para agradar você. De fato, não recordo uma única conversa que tenhamos mantido que não tenha terminado em uma discussão.

—Gosto de discutir —disse ele com simplicidade —É por minha herança irlandesa.

Nesse instante, Amanda sentiu-se fascinada por aquela pouco habitual referência a seu passado.

— Sua mãe tinha mau gênio?

— Vulcânico —respondeu Jack e, em seguida, pareceu rir de alguma recordação antiga —Era uma mulher de opiniões e sentimentos apaixonados. Para ela não existia o meio termo.

—Teria gostado muito de ver que você triunfou.

—Duvido —replicou Devlin, cuja diversão se diluiu no mesmo instante em uma expressão fugaz que cruzou seus olhos —Minha mãe não sabia ler. Não saberia o que fazer com um filho que se tornou um editor. Ao provir de uma família católica e temente a Deus, desaprovava tudo o que não fosse ler a Bíblia ou cantar hinos. O material que eu edito, com toda probabilidade, teria feito com que ela viesse me buscar com uma cinta na mão.

— E seu pai? —Amanda não pôde evitar perguntar — Está contente de que você seja editor?

Devlin a olhou com expressão cautelosa, antes de responder em tom frio e mais contemplativo: —Não nos falamos. Jamais conheci meu pai, exceto como uma figura distante que me enviou para a escola, após a morte de minha mãe e pagou por minha educação.

Amanda era consciente de que estava pisando em terreno pantanoso: um passado cheio de dor e amargas lembranças. Desejava saber se Devlin confiava nela e se devia persistir em interrogá-lo. Era uma ideia fascinante o poder de tirar confidências daquele homem tão dono de si mesmo, coisa impensável para os demais.

Por que pensava então que podia fazer isso? Bom, sua presença ali naquela noite era uma prova de algo. Efetivamente, gostava de sua companhia —queria algo dela, embora não soubesse com exatidão de que se tratava.

Do que não tinha dúvida era que Devlin não estava ali movido apenas por interesse sexual, a não ser que estivesse tão desesperado por encontrar novos afetos que, de repente, tinha começado a gostar das velhas solteironas de língua afiada.

O lacaios passou a servi-los. Colocou com habilidade pratos de vidro e prata frente a eles. Atendeu-os,

no tabalho de levar os pratos suculentos de carne e verduras com manteiga, vinho e água em suas taças.

Amanda aguardou até que o criado saísse da sala para falar.

—Senhor Devlin, evitou uma e outra vez minhas perguntas acerca de sua reunião com Madame Bradshaw, já me deu longas respostas esquivas e manobras evasivas. No entanto, é justo que, à luz de minha hospitalidade, me dê, por fim, uma explicação sobre o que falaram e me explique por que ela organizou aquele ridículo encontro na noite de meu aniversário. E advirto, não penso permitir que lhe sirvam nem um pedaço de pudim de marmelada até que me conte.

Os olhos de Devlin chispavam de súbita diversão.

—Voce é uma mulher cruel ao empregar contra mim a debilidade pelos doces.

—Conte-me —disse ela, inexorável.

Ele não teve nenhuma pressa, mas, sim, provou com parsimônia um pedaço de carne assada e o engoliu acompanhado de um gole de vinho tinto.

—A senhora Bradshaw achou que você não ficaria satisfeita com um homem de inteligência inferior à sua. Assegurou-me que os únicos homens de que dispunha eram muito imberbes e cabeças ocas para você.

—E que importância podia ter isso? —Perguntou Amanda —Não tenho entendido que o ato sexual requeira ter uma especial inteligência. Segundo o que tenho observado, muitas pessoas lerdas são muito capazes de engendrar filhos.

Por algum motivo, aquela observação fez Devlin rir até o ponto de engasgar. Amanda esperou com impaciência que ele recuperasse o domínio de si mesmo, mas, cada vez que Devlin via sua expressão interrogante, tinha outra crise de gargalhadas. Por fim, após beber meia taça de vinho, olhou para ela fixamente com seus olhos um tanto aquosos e um intenso rubor que se estendia por sua face até a ponta do nariz.

—Certo —disse, com sua voz profunda, embora marcada pela risada —mas, essa pergunta delata sua falta de experiência. O fato é que, a satisfação sexual resulta mais difícil de conseguir para as mulheres que para os homens. Requer certas doses de habilidade, cuidado e, sim, inteligência também.

Como tema de conversa para um jantar, aquele assunto estava tão longe do que aconselhava o decoro. Amanda ficou corada até o ultimo fio de cabelo. Antes de falar de novo, lançou uma olhada para a porta, para ter certeza de que se encontravam completamente a sós.

— E a senhora Bradshaw sabia que você possuía as qualidades necessárias para... enfim... me satisfazer, o que não ocorreria com seus funcionários.

— Isso parece.

Jack deixou os talheres sobre o prato e observou com grande interesse como diversas emoções cruzavam o semblante de Amanda.

O fato de saber que devia pôr fim de imediato àquela escandalosa conversa entrava em violento conflito com a curiosidade que a levava a querer conhecer mais detalhes. Amanda nunca pôde perguntar a ninguém sobre o proibido tema das relações sexuais: nem a seus pais, nem a suas irmãs, as quais, apesar de sua situação como mulheres casadas, pareciam estar só um pouco menos desinformadas que ela.

Mas, agora tinha à sua frente um homem que, não só podia, mas também queria informá-la sobre qualquer questão que quisesse perguntar a ele. Abandonou finalmente a luta interna contra o decoro. Depois de tudo, era uma solteirona, de modo que, do que lhe havia servido o decoro?

—E para os homens? —Perguntou —Alguma vez é difícil encontrar a satisfação com uma mulher?

Para seu prazer, Devlin respondeu a pergunta sem qualquer sinal de burla.

—Para um homem jovem ou sem experiência em geral, basta para ele ter um corpo quente de mulher. Mas, conforme o homem vai amadurecendo, deseja algo mais. O ato sexual fica mais excitante com a mulher certa, que desperte seu interesse. Até mesmo uma mulher que o faça rir.

—Os homens querem que uma mulher os faça rir? —Perguntou Amanda com patente ceticismo.

—É obvio. A intimidade é mais prazerosa com alguém que esteja disposto aos jogos na cama, alguém

divertido e carente de inibições.

—Jogos —repetiu Amanda, sacudindo a cabeça num gesto de negação. Aquela ideia contradizia tudo o que ela sempre havia pensado sobre o romance e o sexo. Uma pessoa não “jogava” na cama. A que se referia? Insinuava que havia brincadeiras sobre o colchão e brincar com as almofadas, como faziam as crianças?

Enquanto ela o observava fixamente desconcertada, Devlin pareceu sentir-se incomodado. De repente, seu olhar se avivou, como se em seus olhos houvesse prendido uma chama azul. Ficou ligeiramente avermelhado, parecia incapaz de afrouxar a mão com a qual tinha agarrado o garfo. Quando falou, sua voz havia adquirido um tom terrroso.

—Temo, senhorita Briars, que vamos ter que mudar de assunto, porque não há nada no mundo que me atraia mais que a possibilidade de demonstrar a você o que quero dizer.

Capítulo 7

O que Devlin queria dizer, segundo entendeu Amanda, era que estava ficando excitado devido aquela conversa. Sentiu-se estupefata e violenta ao descobrir, que também seu corpo, havia acordado após aquele íntimo diálogo. Uma estranha sensação a percorreu pelos nervos, em seu peito e entre as coxas pareciam haver se instalado núcleos de calor. Era curioso que o fato de ver um homem, de ouvir sua voz, pudesse produzir sensações semelhantes. Até mesmo os seus joelhos, tão práticos e funcionais.

—Ganhei o direito de comer o pudim? —Perguntou Devlin, enquanto estendia a mão para pegar um pratinho coberto com uma tampa —Porque penso comê-lo. Advirto-a, que só poderá me impedir empregando a força física.

No rosto de Amanda desenhou-se um sorriso, tal como ele pretendia.

—É claro —disse ela, surpresa pelo tom calmo de sua própria voz —Sirva-se você mesmo.

Com mão experiente, serviu-se do pudim e da calda e os atacou com juvenil entusiasmo. Amanda buscou um novo tema de conversa.

—Senhor Devlin... Gostaria de saber como se tornou editor.

—Parecia muitíssimo mais interessante que passar o tempo calculando números em um banco ou em uma companhia de seguros. Além disso, sabia que não ia ganhar dinheiro sendo aprendiz. Eu queria montar um negócio. E próprio, com um inventário e empregados e com os meios suficientes para começar a publicar em seguida. Assim, no dia seguinte ao sair da escola, encaminhei-me a Londres com alguns companheiros a... —Calou durante uns segundos, uma estranha sombra cruzou seu semblante —Solicitei um empréstimo —disse por fim.

—Sem dúvida, deve ter sido bem persuasivo para que o banco lhe emprestasse a quantia suficiente para cobrir seus gastos. Sobretudo, sendo tão jovem.

O comentário de Amanda era um elogio, mas, por alguma oculta razão, os olhos de Devlin se escureceram e sua boca adotou uma expressão melancólica.

—Sim —disse com suavidade, em tom carregado de burla —Fui bastante persuasivo. —Bebeu um bom gole de vinho e, em seguida, olhou o rosto expectante de Amanda. Retomou o relato como se dispusesse a carregar um peso difícil de manejar —Decidi começar com uma revista ilustrada e escrever e publicar meia dúzia de romances, em três volumes, num prazo de seis meses depois de constituir a empresa. Não havia suficientes horas no dia para dar conta do trabalho. Fretwell, Stubbins, Orpin e eu, todos trabalhamos até cair rendidos. Duvido que algum de nós dormisse mais de quatro horas por noite. Tomava decisões a toda velocidade, nem todas boas, mas, de algum modo, consegui evitar cometer um erro bastante grave para falir. Para começar, comprei cinco mil livros provenientes de excedentes e vendi-os com um grande desconto, o qual não me granjeou a simpatia de meus colegas vendedores de livros. Mas, por outro lado, ganhei dinheiro muito rápido. Não poderíamos ter sobrevivido de outra forma. Meus colegas me consideravam um traidor sem escrúpulos e tinham razão. Mas, no primeiro ano de negócio, vendi cem mil volumes de meus armazéns e paguei a totalidade das prestações.

—Surpreende-me que a concorrência não conspire para fechar o seu negócio —disse Amanda em tom animado.

Dentro do mundo literário, todos sabiam que a Associação de Vendedores de Livros e a Comissão de Editores eram capazes de se unirem para destruir todo aquele que não obedecesse a norma tácita: não vender jamais um livro abaixo de seu preço.

—Oh, eles tentaram—disse Devlin com um sorriso macabro —Mas, quando conseguiram orquestrar uma campanha contra mim, eu já dispunha de dinheiro e influência suficientes para me defender de todos eles.

— Deve se sentir bastante satisfeito com o que conseguiu.

Devlin riu quase entre dentes.

— Até agora, nunca me senti satisfeito com nada. E duvido que isso ocorra no futuro.

— O que mais pode desejar? —Perguntou Amanda, fascinada e confusa.

— Tudo o que não tenho —respondeu Devlin, fazendo-a rir.

A partir daí, a conversa fez-se mais relaxada. Falaram de romances e escritores e dos anos que Amanda tinha passado com sua família. Contou a ele como eram suas irmãs, os maridos e os filhos destas. Devlin escutou com um interesse que não fez mais que surpreendê-la. Era raro essa percepção em um homem, pensou. Possuía a habilidade de entender o que ela não dizia com tanta clareza, como o que dizia.

— Inveja as suas irmãs por estarem casadas e ter filhos?

Reclinou-se em sua cadeira. Sobre a fronte lhe caía uma mecha de cabelo negro. Amanda distraiu-se ao ver aquele cacho elástico e sentiu um formigamento em seus dedos, provocado pelo desejo de afastá-lo do rosto dele. Não havia se esquecido da textura daquele cabelo escuro, liso e resistente, como a pele de uma foca.

Examinou com atenção a pergunta, surpreendida de que Devlin se atrevesse a formular perguntas que nenhuma outra pessoa faria e também que ela as respondesse. Gostava de analisar as ações e os sentimentos dos outros, mas não os seus. Mas, havia algo que a incitava a responder para Devlin com sinceridade.

—Suponho —disse em tom vacilante —que talvez tenha invejado as minhas irmãs por terem filhos. Mas, não desejo um marido como os que elas tem. Sempre quis uma pessoa... alguém..., muito diferente deles. —Fez uma pausa para refletir e Devlin permaneceu em silêncio. A quietude que reinava na sala a fez continuar —Nunca pude aceitar que a vida de casada não fosse aquilo que eu imaginava que poderia ser. Sempre acreditei que o amor deveria ser irresistível e selvagem, que deveria tomar posse de uma pessoa por inteiro. Tal como o descrevem os livros, os poemas e as músicas. Mas, não foi assim no caso de meus pais, nem de minhas irmãs. Na realidade, de nenhum dos habitantes de Windsor e, no entanto... sempre soube que esse era o tipo de casamento adequado e que minhas ideias a respeito não eram corretas.

—Por quê? —Os olhos azuis de Devlin brilhavam de interesse.

—Porque não é prático. Esse tipo de amor sempre termina perdendo força.

Ele levantou as comissuras dos lábios formando um sedutor sorriso.

—E como você sabe disso?

—Porque é o que diz todo mundo. E tem sua lógica.

—E você gosta que as coisas sejam lógicas —zombou ele, com delicadeza.

Amanda lhe dedicou um desafiante olhar.

—E o que tem isso de mal, posso saber?

—Nada. —Um sorriso brincalhão tocou seus lábios —Mas, algum dia, querida, seu lado romântico triunfará sobre a lógica. E espero estar ali quando isso acontecer.

Amanda esforçou-se para se conter. O fato de ver Devlin à luz das velas, enquanto as chamas e as sombras jogavam com suas atraentes feições e arrancavam brilhos dourados da generosa forma de seus lábios e de suas faces, fazia com que se sentisse ardente e vazia, tal como uma garrafa submetida ao fogo

e o calor que pressionava absorvendo sensações para o seu interior.

Desejou tocar as sedosas mechas e a pele clara e aveludada, sentir o pulso na base de sua garganta. Sentiu desejos de fazer coisas que cortavam sua respiração, de ouvi—lo sussurrar de novo palavras em gaélico. Quantas mulheres desejavam possuí-lo pensou, com uma súbita onda de melancolia. Perguntou-se, algum dia, alguém conseguiria conhecê-lo de verdade? Permitiria a alguma mulher compartilhar os segredos que guardava em seu coração?

—E o que me diz de voce? —Perguntou —O casamento seria uma solução prática para um homem como você.

Devlin se recostou em sua cadeira e a contemplou com um sorriso apenas perceptível.

—Por que pensa isso? —Respondeu em um tom suave, mas cheio de desafio.

—Bom, necessita uma esposa que se ocupe de suas coisas e que aja como anfitriã, proporcionando a você comodidade. E, logo você deve querer ter filhos, porque, do contrário, para quem deixará seu negócio e suas propriedades?

—Para obter companhia não tenho porque me casar —assinalou ele —E não me importa o que ocorra com as minhas propriedades quando eu tiver desaparecido. Além disso, já existem suficientes crianças no mundo. Com a minha intenção de não contribuir para aumentá-la, faço um favor à população.

— Pelo visto, não gosta de crianças —observou Amanda, esperando que ele negasse tal afirmação.

— Não, necessariamente.

Sua sinceridade deixou-a confusa por alguns segundos. As pessoas que não gostavam de crianças costumavam fingir o contrário. Era uma virtude dar muita importância às crianças, até mesmo os mais travessos, que corriam e se portavam mal e que eram insuportáveis.

— Talvez mudasse de opinião se você tivesse uma —sugeriu, desistindo de uma explicação convencional que, com frequência, haviam recitado para ela mesma.

O assunto sobre filhos pareceu dissipar a sensação de intimidade que havia começado a nascer entre eles. Devlin deixou seu guardanapo de linho sobre a mesa com sumo cuidado e sorriu.

— Devo ir agora —murmurou.

Sua forma de olhar para ele fixamente, sem pestanejar, havia-o deixado incomodado, pensou Amanda, com uma pitada fugaz de remorso. O fato de ficar olhando a pessoa como se pretendesse ir arrancando uma camada após a outra para chegar a seu interior, era uma mania que, às vezes, não podia evitar. Não fazia isso de forma intencional, simplesmente, era um costume típico de escritora.

—Não quer tomar café? —Perguntou —Ou uma taça de porto? —Ao ver que ele negava com a cabeça, ficou de pé e fez o gesto de apertar a campainha para chamar Sukey —Nesse caso, pedirei que tragam ao vestibulo seu casaco e seu chapéu.

—Espere.

Devlin também se levantou e rodeou a mesa para se aproximar dela. Mostrava uma curiosa expressão, absorta e receosa ao mesmo tempo, como um animal selvagem que foi incitado a aceitar comida da mão de um desconhecido, no qual não se confia. Amanda devolveu o mesmo olhar fixo com um sorriso cortês e interrogativo, procurando parecer serena, apesar de que o coração havia começado a bater em ritmo acelerado.

—Sim, senhor Devlin?

—Você exerce um estranho efeito sobre mim —disse em tom suave —Faz com que eu sinta o desejo de dizer a verdade, o que é bastante incomum, por não dizer incômodo.

Amanda não se deu conta de que estava retrocedendo, até que sentiu o brocado da parede contra as costas. Devlin a seguiu e apoiou um braço sobre o seu ombro, o outro o deixou cair solto ao lado. Sua postura era informal, mas Amanda sentiu-se presa, rodeada por sua proximidade.

Umedeceu os lábios, já bastante molhados, com a ponta da língua.

—Por que você não quer me dizer a verdade, senhor Devlin? —Conseguiu dizer.

A densidade de seus cílios velava sua expressão. Guardou silêncio durante um longo instante, Amanda achou que não ia responder. Então, olhou-a fixamente nos olhos. Como estavam tão próximos um do outro, o azul concentrado de seu olhar parecia particularmente intenso.

—O empréstimo —disse ele num sussurro. O timbre aveludado de sua voz havia perdido força e havia se tornado inexpressivo, como se lhe custasse um grande esforço pronunciar as palavras —O empréstimo que pedi para abrir o negócio. Não era de um banco, nem de nenhuma outra instituição, era de meu pai.

—Entendo —disse Amanda em voz baixa, embora os dois soubessem que ela não podia entendê-lo em absoluto.

A enorme mão que estava apoiada na parede fechou-se em punho, os nós pressionaram com força contra a superfície de brocado.

—Não conhecia-o, mas odiava-o. É um homem rico, pertencente à nobreza. Minha mãe era uma das criadas. Violentou-a e a seduziu e quando eu nasci, jogou-a na rua, sem sequer entregar a ela uma miserável renda. Eu não fui o primeiro bastardo que engendrou fora do casamento e Deus sabe que não fui o último. Um filho ilegítimo não tem significado, nem interesse algum para ele. Já tem sete filhos legítimos de sua esposa. —Seu lábio superior se curvou num gesto de asco —A julgar pelo que vi, são um bando de inúteis, mimados e arrogantes.

—Conhece —perguntou Amanda com precaução —seus meio irmãos?

—Vi-os, sim —respondeu Devlin com amargura —Mas, eles não têm o menor desejo de se relacionar com um dos muitos bastardos de seu pai.

Amanda assentiu sem deixar de observar a expressão dura e orgulhosa no rosto de Devlin.

—Quando minha mãe morreu e ninguém se ofereceu como voluntário para me adotar, meu pai me mandou a Knatchford Heath. Era um... Não era um bom lugar. Os meninos que mandavam para lá não podiam ser censurados, precisamente por pensar, que seus pais desejavam vê-los mortos. Eu era muito consciente de que não seria uma grande perda para o mundo se deixasse de existir. Isso foi o que me manteve vivo. —Lançou uma gargalhada breve e áspera —Sobrevivi por pura tenacidade, com o único propósito de destruir o meu pai. Eu... —Deixou a frase sem terminar e observou o rosto sereno de Amanda. Em seguida, sacudiu a cabeça como se quizesse esquecer — Não deveria contar a você tudo isso —sussurrou.

Amanda tocou nas lapelas do casaco, sustentando a borda entre os dedos.

— Continue —murmurou. Estava muito quieta, com todo o corpo enrijecido devido à eletrizante percepção de que, por algum motivo, Devlin estava se abrindo com ela, confiando nela, como jamais havia feito com ninguém. Amanda desejava aquelas confidências, desejava compreendê-lo.

Devlin permaneceu a seu lado, com a vista cravada em seu rosto.

— Quando saí da escola —disse com voz rouca —não tinha nada que me respaldasse na hora de solicitar um crédito, nem sobrenome, nem propriedades, nem família. Sabia que nunca chegaria a ser alguém se não tivesse o dinheiro necessário para começar. De modo que procurei o meu pai, o homem a quem mais odiava no mundo e lhe pedi que me emprestasse o dinheiro, com os interesses que ele quisesse. Não sabia que outra coisa fazer.

—Isso deve ter sido difícil para você —sussurrou Amanda.

—No momento em que o vi, senti como se me tivessem afundado em uma banheira cheia de veneno. Suponho que, até aquele momento, albergava a vaga ideia de que me devia algo. Mas, pela maneira que me olhou, soube que para ele não era seu filho, nem nada parecido. Era apenas um erro.

Um erro. Amanda recordou que Oscar Fretwell havia empregado a mesma palavra para descrever a si mesmo e aos demais garotos que estavam naquela escola.

—Era seu filho —apontou —Claro que te devia algo —Devlin não pareceu ouvi-la.

—O irônico é —prosseguiu suavemente —que eu sou fisicamente igual a ele. Pareço-me mais que nenhum de seus filhos legítimos: todos loiros e de pele clara, como sua mãe. Creio que foi divertido que

eu levasse a sua marca, de maneira tão óbvia. E, pelo visto, agradou-lhe que eu não admitisse nada a respeito da escola para a qual havia me enviado. Deu-me muitas oportunidades para que me queixasse do inferno que havia sofrido, mas eu não disse uma só palavra de reprovação. Falei a ele sobre a ideia de me tornar editor e me perguntou quanto dinheiro eu necessitava. Eu sabia que era um pacto com o diabo. Aceitar dinheiro dele era como trair a minha mãe, mas eu necessitava dele com muita urgência para me preocupar com isso. E aceitei.

—Ninguém poderia reprová-lo —disse Amanda em tom sincero, embora soubesse que não importava. Devlin não era dado a mostrar-se misericordioso consigo mesmo, independente do que dissessem os outros —Além disso, devolveu-lhe o empréstimo, não é assim? Assunto resolvido.

Ele sorriu com amargura, como se aquela afirmação fosse de uma insuportável inocência.

—Sim, devolvi em sua totalidade e com juros. Mas, não está resolvido. Meu pai gosta de alardear diante de seus amigos que ele me proporcionou os meios necessários para dar início ao negócio. Agora representa o papel de benfeitor e eu não posso contradizê-lo.

—As pessoas que conhecem você sabem qual é a verdade —murmurou Amanda —Isso é a única coisa que importa.

—Sim.

A expressão de Devlin fez-se ausente e Amanda percebeu que se arrependia de ter contado tantas coisas sobre si mesmo. Acima de tudo, não queria que ele lamentasse ter confiado nela.

Mas por que o havia feito? Por que quis mostrar seu lado mais escuro? Acaso tinha a intenção de aproximar-se dela ou afastá-la totalmente? Devlin baixou o olhar, como se aguardasse sua censura, como se quase a desejasse.

—Jack —disse Amanda.

Seu nome saiu de seus lábios sem que se desse conta. Ele se moveu de forma quase imperceptível, como se pretendesse se separar dela. Então Amanda, obedecendo a um impulso, levantou os seus curtos braços e o rodeou pelos ombros. Abraçou-o com gesto protetor, embora parecesse ridículo tentar proteger uma criatura de semelhante força física. Devlin ficou rígido. Para surpresa de Amanda, e talvez também dele mesmo, foi aceitando pouco a pouco aquele abraço, inclinando—se para frente para adaptar-se a baixa estatura dela. Baixou a cabeça quase até tocar o ombro dela. Amanda apoiou uma mão na nuca, próximo ao colarinho da jaqueta alcançando a pele morna.

—Jack... —Amanda procurou adotar um tom compassivo, mas, por alguma razão, sua voz soou tão cortante e pragmática como sempre —O que fez não foi ilegal e nem imoral, não vale a pena perder tempo se arrependendo. Não tem por que se censurar por algo que não pode mudar e, como você mesmo disse, não tinha outra alternativa. Se deseja se vingar de seu pai e de seus irmãos pelo modo como o trataram, sugiro que dedique suas energias em ser feliz.

Ele deixou escapar uma risada leve contra seu ouvido.

— Minha pragmática princesa —disse, estreitando-a com seus braços —Quem dera fosse tão simples. Mas, existem pessoas que não foram feitas para ser feliz. Alguma vez pensou nisso?

Para um homem que tinha passado cada minuto de sua vida dirigindo, controlando, lutando e conquistando, aquele momento de rendição constituía uma experiência das mais estranhas. Jack se sentiu aturdido, como se, de repente, houvesse se abatido sobre ele uma névoa cálida que ia diluindo os contornos do impiedoso mundo que habitava.

Não estava certo do que tinha causado aquela impetuosa confissão, mas, de alguma maneira, um mundo foi dando lugar a outro, até que encontrou-se revelando segredos que jamais havia confiado a ninguém, nem sequer a Fretwell e Stubbins, seus mais íntimos confidentes. Teria preferido que Amanda zombasse dele ou que se mostrasse fria e distante. Poderia ter suportado à base de sarcasmo e humor, sua defesa preferida. Mas ela o apoiou e a compreensão que ela lhe ofereceu acovardou-o. Mas, não podia se afastar dela, por mais que aqueles instantes estivessem se prolongando muito.

Adorava sua força, sua maneira de olhar a vida defrente, sua falta de sentimentalismo. Ocorreu a ele pensar que uma mulher como Amanda era o que sempre havia necessitado. Alguém que não se sentisse intimidada pelo prodigioso torvelinho de ambição e desassossego, que o havia atormentando durante toda sua vida. Amanda confiava em sua própria capacidade para afrontar um problema e reduzi-lo a uma dimensão manejável.

—Jack —disse com suavidade —Fique um pouco mais. Tomaremos uma taça de porto na salinha.

Ele virou o rosto para seu cabelo, cuja parte lateral estava primorosamente recolhida para trás e que agora tinha se convertido em uma massa de fios desordenados.

— Não tem medo de ficar a sós comigo na salinha? —Perguntou — Lembre-se do que aconteceu na última vez.

Notou que ela se arrepiou.

— Creio que posso manejar você bastante bem.

Para Jack aquela segurança em si mesma pareceu deliciosa. Separou-se e sustentou seu rosto entre as mãos. Em seguida, valeu-se de seu próprio peso para aprisioná-la contra a parede: suas pernas rodearam as dela entre a saia de veludo cor âmbar. Nos olhos cinzas e claros de Amanda brilhou a surpresa e seu rosto se inundou de um intenso rubor.

Possuía uma formosa pele clara e a boca mais tentadora que Jack jamais tinha visto: branda, com um toque rosado, suavemente curvada. Tinha os lábios apertados, como era costume nela.

—Nunca diga isso a um homem —disse Jack —Faz com que eles tenham vontade de te demonstrar que está enganada.

Ele gostava de deixá-la nervosa, Intuíra que poucos homens eram capazes de fazer. Ela riu insegura, ainda corada, incapaz de pensar em uma resposta. Jack lhe acariciou as faces com as pontas dos polegares e encontrou uma pele sedosa e fresca. Sentiu vontade de abraçá-la, enchê-la com seu fogo. Baixou a cabeça e apenas roçou seu rosto, deixando passar seus lábios sobre sua pele suave.

—Amanda... O que acabo de contar a você... não foi para ganhar sua simpatia. Quero que entenda o tipo de homem que sou. Não sou nobre. Não sou um homem de princípios.

—Nunca pensei que fosse —replicou ela e Jack riu ao ouvi-la, notando como estremecia —Jack. —Manteve a face dela contra a dele, como se desfrutasse da sensação que lhe produzia sua pele barbeada —É como se pretendesse me advertir contra si mesmo, embora eu não consiga compreender por quê.

—Não compreende? —Jack se jogou para trás e a olhou com gesto grave, enquanto sentia arder o desejo em seu interior, acima de todas as considerações racionais. Amanda olhava para ele com os olhos muito abertos, limpos e refrescantes, como uma chuva de primavera. Pensou que poderia passar uma eternidade contemplando—os —É porque te quero. —Obrigou a si mesmo a falar, abrindo caminho entre a súbita aspereza de sua voz —Porque não deve me convidar para jantar com você nunca mais. E quando me vir vindo para você, deve começar a correr, o mais rápido possível, em direção contrária. Você é como um dos personagens de seus romances, Amanda: uma mulher boa e com princípios morais, que se mistura com más companhias.

—Acho bastante interessantes as más companhias. —Não parecia ter nenhum medo dele, tampouco, parecia entender o que ele tentava lhe dizer —E pode ser que eu esteja me limitando a estudá-lo com fins documentais. —Surpreendeu, rodeando o pescoço dele com os braços e roçando com seus lábios a comisura dos dele —Então... você vê? Não tenho medo.

Aquela branda boca abrasou a pele dele. Jack já não podia se controlar, assim como não podia evitar que a terra seguisse girando. Baixou a cabeça e tomou a boca de Amanda com a sua para beijá-la, com uma paixão sem limites.

Sentiu-a doce e macia. Era pequena, mas, exuberante e estava firmemente presa entre seus braços. As formas generosas de seus seios apertados contra seu peito. Explorou-a com profundas carícias de sua língua, procurando ser delicado, notando como em seu interior ardia uma autêntica fogueira. Sentiu

vontade de arrancar aquele vestido de veludo e saborear os bicos de seus seios, a curvatura do ventre, os rebeldes fios que nasciam entre suas coxas. Queria seduzi-la de mil maneiras diferentes, chocá-la, esgotá-la, até que dormisse em seus braços e permanecesse assim durante horas.

Às cegas, encontrou a curva de suas nádegas e fechou as mãos sobre elas com força, enquanto apertava sua virilha contra a rígida protuberância de seu sexo. A saia amorteceu a sensação, várias pregas do pesado tecido impediram o contato íntimo que ele ansiava.

Beijaram-se com mais ardor, em tensão, até que Amanda começou a gemer cada vez mais agitada. Então Jack, sem saber como, conseguiu afastar a sua boca da de Amanda com a respiração entrecortada e arquejante. Estreitou-a contra seu corpo excitado.

—Basta —disse em um áspero susurro —Já basta... ou terei que possuí-la aqui mesmo.

Ela tinha o rosto oculto da vista dele, mas Jack ouvia o ritmo desigual de sua respiração e notava seus esforços por se manter quieta, apesar dos tremores que sacudiam seu corpo. Acariciou seu cabelo com leves movimentos. Os reluzentes fios castanhos eram como aros de fogo sob as suas mãos.

Transcorreram uns longos segundos antes que Jack encontrasse forças para poder falar.

—Agora já sabe por que não é boa ideia me convidar até a salinha.

—Talvez tenha razão —respondeu ela temerosa.

Jack separou-a dele, embora todos os seus nervos se rebelassem, protestando a gritos.

—Não deveria ter vindo esta noite —sussurrou ele —Fiz uma promessa a mim mesmo, mas pelo visto não posso...

De sua garganta saiu um leve grunhido quando se deu conta de que estava a ponto de fazer outra confissão. O que estava acontecendo com ele? Um homem tão escrupulosamente reservado no plano pessoal, não conseguindo parar de falar quando estava na presença daquela mulher?

—Adeus —disse, com o olhar fixo no rosto afogueado de Amanda. E, em seguida, sacudiu a cabeça perguntando-se onde foi parar o seu autocontrole.

—Espere. —A mão de Amanda o deteve, agarrando-o pela manga da jaqueta. Ele olhou aqueles dedos pequenos e combateu o louco impulso de segurá-los, arrastá-los por seu próprio corpo excitado e levá-los contra seu sexo dolorido —Quando voltarei a te ver?

Passou muito tempo antes que ele respondesse.

—Quais são seus planos para as férias? —Perguntou com voz rouca.

Faltavam menos de duas semanas para o Natal. Amanda baixou os olhos e se concentrou em colocar a fita de seu vestido no lugar que lhe correspondia.

—Tenho intenção de ir a Windsor, como de costume e passar as férias com as minhas irmãs e suas respectivas famílias. Eu sou a única que recorda a receita de ponche que preparava minha mãe e minha irmã Helen sempre me pede que o prepare. Para não mencionar o biscoito que...

—Passe o Natal comigo.

—O quê? —Murmurou ela, obviamente sobressaltada —Onde?

Jack continuou rapidamente.

—Todos os anos dou uma festa em minha casa no dia de Natal, para amigos e colegas. É... —Calou um instante, incapaz de interpretar o semblante de Amanda —É um verdadeiro barulho, para dizer a verdade. Farra, bebida, é um escândalo que te deixa surdo. E quando consegue encontrar um prato para cear, a comida sempre está fria. Além disso, não conhece ninguém...

—De acordo, irei.

—O quê? —Olhou para ela fixamente, atônito —E seus sobrinhos e o ponche de conhaque?

Amanda estava mais certa de sua decisão a cada segundo que passava.

—Escreverei a receita do ponche em um papel e a enviarei a minha irmã pelo correio. E, quanto a meus sobrinhos, duvido que sequer que percebam minha ausência.

Jack assentiu aturdido.

—Se quiser pensar melhor... —começou, mas Amanda negou com a cabeça.

—Não, não, gostarei muito de passar o Natal em sua casa. Será grata uma mudança que me afaste de todas essas crianças gritando e da perseguição de minhas irmãs. Além do mais, não suporto o barulho da carruagem de ida e volta a Windsor. Será revigorante passar o Natal em uma festa cheia de caras novas. —Fez gesto de acompanhá-lo para fora da sala de jantar, como se suspeitasse que ele fosse achá-la mal educada por deixá-lo para trás —Não quero atrasá-lo senhor Devlin, disse que desejava ir embora. Boa noite.

Chamou a criada para que trouxesse o casaco de Jack e antes que ele tivesse possibilidade de assimilar plenamente o que estava acontecendo, já tinha sido conduzido até a rua.

De pé, na escada gelada da porta principal, enquanto removia com os sapatos a areia que haviam espalhado para que ninguém escorregasse, Jack meteu as mãos nos bolsos do casaco e começou a andar depressa em direção a sua carruagem, enquanto o cocheiro preparava os cavalos para partir.

—Por que diabos fiz isso? —Murmurou Jack para si mesmo, estupefato ante o inesperado resultado da sua visita. A única coisa que queria era passar uma ou duas horas na companhia de Amanda Briars e, sem saber como, havia terminado convidando-a à sua casa, para os festejos do Natal.

Subiu à carruagem e sentou-se com o corpo tenso, sem repousar as costas no fino estofamento de couro, abraçando os joelhos com as mãos. Sentia-se ameaçado, e seu equilíbrio alterado, como se o mundo em que habitava comodamente tivesse mudado rapidamente, superando sua capacidade de adaptação. Algo estava acontecendo com ele e não gostava disso.

Segundo parecia, uma pequena solteirona havia aberto uma greta em suas bem reforçadas defesas. Desejava conquistá-la, tanto como desejava não voltar a vê-la, e nenhuma das duas alternativas parecia possível. E ainda havia mais: Amanda era uma dama respeitável, não se contentaria com uma mera aventura ou um simples *afair*. Iria querer ser a dona do coração do homem com quem se relacionasse, pois, era muito orgulhosa e obstinada, para desejar menos que isso. E o calcificado coração de Jack não estava disponível para ela...nem para ninguém.

Capítulo 8

Vimos cantar canções, Entre as folhas tão verdes; Vimos a pé, Muito prazer em vê-lo, Desejamos a todos amor e alegria, E também um feliz Natal...

Amanda, de pé no umbral, sorria tremendo de frio, enquanto Sukey, Charles e ela escutavam os pequenos cantar a canção diante da porta. O pequeno grupo de meninos e meninas, meia dúzia no total, foi desfiando a melodia com seus gritos, envoltos em roupas bufantes e gorros grandes, que quase lhes cobriam o rosto por completo. Só dava para ver a ponta avermelhada do nariz e as nuvens brancas que formava sua respiração.

Quando terminaram a canção, sustentando a última nota ao máximo tempo possível, Amanda e os criados agradeceram a interpretação com vivos aplausos.

— Aqui está — disse Amanda, entregando uma moeda ao menino mais alto de todos — Quantas casas estão pensando visitar hoje?

O garoto maior respondeu com um marcado acento cockney: — Pensamos cantar em mais uma apenas, senhorita e depois nós iremos para casa, para a ceia de Natal.

Amanda sorriu aos pequenos, dois deles golpeavam o chão com os pés para aliviar seus entumecidos dedos. Eram muitas as crianças que, como aquelas, cantavam canções pela rua no dia de Natal para ter algum dinheiro extra para a família.

— Pois então — disse Amanda, pegando a bolsinha de seu vestido em busca de outra moeda — peguem isso e vão embora para casa agora. Está muito frio para que fiquem fora de casa.

— Obrigado, senhorita — disse o rapazinho, encantado, seguido por um coro de agradecimentos de seus companheiros — Feliz Natal, Senhorita!

As crianças apressaram-se a descer as escadas da porta e começaram a correr, como se temessem que ela mudasse de ideia.

— Senhorita Amanda, não deveria dar assim o seu dinheiro — repreendeu Sukey, entrando depois dela e fechando a porta para impedir que entrasse uma onda de vento frio — Não acontecerá nada a esses garotos por estarem aí fora um pouco mais.

Amanda riu e puxou um pouco mais o xale.

— Não me repreenda, Sukey. Hoje é Natal. Vamos, tenho que me apressar, logo chegará a carruagem do senhor Devlin para me levar.

Enquanto Amanda se divertisse na festa de Natal do senhor Devlin, Sukey, Charles e a cozinheira, Violeta, celebrariam a ocasião em outro lugar, junto de suas amigas. O dia seguinte, era conhecido como Boxing Day, porque era quando se distribuíam moedas aos pobres e caixas cheias de roupas usadas e outros utensílios. Amanda e seus criados iriam a Windsor para passar uma semana de férias na casa de sua irmã Sophia.

Amanda ficava alegre em pensar que ia ver seus familiares no dia seguinte, mas, estava muito contente de passar aquele dia em Londres. Que agradável era fazer algo diferente naquele ano. Sentia-se realmente ditosa de que, a partir de então, seus familiares nem sempre fossem estar tão certos do que podiam esperar dela. Amanda não virá? — parecia ouvir exclamar a sua arisca tia — avó — Mas se sempre vem no

Natal, pois, não tem família própria. E quem irá preparar o ponche de conhaque?

Em vez disso, estaria ceiado e dançando com Jack Devlin. Talvez até lhe permitisse dar-lhe um beijo sob um ramo de azeviche.

—Bom, senhor Devlin —murmurou, cheia de ilusão —vamos ver o que nos espera este dia de Natal.

Depois de tomar um luxuoso banho quente, vestiu uma bata e sentou em frente à lareira de seu quarto. Ficou ali penteando o cabelo até que ele secou, formando uma explosão de fios de cor castanho acobreada. Depois, prendeu-o com grande habilidade, num coque no alto da cabeça e deixou que umas mechas soltas caíssem ao lado do rosto. Depois, com ajuda de Sukey, colocou um vestido de seda cor verde esmeralda, com detalhes em veludo também verde na barra da saia. As mangas longas de veludo estavam arrematadas nos punho por braceletes de contas de jade e o decote quadrado era bastante baixo para deixar à vista o nascimento dos seios. Por causa do frio, jogou sobre os ombros um xale cor vinho, com acabamento de seda. Colocou também uns brincos de estilo Flandes pendurados nas orelhas como lágrimas douradas que balançavam no pescoço.

Estudou o efeito do conjunto no espelho e sorriu porque sabia que nunca tinha estado tão bonita. Não havia necessidade de beliscar as faces porque já estavam rosadas devido a emoção. Um pouco de pó sobre o nariz, uma gota de perfume atrás das orelhas e já estava pronta.

Foi até a janela enquanto bebia um pouco de chá. Procurou controlar o pulso que deu-lhe o coração ao ver aparecer a carruagem que Jack tinha enviado.

—Que boba eu sou, por me sentir igual a uma adolescente na minha idade —disse secamente a si mesma, mas, enquanto descia as escadas correndo em busca de sua capa, seguia experimentando aquele bulir em seu interior.

Uma vez que o laçao a deixou dentro da carruagem, equipada com brasas para os pés e manta de pele para as pernas, Amanda viu que sobre o assento havia um presente com seu correspondente envoltório. Tocou tímidamente o chamativo laço vermelho daquele pacotinho de forma quadrada e tirou dele um cartão dobrado que estava preso sob o laço. Seus lábios se curvaram em um sorriso ao ler a breve nota.

Embora isto não seja em absoluto tão estimulante como as memórias de Madame B, pode ser que o ache curioso. Feliz Natal.

J. D

A carruagem rodava já pela rua gelada quando Amanda desenbrulhou o presente e ficou olhando desconcertada. Um livro, um pequeno e muito velho, com uma antiga capa de couro e de páginas frágeis e amareladas. Manipulando com extrema delicadeza, leu o título.

—Viagens a várias nações remotas do mundo —disse em voz alta —quatro partes. Por Samuel Gulliver...

Amanda deteve-se por um momento e então riu encantada.

—*As viagens de Gulliver!*

Em certa ocasião, tinha confessado a Devlin que aquela obra “anônima” de Jonathan Swift, o clérigo e autor de sátiras irlandesas, havia sido uma de suas histórias favoritas quando menina. Aquela edição em particular era a impressão original de Motte, do ano 1726, sumamente rara.

Sorrindo, Amanda disse para si mesma que aquele pequeno volume a agradava mais que o resgate de um rei em joias. Estava claro que devia rejeitar presente de valor tão inquestionável, mas, não queria separar-se dele.

Sustentou o livro no colo, enquanto a carruagem se encaminhava a zona de moda de St. James’s. Embora, nunca estivesse ido a casa de Jack Devlin, sabia algo da mesma graças a Oscar Fretwell. Devlin havia comprado aquela mansão de um ex- embaixador da França, que em seus anos de velhice, tinha decidido estabelecer sua residência no continente e renunciar a suas propriedades na Inglaterra.

A casa estava situada em uma área de acentuada tendência masculina, com formosas propriedades, alojamentos para solteiros e lojas exclusivas. Não era comum um homem de negócios possuir uma mansão em St. James's, já que a maioria dos empresários ricos construíam casas ao sul do rio ou em Bloomsbury. Mas, Devlin levava algo de sangue aristocrático em suas veias e talvez isso, combinado com suas consideráveis riquezas, fazia com que sua presença fosse mais suportável para seus vizinhos.

A carruagem diminuiu a marcha para unir-se a fila de veículos, alinhados ao longo da rua, que iam deixando os seus passageiros junto à entrada que conduzia para a magnífica casa. Amanda não pode evitar ficar de boca aberta de puro assombro ao contemplá-la através da janelinha coberta de geada.

O edifício era uma esplêndida e imponente mansão georgiana de tijolos vermelhos, cuja fachada luzia umas enormes colunas brancas com frontão e várias fileiras de janelas de estilo clássico. A parte de trás da casa dava para um imaculado bosque de árvores sob as quais crescia um tapete de grama e flores brancas.

Era uma casa para se orgulhar. A imaginação de Amanda ganhou vida enquanto aguardava que a carruagem chegasse à entrada principal. Imaginou Jack Devlin como estudante, sonhando como seria a vida além dos lúgubres muros do colégio. Teria imaginado que um dia viveria em um lugar como aquele? Que sentimentos o haviam motivado ao longo da longa e penosa ascensão que ele levou até ali? Mais ainda, falaria algum dia a respeito se sua infinita ambição ou continuaria sendo arrastado por ela, sem piedade, até o fim de seus dias?

Devlin não parecia ser consciente dos necessários limites que possuíam os homens comuns. Carecia de capacidade para relaxar, para experimentar satisfação, para desfrutar de seus êxitos. Apesar disso ou talvez devido a isso, Amanda acreditava que Devlin era, sem dúvida, a pessoa mais fascinante que já havia conhecido. E também sabia, sem sombra de dúvida, que era um homem perigoso.

— Mas, eu não sou uma colegial com a cabeça cheia de pássaros —disse a si mesma, consolando-se por saber que contava com um bom juízo —Sou uma mulher capaz de ver Devlin como realmente é... e não há perigo, contanto que eu não me permita fazer algo ridículo. Como, por exemplo, apaixonar-me por dele —Só de pensar nisso seu coração se encolheu de angústia. Não o amava, nem desejava amá-lo. Bastava divertir-se na companhia dele. Não pensava em deixar de repetir para si mesma que Devlin não era um homem capaz de permanecer junto a uma mulher durante toda uma vida.

A carruagem deteve-se finalmente e um lacaios apressou-se para ajudar Amanda a descer. Ela se apoiou em seu braço e se deixou guiar pelas escadas geladas que conduziam à porta dupla da entrada. Do interior da casa, profusamente iluminada, surgia o rumor das conversas, música e calor.

O corrimão estava adornado com ramos de azevinho e visco, presos com fitas de veludo vermelho. O aroma das plantas e das flores, mesclavam-se com os cheiros da abundante ceia que estava disposta na mesa de jantar.

Havia muito mais convidados do que Amanda esperava, pelo menos duzentos. Enquanto as crianças jogavam em uma salinha à parte, acondicionada para a ocasião, os adultos pulavam por um grande circuito de salas. Em toda a casa pairava uma alegre música procedente do grande salão.

Quando Devlin a encontrou, Amanda sentiu um estremecimento de prazer. Estava muito elegante vestido com casaca e calças negras, um colete cinza, confeccionado sob medida de seu esbelto torso. No entanto, aquela postura de cavalheiro não conseguia dissimular seu ar de pirata. Era muito irreverente e astuto para convencer alguém de que era um cavalheiro.

— Senhorita Briars —disse em voz baixa, enquanto tomava as mãos enluvadas de Amanda e a percorria de cima abaixo com um franco olhar apreciativo —Você parece um anjo de Natal.

Amanda riu ante semelhante elogio.

— Obrigada por esse livro tão encantador, senhor Devlin. Guardarei-o como um tesouro. Mas, receio não ter trazido nada para você.

— O fato de vê-la com esse atrevido decote é o único presente que desejo.

Ela franziu o cenho e olhou ao seu redor para ver se havia alguém por perto.

—Cuidado... E se alguém tivesse ouvido?

—Acharia que estou enlouquecido por você —murmurou —E estariam certos.

—Enlouquecido? —repetiu Amanda com frieza, mas, desfrutando de um nível íntimo com aquele diálogo —Santo céu, que poético!

Devlin mostrou um amplo sorriso.

—Não me custa reconhecer que não possuo o seu talento para escrever arrebatadoras descrições de paixão carnal.

—Agradeceria que você não mencionasse temas tão obscenos em uma festa sagrada —sussurrou ela em tom cortante, com as faces incendiadas.

Devlin sorriu de novo e colocou uma das mãos de Amanda sobre seu braço.

—Muito bem —cedeu —Comportarei-me pelo resto do dia como um rapaz de coro de uma igreja, se for isso que quer.

—Seria uma agradável mudança —respondeu ela com ar hipócrita, o que fez Jack rir.

— Venha comigo, quero apresentá-la a alguns amigos.

Amanda não escapou que Devlin caminhava com uma atitude de clara propriedade, enquanto a levava para o grande salão. Foi passando de um grupo de sorridentes convidados a outro, fazendo apresentações, trocando bons votos e fazendo uma ou outra brincadeira, com uma naturalidade que deixou-a assombrada.

Apesar de Devlin não ter se aventurado a afirmar de forma aberta, havia algo em sua expressão ou em seu tom de voz, algo que insinuava que entre Amanda e ele existia algo que os unia além dos negócios. Ela estava desconcertada com sua própria reação. Nunca tinha namorado ninguém, nunca tinha recebido olhares de inveja por parte de outras mulheres, de admiração por parte dos homens. De fato, nenhum homem havia feito nunca o esforço de deixar patente em público seu direito sobre ela e, sem dúvida, embora de modo muito sutil, percebia que era aquilo que estava fazendo Devlin.

Foram avançando através das grandes salas. Para os convidados que não queriam dançar e nem cantar, tinha uma sala de paredes forradas de mogno, na qual havia agora um grupo de pessoas envolvidas em um jogo de adivinhação e outro que jogava cartas ao redor de várias mesas. Amanda reconheceu muitos dos presentes: escritores, editores e jornalistas, com os quais havia se encontrado em diferentes atos sociais, durante os últimos meses. O ambiente era muito animado. O contagioso espírito natalino parecia estender-se sobre todo mundo, desde os mais jovens, até os mais velhos.

Devlin levou Amanda para fazer uma parada ao lado de uma mesa de refrescos, onde algumas crianças jogavam uma partida de boca de dragão. Sobre uma cadeira, ao redor de uma tigela de ponche muito quente, pescavam com seus dedos as uvas passas e as colocavam a toda velocidade na boca. Devlin começou a rir ao contemplar os rostos pegajosos que se voltaram para ele.

—Quem está ganhando? —perguntou, e todos apontaram para um garoto com um casaco de pelúcia.

—Georgie! É o que mais pescou uvas passas até agora.

—Sou muito rápido com os dedos, senhor —admitiu o pequeno, com um amplo sorriso lambuzado de açúcar.

Devlin sorriu e instigou Amanda a aproximar-se da grande tigela de ponche.

—Prove você também —animou-a e todos os meninos começaram a rir.

Amanda olhou para ele com o cenho franzido.

—Receio que demoraria muito tempo para tirar as luvas —disse com recato.

Os olhos azuis de Devlin chispavam de malévolo regogizo.

—Então o farei por você.

Tirou suas próprias luvas e, antes que Amanda pudesse pronunciar uma só palavra de protesto, introduziu a mão na tigela. Tirou uma uva passa quente e colocou na boca de Amanda. Ela aceitou de modo automático, embora estivesse tão quente, que quase queimou sua língua. Os garotos estalaram em

risadas de alegria. Ela virou o rosto para esconder um sorriso irreprimível, enquanto notava como a uva passa embebida em conhaque espargia seu doce sabor pelo interior de sua boca. Depois de engolir aquela pequena goloseima, levantou a cabeça e dirigiu a Devlin um olhar reprovador.

—O que foi? —perguntou Devlin com fingida inocência e os dedos suspensos novamente sobre o ponche.

—Obrigada, mas não. Não quero perder meu apetite.

Devlin sorriu e chupou a mancha pegajosa que lhe havia deixado no dedo a uva passa, em seguida, voltou a colocar as luvas. Os garotos se concentraram, uma vez mais, ao redor da tigela de ponche e voltaram ao jogo com falsos gritinhos de dor quando colocavam os dedos e se queimavam com o líquido.

—E agora, o que? —perguntou Devlin, enquanto levava Amanda da mesa de ponche —Gostaria de tomar um pouco de vinho?

—Não deveria monopolizar seu tempo... Sem dúvida, você deve atender a seus convidados.

Devlin a levou a um canto do salão e pegou uma taça de vinho da bandeja de um criado que passava. Entregou a Amanda e depois baixou a cabeça para murmurar em seu ouvido: —Só há uma convidada que me interessa.

Amanda notou um intenso rubor subindo por suas faces. Sentia-se como se estivesse sonhando. Aquilo não podia estar acontecendo com ela. Amanda Briars, a solteirona de Windsor. Aquela música tão encantadora, aquele entorno tão magnífico, o elegante homem que lhe sussurrava palavras sedutoras ao ouvido.

—Você tem uma casa muito bonita —disse com voz insegura, tentando romper o feitiço que Devlin parecia ter jogado sobre ela.

—Não é mérito meu. Comprei esta casa tal como estava, mobiliada e tudo.

—É uma casa muito grande para uma só pessoa.

—Dou muitas festas.

—Algum dia, alguma de suas amantes viveu aqui? —Amanda não tinha nem ideia do por que tinha se atrevido a formular, em voz alta, a supreendente pergunta que lhe veio à mente.

Ele sorriu e respondeu com um ligeiro tom de sarcasmo: —Senhorita Briars, como pode fazer uma pergunta assim em uma festividade sagrada?

—E bem, o fez? —insistiu Amanda, já muito audaciosa para retroceder.

—Não —admitiu Devlin —Tive uma ou duas aventuras, mas, nenhuma relação duradoura. A julgar pelo que tenho observado, é muito incômodo, para não dizer caro, livrar-se de uma amante uma vez que nos cansamos dela.

—Quando terminou sua última aventura?

Devlin riu em tom baixo.

— Não penso responder mais perguntas, até que você me diga por que demonstra, de repente, tanto interesse por minhas atividades de cama.

—É possível que algum dia decida me inspirar em você para criar um personagem.

Em seus lábios surgiu um delicioso sorriso.

—Nesse caso, você também pode querer saber mais sobre mim, minha curiosa amiguinha: gosto de dançar, danço muito bem. De modo que, se me permitir demonstrarei...

Tirou a taça de vinho de sua mão e deixou-a sobre uma mesinha. Em seguida, conduziu Amanda até o salão.

Durante as horas seguintes, seguiu viva em Amanda a sensação de estar vivendo um sonho, enquanto dançava, bebia, ria e participava de jogos próprios para a ocasião. De vez enquanto, tiravam Devlin de seu lado para cumprir seus deveres como anfitrião, mas, até mesmo quando ele se encontrava em outro extremo da sala, Amanda era consciente de seu olhar fixo nela. Para sua alegria, Devlin lançava-lhe olhares tristes e eloquentes quando ela passava muito tempo falando com um cavalheiro em particular,

como se estivesse enciumado. De fato, mandou Oscar Fretwell intervir depois que ela dançou pela segunda vez com um encantador banqueiro chamado Mitchell, apelidado de Rey.

—Senhorita Briars! —exclamou com satisfação Fretwell, com seu cabelo loiro reluzente à luz dos candelabros —Acredito que ainda não dançou comigo. Não se pode permitir que o senhor Mitchell fique com uma dama tão encantadora só para ele.

Mitchell a cedeu de má vontade ao gerente e Amanda sorriu enquanto ambos iniciavam uma quadrilha.

—Devlin o enviou, não é? —ela perguntou em tom cortante. Fretwell sorriu contrito e não se incomodou em negar.

—Me disse que a informe de que Mitchell é divorciado, muito aficionado ao jogo e uma companhia muito pouco recomendável.

—Pareceu-me bastante divertido —respondeu Amanda faceira, enquanto passava para a seguinte figura da quadrilha.

Naquele momento, viu Devlin de pé no amplo arco que separava o grande salão da salinha da entrada. Devolveu seu olhar desgostoso agitando levemente a mão e continuou dançando com Fretwell.

Quando terminou a dança, Fretwell acompanhou-a até a mesa dos refrescos para tomar uma taça de ponche. Enquanto um criado despejava com uma concha o líquido de cor roxa em uma taça de cristal, Amanda reparou no desconhecido que estava a um canto. Voltou-se e sorriu-lhe.

—Nos conhecemos, senhor?

—Para meu pesar, não.

Era um homem alto, de aspecto mais para inocente, cujo físico incomum via-se ressaltado por uma daquelas barbas muito recortadas que estava na moda naquele tempo. Em seu grande nariz, equilibrava-se um par de belos olhos castanhos e uma boca curvada em um sorriso fácil e agradável. Seu cabelo ruivo e muito curto, cobria toda a cabeça, apresentava algumas mechas prateadas nas têmporas. Amanda calculou que teria, no mínimo, de cinco a dez anos a mais que ela. Era um homem maduro, assentado e bastante seguro de si mesmo.

—Permita-me que faça as apresentações —disse Fretwell, ajustando os óculos com mais firmeza sobre o nariz —Senhorita Amanda Briars, este é o senhor Charles Hartley. Casualmente vocês dois trabalham para o mesmo editor.

Amanda sentiu-se intrigada pelo fato de que Hartley fosse também um funcionário de Jack Devlin.

—Acompanho o senhor Hartley no mesmo sentimento —disse, o que fez rir os dois homens.

—Com licença, senhorita Briars —disse Fretwell em voz baixa, claramente divertido —vou deixá-los para que se compadeçam mutuamente, enquanto saúdo uns velhos amigos que acabam de chegar.

—É claro —respondeu Amanda, tomando um gole de seu ponche doce e forte. Então, olhou fixamente para Hartley, pois seu nome, de repente, pareceu-lhe familiar —Não será você o tio Hartley? —perguntou encantada —O que escreve livros de poesia para crianças? —Ao receber a confirmação com um assentimento, começou a rir e tocou o braço dele de forma impulsiva —Seu trabalho é maravilhoso. Verdadeiramente maravilhoso. Tenho lido seus contos para meus sobrinhos. O que eu mais gosto é o do elefante que se queixa todo o tempo ou talvez o do rei que encontra o gato mágico.

—Sim, são os meus contos imortais —respondeu ele em tom seco, de autocrítica.

—Você é muito criativo —disse Amanda com sinceridade —É muito difícil escrever para crianças. A mim, jamais ocorreria nada que pudesse interessar a eles.

Ele sorriu com um jeito que fez com que seu inocente rosto parecesse quase belo.

— É difícil acreditar que exista algum tema que resista ao seu talento, senhorita Briars.

— Venha, vamos buscar um lugar mais tranquilo para conversar —disse Amanda —Tenho muitas coisas que me encantaria perguntar a você.

—É uma sugestão muito agradável —respondeu ele. E, em seguida, ofereceu o braço e saiu com ela.

Amanda achou a sua companhia relaxante, diferente em todos os sentidos do deslumbrante estímulo

que lhe supunha a presença de Jack Devlin. O irônico era que, embora Hartley ganhasse a vida escrevendo livros para crianças, era viúvo e não tinha filhos.

—Foi um bom casamento —confidenciou a Amanda, sustentando ainda, entre suas grandes mãos, uma taça de ponche de cristal que tinha esvaziado minutos antes —Minha esposa era dessas mulheres que sabem como fazer com que um homem se sinta a vontade. Era uma pessoa agradável, sem afetação e nunca se dava esses ares estúpidos, que mostram atualmente a maioria das mulheres. Ela dizia o que pensava e gostava de rir. —Fez uma pausa e contemplou Amanda com gesto pensativo —Se parecia com você, para dizer a verdade.

Jack conseguiu escapar de uma conversa aborrecida com um par de eruditos clássicos, o doutor Samuel Shoreham e seu irmão Claude, os quais tentavam com grande empenho convencê-lo de que devia editar o manuscrito que haviam elaborado sobre antiguidades gregas. Após livrar-se daqueles dois com mal dissimulado alívio, encontrou próximo dali Fretwell —Onde está? —perguntou a seu gerente. Não havia necessidade de explicar a quem se referia.

—A senhorita Briars está sentada no divã da sala, com o senhor Hartley —respondeu Fretwell —Com ele, encontra-se perfeitamente a salvo, eu garanto. Hartley não é dos que fazem insinuações indecentes a uma senhora.

Jack jogou uma olhada aos dois e, em seguida, contemplou com expressão sombria o conhaque do copo que tinha na mão. Em seus lábios se desenhou um sorriso estranho, amargo, e falou a Fretwell sem levantar os olhos.

—O que sabe sobre Charles Hartley, Oscar?

—Refere-se a sua situação? A sua personalidade? Hartley é viúvo e tem fama de ser um homem respeitável. Tem uma modesta fortuna, provém de boa família e sua reputação carece por completo de escândalos —Fretwell fez uma breve pausa e sorriu —E tenho visto que é admirado pelas crianças de todas as partes.

—E o que é que sabe de mim? —perguntou Jack em voz baixa.

Fretwell franziu o cenho sem entender.

—Não estou certo do que me pergunta.

—Ela já conhece minha maneira de fazer negócios: eu não sou respeitável, nem estou livre de escândalos. Fiz uma fortuna, mas, sou filho ilegítimo e procedo de uma linhagem ordinária. Além disso, não gosto de crianças, aborrece-me a ideia do casamento e nunca fui capaz de manter uma relação com uma mulher que tenha durado mais de seis meses. Além de tudo isso, sou um bastardo egoísta pois, não penso deixar que nada disso me impeça de perseguir a senhorita Briars, apesar de ser a última coisa que ela precisa.

—A senhorita Briars é uma mulher inteligente —disse Fretwell com suavidade —Talvez devesse permitir que decida ela mesma o que precisa.

Jack sacudiu a cabeça num gesto negativo.

—Não se dará conta de seu erro até que o tenha cometido —disse em tom lúgubre —As mulheres sempre se comportam assim nesses casos.

—Senhor... —disse Fretwell preocupado, mas Jack já havia se afastado dele, friccionando a nuca com o gesto inconsciente de fadiga, de um homem empurrado por uma feroz força de vontade que dominava seus melhores instintos.

A ceia de Natal foi soberba. Serviram um prato após outro, todos eles impressionantes, aos convidados, que lançavam exclamações de admiração. O estampido das garrafas de vinho proporcionou um constante som rítmico de fundo ao tilintar das taças de cristal, ao murmúrio das animadas conversas. Amanda perdeu a conta das delícias que lhe ofereceram. Houve quatro tipos de sopa, entre elas a de tartaruga e a de lagosta, e vários patos assados, com diferentes recheios de ervas aromáticas.

Um incessante desfile de criados foi servindo fontes de carneiro com molho bechamel, faisões,

codornas e lebres assados, veado, ovos de cisne e uma deslumbrante variedade de verduras. Também havia pasteis, pratos exóticos e de caça, servidos em fumegantes tigelas de prata. Bonitas bandejas com frutas e saladas, além de pratos repletos de trufas. Havia até mesmo aspargos macios, embora não fosse temporada e, portanto, muito caros de adquirir no Natal.

Por mais que Amanda desfrutasse da maravilhosa ceia, apenas deu-se conta do que comia, tão interessada estava pelo homem que se sentava a seu lado. Devlin possuía um encanto extraordinário, contava histórias com uma graça e inteligência que, sem dúvida, deviam ser de sua herança irlandesa.

Amanda sentiu que nascia em seu íntimo uma doce, embora dolorosa, sensação de que algo que não tinha relação com o vinho que havia tomado. Desejava estar a sós com Devlin, queria seduzí-lo e possuí-lo, embora só fosse durante um curto espaço de tempo.

A visão de suas mãos secou-lhe a boca: lembrou-se do incrível calor que sentiu ao contato do corpo de Jack contra o seu... e desejou senti-lo de novo. Desejou atraí-lo dentro de seu corpo, desejou que a paz da satisfação física envolvesse os dois. Estar perto, relaxada e feliz em seus braços. Ela tinha levado uma vida muito comum, mas, Devlin parecia brilhar, tal qual um cometa que riscava o firmamento.

Após o que lhe pareceu uma eternidade, terminou a ceia e os convidados separaram-se formando grupos. Alguns homens permaneceram sentados à mesa para beber o porto. Algumas senhoras se congregaram na salinha para tomar chá, enquanto que muitas outras pessoas se reuniam junto ao piano para entoar canções. Amanda se preparou para unir-se a este último grupo, mas, antes que pudesse chegar onde se encontrava o piano sentiu a mão de Devlin fechar-se sobre seu cotovelo e sua profunda voz murmurando ao seu ouvido: —Venha comigo.

—Onde vamos? —perguntou ela, um tanto impertinente.

A expressão de cortesia social que Devlin luzia no semblante não conseguia mascarar o desejo que vibrava em seus olhos.

—Buscar um ramo de visco adequado.

—Provocará um escândalo —advirtiu Amanda, presa entre o alarme e a risada.

—Tem medo do escândalo? —Guiou-a até a porta da salinha e percorreram um corredor em sombras.

—Nesse caso, seria melhor que ficasse com o seu respeitável amigo Hartley.

Amanda emitia um gritinho de prazer e incredulidade.

—Quase diria que você está com ciúmes desse viúvo tão amável e tão cavalheiresco.

—Naturalmente que estou com ciúmes dele —replicou Devlin —Estou com ciúmes de todo homem que olhe para você. —Levou-a ao interior de uma sala grande na penumbra que cheirava a couro, vitela e tabaco. Era a biblioteca, compreendeu Amanda vagamente, enquanto seu coração retumbava com força em seu peito devido a emoção que lhe causava a perspectiva de estar a sós com ele —Quero você toda para mim —continuou Devlin com a voz rouca —Quero que fique longe de toda essa condenada gente.

—Senhor Devlin —disse ela com voz temerosa e contendo a respiração conforme ele ia empurrando-a contra uma estante com o seu poderoso corpo, quase em contato com o seu —Acredito que bebeu demais.

—Não estou bêbado. Por que é tão difícil acreditar que eu a desejo?

Sentiu suas cálidas mãos em ambos os lados de sua cabeça, posando sobre ela. Os lábios de Jack lhe acariciaram a testa, as faces, o nariz, depositando beijos suaves e abrasadores que atearam fogo à superfície de sua pele. Jack falou em voz baixa, acariciando-a com seu fôlego perfumado de rum.

—A questão é: Amanda... Você me deseja?

Amanda experimentou dentro de si uma explosão de palavras que retumbaram e colidiram umas com as outras, enquanto seu corpo enrijecia-se por Jack, de forma tão obstinada que não pode evitar apertar-se contra aquele torso grande e musculoso. Jack atraiu-a para si, instigando seus quadris a se aproximar, até que os corpos de ambos moldaram-se, um ao outro, tão estreitamente, como permitiam as roupas que os cobriam.

O alívio de ser abraçada, de se ver tocada pelas mãos de Jack foi tão grande, que Amanda não pode

reprimir uma súbita exclamação. Jack percorreu-lhe a garganta desnuda, beijando-a, saboreando-a, e notou que lhe fraquejavam os joelhos devido às sensações que fluíam por todo seu corpo.

—A formosa Amanda —sussurrou Jack, com a respiração entrecortada e ardente contra sua pele —*A chuísle mo chroí...* Te disse isso em uma ocasião, lembra?

—Mas não me disse o que significava —conseguiu dizer Amanda, apoiando uma branda face no rosto barbeado, embora um pouco áspero de Jack.

Jack jogou a cabeça para trás e a olhou fixamente com uns olhos tão escurecidos que pareciam negros em vez de azuis. Seu amplo peito parecia sacudido pela força de sua respiração.

— As batidas do meu coração —sussurrou — Desde o momento em que nos conhecemos, Amanda, soube o que aconteceria entre nós.

Os dedos de Amanda tremeram ao se aferrar à suave lã de seu casaco. Aquilo era desejo, pensou confusa, e era cem vezes mais poderoso que nenhuma outra coisa que tivesse experimentado em sua vida. Até mesmo na ocasião em que lhe proporcionou aquele clímax de incrível doçura que despertou seus sentidos a um recém-nascido conhecimento do prazer, quando Jack era ainda um desconhecido para ela. Estava aprendendo que existia uma grande diferença entre desejar um atraente desconhecido e desejar um homem ao qual havia chegado a apreciar.

Ao longo dos momentos de trocas de confidências, das discussões, das frequentes risadas e das vibrantes tensões, havia se desenvolvido algo novo entre eles. A atração e o aprêço haviam-se transformado em algo sinistro e elementar.

Jamais será seu —advirtiu-lhe em seguida o coração —Jamais te pertencerá. Nunca irá querer se casar, nem suportar nenhum tipo de restrições a sua liberdade. Isto terminará um dia e voltará a estar só. Era muito realista para se iludir daquela inquietante verdade.

Mas, todo pensamento viu-se varrido de sua mente, quando a boca de Jack se fechou sobre a sua. Seus lábios a sondaram, jogando, insistindo, até que ela relaxou os seus e abriu-os para ele. Sua resposta pareceu provocar uma leve comoção nele, porque percebeu como reverberava um gemido em sua garganta e em seu peito. A partir daí, o beijo se fez mais intenso, mais profundo, sua língua começou a explorá-la com maior frenesi. Aquela invasão excitou-a e apertou-se mais contra ele até sentir como a massa generosa de seus seios apertava-se contra o corpo de Jack.

Devlin separou sua boca da de Amanda como se não pudesse suportar mais. Seus pulmões dilatavam-se em rápidas inspirações. Suas mãos aferravam-se com força ao corpo dela.

—Deus —sussurrou junto ao cabelo preso de Amanda —Completa os meus braços de um modo que... que me deixa louco. É tão doce... tão suave.

Beijou-a de novo de forma ardente, exigente, devorando—a, como se ela fosse um delicioso doce que ele ansiara, como se fosse parte dele, como se apenas o seu sabor e sua textura fossem capazes de aplacar sua violência, sua sede. Amanda sentiu como brotava o prazer nos lugares mais ternos de seu corpo, como ia se enrijecendo, aguardando a detonação que permitiria liberar a tensão acumulada, em uma explosão de puro êxtase.

As mãos de Jack moviam-se por seu corpo, buscando entre a seda verde. A fria pele de seus seios ressoava por cima do decote quadrado, resistindo ao estreito confinamento do vestido. Jack se inclinou e apertou os lábios contra o profundo vale que se abria entre os seios e, em seguida, cobriu de lentos beijos a pele que ficava descoberta. Os mamilos ergueram-se sob o tecido do vestido e ele tocou-os através da fina seda, acariciando, beliscando com delicadeza. Amanda deixou escapar um gemido de angústia ao recordar seu anterior encontro, em seu aniversário, seu corpo desnudado frente a Jack, sob o resplendor do fogo, como ele havia lambido e acariciado com sua boca aquele peito nú. Desejava viver de novo aquela intimidade, com um desespero que a deixava bem próxima da loucura.

Devlin pareceu ler seu pensamento, porque fechou a mão sobre seu seio e o apertou com força para aliviar as ânsias de Amanda.

—Amanda —disse ele com voz rouca —Deixe-me que te leve pra casa esta noite.

Ela tinha a mente turvada pela sensualidade. Demorou um longo tempo para responder.

—Já me ofereceu sua carruagem —disse num sussurro.

—Já sabe o que estou te pedindo.

Sim, claro que sabia: Jack queria ir para casa com ela, acompanhá-la até o quarto e fazer amor na cama, na qual não havia dormido ninguém além dela. Apoiou a testa contra seu peito duro e assentiu. Havia chegado o momento. Era consciente dos riscos, as limitações, as possíveis consequências e estava disposta a aceitar tudo em troca da profunda experiência de estar com ele. Uma noite com ele..., cem noites... O que o destino lhe desse, ela aceitaria.

—Sim —disse contra o tecido suave e úmido de sua camisa, ali onde o aroma de sua pele mesclava-se deliciosamente com o aroma de amido, colônia e flores de Natal —Sim, vem pra casa comigo esta noite.

Capítulo 9

Durante o resto da noite, Amanda apenas foi consciente do passar do tempo. Só soube que os convidados demoraram uma eternidade para irem embora. Por fim, uns pais avermelhados pelo vinho levaram os exaustos garotos para as carruagens. Alguns casais se entreteram na entrada, fazendo planos e promessas, assim como beijos apressados sob os raminhos de azeviche pendurados sobre a porta.

Amanda viu muito pouco Devlin durante a última hora da festa, pois, esteve ocupado se despedindo de seus convidados e aceitando seus bons votos. Um irreprimível sorriso tocou os lábios de Amanda quando deu-se conta do que Jack estava fazendo: de maneira sutil, animava todo mundo a sair pela porta e subir em suas respectivas carruagens com a maior pressa possível. Via-se, claramente, que estava ansioso para livrar-se de todos para ficar a sós com ela. A julgar pelo olhar de receio que lhe dirigiu, Amanda adivinhou que temia que ela pudesse mudar de ideia sobre o que lhe havia prometido.

No entanto, naquela noite, nada ia se interpor entre eles. Jamais havia se sentido tão indefesa, disposta e expectante. Aguardava com forçada paciência, sentada em uma pequena salinha decorada com cores azuis e douradas, contemplando com expressão sonhadora as chamas amarelas na lareira de mármore. Quando todos os convidados se foram e a casa começou a bulir de criados iniciando os trabalhos de limpeza, enquanto os músicos guardavam com todo cuidado seus instrumentos, Devlin foi até ela.

—Jack.

Seu nome surgiu na garganta quando ele se agachou frente a ela e tomou uma mão.

O brilho do fogo roçava de forma desigual num dos lados de seu rosto, destacando a metade de suas feições com uma intensa cor amarela e deixando o resto nas sombras.

—Chegou o momento de você também ir para casa —disse olhando-a fixamente, sem sua habitual segurança e desenvoltura, sem o menor sinal de sorriso. Ao invés disso, seu olhar era firme, como se tentasse ler seus mais íntimos pensamentos —Quer ir sozinha —prosseguiu com doçura—ou prefere que eu te acompanhe?

Ela tocou-o na face com a ponta de um dedo enluvado.

O resplendor das chamas acariciava sua barba incipiente que lhe dava a aparência de brilhantes peças douradas. Nunca havia visto uma boca tão bonita como a de Jack: um lábio superior de forma tão perfeita, um labio inferior mais brando, mais cheio. Toda uma promessa de prazeres carnavais.

—Vem comigo —respondeu.

O interior da carruagem estava escuro e fazia frio. Amanda colocou os pés, calçados com sapatos leves, diretamente sobre o braseiro. Devlin acomodou sua enorme figura junto a ela e suas longas pernas ocuparam quase todo o espaço disponível sob os assentos. Riu ao ver como Amanda pretendia absorver com avareza o calor que irradiava o recipiente de porcelana cheio de carvões, depois do lacaio fechar a portinhola em silêncio.

Rodeou os ombros de Amanda com um braço e baixou a cabeça para susurrar ao ouvido dela: —Eu posso te dar calor.

O coche começou a rodar traqueteando ligeiramente pelas irregularidades do pavimento, absorvidas pelos amortecedores com que iam equipadas as rodas.

Amanda viu-se, de repente, alçada sem esforço algum e depositada sobre os joelhos de seu companheiro.

—Jack! —exclamou sem fôlego, enquanto ele retirava o xale e passava a mão pelas costas do vestido. Parecia que não a tinha ouvido, pois, tinha a vista fixa no pálido brilho de seus seios, enquanto que, com a outra mão, procurava a barra da saia.

— Jack!—exclamou de novo. Empurrou-a contra seu peito exercendo suficiente pressão sobre suas costas para fazê-la cair de novo para ele.

— Sim?—murmurou, enquanto sua boca acariciava a suave pele da garganta.

— Dentro da carruagem não, pelo amor de Deus.

— Por que não?

— Porque é... —Sentiu como a ponta de sua língua roçava sua pele e acariciava um sensível ponto ao lado do pescoço. Calou uns instantes para reprimir um gemido de excitação —Isso é vulgar.

— Excitante —respondeu ele com um susurro —Algum dia pensou em fazer amor em uma carruagem, Amanda?

Ela jogou a cabeça para trás a fim de olhá-lo com assombro, mas apenas conseguiu ver seu rosto nas sombras na escuridão do coche.

— É obvio que não! Não imagino sequer como pode ser possível algo semelhante. —Ao ver o branco resplendor dos dentes de Jack, arrependeu-se no mesmo instante de ter dito aquelas palavras —Não, não me diga!

—Em vez disso, vou demonstrar a você.

Começou a tatear na parte posterior do vestido dela, enquanto murmurava palavras íntimas, mortificantes. A julgar pela série de leves puxões e pelo afrouxamento do corpete, Amanda percebeu que ele fazia rápidos progressos com o seu vestido.

Quando concordou em permitir que Jack fizesse amor com ela naquela noite, tinha imaginado uma cena romântica em seu quarto, não dentro da carruagem.

Jack roubou vários beijos de seus lábios entreabertos e, em seguida, começou a percorrer a garganta dela com a boca.

—Espere —gemeu ela —Estamos quase chegando. O criado nos descobrirá ... Oh, pare já!

Jack apertou-a contra seu regaço e olhou fixamente seus olhos cinzas, sempre cheios de inteligência e desafio. Agora, aqueles profundos lagos de prata estavam vulneráveis, como lava líquida, intensamente apetecíveis. A excitação havia feito com que seu coração batesse desenfreado, que seu pulso enlouquecido se concentrasse nas virilhas, provocando-lhe uma súbita ereção. Ele queria afundar-se em Amanda, apertar, morder até o último centímetro de seu corpo.

Capturou sua boca com um beijo ardente e buscou sua língua para beber com ânsia seu delicioso sabor. Ela reagiu de boa vontade, deixando que a beijasse como quisesse, arqueando o corpo quando ele desabotoou o vestido. Sua mão apalpou ao longo da coluna vertebral, até encontrar a borda do espartilho. Com gesto impaciente, tirou os laços até que estes se afrouxaram e a prenda, de rígidas varetas, cedeu e deixou de comprimir o corpo. Amanda começou a respirar profundamente ao sentir os pulmões livres daquela prisão de sujeições metálicas.

Jack tirou-lhe o vestido na parte da frente do corpo e desenganchou a parte frontal do espartilho. No mesmo instante, caíram para frente seus redondos seios, cobertos apenas pelo enrugado tecido da camisa. Em seguida, levantou Amanda um pouco mais sobre seu colo e buscou a sombra de um mamilo. Encontrou-o, capturou-o e começou a lamber e morder com suavidade, através do linho.

Aquele suave botão rosado se endureceu em sua boca. Com cada ardente carícia de sua língua, arrancava uma afogada exclamação da garganta de Amanda. Tirou a camisa, notou como deslizava o delicado tecido sob seus dedos e seguiu tirando até que ambos os seios ficaram descobertos. Depois, com um gemido, juntou a boca no vale que os separava e fechou as mãos sobre seus seios maduros.

—Jack... —Amanda apenas conseguia falar entre ofêgos —Oh, Jack. —Sua ávida boca encontrou de novo o mamilo, sua língua foi traçando círculos ao redor daquela ponta de seda, demorando-se na borda, ali onde a crista unia-se à pele clara do peito. A fragrância de Amanda gerou uma reação tão primitiva, que perdeu toda consciência do mundo, além daquele coche escuro e bamboleante. Com um empenho voraz, Jack deslizou as mãos sob a saia e acomodou o corpo de Amanda sobre o seu, separando as coxas, de modo que ela ficasse montada sobre ele.

Como seria de esperar, Amanda não era uma parceira passiva, sua boca respondia com beijos ávidos, suas mãos percorriam com urgência por seu peito e sua cintura. Derrotada pelas diversas camadas de roupas ajustadas e pela gravata de Jack, começou a puxá-las com um gemido.

—Ajude-me —disse com voz trêmula, lutando contra a cintura de suas calças —Quero tocar-te.

—Ainda não. —As palmas de Jack deslizaram ao longo de suas pernas até encontrar a curvatura de suas nádegas —Se tocar-me agora, não serei capaz de controlar-me.

— Não me importa. —Puxou com mais força e conseguiu desabotoar o primeiro botão —Quero saber a sensação de te tocar... Ter você em minhas mãos. —Seus dedos tocaram sobre a dura forma dentro das calças. Aquela leve pressão fez com que Jack desse um pulo e lançasse um gemido. — Além do mais —recordou ela sem fôlego —foi você quem começou tudo isso.

Era tão adorável em sua atitude imperiosa, tão apaixonada, que Jack sentiu que lhe contraía o coração, num sentimento que jamais havia experimentado, um sentimento perigoso demais para examinar.

— Está bem —disse em um tom carregado de desejo e diversão —Longe de mim negar-te qualquer coisa que deseje.

Separou de lado a mão que explorava seu corpo e desabotoou com habilidade os seis botões que restavam. Sua ereção saltou ao exterior. Livre do grosso tecido, tremendo pela proximidade da carne feminina. Logo as mãos também tremiam, em seu esforço por dominar o impulso de colocar Amanda em cima dele e adentrar o interior de seu corpo virginal. Em vez disso, aguardou com forçada paciência e apertou os dentes ao sentir seus dedos frios tocar com cautela sobre seu duro membro, acariciando a pele sedosa, tão tensa e estirada sobre seu sexo rígido.

—Oh —disse fechando os olhos e movendo a mão em uma lenta exploração —Não esperava que... Está tão quente... E a pele é tão...

Jack virou o rosto para o lado, com a respiração ofegante entre os dentes apertados, lutando para não sucumbir àquela sensação. Tinha a suave face de Amanda apoiada contra a sua.

—Dói quando te toco? —perguntou ela num susurro, enquanto seus dedos titubeavam ao aproximar-se do extremo pulsante de sua ereção.

—Não, Deus, não... —Jack deixou escapar uma risada entrecortada que terminou num gemido —É agradável. *Mhuirnin...* está me matando... Deve parar agora.

Segurou-a pelo punho para separar-lhe a mão e buscou a longa abertura da roupa interior dela. Em seguida sua mão invadiu a roupa até notar o estalido da costura. Introduziu então o dedo polegar e acariciou a mata de cachos úmidos.

—Agora é a minha vez —murmurou, beijando seu rosto acalorado, enquanto deslizava o dedo no interior da mata oculta entre cachos, repetindo o movimento até que os lábios femininos ficaram inchados e separados. Notou que ela apertava as coxas ao redor dos dedos dele. Serviu-se de suas próprias pernas para manter abertas as dela e deixar seu corpo aberto e indefenso ante o seu contato.

Uma vez que localizou a entrada do corpo de Amanda, acariciou até notar que ia aumentando a umidade em volta de seu dedo. Amanda gemeu e pressionou o ventre contra sua mão, buscando mais estimulação. Ele continuou acariciando-a com uma lentidão desesperadora, apoiando o dedo justo acima da delicada protuberância feminina, inchada, sensível. Amanda tremeu e contorceu-se quando Jack começou a fazer círculos lentos e sinuosos com o dedo.

Com muito cuidado, juntou sua pelvis na de Amanda, sem penetrá-la. Apenas para que a parte inferior

de seu sexo flutuasse contra a umidade entre as pernas dela. Cada sacudida das rodas da carruagem, favorecia a que seus corpos se aproximassem um pouco mais. Jack fechou os olhos ao notar como aquela sensação ia incrementando-se, até ficar insuportável. O prazer paralizou-o quando seu autocontrole começou a desmoronar. Logo iria alcançar o clímax... Não, não podia permitir isso, ali, naquele momento. Amaldiçoou para si mesmo, aferrou com suas mãos os redondos quadris de Amanda e separou-a de sua tensa ereção.

—Jack —reclamou ela —preciso de você... preciso... Oh, Deus, por favor...

—Sim —sussurrou ele com o corpo inteiro rígido e suado —Te proporcionarei alívio, querida. Em breve. Podemos esperar um pouco mais, *mhuirnin*... Faremos como é devido, na comodidade de uma cama. Em nenhum momento foi a minha intenção chegar até este ponto na carruagem. É que... não pude evitar. Vamos, vire-se para que abotoe o seu vestido...

—Não, espere —replicou ela com a voz turva, valendo-se da língua para saboreá-lo, para incitá-lo, sentindo que as coxas de Jack ficavam como aço sob seu peso.

—Não. —Ele deixou escapar uma risada nervosa e pegou o rosto dela entre as mãos para cobrir-lhe a boca com suaves beijos —Se não esperarmos você se arrependerá... Oh, querida, deixe que me detenha enquanto ainda sou capaz de fazê-lo.

—Esperei trinta anos —sussurrou Amanda, enquanto se esforçava torpemente para colocar-se em cima dele —Deixe-me decidir quando e onde. Por favor. Da próxima vez você decide.

A menção de “a próxima vez”, junto com o fato de pensar em tudo o que iria fazer com ela, por ela, foi demais para que pudesse resistir.

— Não deveríamos —ouviu-se dizer a si mesmo com voz áspera, apesar de estar buscando sob sua saia, colocando-a em cima dele.

— Não me importa. Faça agora... agora... —Suas palavras dissolveram-se num grave gemido quando sentiu uma vez mais a carícia do dedo polegar de Jack, que também usava o outro dedo, para deslizar em seu interior.

Jack olhou fixamente seus olhos cinzas e suaves. Viu como baixava os cílios enquanto surgia em suas faces a cor da paixão. Com as mãos, segurava-se em seus ombros, em seu peito, atraindo-o para ela, arquejante. Jack sentiu o calor de seu corpo na doce invasão de seu dedo. A boca de Amanda buscou a sua e ele beijou-a tão profundamente como ela desejava, fundindo rapidamente sua língua ao ritmo que marcava o ritmo de seu dedo, fazendo uso de toda sua habilidade para aproximá-la do êxtase cada vez mais.

Naquele momento, Amanda deixou escapar um som entrecortado e depois de um gemido, agarrou-se a Jack com todas as suas forças em meio a um intenso clímax que a percorreu de cima a baixo. Estremeceu, arqueou-se, apertou-se contra ele, enquanto sua vagina se contraía num sem fim de ondas sinuosas. Murmurando em voz baixa ao ouvido dela, Jack retirou o dedo e colocou-a em cima de seu sexo dolorido. Roçou a úmida abertura de seu corpo com a ponta de seu pênis, acariciando, descrevendo círculos e Amanda pressionou sobre ele com avidez. Conteve a respiração ao sentir o primeiro âmagô de dor, mas seu corpo continuou empurrando sobre ele até que, por fim, Jack a penetrou com uma única e eficaz investida.

Jack inclinou a cabeça para trás, com os olhos fechados e a testa enrugada. Notava o peso de Amanda sobre suas coxas e seu corpo fechava-se sobre o dele com um estreito abraço. O prazer que lhe produzia era muito grande para suportar. Não podia falar, nem pensar. Não podia articular seu nome. A única coisa que podia fazer era permanecer imóvel, enquanto as sensações fluíam sobre ele em forma de implacáveis ondas.

Sentiu que Amanda inclinava-se para frente e que seus lábios entreabertos roçavam sua garganta, ali onde sentia-se a pulsação. Sentiu como sua língua explorava sua pele com delicadeza e sua respiração fez-se áspera. Levantou o quadril, buscando afundar seu sexo mais profundamente. A vagina de Amanda

reagiu, estreitando—se ainda mais. Ouviu seu próprio grito, alto e forte, quando arremeteu uma última vez, ríjido e tremendo de prazer. Quando por fim conseguiu mover-se, agarrou a cabeça de Amanda entre suas mãos e devorou-a, consciente de que seus beijos podiam machucar a delicada boca dela, mas, ao que parecia, Amanda não se importou em nada.

O ruído da respiração ofegante dos dois foi diminuindo gradualmente. Jack sustentou Amanda contra seu peito, com uma de seus enormes mãos descansando sobre seu cabelo revoltado, enquanto a outra movia-se em círculos sobre suas costas nuas. Ela estremeceu ao sentir o contraste entre o frescor do ar e o calor daquela mão. Jack lançou um juramento entre dentes e começou a lutar com a parte posterior de seu espartilho ao se dar conta de que a carruagem estava diminuindo a marcha.

—Maldição. Já chegamos.

Amanda permaneceu relaxada e branda contra ele, não parecia compartilhar aquela urgência. Levantou uma mão com gesto lânguido e fechou o trinco da porta. Quando falou, tinha a voz turva e rouca.

—Está tudo bem, Jack.

Jack, com as sobrancelhas franzidas, juntou de uma vez as bordas do vestido e o abotoou com perícia.

—Deveria ter mantido a sanidade, deveria ter insistido em esperar. Esta não é a forma de tomar uma virgem. Tinha a intenção de ser gentil com você, seria...

—Era exatamente o que desejava. —Amanda olhou para ele com um leve sorriso, o rosto ainda avermelhado e os olhos brilhantes —Além disso, eu não era uma virgem comum, portanto não entendo por que deveríamos fazer isso da maneira convencional.

Ainda carrancudo, Jack tomou-a pela cintura e levantou-a. Ela lançou uma exclamação afogada ao se sentir separada de seu corpo.

Comprendendo sua íntima necessidade, de algum modo, Jack ajeitou-se para encontrar o lenço no bolso de seu casaco e entregou-o a Amanda sem dizer nada. Claramente envergonhada, ela utilizou-o para enxugar a abundante umidade que sentia entre as coxas.

—Machuquei você —disse Jack, mal humorado e pesaroso, mas ela negou de imediato com a cabeça.

—O incômodo não foi tão grande como haviam-me dito —replicou —Uma vez ouvi histórias de noites de núpcias muito dolorosas, mas, não foi em absoluto tão terrível como achava que seria.

—Amanda —sussurrou Jack, divertido, apesar das palavras dela. Estreitou-a com força e a beijou no cabelo, na face e no canto dos lábios.

Naquele preciso momento deteve-se a carruagem. Encontravam-se em frente a casa de Amanda. Murmurando para si mesmo, Jack arrumou suas roupas o melhor que pôde para colocá-las no lugar, enquanto Amanda tentava restaurar seu penteado. Prendeu algumas forquilhas depois de colocar o seu xale de cor borgonha, jogando sobre os ombros.

— Que tal estou?—perguntou.

Jack contemplou-a e sacudiu a cabeça com um gesto de pesar. Não havia maneira de confundir o rubor que ainda tigia suas faces, nem o suave brilho nos olhos, nem o sensual inchaço de sua boca: eram as consequências da paixão física.

— Como se a tivessem violado —disse.

Ela o surpreendeu sorrindo.

— Aprese-se por favor. Quero entrar em casa e me olhar no espelho. Sempre quis saber qual aspecto tem uma mulher violada.

— E depois o que?

Seus olhos cinzas o olharam com calma.

— Depois quero tirar toda sua roupa. Nunca vi um homem completamente nu.

Um sinal de sorriso ficou suspenso nos cantos dos lábios de Jack.

—Estou a sua disposição. —Estendeu uma mão para colocar no lugar um cacho rebelde que caia junto a orelha dela.

Amanda guardou silêncio durante um instante, contemplando—o sem pestanejar, até o ponto em que Jack se perguntou quais pensamentos ocupavam a mente dela.

—Isso é algo de que devemos falar —disse ela por fim em voz baixa —Suponho que teremos que estabelecer às condições.

— As condições? —A mão dele paralizou no ar.

— De nossa relação. —Um cenho de desconcerto surgiu na testa de Amanda —Porque pretende ter uma relação comigo, verdade?

Capítulo 10

—Diabos, é claro que quero uma relação. —Jack olhou-a com alegria e resignação, enquanto acrescentava —mas, deveria ter suposto que iria querer planejar tudo.

—Estou errada? —perguntou Amanda —Por que não procuraria organizar uma relação de maneira sensata?

—Muito bem —murmurou ele em tom risonho —Entremos e negociemos. Morro de vontade de conhecer os seus planos.

O laçao abriu a porta do coche e Amanda permitiu que Jack a acompanhasse até o interior da casa vazia. Sentia as pernas tremendo e o espaço entre suas coxas úmido, dolorido e formigando. Com gesto irônico, disse a si mesma que, sem sombra de dúvidas, não iria esquecer jamais aquele Natal. De seu penteado descomposto uma errática mecha de cabelo castanho avermelhado caía sobre o olho direito. Jogou para trás e prendeu-o atrás da orelha, relembrando a urgência dos dedos de Jack ao aproximar a cabeça, de sua boca firmemente encaixada na dela.

Não dava a impressão de acabar de entregar sua virginidade daquele modo... No entanto, a insistente dor que sentia entre as coxas, assim como as pegadas invisíveis, mas tangíveis das mãos de Jack em seu corpo, davam fé do ocorrido. Buscou algum sentimento de pesar em seu coração, mas não o encontrou. Nenhum homem a tinha feito se sentir tão desejável, nem tão completa. Tão distante do que era uma solteirona. Sua única esperança era conseguir ser capaz de esconder que estava apaixonada por ele.

Porque estava apaixonada por ele.

Aquela revelação caiu sobre ela, não com a rapidez de uma tormenta de verão, mas sim, com a lenta persistência de uma chuva de abril. Achava pouco provável que uma mulher pudesse evitar apaixonar-se por Jack Devlin. Um homem tão elegante, tão astuto, com tão má reputação. Não albergava ilusões de que ele a correspondesse a esse nível, nem de que o potencial interesse que pudesse sentir por ela fosse superar a prova do tempo. Se Jack estivesse disposto a amar uma mulher, teria feito muito antes, com uma das muitas mulheres que havia conhecido no passado.

Mesmo que uma mulher conseguisse prendê-lo a ponto de levá-lo a se casar, sem dúvida, seria uma experiência desgraçada e insatisfatória. Jack era um homem atraente, rico e com boa posição. As mulheres nunca deixariam de assediá-lo. Nunca seria capaz de corresponder ao amor de uma esposa.

Limitaria-se a tomar dele o que pudesse, e faria todo o possível para que aquela relação não terminasse de um modo amargo para nenhum dos dois.

Passaram pela salinha, onde Jack tirou um cigarro de uma cigareira de prata e acendeu no fogo da lareira. Amanda sentou-se na almofoda floreada, diante das alegres chamas e estendeu as mãos para aquecê-las. Jack agachou-se a seu lado e deslizou um braço por suas costas. Ela sentiu como lhe dava um beijo no alto da cabeça e movia os lábios suavemente entre o emaranhado de cachos.

—Conte—me agora quais são essas condições, antes que te viole de novo —disse com voz rouca.

Ela esforçou-se por recordar os pontos que desejava deixar claros. Era difícil pensar com clareza tendo seu corpo tão próximo.

—Em primeiro lugar, insisto em que ambos guardemos discrição —disse —Eu tenho muito a perder, se

nossa relação íntima chegasse a ser de conhecimento público. Haverá rumores, é claro, mas, enquanto não ostentarmos as nossas atividades, não haverá grandes escândalos. E também... —Fez uma pausa ao sentir a mão de Jack mover-se ao longo de sua coluna vertebral. Fechou os olhos e a luz das chamas desenhou caprichosas formas de cor escarlate sobre suas pálpebras.

—Também o que? —aproximou-a, projetando seu fôlego ardente sobre sua orelha.

— Também quero que nossa aventura tenha uma duração limitada. Três meses, talvez. Ao fim desse tempo, daremos por terminada a relação como amigos e cada um seguirá seu caminho.

Embora não pudesse ver o rosto de Jack, percebeu pela súbita tensão em seu corpo, que aquela condição, havia o sobressaltado.

— Suponho que tenha uma lista de motivos para justificar isso. Deus sabe que gostaria muito de conhecê-los.

Amanda assentiu com decisão.

—A julgar pelo que tenho observado, às relações sempre desembocam no aborrecimento, discussões, no ciúmes, mas, se decidirmos antes, quando e como deve terminar esta aventura, é possível que possamos nos separar de forma amigável. Odiaria perder sua amizade quando acabar a paixão.

—Por que está tão certa de que se acabará?

—Bom, nenhuma relação dura toda a vida... não?

Em vez de contestar, Jack replicou com outra pergunta: —E o que acontecerá se nenhum dos dois quiser por fim à nossa relação no final de três meses?

—Eu preferiria que acabasse quando ainda não estiver esgotada a arrastá-la até que os dois estejamos fartos um do outro. Ademais, a possibilidade de que nos descubram aumentará com o passar do tempo... e eu não tenho nenhum desejo de me converter em uma pária social.

Jack virou-a para se olharem frente a frente. Amanda observou que parecia debater-se entre a diversão e a raiva.

—Amanda, dentro de três meses seguirei desejando você —disse Jack —E quando chegar esse momento, reservo-me no direito de tentar fazer você mudar de opinião.

—Pode fazer o que quiser —informou ela com um sorriso —mas, eu não pretendo mudar de ideia. Tenho muita força de vontade.

—Eu também.

Cruzaram um olhar marcado pelo prazer daquele desafio. As mãos de Jack curvaram-se ao redor dos ombros de Amanda e a atraíram para ele. Baixou a boca para ela, mas, justo naquele momento, foram interrompidos pelo ruído que fazia alguém entrando na casa e Jack deteve-se na metade do movimento.

— Os criados —disse Amanda em tom pesaroso.

Apressou-se em levantar do chão. Jack levantou-se com um movimento ágil e a ajudou-a ficar em pé.

Apesar de conhecer Sukey quase toda sua vida e de ter suportado suas constantes observações sobre a falta de um homem em sua vida, Amanda sentiu-se invadida pelo comprometimento da situação. Notou que avermelhava-se, mesmo quando adotou uma expressão de toda inocente.

Sukey aproximou-se da porta da salinha e empalideceu de assombro ao ver que Amanda estava sozinha na casa com Jack Devlin. A desordem de sua roupa e de seus cabelos, junto com o ambiente de intimidade que pairava na sala, deixava poucas dúvidas a respeito do que havia ocorrido entre eles.

—Perdão, senhorita Amanda.

Amanda foi de imediato para ela.

—Boa noite, Sukey. Espero que Charles e você tenham aproveitado as celebrações natalinas.

—Muito, senhorita. Foi uma noite maravilhosa. Há algo que possa fazer por você antes de me retirar para descansar?

Amanda assentiu.

—Por favor, leve água quente ao meu quarto.

—Sim, senhorita.

Evitando, com escrúpulo, olhar para o convidado de sua senhora, a criada se foi a toda pressa a caminho da cozinha.

Antes que Amanda pudesse mover-se, sentiu as mãos de Jack rodeando sua cintura por trás. Voltou a atraí-la suavemente contra seu peito e inclinou a cabeça para roçar com doçura um lado do pescoço. A pressão de sua boca, quente e ligeira, provocou-lhe um estremecimento de prazer, que a percorreu da cabeça aos pés.

—Eu também tenho uma condição para nosso acordo —disse, com os lábios contra sua pele.

—Qual é? —Amanda pareceu estranho o som de sua própria voz densa e enturvada pelo prazer.

—Se vamos ser amantes durante tão curto espaço de tempo, penso aproveitá-lo ao máximo. Quero que me prometa que não irá me negar nada. —Enquanto falava, sua mão descia pelas costas em uma longa carícia —Quero fazer tudo com você, Amanda.

—Como define esse “tudo”? —alegou ela.

Jack riu com suavidade em vez de responder, um som que afetou cada um de seus nervos.

Amanda voltou-se para ele com um gesto defensivo.

—Não pode me pedir que aceite fazer algo que nem sequer sei o que...

Os lábios de Jack se contraíram numa careta de contida diversão.

— Dei a você um exemplar das memórias de Gemma Bradshaw —disse com o semblante sério —Isso deveria te proporcionar uma considerável quantidade de informação.

— Não li ele todo —respondeu Amanda com ar decidido —Apenas algumas partes... Me pareceu muito escandaloso para continuar.

— É estranho que uma dama disposta a perder a virgindade em uma carruagem seja tão recatada.

—Ele respondeu ao seu olhar furioso com um amplo sorriso — Esse será nosso trato, então. Poremos fim à nossa aventura no prazo de três meses, tal como você disse, desde que esteja disposta a fazer comigo tudo o que aparece descrito no livro de Gemma.

— Não fala sério —disse Amanda, horrorizada.

— Dentro do razoável é obvio. Não estou certo de que tudo o que disseram nesse livro seja possível a nível anatômico. Mas, seria interessante averiguar, não acha?

—É um depravado —informou ela —Um degenerado e um corrupto.

—Sim, e durante os três próximos meses serei todo seu. —Percorreu-a com um olhar perverso e especulativo —E bem, como começa exatamente o capítulo um?

Amanda não sabia se ficava horrorizada ou começava a rir, enquanto perguntava-se até que ponto seria sério aquela insultante proposta.

—Creio recordar que começava com um determinado cavalheiro a acompanhando até a porta.

Naquele instante, Jack cobriu a boca de Amanda com a sua, a modo de uma doce invasão.

—Creio recordar que começava assim —murmurou —Deixe-me te levar para cima para demonstrar um pouco mais.

Amanda conduziu-o até a escada, mas, deteve-se antes de subir o primeiro degrau, em seguida teve uma sensação de fraqueza. Nos escuros confins da carruagem de Jack tinha sido fácil desvincular—se da realidade. No entorno familiar de sua casa, era diferente, estava muito consciente do que estava fazendo.

Jack compreendeu sua incerteza e d-seeteve. Aprisionou-a contra a parede, agarrando com as mãos a madeira lustrada da mesma, de ambos os lados, de Amanda. Em seus lábios desenhava-se um sorriso.

—Quer que te leve nos braços?

Ela se encontrava um degrau acima dele, o que fez com que os rostos de ambos ficassem na mesma altura.

—Não, sou muito pesada. Deixaria-me cair ou tropeçaria e faria com que nos dois caíssemos no chão.

Os olhos azuis de Jack brilharam malévolos.

—Vou ter que ensiná-la a não me subestimar.

—Não é isso, é que... —Lançou um chiado de surpresa quando se agachou e a tomou com toda facilidade em seus braços —Oh, não! Não, Jack, não pode comigo.

Mas, os braços que a sustentavam eram fortes e Jack não parecia fazer muito esforço para subir a escada com ela no colo.

—Não tem sequer a metade do meu tamanho —disse ele —Poderia levar-te nos braços ao longo de muitas milhas sem perder o ritmo em nenhum momento. E pare de espernear.

Amanda rodeou-lhe o pescoço com os braços.

—Saiu com a sua —reclamou —Desça-me agora, por favor.

—Oh, em seguida descerei-te —assegurou ele —Exatamente em cima de sua cama, quando chegarmos a ela. Qual é o seu quarto?

—A segunda porta do corredor —respondeu Amanda com a voz amortecida contra o peito de Jack. Nunca a haviam levado nos braços daquela forma, e embora se sentisse ridícula, aquilo tinha um certo atrativo primitivo. Apoiou a face no ombro de Jack e permitiu-se desfrutar da sensação de estar nos braços de um homem poderoso.

Chegaram ao quarto e Jack fechou a porta com o pé. Em seguida, colocou Amanda com todo cuidado sobre a grande cama adornada com colunas em espiral e cortinados de damasco e amarelo dourado. Da jarra de água quente que haviam colocado na bacia, subiam lentas nuvens de vapor. Na lareira dançavam diminutas chamas, nascidas da lenha que tinha dado lugar a um alegre fogo.

Amanda contemplou Jack com os olhos muito abertos, perguntando-se se teria a intenção de tirar a roupa ali mesmo, diante dela. Ele deixou seu casaco sobre a mesa e depois tirou o colete e a gravata.

Amanda clareou a garganta. Seu coração começava a bater em um ritmo acelerado e a inquietude fazia subir a temperatura de seu sangue.

— Jack —disse num sussurro —não vamos fazer de verdade o que disse o capítulo um, não?

Ele mostrou um amplo sorriso ao se dar conta de que Amanda se referia aos *Pecados de Madame B*.

— Confesso, querida, que preciso refrescar um pouco a memória. Não recordo como começa a maldita coisa... A não ser que você se dê ao trabalho de me recordar...

—Não —respondeu ela com brusquidão, o que o fez rir.

Jack aproximou-se com a camisa meio desabotoada. A luz da lamparina fazia resplandecer a superfície musculosa de seu peito.

Levou uma mão para os brincos em forma de lágrima pendurados contra a linha da face, tirou-os com doçura e passou os doloridos lóbulos das orelhas com o indicador e o polegar. Em seguida, deixou os brincos sobre a mesinha de noite e soltou-lhe o cabelo. Amanda fechou os olhos, sentindo como sua respiração se agitava. Cada um dos movimentos de Jack era lento e cuidadoso, como se ela fosse uma frágil criatura que requeresse ser manipulada com suma delicadeza.

—Algum detalhe do livro de Gemma deve de ter te agradado. —tirou os sapatos e os deixou cair no chão —Algo que te tenha intrigado... que te tenha excitado.

Amanda deu um pequeno sobressalto ao sentir que as mãos de Jack se fechavam sobre seus tornozelos e começavam a subir em direção às ligas. As bandas ficaram desatadas com um par de destros movimentos. Jack tirou-lhe as meias de seda, detendo-se para acariciar as firmes curvas das panturrilhas. As pontas de seus dedos causaram um formigamento na sensível pele da parte posterior dos joelhos. Uma carícia que lhe provocou um estremecimento de prazer ao longo das pernas.

—Não vou te contar essas coisas precisamente —protestou Amanda com uma risada afogada —Além disso, não há nada desse horroroso livro que tenha me agradado.

—Oh, claro que há —replicou Jack com suavidade —logo irá me dizer, querida. Depois de tudo o que temos compartilhado até este momento, uma ou duas fantasias não será tão ruim.

Ela respondeu com uma evasiva: — Digame as suas primeiro.

Jack fechou as mãos ao redor de seus tornozelos e atraiu-a para ele.

—Tenho fantasias que tem a ver com todas as partes do seu corpo. Com seu cabelo, sua boca, seus seios... inclusive com os seus pés.

—Meus pés?

Amanda deu um leve pulo ao sentir a carícia dos dedos de Jack em seus pés. Colocou um de seus pés na parte frontal de suas calças, justo no local em que um grosso avultamento empurrava contra o tecido. A roupa estava saturada do calor de seu corpo e sentiu como se a chamuscasse a planta do pé. Os dedos reagiram encolhendo-se.

Sentindo—se envergonhada e excitada ao mesmo tempo, Amanda o observou com as pálpebras entreabertas, para apreciar as chispas que brilhavam no azul incrível de seus olhos. Então retirou o pé e ouviu que Jack ria.

Em seguida, Jack tirou o resto da roupa e deixou que caíssem ao chão. Fez-se um silêncio total no quarto, alterado apenas pelo crepitar do pequeno fogo na lareira. Amanda arriscou-se a lançar um tímido olhar ao homem nu que tinha diante dela e ficou cativada pelo que viu. A interação de luzes e sombras dava como resultado o destaque de cada detalhe de seu corpo: todo músculos, pele dourada e sombras íntimas, em um conjunto de linhas longas e musculosas que transmitiam uma impressão de elegância e poder. Amanda não imaginou que alguém pudesse se sentir tão a vontade com a sua nudez e, no entanto, Jack encontrava-se de pé, frente a ela, tão tranquilo como se estivesse vestido.

Seu corpo excitado era uma gloriosa exibição masculina de desejo que ele não fazia nenhum esforço por dissimular. Ao contemplá-lo, Amanda experimentou uma sensação de prazer que foi invadindo todos os seus membros, gradativamente. Nunca na vida tinha desejado algo da maneira que o desejava naquele instante: sentir o peso de seu corpo nu sobre ela, notar o contato de sua respiração na pele e deixar que suas mãos a tocassem e a guiassem.

—Já viu um homem completamente nu —disse Jack —O que acha?

Ela umedeceu os lábios com a língua.

—Acho que trinta anos é muito tempo para esperar por isto.

Jack desabotoou-lhe a parte posterior do vestido. O aroma de sua pele quente e um pouco salgada, produziu-lhe a mesma sensação de vertigem que havia experimentado em alguma ocasião, após beber muito vinho. Colocou as mãos nos ombros de Jack para apoiar-se e sentiu nas pontas dos dedos o formigamento que lhe provocava a textura dura e acetinada de sua pele.

Jack levantou-a e puxou para frente o vestido solto, até que ela o tirou de todo. Coberta tão somente pelo leviano espartilho, a camisa e as calças, Amanda separou-se uns centímetros dele, envergonhada.

— Jack... —Foi até a mesa onde estava a bacia e verteu um pouco de água quente numa tigela de cerâmica pintada —Se não se importa de esperar atrás do biombo —disse sem olhar para ele —preciso de um momento de intimidade.

Jack foi atrás dela e apoiou as mãos em sua cintura.

— Deixe que te ajude.

—Não, não —disse ela com uma pontada súbita de vergonha —Se não se importa ficar ali... eu me arranjarei sozinha.

Mas, ele a fez calar com um beijo e ignorou seus protestos, enquanto desabotoava o espartilho e a despojava da roupa interior.

Corada de cima a baixo, Amanda obrigou a si mesma a permanecer quieta, enquanto Jack contemplava seu corpo. Era muito consciente de seus defeitos: suas pernas deveriam ser mais grossas, os quadris eram muito largos, um ventre não de todo plano. Mas, enquanto a contemplava, fez-se visível o pulso na garganta, e lhe tremeu a mão quando tocou a curva inferior de seu seio. Parecia estar contemplando uma deusa, em vez de uma solteirona de trinta anos.

— Maldição, como te desejo —disse com uma voz que lhe raspou a garganta —Poderia te comer viva.

Amanda ficou confusa ante aquela desconcertante e, de certo modo, alarmante declaração.

—Por favor, nem tente afirmar que sou bonita. Nós dois sabemos que não é o caso.

Jack mergulhou um pano de linho na água quente, escorreu, e em seguida limpou a parte interna das coxas de Amanda. Para mortificação desta, obrigou-a apoiar um pé em uma cadeira, com o que ficou mais a mercê de seus serviços.

—Todo homem tem suas preferências —disse Jack. Voltou a molhar e escorrer o pano, e desta vez aplicou-o diretamente entre suas coxas, para que o calor aliviasse a inflamação provocada pelo encontro no interior da carruagem—E acontece que você satisfaz todas as minhas.

Amanda inclinou-se para frente até que sua face descansou sobre o ombro nu dele e relaxou contra o acolhedor calor de seu corpo.

— Prefere as mulheres baixinhas e de quadris largos? —perguntou em tom cético.

Com a mão que tinha livre, Jack percorreu a generosa forma de suas nádegas e Amanda notou que sorria contra sua face.

—De você, prefiro tudo. A sensação de sua pele sob minhas mãos, seu sabor... cada curva e cada vale. Mas, com a mesma intensidade com que desejo seu corpo, seus traços mais atraentes estão aqui. —tocou sua testa com a ponta do dedo —Fascina-me —murmurou —Sempre me fascinou. É a mulher mais original e desafiante que conheci na vida. Desejei levar-te para a cama desde o primeiro momento em que te vi na porta de sua casa.

Ela guardou silêncio e permitiu que ele continuasse limpando e aliviando, aplicando mais compressas quentes entre as pernas. Quando terminou, Jack levou-a consigo à cama, tomou-a nos braços e depositou-a sobre os lençóis que cobriam o colchão. O coração de Amanda, retumbava com violência contra as costelas e lhe pareceu que as paredes do quarto começavam a desintegrar-se, e que só existia a escuridão e o resplendor do fogo e o cálido entrelaçamento dos membros de ambos.

—Jack —sussurrou, quando ele estendeu-a debaixo de seu corpo e notou a forma rígida e flexível de sua ereção contra a parte interna do joelho.

Suas mãos encontraram os glúteos de Jack e apertaram a densa textura daquela carne, igual a um gato que jogasse com as patas, fazendo com que Jack deixasse escapar uma exclamação afogada. Cada vez mais audaz, deslizou uma mão até seu sexo e o tocou, fechando os dedos com firmeza ao redor daquela forma vibrante. Ele sentou-se de costas para lhe permitir um melhor acesso a seu corpo e deixou que o tocasse como a agradasse.

Amanda tomou em sua mão as bolas que haviam na base de seu sexo, fria e branda em comparação com o rígido pênis. Percorreu com as pontas dos dedos as protuberantes veias, que confluíam todas em direção a uma ampla terminação. De maneira experimental, passou a ponta do dedo polegar sobre aquele bulbo acetinado, fazendo com que Jack fechasse com força os punhos em seu cabelo e deixasse escapar um gemido.

—Te dá prazer? —sussurrou Amanda.

Pelo visto, parecia difícil falar.

—Sim —conseguiu articular por fim com uma risada apagada —Deus, sim... Se me der mais prazer, é provável que eu exploda.

Inclinou a cabeça de Amanda para trás e aproximou os rostos de ambos. Suas feições resplandeciam devido a uma ligeira capa de suor. Em seus olhos ardia uma luz azul. Sua grande mão cobriu a de Amanda para ajudá-la a guiar a cabeça de seu membro para a mata de suaves cachos que tinha entre as pernas. Pôs-lhe uma mão nas coxas para passá-la por cima de seu quadril, de modo que ficou totalmente aberta para ele.

— Deslize—o contra seu corpo —murmurou.

A pele de Amanda ficou carmesim. Rapidamente tomou entre seus dedos a cabeça de seu membro e a aproximou da úmida abertura que o aguardava entre suas coxas. Sua respiração ficou mais agitada

conforme deslizava o extremo daquele pênis contra suas carnes íntimas, até que a umidade procedente de seu próprio corpo a deixou molhada.

— Jack — gemeu enquanto empurrava o sexo contra a úmida entrada de seu corpo — me tome agora. Por favor. Quero te sentir dentro de mim. Quero...

Ele a interrompeu com um profundo beijo, invadindo-a com sua língua, cobrindo seus seios com as mãos.

— Vire-se — sussurrou — Deite de bruços e vire as nádegas para mim.

Amanda emitiu um gemido quando ele beliscou levemente seus mamilos.

— Não, quero que...

— Já sei o que quer. — Sua boca deslizou sobre o rosto acalorado de Amanda — E o terá, meu amor. Faça o que te digo.

Amanda obedeceu com um soluço e colocou-se de maneira que suas costas ficou encostada ao peito dele, com o corpo de Jack alinhado contra o seu, como se fosse uma concha.

Notou como sua ereção pressionava-lhe e se contorceu contra ele, com um desejo tão agudo que fez desaparecer todo rastro de vergonha. Jack a beijou e a mordeu na nuca, enquanto murmurava instruções, orientando-a que separasse as pernas e arqueasse as costas. Para sua surpresa, sentiu-o penetrá-la por trás. Deixou escapar um gemido gutural quando ele empurrou mais fundo, levando-a, até ficar totalmente dilatada ao redor dele. Embora o fizesse com delicadeza, Amanda experimentou certo incômodo, pois, seu corpo ainda não estava acostumado àquela invasão de sua intimidade.

— Te dói? — sussurrou Jack ao ouvido.

— Sim, um pouco — disse ela.

Suas grandes mãos percorreram a parte dianteira do corpo, acariciando os seios e o tremente ventre e depois posaram no dolorido cume de seu sexo. A habilidosa ponta de seu dedo situou-se próximo àquele delicado ponto, sem chegar a tocar, jogando e iludindo-a, sentindo cada vez que Amanda fazia o esforço de empurrar para ele.

Jack atormentou-a até que ela começou a se contorcer, buscando com desespero o estímulo que ele mantinha fora de seu alcance. Cada vez que ela lançava as nádegas para frente, ele seguia o movimento e se afundava com maior profundidade nas estreitas cavidades de seu corpo. A inflamação foi desaparecendo à medida que cada deslizamento líquido enviava uma torrente de prazer a todo seu corpo, à medida que aquela tensão deliciosa ia aumentando mais e mais, até que teve que morder os lábios para não gritar.

— Jack, por favor, por favor — gemeu, com todos os membros rígidos e a pele suada umedecendo até a raiz do cabelo. Aferrou a delicada mão que tinha entre suas pernas, num esforço por alcançar o clímax que ele lhe negava.

— Está bem, meu amor — ouviu sua voz profunda no ouvido — Te darei a sua razão de prazer.

Amanda sentiu que Jack lhe beliscava aquele diminuto e vibrante capuz entre o polegar e o indicador, e que acariciava com suavidade a pele sedosa, no mesmo instante em que investia com força e firmeza em seu interior. O mundo pareceu estalar em uma nuvem de fogo quando seu corpo se aferrou àquele duro membro que a invadia com espasmos de intenso prazer. A contração de seus músculos internos levou Jack ao mesmo clímax explosivo, e retirou-se dela com um grunhido, enquanto derramava sua semente sobre os lençóis.

Exausta, saciada, Amanda rolou para Jack para olhá-lo de frente e lhe rodeou com os braços. Apalpou as leves protuberâncias das cicatrizes produzidas por antigas surras, e suas mãos se entreteram naquelas marcas, acariciando-as com as pontas dos dedos. Jack ficou muito quieto e sua cadência respiratória variou. Baixou os olhos para esconder seus pensamentos de Amanda.

Ela o acariciou na cintura e, em seguida, subiu depressa as mãos, seguindo a potente linha da coluna vertebral. De novo encontrou as cicatrizes e as tocou, como se pudesse eliminá-las com uma carícia.

—O senhor Fretwell me contou em certa ocasião, que em Knatchford Heath você suportou muitas surras que correspondiam a outros meninos —disse —Que tentava proteger os pequenos para que não lhes fizessem dano.

Os lábios de Jack se contraíram em uma careta de aborrecimento.

—Esse condenado do Fretwell fala demais.

— Me alegro de que tenha me contado. Jamais teria adivinhado que era capaz de fazer semelhante sacrifício.

Ele encolheu os ombros com indiferença.

— Não foi nada. Tenho uma constituição irlandesa muito dura. Nunca senti os golpes tanto como os teriam sofrido os mais pequenos.

Amanda aconchegou-se um pouco mais contra ele, cuidando de manter um tom de voz mais amistoso do que compassivo.

—Não dá importância ao que fez.

—Cale-se. —Jack pôs um dedo sobre os lábios dela. Suas faces estavam tingidas de um intenso rubor —Se continuar falando assim, irá me converter num maldito santo —disse com aspereza —e, acredite —me, não é o caso. Eu era um diabinho e, ao crescer, me converti em um inconsequente.

Amanda tocou um de seus dedos com a língua e fez cócegas no interior do mesmo.

Surpreendido pelo jogo de sua língua, Jack retirou a mão num puxão e sorriu de orelha a orelha, num gesto que eliminou de seus olhos toda sombra de amargura e pesar.

—Bruxinha. —Jogou os cobertores para trás e colocou o corpo de Amanda sobre a lisa superfície dos lençóis —Acredito que podemos encontrar uma forma melhor de usar sua língua —murmurou e no mesmo instante cobriu a boca dela com a sua.

Capítulo 11

Os familiares de Amanda não alegraram-se nada quando souberam que ela não iria a Windsor para o que restava do feriado. Deron percebeu seu descontentamento mediante uma enxurrada de cartas que Amanda negou-se a responder. Em geral, teria se dado ao trabalho de escrever alguma desculpa, mas, a medida que iam passando os dias, não conseguiu encontrar as forças necessárias para fazê-lo.

Toda sua existência centrava-se agora em Jack Devlin. As horas em que estavam separados transcorriam com uma insuportável lentidão, enquanto que as noites passavam voando num doce frenesí. Jack ia vê-la ao cair da noite e ia embora logo antes do amanhecer, e cada hora que passava em seus braços servia-lhe apenas para querer mais dele.

Jack a tratava como nenhum homem a havia tratado antes, não a considerava uma resignada solteirona, mas sim, uma mulher cálida e apaixonada. Naquelas ocasiões Amanda perdia as suas inibições. Ele brincava com ela sem piedade e lhe provocava um estalido de gênio que ela jamais tinha acreditado ser possível.

Em troca, havia outras vezes nas quais Jack mudava de estado de ânimo e deixava de ser um canalha brincalhão para converter-se em um terno amante. Era capaz de passar horas abraçando-a e acariciando-a, fazendo amor com delicadeza e doçura. Durante essas ocasiões, parecia compreendê-la com uma clareza que chegava a assustá-la, pois, parecia poder ler no fundo de sua alma.

Tal como haviam acordado, Jack obrigou-a a ler determinados capítulos dos *Pecados de Madame B* e desfrutou, sem disfarces, ao comprovar o incômodo que produzia em Amanda ter que levar à prática algumas cenas específicas.

—Não posso —disse uma noite com voz afogada, enquanto puxava os lençóis para cobrir sua vermelhidão —Simplesmente, não posso. Escolha outra coisa. Farei o que for, exceto isso.

—Prometeu-me que tentaria —reclamou Jack com os olhos brilhantes de diversão, tirando os lençóis.

—Não recordo nada disso.

—Covarde. —Jack beijou-a no alto das costas e foi descendo pela coluna vertebral. Amanda o notou sorrir —Seja valente, Amanda —sussurrou —Não tem nada a perder.

—Só o respeito por mim mesma!

Tratou de se safar, mas ele a sujeitou e lhe mordiscou com delicadeza no sensível ponto que tinha entre as omoplatas.

—Apenas tente —agarrou-a —Primeiro eu farei em você. Não gostaria disso? —Virou-a de costas e beijou em seu trêmulo ventre —Quero sentir o seu sabor —murmurou —Quero enfiar a língua dentro de você.

Se fosse possível morrer de humilhação, Amanda teria expirado ali mesmo, naquele momento.

—Talvez mais adiante —disse —Necessito um pouco de tempo para me acostumar a ideia.

Nos olhos de Jack mesclou-se o ardor com uma silenciosa gargalhada.

—Você decidiu limitar nossa relação a três meses. Isso não nos deixa muito tempo. —Sua boca passou ao redor do pequeno círculo que formava o umbigo, o calor de seu fôlego projetava-se sobre o interior do mesmo —Um beijo —incentivou-a, enquanto separava com um dedo os cachos entre suas coxas para ir

colocá-lo naquele ponto de supreendente sensibilidade —Exatamente aqui. Será muito para você suportar isso?

Ela emitiu um som de impotência ao notar o contato daquele dedo.

—Só um—disse insegura.

Jack abaixou a cabeça e Amanda sentiu como seus dedos se moviam através daquele tecido elástico, abrindo-o com delicadeza. Em seguida abriu a boca e começou a investigar com a língua em uma carícia circular. Amanda estremeceu de tão intenso prazer em cada um de seus membros, todos seus nervos gritaram pedindo mais, todo pensamento coerente ficou feito pedaços ante a visão da cabeça de Jack entre suas coxas.

—Quer mais? —perguntou ele com voz rouca, e abaixou a cabeça de novo antes que ela pudesse negar.

Sua boca voltou a tocá-la, a umedecer aquela carne ávida, acariciando, sondando com a língua, de um modo delicado, embora muito hábil. Jack voltou a pedir permissão, mas, fez o que quis, acomodando—se entre suas pernas com um suspiro de prazer enquanto ela gemia, enrijecia e estremeceu.

Experimentou então um redemoinho de sensações em seu interior que se estenderam velozmente por todas as suas veias. Permaneceu aberta, de braços e pernas, debaixo de Jack, enquanto seu corpo aceitava com avidez o doce tormento de sua boca. O ritmo ia aumentando, lançando-a cada vez mais alto, até que perdeu toda esperança de controlar os selvagens gemidos que surgiam em seu peito.

Sentiu a língua de Jack se introduzir dentro dela, uma acometida úmida, repetida, que a fez levantar os quadris uma e outra vez de forma impulsiva sem poder remediar. Logo o sentiu regressar ao terno capuz de seu sexo e succioná-lo com os lábios, enquanto a penetrava com um dedo no canal molhado que se abria entre suas coxas. Ali acariciou a lambuzada superfície interna, até que Amanda suplicou clemência, até que os dois souberam que ela permitiria qualquer coisa, todas as coisas que ele quisesse fazer com ela.

Jack deslizou um segundo dedo no interior de seu corpo e empurrou bem fundo em busca de um ponto de insuportável sensibilidade. Então, começou a esfregar e acariciar, enquanto incrementava a pressão de sua boca. Suas carícias eram regulares e rítmicas. Amanda terminou soluçando e gemendo em uma explosão de puro êxtase.

Minutos mais tarde, Amanda permitiu a Jack que a colocasse em cima de seu corpo, de maneira que descansasse sobre um alargado plano de músculos.

—Deve ter tido muitas aventuras, para ser tão habilidoso —murmurou, experimentando uma aguda pontada de ciúmes ao pensar nisso.

Jack arqueou as sobrancelhas, sem saber muito bem se tratava de uma crítica ou de um elogio.

—Na realidade, não —respondeu jogando com seu cabelo, espalhando-o sobre seu próprio peito —A questão é que sou bastante perspicaz nesses assuntos. Além disso, estive tão envolvido em meu trabalho que não tive muito tempo para aventuras.

—Nem para o amor? —Amanda se levantou um pouco, apoiando-se em seu peito e o olhou fixamente no rosto —Nunca se apaixonou por ninguém?

—Não até o ponto de permitir que interferisse em meus negócios.

De repente, Amanda começou a rir, e levantou uma mão para afastar da testa dele uns fio de cabelo negro. Jack tinha um bonito cabelo, denso e brilhante, algo áspero entre seus dedos.

—Então não era amor, se pôde se afastar com tanta facilidade quando começou a ser incômodo.

—E voce? —contra atacou Jack, passando suas mornas mãos pelos braços dela até deixá-la arrepiada —É claro que nunca se apaixonou.

—Por que está tão certo?

—Porque nesse caso não seria virgem.

—Que cético —acusou ela com um sorriso —Acaso não é possível amar de um modo casto?

—Não —respondeu ele em tom cortante —Se é amor verdadeiro, tem que incluir a paixão física. Um homem e uma mulher não podem se conhecer com profundidade de nenhuma outra maneira.

—Não estou de acordo. Creio que a paixão emocional é muito mais intensa que a física.

—Para uma mulher, talvez sim.

Amanda agarrou uma almofada e jogou-a contra o sorridente rosto de Jack.

—É um safado e primitivo.

Jack riu e agarrou a almofada com facilidade. Em seguida, segurou os pulsos dela com suas enormes mãos.

—Todos os homens são safados e primitivos —informou ele —O que ocorre é que alguns escondem isso melhor que outros.

—O que explica por que não me casei até agora.

Amanda mediu forças com ele durante alguns instantes, desfrutando da sensação que lhe percorria ao ter o seu corpo junto ao de Jack, até que surgiu uma quente e dura ereção entre ambos.

—Muito primitivo —disse com a voz turva. E continuou revolvendo-se até que ele deixou escapar uma risada em forma de gemido.

—*Mhuirnin* —sussurrou —sinto-me obrigado a recordar-te que, até o momento, esta noite fiz tudo o que pude para te satisfazer... e que você ainda não me devolveu o favor.

Amanda inclinou a boca sobre a dele e beijou-o com ardor, recebendo uma entusiasmada reação por parte de Jack. Sentia-se maravilhosa, como se não fosse ela, perversa e livre de inibições.

— Será melhor que dê um jeito nisso —disse em tom grave e gutural — Não queira ser injusta.

Seus olhares se encontraram: o de Amanda, aventureira, o dele luminoso e cheio de paixão. Jack fechou os olhos e deixou que Amanda deslizasse depressa por seu corpo, excitando-o ainda mais, deixando com os lábios um rastro ao longo de sua pele.

Para uma mulher que sempre havia abraçado o credo “moderação em todas as coisas”, uma aventura com Jack Devlin era desastrosa para seu equilíbrio pessoal. Seus sentimentos iam de um extremo a outro, passavam do prazer que a consumia por inteiro quando estava com ele e depois para a obsessão e o abatimento que a invadiam quando se separavam.

Havia momentos de intimidade nos quais inundava-lhe a melancolia, tal qual uma densa névoa, cobrindo-a totalmente. Tinha algo a ver com a ideia agri-doce de que aquilo era temporal, que logo chegaria ao seu fim aquele período de paixão.

Na realidade, Jack não lhe pertencia, nem pertenceria jamais. Quanto mais entendia sua maneira de ser, mais reconhecia aquela elementar resistência dele a entregar-se por completo a uma mulher. Era irônico que para um homem tão disposto a arriscar-se em todos os demais planos de sua vida, fosse impossível correr o risco mais significativo de todos.

Frequentemente, experimentava uma onda de frustração, pois, pela primeira vez em sua vida, queria tudo de um homem, seu coração e seu corpo. E tinha a má sorte de desejar tudo aquilo precisamente de Jack Devlin. Mas, recordou a si mesma, isso não significava que tivesse que ficar sozinha o resto de sua vida.

Jack pensava que era uma mulher desejável, dotada de qualidades que muitos homens poderiam apreciar. Se desejasse, poderia encontrar um companheiro quando tivesse terminado aquela aventura. Mas enquanto isso... enquanto isso...

Preocupada com o julgamento dos outros, Amanda tomava a precaução de chegar às festas separada dele e de tratá-lo com a mesma cortesia e amabilidade que dedicava aos outros homens presentes. Nunca pronunciou uma só palavra, nem lançou um só olhar que delatasse a relação existente entre eles. Jack era igualmente cuidadoso observando o decoro e a tratava com um exagerado respeito que a incomodava e divertia ao mesmo tempo.

Não obstante, conforme iam transcorrendo as semanas, Jack já não parecia querer que aquela relação fosse mantida em segredo, tanto quanto antes. Ao que parecia, incomodava-o não poder reivindicá-la para si em público. O fato de que tivesse que compartilhar sua companhia com outros constituía uma crescente fonte de frustração, disse isso a Amanda quando ambos foram assistir a um recital. Arranjou um jeito de separá-la do grupo durante o evento e conduziu-a até uma pequena sala que não era para uso dos convidados.

—Ficou louco?—exclamou Amanda com voz afogada, quando ele fechou a porta da sala às escuras —Alguém poderia ter visto você me tirando da sala principal. Se descobrem que nós dois desaparecemos ao mesmo tempo, começarão as fofocas e falatórios...

—Não me importa. —Rodeou Amanda com os braços e atraiu-a para a solidez de seu corpo —Durante a última hora e meia, tive que me sentar separado de você e fingir que não me dava conta dos olhares despudorados de outros homens. Quero ir para sua casa, com você, agora mesmo, maldição.

—Não seja ridículo —replicou Amanda —Ninguém está me olhando de maneira despudorada. Não sei o que pretende com este suposto ataque de ciúmes, mas, asseguro que é desnecessário.

—Sei reconhecer um olhar despudorado quando vejo um. —Jack passou as mãos pelo corpete de seda e veludo do vestido vermelho que levava Amanda, deixando que a palma de sua mão cobrisse a parte visível do nascimento dos seios —Por que colocou este vestido esta noite?

—Já usei-o em outras ocasiões e você pareceu gostar. —Amanda sentiu um calafrio quando notou o calor da mão de Jack sobre sua pele.

—Eu gostava de vê-lo em privado —respondeu ele em voz baixa —Em nenhum momento desejei que o usasse em público.

—Jack —começou a dizer ela, entre risadas, mas estas cortaram-se em seco quando Jack inclinou a cabeça e apertou a boca contra a pele desnuda de seu decote —Basta —sussurrou, tremendo ao sentir a voraz carícia daquela língua no vale que separava seus seios —Vão nos descobrir... Oh, me deixe voltar antes que comece a música.

—Não posso evitar.

O timbre de sua voz era suave e rouca, seu fôlego se projetava sobre a pele de Amanda em tórridas exalações. Estreitou o corpo de Amanda contra o seu e a beijou com avidez. Sua boca tinha sabor de conhaque.

O crescente pânico que começava a invadir Amanda foi engolido por uma onda de desejo tão avassaladora, que cortou-lhe o fôlego. Não conseguia pensar, teve que se render às mãos exigentes de Jack. Ele puxou sua saia e introduziu as mãos dentro das calças com tal brusquidão, que Amanda temeu que as rasgasse. Lançou uma exclamação afogada ao sentir os dedos de Jack deslizarem entre as suas coxas, buscando e acariciando, até que ela começou a se contorcer com desespero.

—Agora não —disse com um débil soluço —Dentro de algumas horas estaremos juntos. Espere até então.

—Não, não posso.

A respiração dele acelerou ao tocar a umidade do corpo excitado de Amanda. Tirou os laços das calças dela, desnudou-a e deixou-as cair até os tornozelos. Em seguida, buscou febrilmente os botões de sua calça. Empurrou Amanda contra a porta fechada e beijou-a no pescoço, aranhando-a com sua barba incipiente e provocando-lhe um arrepio na pele.

—Jack —gemeu ela, enquanto inclinava a cabeça para trás, apesar do medo de que fossem descobertos, disparou as batidas de seu coração transformando-as num violento estrondo.

A boca de Jack calou seus protestos afogando-os com calor e uma multidão de sensações. Para seu desespero não pôde resistir àquele perverso prazer. Devolveu o beijo e se abriu para ele ansiosamente, separando suas coxas, quando Jack colocou uma perna entre as suas. Sentiu o roce de sua ereção, uma investida de seda e aço e seus quadris estremeceram num movimento involuntário para acomodá-lo em

seu interior. Jack empurrou com mais força e a penetrou em uma só arremetida, segura e profunda. Amanda deixou escapar um gemido ao se sentir completa, com o corpo abraçado àquele delicioso invasor. Uma das mãos de Jack agarrou-lhe o joelho por baixo para fazê-la levantar a perna e voltou a se fundir dentro dela.

Amanda estremeceu, com seu corpo travado no de Jack e depois inundou um calor lânguido e relaxou para adaptar-se a seu ritmo. Ouvia-se o roçar das roupas de ambos, um roçar de massas de seda, pano e veludo que os separavam por todas partes, salvo no lugar desnudo, úmido e quente de seus respectivos órgãos.

Amanda recostou-se contra a porta, subindo e baixando com cada investida de Jack. Estava totalmente possuída por ele, já não se importava com o risco que estavam correndo, pois, só era consciente do êxtase que lhe provocava sentir a união de suas carnes.

Jack, murmurando palavras veementes junto a curva de seu pescoço, começou a empurrar com mais força, criando uma fricção que acabou levando Amanda a alcançar um orgasmo abrasador. Sufocou seus gritos guturais com a boca e começou a retirar-se dela como fazia sempre, antes do clímax. Mas, de repente, pareceu estar possuído por algum impulso primário e irreprimível e, em vez de retirar-se por completo, juntou-se ainda mais em seu interior. Seu amplo corpo estremeceu com a força do orgasmo, deixando escapar um gemido silencioso que vibrou contra a pele úmida de Amanda.

Os dois permaneceram juntos durante um tempo, respirando com dificuldade, enquanto Jack roçava os lábios de Amanda com os seus. Quando por fim interrompeu o beijo, a voz dele saiu em forma de um sussurro áspero: —Maldição... Não deveria ter feito isso.

Devido a sensação de aturdimento, Amanda apenas conseguiu articular uma resposta. Desde que iniciaram a relação, haviam tomado medidas para evitar a gravidez. Aquela era a primeira vez que Jack deixava o resultado à sorte. Tratou de calcular os dias com maiores probabilidades para a concepção.

—Não há problema, acredito —murmurou, acariciando a face dele.

Embora não pudesse ver a expressão de seu rosto, percebeu a tensão de sua mandíbula e, naquele momento, abateu-se sobre ela uma terrível sensação de inquietude.

—Sophia! —exclamou Amanda sem poder acreditar. Cruzou as pressas o pequeno vestíbulo de entrada, onde aguardava sua irmã mais velha —Poderia ter dito que pensava em vir me ver, teria me preparado melhor para recebê-la.

—Simplesmente desejava saber se estava viva ou morta —respondeu Sophia com sarcasmo, fazendo Amanda rir.

Apesar de Sophia ser entrometida e mandona por natureza, também era uma irmã carinhosa com um forte instinto maternal. Havia sido a porta-voz da família, acerca do inaceitável comportamento de Amanda. Foi Sophia quem protestou com mais veemência quando Amanda se converteu em romancista e se mudou para Londres. Sempre chegavam cartas de Sophia, repletas de conselhos que divertiam Amanda, pois, recomendava-lhe que se mantivesse atenta às tentações da vida na cidade.

Talvez Sophia não teria se surpreendido se soubesse que, de fato, Amanda havia se atrevido a alugar um gigolô para seu aniversário. Ao parecer, sua irmã reconhecia como poucas pessoas a veia temerária que aflorava de vez em quando no caráter de Amanda.

—Estou muito viva —disse Amanda com entusiasmo —Mas muito ocupada. —Lançou um olhar a sua irmã, acompanhado de um sorriso de afeto — Você está muito bem, Sophia.

Durante anos, Sophia havia conservado a mesma figura branda. Levava o cabelo penteado com o mesmo coque recolhido e usava a mesma fragrância de baunilha que gostava sua mãe. Sophia era tal qual parecia ser: uma matrona rural, que manejava de forma competente um marido aborrecido, mas, respeitável e cinco garotos barulhentos.

Sophia agarrou as mãos de sua irmã e separou-se um pouco dela para inspecioná-la dos pés a cabeça.

—Temia que estivesse doente. Essa era a única razão que me ocorria para explicar sua insistência em não ir a Windsor.

—Não te ocorreu nenhum outro motivo? —replicou Amanda rindo e, em seguida, acompanhou sua irmã ao interior da casa.

Sophia compôs uma careta de ironia.

—Explique-me por que fui obrigada a vir te ver aqui, em vez de recebê-la em minha casa. Depois de evitar a família no Natal, tinha prometido ir nos ver em janeiro. Já estamos em meados de fevereiro e ainda não tivemos notícias suas. E não me venha com bobagens de estar sobrecarregada de trabalho. Você sempre está ocupada e isso nunca te impediu de ir a Windsor.

Desprende-se de seu gorro de viagem. Um chapéu bonito e prático ao mesmo tempo, de cor azul, de aba estreita na nuca e ampla na frente.

—Lamento ter te preocupado —respondeu Amanda em tom contrito, enquanto recolhia o chapéu e a capa de sua irmã —Mas estou encantada de que esteja aqui.

Colocou as coisas da irmã sem pressa em um mancebo de madeira, situado junto a entrada e se assegurou de que ficassem bem colocadas nos ganchos com ponta de porcelana.

—Vem comigo à salinha —a instou —Não podia escolher melhor momento, porque acabo de preparar o chá. Que tal estão os caminhos de Windsor até aqui? Teve alguma dificuldade...?

—Onde estão os criados? —interrompeu Sophia com ar desconfiado, ao entrar com ela na salinha decorada em cores creme e azul.

—Sukey foi ao mercado com a cozinheira, Violet e Charles foi à loja de vinhos.

—Perfeito. Assim poderemos desfrutar de um pouco de intimidade enquanto me explica o ocorrido.

—Por que acha que ocorreu algo? —replicou Amanda, esquivando-se com habilidade —Asseguro-te que as coisas seguem seu lento curso como sempre.

—Você, definitivamente, não sabe mentir —informou Sophia serenamente, tomando assento no divã —Amanda, devo recordar a você que Windsor não está precisamente muito longe de Londres. Nos enteiramos do que acontece aqui e nos chegaram rumores referentes a você e um certo cavalheiro.

—Rumores? —Amanda a observou com surpresa e horror.

—E tem um aspecto diferente.

—Diferente? —Em sua repentina consternação, Amanda não pôde fazer outra coisa que ruborizar-se, devido ao sentimento de culpa e a repetir como um papagaio o que dizia a sua irmã.

—Tem um ar especial que me faz suspeitar que os rumores são certos. Tem uma relação com alguém, não é assim? —Sophia franziu os lábios e contemplou sua irmã mais nova —Está em seu pleno direito de organizar sua vida como queira. Eu já aceitei que não é das que se pregam os ditados dos convencionalismos. Se fosse, poderia ter se casado com um homem de Windsor e ter ido viver próxima de sua família. Em vez disso, vendeu Briars House, instalou-se em Londres e dedica-se a forjar uma carreira. Com frequência, disse a mim mesma que se tudo isso te faz feliz, pois, bem vindo seja...

—Obrigada —interrompeu Amanda com um ligeiro toque de sarcasmo.

—Não obstante —prosseguiu Sophia com gesto de preocupação —agora seus atos estão pondo em perigo todo seu futuro. Queria que confiasse em mim e me permitisse ajudá-la a resolver as coisas.

Amanda sentiu-se tentada a negar para Sophia, com todas as descaradas mentiras que fossem necessárias para acalmar suas suspeitas. No entanto, ao olhar para sua irmã, notou uma névoa nos olhos e rolou-lhe uma grossa lágrima pela face.

—O que preciso neste momento é de alguém que me escute e entenda. Alguém que não ponha minhas ações em julgamento. Acha que poderia fazer isso por mim?

—É claro que não —respondeu Sophia com brusquidão —De que serviria se não te oferecesse a possibilidade de se beneficiar de meu bom critério? Se não for assim, bem poderia contar seus segredos a uma árvore mais próxima.

Com uma risada nervosa, Amanda enxugou as lágrimas com a manga.

— Oh, Sophia temo que ficará bastante impressionada com minha confissão.

Enquanto o chá esfriava nas xícaras, Amanda relatou sem parar a sua relação com Jack Devlin, tirando, por prudência algum ou outro detalhe, como as circunstâncias do primeiro encontro entre ambos. Sophia permaneceu com o semblante impassível enquanto escutava e reservou os comentários para quando Amanda terminou seu relato com um suspiro aquoso.

— Bem —disse Sophia com gesto pensativo —Não me sinto tão impressionada como talvez deveria estar. Conheço-te muito bem, Amanda, e jamais acreditei que fosse ser feliz vivendo na solidão. Se bem, é certo que não aprovo sua atitude, mas, entendo sua necessidade de companhia. Devo assinalar que se tivesse ouvido os meus conselhos e houvesse casado com um homem agradável de Windsor, não se encontraria agora nesta terrível situação.

—Por desgraça uma mulher não pode sair na rua e sem mais, apaixonar-se pelo homem apropriado.

Sophia fez um gesto de impaciência.

—O amor não tem nada que ver, querida. Por que acha que eu me conformei com Henry?

A pergunta deixou Amanda estupefata.

—Pois... Eu... Nunca me pareceu que para você fosse “conformar”. Sempre pareceu muito feliz com Henry —E assim é —respondeu Sophia em tom decidido —É a isso que me refiro. No princípio, eu não amava Henry, mas, reconhecia que possuía um caráter admirável. Compreendi que, se quisesse formar uma família e ter um lugar sólido na sociedade, necessitava um marido respeitável. E o amor ou algo parecido, chega com o tempo. Gosto e valorizo a vida que levo com Henry. É algo que você também poderia ter, se estivesse disposta a deixar de lado essa obstinada independência e suas ilusões românticas.

—E se não estivesse disposta a isso? —murmurou Amanda.

Sophia a olhou diretamente aos olhos.

—Então será pior para você. A vida sempre é mais difícil para aqueles que nadam contra correnteza. Limito-me a constatar os feitos, Amanda, e sabe que tenho razão. E te digo com toda a ênfase: deve adaptar sua vida para cumprir com o estabelecido. Meu conselho é que ponha fim a essa relação imediatamente e aplique-se em buscar um cavalheiro que esteja disposto a se casar com você.

Amanda tocou na fronte dolorida.

—Mas, estou apaixonada por Jack —sussurrou —Não quero nenhum outro homem.

Sophia a olhou com gesto compreensivo.

—Acredite ou não, te entendo, querida. No entanto, deve ter em conta que os homens como o senhor Devlin são algo assim, como um doce saboroso: pode desfrutar dele no momento, mas, sabe que fará mal a sua pessoa. Além disso, não é crime se casar com o homem que goste. De fato, segundo a minha opinião, é muito melhor que se casar com um homem que ama. A amizade dura mais que a paixão.

—O que acontece? —perguntou Jack em voz baixa, acariciando a curva das costas nuas de Amanda.

Ambos jaziam em meio de um emaranhado de lençóis, o ar era úmido e perfumado, como de sal marinho, após ter feito amor. Jack inclinou-se para beijá-la no ombro.

—Esta noite está distraída. Tem algo a ver com a visita de sua irmã? Discutiram?

—Não, absolutamente. De fato, passamos um bom tempo conversando agradavelmente. Ela me deu muitos conselhos ajuizados antes de partir de regresso a Windsor. —Amanda franziu o senho ao ouvir Jack dizer algumas palavras sobre os “conselhos ajuizados” de sua irmã, e acomodou-se sobre um cotovelo —Não pude evitar concordar com muitas de suas opiniões —disse —embora, não fosse a minha intenção.

A mão de Jack que acariciava-lhe as costas ficou imóvel, com o polegar apoiado nas ondas da coluna vertebral.

—Quais opiniões?

—Chegaram até Sophia rumores relativos a nossa relação. Disse-me que está havendo um escândalo e que devo pôr fim a esta relação imediatamente, se não quiser arriscar que a minha reputação fique destruída. —Por seus lábios passou um sorriso triste —Tenho muito a perder, Jack. Se converto-me em uma mulher de má reputação minha vida inteira mudará. Já não me convidarão para atos sociais e muitas de minhas amizades não irão querer voltar a me dirigir a palavra. O mais provável será que tenha que me mudar para algum lugar distante, no campo ou até mesmo ir para o estrangeiro.

— Eu corro o mesmo risco —assinalou Jack.

— Não —replicou ela —você sabe muito bem que essas coisas, aos homens nunca se julgam, tal como as mulheres. Eu me converteria em uma pária, enquanto você receberia não mais que uma leve reprimenda.

—O que está dizendo? —De repente, seu tom tingiu-se de fúria contida —Que me condenem se tiver a intenção de pôr fim à nossa relação um mês e meio antes!

—Nunca deveria ter consentido semelhante acordo. —Desviou o rosto com um gemido de dor —Foi uma loucura. Não pensava com clareza.

Jack atraiu-a para si, deslizando as mãos sobre seu corpo.

—Se o que te preocupa é o escândalo, buscarei um modo de que isso seja mais discreto. Comprarei uma casa no campo, na qual poderemos nos ver sem que ninguém saiba.

—É inútil, Jack. Esta... O que aconteceu entre nós... —Amanda interrompeu-se, súbitamente consternada, incapaz de encontrar a palavra adequada. Como não falou nenhuma, deixou escapar um suspiro de impaciência por sua falta de clareza —Não posso continuar.

—Umas poucas palavras de sua preocupada irmã mais velha e já está disposta a pôr fim à nossa relação? —perguntou Jack com incredulidade.

—Sophia confirmou o que eu já sabia. Desde o princípio soube que isso não estava bem, e mesmo assim, até agora, não fui capaz de enfrentar a verdade. Por favor, não faça com que tudo seja mais difícil.

Ele lançou um juramento salvagem e derrubou-a de costas com seu poderoso corpo erguido sobre ela. Tinha o semblante tranquilo, mas, Amanda quase podia ver a velocidade com que se desenvolviam seus pensamentos. Quando falou, seu tom de voz estava já sob controle.

—Amanda, não quero te perder. Nós dois sabemos que nosso acordo de três meses não era mais que um jogo. Esta relação não ia se limitar, de maneira alguma, a um período de tempo tão curto. Desde o principio compreendi que existia o risco de um escândalo e decidi que te protegeria de todas as consequências que pudessem acabar com a nossa relação. Tem minha palavra a respeito. Vamos, terminemos de uma vez com esta bobagem e continuemos como até agora.

—E como poderia me proteger de um escândalo? —perguntou Amanda, desconcertada —Está dizendo que se casaria comigo para salvar minha destroçada reputação?

Ele olhou-a fixamente nos olhos, sem piscar.

—Se for necessário, sim.

Mas, a falta de vontade que havia em seu olhar era fácil de ver e Amanda compreendeu como seria desagradável para ele ter que se casar com alguém.

—Não —murmurou —Você não deseja ser marido, nem pai. Eu não te pediria uma coisa assim... nem o pediria a mim mesma. Mereço algo mais que ser considerada uma pedra no pescoço.

Aquelas palavras ficaram pairando no ar. Amanda sentiu-se ao mesmo tempo resignada e cruel, ao observar o rosto inexpressivo de Jack. Ele nunca fingiu desejar algo mais que uma mera aventura. Não podia reprovar o que ele sentia.

—Jack —disse com voz insegura —Sempre pensarei em você com...com afeto. Espero que possamos continuar trabalhando juntos. Desejo que a relação entre nós siga sendo amistosa.

Ele olhou-a de um modo que não tinha olhado nunca, com a boca torcida para um lado e os olhos

brilhantes devido a algo semelhante a cólera.

—Então o que quer é a minha amizade —disse suavemente —E a única coisa que sente por mim é afeto.

Amanda obrigou-se a sustentar o seu olhar.

—Sim.

Não entendeu de todo o gesto de amargura que mostrava em seu semblante. Um homem não mostrava uma expressão como aquela a não ser que se sentisse profundamente ferido. No entanto, não acreditava que ele se interessasse tanto por ela para se sentir assim. Talvez, fosse o orgulho ferido.

—É o momento de nos despedirmos —sussurrou —Você já sabe.

Jack seguiu com a vista fixa nela e o rosto impávido.

—Quando voltarei a vê-la? —perguntou ele com voz grave.

—Dentro de umas semanas, talvez —respondeu Amanda titubeando —Então poderemos nos ver como amigos, espero.

O ar ficou carregado com um silêncio peculiar e doloroso até que Jack falou de novo.

— Então diremos adeus do mesmo modo que começamos —murmurou e em seguida, tomou Amanda com gestos bruscos.

Em todas as ocasiões nas quais Amanda havia imaginado e descrito as despedidas dos amantes, jamais pensou em semelhante urgência, era como se ele desejasse machucá-la.

— Jack —protestou.

A força de suas mãos afrouxou-se um pouco, mas, seguiu segurando-a, mas sem castigá-la.

— Uma última demonstração de afeto não é pedir muito, não?

Separou suas pernas com o joelho e a penetrou sem nenhum tipo de preliminares. Amanda conteve a respiração ao senti-lo entrar dentro dela e estabelecer um ritmo rápido e exigente que fez com que vibrasse todo o corpo dela. Surgiu o prazer e foi aumentando, seus quadris se arquearam com cada nova investida.

Fechou os olhos e sentiu a boca de Jack em seus peitos buscando seus mamilos, mordendo e acariciando com os dentes e a língua. Tratou de apertar-se mais contra ele, ansiosa de sentir sobre ela seu calor e seu peso. Jack beijou-a com a boca aberta, faminto, e por fim deixou escapar um gemido quando se apoderou dela um intenso orgasmo que a varreu de cima abaixo em ondas sucessivas.

Jack retirou-se dela com uma brusca sacudida, deixando escapar um grunhido áspero, o corpo trêmulo e tenso, no desenlace de seu próprio clímax.

Em geral, depois de fazer amor, Jack abraçava-a e acariciava-a. Desta vez, ele apenas rodou para um lado e abandonou a cama com um suspiro.

Amanda mordeu o lábio e permaneceu imóvel enquanto Jack vestia suas roupas em silêncio.

Talvez se houvesse conseguido explicar a ele as coisas de um modo diferente, Jack não teria reagido por aquela fúria incompreensível. Tentou dizer algo, mas tinha a garganta muito tensa para poder pronunciar uma só palavra e o único que conseguiu articular foi um som estranho.

Ao ouvir aquele débil ruído, Jack lhe lançou um olhar fulminante. O fato de apreciar a dor que se refletia com toda clareza no seu rosto não pareceu abrandá-lo, de fato, aumentou sua frustração.

Por fim, disse em um tom frio, rígido, fazendo um esforço para falar através dos dentes apertados: —Ainda não terminei com você, Amanda. Estarei te esperando.

Amanda não tinha conhecido nunca um silêncio mais absoluto que o que desceu sobre o quarto após a ida de Jack. Cobriu-se com os lençóis que ainda conservavam o calor e o aroma de seu corpo, numa tentativa de se acalmar e pensar. Não haviam feito promessas, nem compromisos. Nenhum dos dois tinha se atrevido jamais a acreditar em algum tipo de permanência.

Esperava sentir dor no momento da despedida final, mas, não contava experimentar uma sensação de

perda tão profunda, como se tivessem amputado uma parte do seu corpo. Nas próximas semanas e meses, descobriria de mil maneiras, como havia se transformado aquela relação. No entanto, no momento, tentaria se livrar dos detalhes não desejados que se aglomeravam em sua mente: pensar nos olhos azul escuro de Jack, no sabor de sua boca, no intenso calor de sua pele quando movia-se sobre ela, devastado pela paixão. O maravilhoso timbre grave de sua voz, ao murmurar ao ouvido.

—Jack —disse num susurro e deu a volta para fundir o rosto na almofada e romper a chorar.

Jack recebeu de boa vontade o açoite da gélida brisa de fevereiro quando entrou na escuridão da noite e começou a andar. Juntou as mãos nos bolsos de seu casaco e começou a caminhar sem seu habitual ar resolvido. Não tinha importância para onde se dirigia, nem quão longe chegasse, a única coisa que importava era não se deter.

Sentia-se como se tivesse bebido whisky mal destilado. Daquele que lhe deixava a boca seca e a cabeça cheia de dor. Parecia impossível que uma mulher a que desejava com tanta intensidade não o quisesse. Ainda que compreendesse o medo que Amanda tinha do escândalo e das consequências do mesmo, não conseguia aceitar que já não poderia vê-la, falar com ela, fazê-la sua. Que a aventura que teve lugar entre eles havia se convertido, de repente, em algo do passado.

Não reprovava a decisão que Amanda havia tomado. De fato, se estivesse no lugar dela, com toda probabilidade, teria feito o mesmo. Mas, não conseguia deixar de ter a sensação de raiva e de perda. Com Amanda, experimentava mais intimidade do que jamais havia tido com nenhuma outra pessoa em sua vida. Tinha contado a ela coisas que até ele tinha dificuldade de admitir. Não era simplesmente a delícia de seu corpo o que iria perder: amava sua aguda inteligência, sua risada simples... amava estar no mesmo lugar que ela, embora, não soubesse explicar por que sua companhia lhe proporcionava tanta satisfação.

Em seu interior liderava uma batalha de impulsos contraditórios. Podia voltar com ela imediatamente, argumentar e convencê-la, até que ela lhe permitisse voltar para sua cama. Mas, isso não era o que Amanda queria, não era o melhor para ela.

Lançou um juramento e apertou o passo para se afastar a toda pressa de sua casa. Faria o que ela desejava. Daria a ela a amizade que queria e logo encontraria uma maneira de arrancá-la de sua mente e de seu coração.

Capítulo 12

A temporada londrina, com seu ritual de jantares, bailes, festas e chás, começou em março. Havia atos para todos os extratos sociais. Os mais notáveis de todos, as reuniões insuportavelmente chatas de aristocratas de sangue azul, desejosos de arranjar maridos convenientes e apropriadas esposas, para garantir a continuidade de suas linhagens.

Sem duvida, qualquer pessoa de bom senso procurava evitar as reuniões da aristocracia, pois, nelas, a conversa era lenta e baseada na autocomplacência e o mais provável era que se ficasse preso à companhia de pessoas pomposas e imbecis.

Mais agradáveis eram os convites aos eventos do que se podia considerar a classe média, gente sem linhagem, mas, com uma considerável celebridade ou riqueza. Nesse grupo incluíam-se políticos, ricos barões com terras, homens de negócios, médicos, donos de jornais, artistas e inclusive uns quantos comerciantes bem situados.

Desde que foi viver em Londres, Amanda havia sido bem recebida nas ceias e bailes, concertos privados e veladas de teatro, mas, ultimamente havia rechaçado todos os convites.

Embora, no passado tivesse se divertido em semelhantes companhias, agora não parecia encontrar interesse algum em comparecer em nenhum lugar. Nunca havia entendido a frase “ter o coração quebrado”, até agora. Fazia quatro semanas desde que viu Jack pela última vez e incomodava a sensação de ter o coração esmagado por uma laje de chumbo, que também exercia uma pressão dolorosa sobre seus pulmões e costelas. Havia ocasiões em que até mesmo respirar lhe custava um grande esforço.

Depreciava a si mesma por estar tão presa a um homem, odiava aquele inútil melodrama e, não obstante, era impossível não fazê-lo. Estava certa de que o tempo conseguiria aplacar sua angústia, mas, deprimia-lhe profundamente a perspectiva de passar meses e anos sem Jack.

O fato de que Oscar Fretwell fosse até sua casa para recolher as últimas revisões de seu romance por fascículos, supôs uma fonte de abundante informação sobre seu chefe. Jack havia ficado insaciável em seus esforços por alcançar cotas de éxito cada vez mais altas. Havia adquirido um distinto jornal, o London Daily Review, que presumia contar com uma retirada que alcançava a mareante cifra de cento e cinquenta mil exemplares. Também havia aberto duas lojas novas e acabava de adquirir outra revista. Havia rumores de que dispunha de mais dinheiro que nenhum outro homem da Inglaterra e que o fluxo de fundos de Devlin aproximava-se a milhões de libras esterlinas.

—É como um cometa —confiou Fretwell, ajustando os óculos com seu habitual costume —vai mais depressa que ninguém, nem nada do que o rodeia. Não recordo quando foi a última vez que o vi comer. E estou certo de que não dorme nunca. Fica na oficina até muito tempo depois de que todos se vão, e está ali pela manhã, antes que todos.

—Por que está tão acelerado? —perguntou Amanda —Pensava que Devlin queria relaxar e desfrutar do que já conseguiu.

—Isso é o que esperávamos —respondeu Fretwell com gesto grave —Mas, o mais provável, é que ele mesmo vá à tumba de forma prematura.

Amanda não pôde evitar perguntar se Jack sentia sua falta. Talvez estivesse tentando se manter tão

ocupado para que sobrasse pouco tempo para pensar sobre o final da relação entre eles.

—Senhor Fretwell —disse com um incômodo sorriso —Devlin mencionou o meu nome em alguma ocasião? Quer dizer... há alguma mensagem que deseja que você me transmita?

O gerente manteve o semblante prudentemente inexpressivo. Era impossível discernir se Jack lhe havia confiado algo sobre sua relação com ela ou se havia revelado alguma pista a respeito de seus sentimentos.

— Parece estar bastante contente com as vendas da primeira entrega de *Uma Dama Inacabada* —disse com um entusiasmo claramente excessivo.

—Ahh. Obrigada. —Amanda dissimulou sua desilusão e sua angústia com um tenso sorriso.

Deu-se conta de que Jack estava fazendo tudo o que podia para deixar para trás a relação que existiu entre eles e soube que ela tinha que fazer o mesmo. Começou a aceitar convites de novo e obrigou-se a rir e conversar com suas amigadas. No entanto, o certo era que nada conseguiria dissipar sua solidão, e que passava o tempo esperando e escutando, para ver se ouvia a mínima menção referente a Jack Devlin. Era inevitável que um dia os dois comparecessem ao mesmo evento e aquela ideia a aterrorizava e a iludia ao mesmo tempo.

Para surpresa de Amanda, convidaram-a para um baile que celebrava no fim de março, na casa dos Stephenson, a quem não conhecia muito. Recordou vagamente que havia visto o senhor e senhora Stephenson no ano anterior, quando os apresentaram em uma festa de seu advogado, Thaddeus Talbot. A família possuía uma série de minas de diamantes na África do Sul, o que havia acrescentado o atrativo de uma grande riqueza ao brilho de um nome sólido e respeitado por todos.

Levada pela curiosidade, Amanda decidiu ir ao baile. Colocou o melhor vestido para a ocasião: uma peça de cetim cor rosa pálido, com uma enorme gola de gaze branca que deixava os ombros expostos. A ampla saia produzia um sussurro cada vez que se movia e, de vez enquanto, deixava vislumbrar os sapatos, combinando com as fitas cor rosa. Arrumado o cabelo num coque frouxo, com algumas mechas soltas ao redor das faces e do pescoço.

Stephenson Hall era uma casa inglesa clássica, um majestoso edifício de tijolos vermelhos, com gigantescas colunas de estilo coríntio, que se elevava sobre um amplo pátio frontal pavimentado com rosas. O teto do salão de baile luzia pinturas *trompe l'oeil* relativas às quatro estações, combinando com os intrincados motivos florais do brilhante chão de parquet. Mais de cem convidados pululavam sob a intensa iluminação, procedente de dois candelabros de aranha, os maiores que Amanda havia visto.

Quando chegou, veio ao seu encontro o filho mais velho dos Stephenson, Kerwin, um homem corpulento, de pouco mais de trinta anos, que havia se aproximado dela de um modo surpreendente. Levava reluzentes broches de diamantes no cabelo, presilhas com diamantes nos sapatos, botões de diamantes no casaco e anéis de diamantes em todos os dedos. Amanda não pôde deixar de olhar o extraordinário espetáculo de um homem que havia engehado para decorar todas as partes de seu corpo com jóias.

Com expressão de orgulho, Stephenson passou uma mão pela gola de seu relampejante casaco e sorriu para Amanda.

—Notável, não é mesmo?

—Quase dói olhá-lo —replicou Amanda secamente.

Stephenson confundiu aquele comentário com um elogio e inclinou-se para murmurar em tom de conspiração: —Pense você, querida... na afortunada mulher que se casar comigo: poderá brilhar os mesmos adornos.

Amanda esboçou um fugaz sorriso, consciente de que naquele momento era o objetivo de uma legião de olhares ciumentos provenientes de viúvas obcecadas pelo casamento e suas vantagens. Quem dera pudesse ter tranquilizado a todas em massa, dizendo a elas que não tinha o menor interesse por aquele

ridículo homem.

Por desgraça, não houve forma de persuadir Stephenson de que se separasse de seu lado em toda a noite. Ao que parecia, havia decidido que Amanda correspondia a honra de escrever a história de sua vida.

—Poderia sacrificar minha valiosa intimidade —refletiu, fazendo saber a multidão, ao sair com firmeza de braço dado com Amanda, em sua mão gordinha —mas, não posso seguir negando ao público uma história que deseja com tanta ansiedade. E só voce, senhorita Briars, possui a capacidade de captar a essência desse tema: minha pessoa. Desfrutará escrevendo sobre mim, prometo isso. Apenas lhe parecerá um trabalho.

Por fim, Amanda compreendeu que aquela era a razão pela qual a haviam convidado ao baile. A família deveria ter acordado de que recairia sobre ela a honra de escrever a biografia de seu pomposo herdeiro.

—Você é muito amável —murmurou, presa entre o ultraje e a risada, olhando ao seu redor em busca de alguma via de escape —No entanto, devo confessar que as biografias não são o meu forte.

—Vamos buscar um local mais tranquilo —interrompeu ele —onde possamos sentar juntos pelo resto da noite, enquanto eu conto-lhe a história de minha vida.

Amanda sentiu que lhe congelava o sangue nas veias ante semelhante perspectiva.

— Senhor Stephenson, não poderia negar às demais mulheres presentes a oportunidade de desfrutar de sua companhia.

— Terão que se consolar sozinhas —replicou com um suspiro de pesar —No fim das contas, como eu não há mais ninguém... e esta noite sou todo seu, senhorita Briars. Venha comigo.

Viu-se praticamente arrastada para um pequeno divã de veludo que havia num canto. Foi então quando viu o rosto escuro de Jack Devlin.

Ao vê-lo, saltou-lhe o coração. Não sabia que ele iria assistir aquele baile. Não pôde deixar de ficar olhando para ele fixamente. Jack estava muito bonito, principesco inclusive, com seu formal traje negro e seu cabelo negro penteado para trás, mostrando o rosto. Estava de pé entre um grupo de homens, observando—a por cima da borda de seu copo de conhaque, com expressão de satisfação e diversão. Seus dentes brancos reluziram em um rápido sorriso ao presenciar o apuro em que se encontrava Amanda.

De imediato, o sentimento de saudades de Amanda mudou para um profundo aborrecimento. Maldito canalha, pensou, olhando de cara feia, enquanto tirava dela a corpulenta figura de Stephenson. Não deveria causar surpresa que Jack se divertisse ao vê-la naquela embaraçosa situação.

Amanda aguentou furiosa, em silêncio, as duas horas que Stephenson a teve monopolizada, contando uma grande estória acerca de seu começo, suas conquistas, suas ideias... até que ela teve vontade de gritar.

Enquanto bebia de sua taça de ponche, contemplou como o resto dos convidados da festa divertiam-se, dançando, rindo e conversando. Ela estava presa num divã, junto a um charlatão que acreditava ser um tipo importante.

E mais, cada vez que alguém aproximava-se e parecia concretizar-se a possibilidade de um resgate, Stephenson despidia a pessoa com um gesto de mão e continuava seu inacabável discurso. Justo quando Amanda estudava a possibilidade de fingir um mal estar ou um desmaio para poder librar—se dele, chegou o socorro da parte de quem menos desejava.

Viu Jack de pé, frente a eles, com um semblante carente de toda expressão, fazendo caso omissos dos intentos de Stephenson para espantá-lo.

—Senhorita Briars —disse em voz baixa —está desfrutando desta noite?

Mas, Stephenson reagiu antes que Amanda pudesse dizer algo.

—Devlin, você tem a honra de ser o primeiro a conhecer a boa notícia —grasnou.

Devlin arqueou as sobrancelhas e olhou para Amanda.

—Que notícias são essas?

—Convenci a senhorita Briars a escrever a minha biografia.

—Verdade? —Jack dirigiu a Amanda um olhar que pretendia fingir reprovação —Talvez tenha se esquecido, senhorita Briars, que você tem obrigações contratuais comigo. Apesar de seu entusiasmo por esse projeto, é possível que tenha que prorrogá-lo durante um tempo.

—Se você diz... —murmurou ela, quase afogada por uma mortificante mescla de gratidão e aborrecimento. Transmitiu-lhe uma mensagem em silêncio com um olhar que prometia vingança se ele não a tirasse daquela situação imediatamente.

Devlin fez uma leve reverência e estendeu uma mão enluvada.

—O que acha de falarmos um pouco mais do assunto? Enquanto dançamos uma valsa, talvez?

Amanda não necessitou de mais incentivo. Praticamente saltou do divã, o qual havia desempenhado todo atrativo de uma câmara de tortura, e agarrou a mão de Devlin.

—Muito bem, se insiste.

—Oh, insisto muito —assegurou ele.

—Mas a história de minha vida... —protestou Stephenson —Ainda não terminei de contar os anos que passei em Oxford...

Balbuciou indignado, ao ver que Jack conduzia Amanda para o torvelinho de casais que dançavam no salão. Pairava no ar o efervescente ritmo de uma valsa, mas sua alegre melodia não conseguia mitigar a irritação de Amanda.

—Não vai me agradecer? —Jack perguntou enquanto tomava sua mão enluvada e deslizava um braço pela cintura dela.

—Agradecer-te por que? —respondeu ela em tom acre.

Os músculos tensos de suas pernas se opuseram à perspectiva de dançar após a prolongada tortura no divã, mas, sentia tanto alívio ao se ver livre de seu opressor, que não fez caso desse incômodo.

—Por ter te resgatado de Stephenson.

—Esperou duas horas para fazer isso —pontuou ela —Não penso em agradecê-lo.

—Como eu poderia saber que não estava bem com Stephenson —perguntou ele, todo inocente —Muitas mulheres gostam dele.

—Bom, pois, que fiquem com ele. Permitiu que o asno mais pretencioso que conheci na vida me atormentasse.

—É um homem respeitável, culto, solteiro, rico... Que mais poderia desejar?

—Não é culto —replicou Amanda com uma veemência, a duras penas —Ou, pelo menos, se é, seus conhecimentos limitam-se a um só tema: ele mesmo.

—Sabe muito de pedras preciosas —apontou Jack em tom manso.

Amanda sentiu-se tentada de golpeá-lo ali mesmo, diante da legião de casais que dançavam. Ao perceber sua expressão, Devlin começou a rir e procurou parecer contrito.

—Sinto muito. De verdade. Verá, vou compensá-la. Diga-me quem mais deseja conhecer esta noite e eu me encarregarei de que o conheça. Seja quem for.

—Não se incomode —disse ela, rancorosa — Depois de me ver submetida ao senhor Stephenson durante tanto tempo estou sem nenhum senso humor. Só sou boa companhia para você.

Os olhos de Jack brilharam em pagã diversão.

—Dança comigo, então.

Introduziu-a no baile com uma esplêndida economia de movimentos, compensando assim, de certa forma, a diferença radical que havia entre a estatura deles. Amanda surpreendeu-se, novamente, ao ver como ele era alto. A força e a energia daquele corpo oculto sob um civilizado traje de noite.

Tal como cabia esperar dele, era um bailarino excelente, não só sabia dançar, mas além de tudo, tinha estilo. A levava com firmeza, sem deixar nenhuma oportunidade para dar um passo em falso. Sua mão

apoiava-se com força em suas costas, proporcionando a quantidade justa de pressão e sustento para conduzi-la.

O aroma de linho com amido mesclava-se com o aroma de sua pele, limpa e perfumada com um toque de colônia. Amanda odiava que Jack cheirasse muito melhor que qualquer outro homem que conhecesse. Quem dera pudesse engarrafar aquela essência e roçar a outro com ela.

A animada música fluía ao seu redor, e Amanda notou que relaxava entre os firmes braços de Jack. Raramente tinha dançado em sua juventude, já que a maioria dos homens que havia conhecido parecia achar que ela era muito séria e solene para desfrutar de tal atividade. Embora, havia sido das que ficavam sentadas olhando, desde jovem não a tinham solicitado como companheira de baile.

À medida que giravam e avançavam entre os demais casais, Amanda se fixou nas sutis mudanças que haviam ocorrido no semblante de Jack. Nas semanas transcorridas desde sua separação, parecia ter perdido parte de seu ar vaidoso e desenvolto. Parecia mais velho. Havia formado umas pequenas rugas junto a comissura dos lábios e frequentemente, franzia o cenho de um modo particular. Tinha emagrecido, o que fazia com que se destacassem mais as maçãs do rosto e o forte ângulo de sua face. E, além disso, luzia umas olheiras que davam testemunho de uma constante falta de sono.

—Parece muito cansado —disse num impulso —Tem que dormir mais.

—Tenho estado muito deprimido desde que nos separamos —respondeu ele em um tom tão ligeiro e falso que pretendia implicar justo o contrário —Essa é a resposta que queria ouvir?

Amanda ficou rígida ante aquela leve burla.

—Solte-me. Desatou a fita de um sapato.

—Ainda não. —Sua mão não se moveu das costas de Amanda —Tenho uma boa notícia para te dar. A primeira tiragem de *Uma Dama Inacabada* foi vendida por completo. E para o segundo número existe já uma demanda tão grande, que este mês penso duplicar a edição.

—Oh. Certamente, é uma boa notícia. —Mas o prazer que em geral teria sentido se viu diminuído pela terrível tensão que pairava entre eles —Jack, o sapato...

—Maldita seja —murmurou ele, fazendo uma mudança na valsa e conduzindo Amanda fora da pista de baile.

Amanda apoiou-se em seu braço enquanto ele a guiava para uma poltrona decorada com detalhes dourados que havia num canto do salão. Amaldiçoou em silêncio o sapato e a delicada fita que o prendia ao tornozelo, pois, notava que ia se afrouxando, até que apenas pôde seguir com ele posto.

—Sente-se —Jack lhe ordenou cortante, ajoelhou-se ao seu lado e pegou o pé dela.

—Não faça isso —exclamou Amanda, consciente de que estavam atraindo muitos olhares curiosos.

Havia até mesmo algumas convidadas que riam dissimuladamente atrás de seus leques ou suas mãos enluvadas, ante o espetáculo de ver a famosa senhorita Briars sendo assistida por um conhecido libertino, como Jack Devlin.

—Estão nos olhando —disse Amanda em tom mais suave, enquanto Jack tirava o sapato do pé dela.

—Fique tranquila. Já vi outras vezes fitas de sapatos que se afrouxam. De fato, algumas mulheres até mesmo as deixam assim de propósito, como desculpa para mostrar os tornozelos aos seus acompanhantes.

—Se está insinuando que eu seria capaz de me valer de um pretexto tão estúpido para... para... Enfim, é ainda mais rude e insuportável do que eu pensava.

Envergonhada, Amanda ruborizou e lançou um olhar de fúria para Jack, que baixou a vista para o frágil sapato com um repentino sorriso.

—Vá, senhorita Briars —murmurou —Quão frívolo por sua parte.

Amanda havia comprado aqueles sapatos de baile obedecendo a um impulso. Diferente de outros sapatos, esses estavam desenhados sem ter em conta sua qualidade, nem seu caráter funcional. Apenas eram mais que uma fina sola e um salto de dois centímetros, unidos entre sí, por uma fivela e com um

diminuto bordado de flores na ponta. Uma das tênues fivelas de seda que prendiam o sapato ao tornozelo havia soltado, de modo que, Jack atou os dois extremos em poucos movimentos hábeis.

Assumiu uma expressão impassível quando acabou de prender o sapato no pé dela, atando novamente a fivela ao redor do tornozelo. Não obstante, em seus olhos se apreciava um brilho de diversão que o delatava e que deixava claro que desfrutava com a impotência de Amanda e com a atenção que estavam atraindo. Amanda manteve o rosto virado para outro lado, cravado em suas próprias mãos, que não deixava de retorcer sobre o colo.

Devlin teve muito cuidado de não revelar, em nenhum momento, o mínimo fragmento de tornozelo de Amanda, enquanto calçava o sapato. Seus dedos fecharam-se durante um instante ao redor do calcanhar, a fim de colocar o pé em seu lugar. Amanda nunca gostou de suas pernas, porque eram robustas e curtas. Nunca se escreviam sobre mulheres que tivessem tornozelos fortes. Só as que tinham os magros e finos. Ainda assim, seus pouco românticos tornozelos possuíam uma deliciosa sensibilidade e Amanda não pôde evitar estremecer ao sentir o contato dos dedos de Jack, o calor de suas mãos, superando a barreira da meia de seda, abrasando a pele.

Foi um contato fugaz, mas Amanda sentiu-o até os ossos. Estava aturdida pela urgência de seu desejo, pelo modo que sua boca ficou seca, pelo abrumador calafrio de prazer que percorreu-lhe o corpo inteiro. De repente, deixou de se importar que estivesse em um salão repleto de gente. Teve vontade de deitar com Jack naquele brilhante piso, juntar sua boca contra a dele e atraindo-o sobre ela, até sentir seu íntimo calor penetrando em seu corpo. Os primitivos pensamentos que correram por sua cabeça, enquanto estava sentada naquele entorno tão civilizado, horrorizaram-na e nublaram-lhe a vista.

Jack soltou por fim o pé dela e levantou-se, ficando frente a ela.

—Amanda —disse em voz baixa.

Ela sentiu seu olhar cravado em sua cabeça inclinada. Não podia levantar os olhos para ele, apenas conseguiu falar.

—Por favor, deixe-me sozinha —conseguiu dizer, por fim, num susurro —Por favor.

Contra todos os prognósticos, Jack pareceu entender seu dilema, porque, após fazer uma cortês reverência, atendeu a seu pedido.

Amanda tomou ar várias vezes para acalmar sua mente. O tempo que tinha passado separada de Jack, não havia aplacado seu desejo por ele. Sentiu uma nostalgia e uma solidão de tal calibre, que chegou perto do desespero. Como conseguiria suportar aqueles frequentes encontros com ele? Iria ter que sofrer durante o resto de sua vida? E se esse fosse o caso, o que poderia fazer a respeito?

—Senhorita Briars.

Amanda percebeu em seus ouvidos o agradável som de uma voz de timbre grave. Levantou o seu olhar turvado e encontrou com um rosto familiar. Havia se aproximado um homem alto, de cabelo castanho com fios prateados, com um rosto barbado presidido por um sorriso. Seus olhos, de cor chocolate, brilharam ao reparar em sua indecisão.

—Não esperava que você se lembrasse de mim —disse com modéstia —mas nos conhecemos na festa de Natal do senhor Devlin. Sou...

—É claro que me lembro de você —disse Amanda com um tênue sorriso, aliviada de que tivesse lembrado o seu nome. Tratava-se do popular autor de poesias para crianças, com o qual havia compartilhado uma grata conversa no Natal —É um prazer vê-lo de novo, Tio Hartley. Não tinha ideia de que você estivesse presente nesta festa.

Hartley riu ao ouvi-la empregar seu nome artístico.

—Não posso entender por que a mulher mais encantadora deste salão não esteja dançando. Daria-me a honra de dançar uma quadrilha comigo?

Ela negou com gesto pesaroso.

—As fivelas do meu sapato direito não suportariam, eu temo. Terei sorte se conseguir evitar que esse

maldito problema não saia do meu pé durante o resto da noite.

Hartley contemplou-a como se não estivesse de todo seguro se ela o estava rechaçando ou não. Amanda aliviou seu incômodo oferecendo a ele outro sorriso.

— No entanto —adicionou —estou convencida de que poderia me ajudar a chegar até a mesa dos refrescos, se você tiver a amabilidade de me acompanhar.

— Será um prazer —respondeu Hartley com sinceridade e, em seguida, lhe ofereceu o braço como mostra de cortesia —Havia abrigado profundas esperanças de vê-la de novo, depois de nossa conversa na festa do senhor Devlin —disse, enquanto se encaminhavam a sala onde estavam os refrescos —Por desgraça, nos últimos tempos não a vi nos ambientes sociais.

Amanda lhe dirigiu um olhar penetrante, perguntando se havia ouvido os rumores acerca de sua relação com Jack. Mas, a expressão de Hartley era amável e cortês, sem rastro de acusação ou insinuação alguma.

—Estive ocupada com meu trabalho —disse ela com brusquidão, tentando dissipar uma súbita pontada de culpa. Era a primeira vez que experimentava tal emoção.

—É claro, uma mulher de seu talento...requer tempo para criar obras tão memoráveis.

Hartley levou-a até a mesa dos refrescos e fez sinal a um criado para que preparasse um prato para ela.

—E você? —perguntou Amanda —Tem escrito mais poesias para crianças?

—Temo que não —respondeu Hartley em tom aborrecido —Passei a maior parte do tempo com minha irmã e sua família. Tem cinco filhas e dois filhos, todos de olhos brilhantes e travessos e seus cachorros.

—Gosta de crianças? —perguntou Amanda.

—Oh, muitíssimo. As crianças tem o dom de dar o verdadeiro propósito à vida.

—E qual é?

—Amar e ser amado, é obvio.

Amanda ficou surpresa com sua simplicidade e sinceridade. Notou que seus lábios se curvavam em um sorriso de assombro. Que notável era encontrar um homem que não tivesse medo dos sentimentos.

Os olhos castanhos de Hartley eram firmes e cálidos, mas sua boca mostrava um gesto de pesar entre a forma recortada de sua barba.

—Minha falecida esposa e eu nunca pudemos ter filhos, para desilusão de ambos. Uma casa sem crianças pode chegar a ser muito silenciosa.

Enquanto avançavam pela mesa dos refrescos, Amanda continuou sorrindo. Hartley era um homem impressionante, inteligente e bom, atraente, apesar de carecer de verdadeira postura. Havia algo em seu rosto simétrico, com aquele nariz largo e aqueles olhos de cor castanho escuro, que Amanda achou infinitamente sedutor. Era um rosto que poderia olhar diariamente, sem se cansar nunca dele. Estava muito deslumbrada com Jack Devlin para poder se fixar antes em Hartley. Bom, prometeu a si mesma em silêncio não voltar a cometer semelhante erro.

—Talvez permita-me que lhe faça uma visita algum dia —sugeriu Hartley —Gostaria de levá-la para dar um passeio em minha carruagem quando melhorar o tempo.

O senhor Charles Hartley não era o herói de nenhum conto de fadas, nem o personagem deslumbrante de um livro, mas, era um homem calado e tranquilo, que compartilhava seus mesmos interesses. Hartley jamais a faria perder a cabeça, mas sim, a ajudaria a conservá-la sobre os ombros.

Embora, não fosse o que poderia considerar excitante, Amanda já tinha experimentado suficiente excitação em sua breve aventura com Jack Devlin, para que durasse toda a vida. Agora desejava algo —alguém—que fosse sólido e real, cuja principal ambição fosse levar uma vida agradável e normal.

—Ficaria encantada —respondeu e, para seu alívio, logo descobriu que enquanto se encontrava na solícita companhia de Charles Hartley, era capaz de tirar de sua mente todo pensamento acerca de Jack Devlin.

Capítulo 13

Seguindo a última ronda do dia, Oscar Fretwell percorreu todos os andares do edifício para comprovar os equipamentos e fechar as portas com chave. Deteve-se ante a sala de Devlin. Dentro havia uma luz acesa e por baixo da porta saía um peculiar aroma: o odor penetrante de fumaça. Ligeiramente alarmado, Fretwell golpeou com os nós na porta e entrou no interior.

—Senhor Devlin...

Então, deteve-se um momento a contemplar, com um assombro apenas disimulado, o homem que era patrão e amigo ao mesmo tempo.

Devlin estava sentado em sua mesa, rodeado por suas pilhas de livros e documentos, dando metódicas tragadas em um longo cigarro. Um prato de cristal transbordando de bitucas apagadas e uma bela caixa de madeira de cedro meio cheia de cigarros, davam testemunho de que Devlin levava já um bom tempo fumando.

Em um esforço por recompor suas ideias antes de falar, Fretwell aproveitou a oportunidade para tirar os óculos e limpá-los com escurpulsosa meticulosidade. Quando voltou a colocá-los, observou Devlin com olhar especulativo. Embora, raramente utilizasse o nome batismo de seu chefe, pois, achava que era necessário demostrar seu absoluto respeito por ele, ante seus empregados, agora fez uso dele de forma deliberada. Por um lado, todos já tinham ido para suas casas. Por outro, sentia a necessidade de reestabelecer a conexão que havia existido entre eles, desde que eram crianças.

—Jack —disse em voz baixa —não sabia que gostava de fumar.

—Hoje, sim. —Devlin deu outra tragada no cigarro e cravou o olhar azul entornado no rosto de Fretwell —Vá para casa, Fretwell não tenho vontade de conversar.

Fazendo caso omissso daquela ordem pronunciada em tom calmo, Fretwell aproximou-se da janela, retirou o trinco da mesma, abriu-a para que entrasse a brisa e aliviasse o ambiente carregado da sala, pois, havia uma densa neblina azul, que flutuava no ar, que começou a se dispersar lentamente.

Ainda com o olhar sardônico de Devlin cravado nele, Fretwell aproximou-se da mesa, inspecionou a caixa de cigarros e tirou um.

—Posso?

Devlin assentiu com um grunhido. Logo, agarrou o copo de whisky que tinha à frente e esvaziou-o em dois tragos.

Fretwell extraiu de seu bolso um minúsculo cortador de charutos e acendeu a ponta do mesmo, mas o negro cilindro de folhas enroladas resistiu a seus esforços. Diligente, continuou serrando o cigarro até que Devlin o arrebatou com um bufo.

—Me dê esse maldito charuto.

Tirou da caixa uma navalha tremendamente afiada com a qual fez um profundo corte circular ao redor da ponta extrema do charuto para eliminar a borda desigual deixada pelo cortador. Depois o entregou a Fretwell com uma caixa de fósforos e viu como este o acendeu e deu alguns tragos, até que começou a desprender uma fumaça acre e aromática que foi aumentando rapidamente.

Sentado em uma cadeira próxima, Fretwell fumou em silêncio, numa atitude amistosa, pensando no que

podia dizer ao seu amigo. Era certo que Devlin apresentava um aspecto deplorável. As últimas semanas, que passou trabalhando sem piedade e bebendo, unido à falta de sono, haviam cobrado por fim seu preço. Fretwell nunca o havia visto em semelhante estado.

Devlin nunca pareceu um homem muito feliz, pois, via a vida como uma batalha que precisava ganhar, em vez de algo para desfrutar e, dado seu passado, não podia reprová-lo em nada. Mas, Devlin sempre tinha parecido invencível. Enquanto os negócios fossem bem, mostrava encanto e arrogância, despreocupação e reagia tanto às notícias boas, quanto às más, com humor sardônico e a cabeça fria.

Agora, no entanto, estava claro que algo o incomodava. Algo que tinha grande importância para ele. Havia desaparecido aquele manto invencível, deixando à vista um homem atormentado, incapaz de encontrar um refúgio.

Fretwell não teve dificuldade para discernir quando tinha começado o problema: no primeiro encontro entre Jack Devlin e a senhorita Amanda Briars.

—Jack —disse Fretwell em tom cauteloso —é obvio que, ultimamente, está muito preocupado. E suponho que não falará algo, sobre alguém, de quem queira falar...

—Não.

Devlin passou uma mão por seu cabelo negro, despenteando—o, tirando com gesto ausente as mechas que caíam para frente.

— Bom, há uma coisa sobre a qual eu gostaria de chamar a sua atenção. —Fretwell deu uma tragada em seu charuto com ar pensativo, antes de prosseguir —Parece que dois de nossos autores começaram um... não estou muito certo de como chamá-la... uma espécie de relação de algum tipo.

—Verdade? —Devlin arqueou uma sobrancelha negra.

—E como você sempre gosta de estar informado sobre todos os assuntos pessoais significativos, referentes aos seus autores, creio que deveria saber dos rumores que correm. Segundo parece, a senhorita Briars e o senhor Charles Hartley, foram vistos juntos, com certa frequência, nos últimos tempos. Uma vez no teatro, em várias ocasiões passeando na carruagem pelo parque e também em diversos eventos sociais.

—Eu já sei —interrompeu Devlin com gesto brusco.

—Perdoe-me, mas, acreditava que em certa ocasião você e a senhorita Briars...

—Está se convertendo em uma velha intrometida, Oscar. Precisa encontrar uma mulher e deixar de se preocupar com os assuntos particulares dos demais.

—Já tenho uma mulher —replicou Fretwell com muita dignidade —E não desejo me intrometer em sua vida particular, nem sequer fazer comentários a respeito, a não ser que comece a afetar o seu trabalho. Considerando que possuo uma parte deste negócio, embora pequena, tenho direito de estar preocupado. Se você se deixar afundar pouco a pouco, sairemos prejudicados todos os empregados da Devlin's. Incluindo eu mesmo.

Jack franziu a testa e deu um suspiro. Depois apagou o que sobrava do charuto contra o prato de cristal.

—Maldito seja, Oscar —disse com cansaço. Só o seu gerente e antigo amigo se atreveria a pressioná-lo daquela maneira —Já que está claro que não irá me deixar em paz até que te responda... Sim, reconheço que em certa ocasião estive interessado pela senhorita Briars.

—Muito interessado, diga-se de passagem —murmurou Fretwell.

—Bom, agora isso terminou.

—Sério?

Devlin deixou escapar uma risada grave, carente de humor.

—A senhorita Briars tem muito bom senso para desejar se envolver comigo. —Tocou a ponta do nariz e disse em tom reflexão —Hartley é um bom partido para ela, não acha?

Fretwell se sentiu obrigado a responder com sinceridade.

—Se eu fosse a senhorita Briars, casaria-me com Hartley, sem dúvida. É um dos tipos mais decentes

que conheci na vida.

—Então, tudo arranjado —disse Devlin em tom brusco —Desejo aos dois o melhor. Só é questão de tempo que se casem.

—Mas...e você? Irá ficar aí e permitir que a senhorita Briars fique com outro homem?

—Não só penso ficar aqui, mas também estou disposto a acompanhá-la à capela, se ela me pedir. Seu casamento com Hartley será o melhor para todos.

Fretwell sacudiu a cabeça, consciente do íntimo temor que obrigava Devlin a abandonar uma mulher que, claramente, significava tanto para ele. Era um estranho castigo, imposto a si mesmo, que pareciam compartilhar todos os sobreviventes de Knatchford Heath. Nenhum deles acreditava ser capaz de forjar laços duradouros com ninguém.

Um dos poucos que havia se atrevido a casar, como Guy Stubbins, o diretor de contabilidade de Devlin, tinha uma dessas relações conturbadas e cheias de dolorosos problemas. A confiança e a fidelidade eram esquivas para quem havia suportado o inferno de Knatchford Heath. Ele mesmo, Fretwell, havia evitado com todo cuidado contrair matrimônio, e havia evitado amar e perder uma boa mulher, antes que arriscasse se unir a ela de forma permanente.

No entanto, odiava ver Devlin sofrer o mesmo destino, sobretudo, quando seus sentimentos pareciam ser muito mais profundos do que havia suspeitado a princípio. Se Amanda Briars chegasse a se casar com outro homem, muito provavelmente, Devlin jamais voltaria a ser o mesmo.

—O que vai fazer, Jack? —perguntou em voz alta.

Devlin fingiu ter entendido mal a pergunta.

— Esta noite? Deixarei de momento o trabalho e irei à casa de Gemma Bradshaw. Talvez alugue um pouco de companhia feminina fácil.

— Mas você nunca se deita com putas —disse Fretwell, surpreso.

Devlin esboçou um malévolos sorriso e assinalou com um gesto ao prato cheio de pontas.

— Tampouco fumo.

— Nunca tinha feito piquinique campestre num lugar fechado —comentou Amanda rindo, enquanto contemplava com olhos brilhantes o entorno que a rodeava.

Charles Hartley a havia convidado à sua pequena propriedade, construída nos arredores de Londres, onde sua irmã, Eugenie, ia dar um almoço. Amanda gostou de imediato de Eugenie assim que a conheceu. Os olhos escuros de Eugenie transpareciam vivacidade e jovialidade, desmentindo seu status de matrona, por haver dado a luz a sete filhos. Possuía a mesma aura de serenidade que tanto atrativo proporcionava a Charles.

Os Hartley eram uma família de boa linhagem, não aristocratas, mas sim, respeitáveis e bem situados economicamente. O que fazia com que Amanda admirasse ainda mais Charles. Tinha os meios necessários para levar uma vida indolente, se assim tivesse desejado, mas, ele havia preferido manter-se ocupado, escrevendo livros para crianças.

—Não é um autêntico piquinique —admitiu Charles —No entanto, é o melhor que podemos organizar, tendo em conta o fato de que ainda está muito frio para fazer um ao ar livre.

—Quem dera estivessem aqui seus filhos —disse Amanda a Eugenie, de maneira impulsiva —O senhor Hartley fala tanto deles que praticamente já os conheço.

— Céus —exclamou Eugenie, rindo —Em nosso primeiro encontro não. Meus filhos são uns autênticos diabinhos. Acabariam espantando você e não voltaríamos a vê-la nunca mais.

—Duvido muito —respondeu Amanda, ocupando o assento que lhe oferecia Charles.

O lanche havia sido disposto em uma sala, com grandes janelas de forma octogonal, dotada de um pátio no centro do chão de pedra. Havia ali um jardim branco, onde haviam plantado rosas brancas e lírios da mesma cor, magnólias prateadas, que exalavam um delicioso aroma que pairava sobre a mesa

com toalha, repleta de cristais e talheres. Sobre a toalha de linho branco haviam espalhado pétalas de rosa, que combinavam com a decoração floral da porcelana de Sevres.

Eugenie levantou uma taça de champagne e olhou para Charles com expressão sorridente.

—Quer fazer um brinde, querido irmão?

Ele olhou para Amanda e aceitou.

—À amizade —disse com simplicidade, mas, a calidez em seus olhos parecia transmitir um sentimento mais profundo que a mera amizade.

Amanda bebeu o champagne e o achou refrescante. Sentia-se festiva e, sem dúvida, completamente contente com a companhia de Charles Hartley. Haviam passado muito tempo juntos, passeando na carruagem de Charles ou assistindo a festas e conferências. Charles era todo um cavalheiro, que a fazia se perguntar se albergaria em sua cabeça algum pensamento ou ideia incorreta. Parecia incapaz de cometer grosseria ou alguma atitude vulgar. Todos os homens somos safados e primitivos, havia dito Jack em certa ocasião. Pois bem, ele havia se equivocado e Charles Hartley era a prova viva disso.

A paixão desenfrenada que havia atormentado Amanda ia se apagando, tal como as brasas de um fogo que antes havia sido uma violenta fogueira. Ainda pensava em Jack com mais frequência do que gostaria e nas raras ocasiões em que viam-se, experimentava os mesmos tremores frios e quentes, a mesma dolorosa percepção, o mesmo anseio intenso de coisas que não podia ter. Por sorte, isso não ocorria com frequência. E quando ocorria, Jack mostrava-se invariavelmente educado, seus olhos azuis amistosos, mas frios e falava apenas dos negócios que havia entre ambos.

Por outro lado, Charles Hartley não mantinha em segredo seus sentimentos. Era fácil apreciar aquele viúvo bondoso e sem complicações, que, claramente, necessitava e desejava uma esposa. Ele era tudo o que Amanda adorava em um homem: tinha cérebro, era moral e de caráter sensato.

Que estranho parecia que depois de tantos anos, sua vida tivesse terminado, por fim, assim: sendo cortejada por um homem bom. Tinha certeza de que ele a pediria em casamento, se ela quisesse. Charles Hartley era diferente de todos os outros homens que havia conhecido: era muito fácil confiar nele. Amanda sabia, no fundo de sua alma, que ele sempre a trataria com respeito. E mais, compartilhavam os mesmos valores, os mesmos interesses. Em pouco tempo tinha se convertido em um amigo querido para ela.

Quem dera chegasse a sentir maior atração física por Charles. Cada vez que tentava imaginar como seria estar com ele na cama, a ideia não parecia excitante, em absoluto. Talvez, aquele sentimento se desenvolvesse com o tempo... ou talvez, conseguisse se contentar com um casamento agradável, mas sem paixão, como pareciam ser os de suas irmãs.

Aquele era o caminho correto a seguir, disse Amanda para si mesma, para se tranquilizar. Sophia tinha razão: já era hora de formar sua própria família. Se Charles Hartley chegasse a propor, se casaria com ele. Diminuiria seu trabalho, talvez até abandonasse sua carreira totalmente e se perderia nas preocupações cotidianas que enfrentavam as mulheres normais. A vida sempre é mais difícil para os que nadam contra a correnteza, havia dito Sophia, e a verdade que encerravam aquelas palavras ia calando mais fundo, a cada dia que passava. Que agradável seria, que prazeroso, renunciar aos desejos infrutíferos e ser, por fim, como todo mundo.

Enquanto Amanda vestia-se para ir a um passeio de carruagem com Charles, reparou que seu melhor vestido para carruagens, feito de seda cor verde maçã e com um favorecedor adorno em forma de uva, estava tão justo que quase não pôde abotoá-lo.

—Sukey —disse com um suspiro de desgosto, enquanto a criada esforçava-se para fechar os botões das costas —é melhor apertar um pouco mais as cintas do espartilho. Suponho que vou ter que fazer um pouco de dieta para emagrecer. Sabe Deus o que fiz nestas últimas semanas para ter engordado tanto.

Para sua surpresa, Sukey não riu, nem se compadeceu e nem a aconselhou, apenas limitou-se a

permanecer de pé atrás dela, sem se mover.

—Sukey? —repetiu Amanda enquanto virava-se. Ficou perplexa pela estranha expressão que mostrava seu semblante.

—Será melhor que não aperte mais as cintas, senhorita Amanda —disse Sukey com cuidado —Poderia causar dano se estiver... —Deixou a frase em suspenso.

—Se estiver o que? —Amanda se surpreendeu com o silêncio de sua criada. —Sukey, digame logo o que está pensando. Olha-me como se acreditasse que estou...

De repente, ficou calada, pois, compreendeu a que se referia Sukey. Sentiu que o sangue fugia de seu rosto e levou uma mão à cintura.

—Senhorita Amanda —perguntou a criada com cautela —quanto tempo passou desde que teve a última menstruação?

—Muito —respondeu Amanda com uma voz que soava distante e estranhamente alheia —Pelo menos dois meses. Estive muito ocupada e distraída para pensar nisso.

Sukey assentiu com a cabeça, parecia privada da capacidade de falar.

Amanda voltou-se e dirigiu-se a uma poltrona próxima. Sentou-se com o vestido sem abotoar e enrugando as brilhantes pregas ao seu redor. Uma estranha sensação havia-se abatido sobre ela, como se tivesse ficado suspensa no ar e não tivesse forma de alcançar o distante solo. Não era uma sensação agradável, aquela terrível liviandade. Desejou com desespero ter um modo de se segurar, de se aferrar a algo sólido que a tranquilizasse.

—Senhorita Amanda —disse Sukey instantes mais tarde —logo chegará o senhor Hartley.

—Quando chegar, despeçao —replicou Amanda em tom apagado —Diga-lhe... diga-lhe que hoje não me encontro bem. E logo mande vir o médico.

—Sim, senhorita Amanda.

Sabia que o médico não faria mais que confirmar a revelação, sabia com quase total segurança. As recentes mudanças em seu corpo e também seu instinto feminino, apontavam para a mesma conclusão: estava grávida de Jack Devlin. Não era capaz de imaginar-se em um dilema pior.

A situação das mulheres solteiras grávidas descrevia-se como: um apuro. A deficiência de semelhante expressão esteve a ponto de fazê-la rir, levada pela histeria. Um apuro? Não, era um desastre, um desastre que iria transformar sua vida em todos os sentidos.

—Ficarei com você, senhorita Amanda —disse Sukey em voz baixa —Não importa.

Inclusive sumida no caos de seus pensamentos, Amanda sentiu-se comovida ao ver a lealdade que lhe demonstrou no mesmo instante sua criada. Às cegas, segurou a mão áspera e curtida de Sukey e apertou-a com força.

—Obrigada, Sukey —disse com voz rouca —Não sei o que vou fazer se... se tiver um bebê... Teria que ir embora para alguma parte. Para o estrangeiro, suponho. Teria que viver fora da Inglaterra durante muito tempo.

—Faz anos que estou cansada da Inglaterra —disse Sukey com voz firme —É tudo chuva e céu cinza e faz um frio que se mete nos ossos... Não, não é para uma mulher como eu, amante do calor. França ou Itália... São lugares com que sempre sonhei.

Amanda sentiu na garganta uma risada melancólica e só pode responder com um susurro: —Já veremos, Sukey. Já veremos o que iremos fazer.

Amanda negou-se a ver Charles Hartley e a qualquer pessoa durante uma semana, depois que o médico verificou que estava grávida. Enviou a Hartley uma nota na qual explicava que estava sofrendo de uma gripe e que necessitava uns dias para descansar e recuperar-se. Ele respondeu com uma mensagem de amizade e um belo ramalhete de flores de estufa.

Havia muitas coisas em que pensar e importantes decisões a tomar. Por muito que tentasse, Amanda

não podia por em Jack Devlin a culpa pelo seu estado. Era uma mulher madura que havia entendido os riscos e as consequências que existiam em uma aventura amorosa. A responsabilidade recaía exclusivamente sobre seus ombros. Embora, Sukey tivesse sugerido a possibilidade de procurar Jack para dar a notícia, sua ideia a fez encolher de horror. É obvio que não! Se havia algo que sabia com total certeza, era que Jack Devlin não queria ser pai, nem esposo. Não pensava sobrecarregá-lo com aquele problema. Ela era capaz de cuidar de si mesma e da criança.

Só havia uma forma de proceder: faria as malas e mudaria-se para a França o mais rápido possível. Talvez, inventasse um marido fictício, que havia falecido e a deixado viúva... ou algum estratagema que lhe permitisse formar parte da sociedade francesa. Ainda poderia ganhar muito bem a vida publicando no estrangeiro. Não havia razão alguma para que Jack chegasse a se inteirar da existência de um filho ao qual, com toda certeza, não desejava e do qual, com toda probabilidade, se envergonharia. Ninguém saberia a verdade, salvo sua irmã Sophia e, naturalmente, Sukey.

Decidida a direcionar suas energias para a tarefa de planejar e confeccionar listas, dedicou-se aos preparativos para a drástica mudança que iria sofrer sua vida. Com vistas ao dito propósito permitiu que Charles Hartley fosse visitá-la uma manhã para poder despedir-se dele.

Charles chegou a sua casa com um ramo de flores na mão. Vinha vestido com seu elegante e muito tradicional paletó marrón e calças pretas, com uma gravata de seda escura. Amanda experimentou uma aguda pontada de pesar pelo fato de que jamais poderia voltar a vê-lo. Ia sentir falta de seu rosto amável e franco e a companhia cômoda e sem complicações que ele lhe oferecia. Era um prazer estar junto a um homem que não a excitava nem a angustiava. Um homem que levava uma vida tão tranquila, tão diferente da rápida e turbulenta vida de Jack Devlin.

—Encantadora como sempre, embora um pouco pálida —recitou Charles sorrindo para Amanda, enquanto entregava o casaco e o chapéu a Sukey —Estive preocupado com você, senhorita Briars.

—Já estou muito melhor, obrigada —respondeu ela, obrigando seus lábios a esboçar um sorriso.

Ordenou a Sukey que levasse as flores e as colocasse na água. Convidou Charles para sentar-se junto a ela no divã. Por alguns minutos, envolveram-se em uma conversa leve, sem falar de nada em particular, enquanto a mente de Amanda buscava, de maneira incessante, o modo adequado, de dizer que iria embora da Inglaterra para sempre. Ao final, como não lhe ocorria uma maneira delicada de dizê-lo, falou com seu natural estilo direto: —Charles, alegro-me de que tenhamos esta oportunidade de falar, porque será a última. Recentemente decidi que a Inglaterra já não é para mim o melhor lugar onde viver. Tenho pensado em estabelecer-me em outro país, na França especificamente, onde estou certa de que o clima suave e o ritmo de vida mais lento me assentarão muito melhor. Vou sentir a sua falta de todo coração e espero que possamos manter correspondência de vez em quando.

O semblante de Charles viu-se privado de toda expressão, enquanto ele assimilava, em silêncio aquela notícia.

—Por que? —murmurou finalmente. Tomou uma de suas mãos e a sustentou entre as suas —Está doente, Amanda? É por isso que necessita um clima mais cálido? Ou são outras circunstâncias de índole distinta que a obrigam a ir embora? Não desejo pressioná-la, mas, tenho bons motivos para perguntar, como explicarei em breves momentos.

—Não estou doente —disse Amanda com um débil sorriso —Você é muito amável, Charles, ao demonstrar tanta preocupação por meu bem estar.

—Não é a amabilidade o que inspira minhas perguntas —replicou ele em voz baixa. Por uma vez, sua testa, em geral livre de preocupações, enrugou-se, e seus lábios apertaram-se até tal ponto que quase desapareceram na massa de sua recortada barba —Não quero que você vá a nenhuma parte, Amanda. Há uma coisa que devo lhe dizer. Não quis revelar muito cedo, mas, as circunstâncias obrigaram-me a agir de um modo um tanto precipitado. Amanda, precisa saber o quanto me importo.....

—Por favor —interrompeu ela, sentindo que lhe encolhia o coração devido a angústia e o alarme. Não

queria que Charles lhe fizesse nenhuma confissão. Deus não permitisse que dissesse que a amava, estando grávida de outro homem! —Charles, você é um querido amigo e eu fui muito afortunada por tê-lo conhecido ao longo das últimas semanas. Mas, deixemos isto como está, peço-te. Partirei para o continente em questão de dias e nada do que diga poderá mudar esse fato.

—Temo que não posso guardar silêncio —Estreitou-lhe as mãos com mais força, embora seu tom de voz continuou sendo calmo e afetuoso —Não penso deixar que se vá sem dizer-lhe como me importo. Você é muito especial para mim, Amanda. É uma das melhores mulheres que conheci na vida, e quero...

—Não —disse ela com um súbito nó na garganta —Não sou uma mulher boa, em nenhum sentido. Cometi terríveis erros, Charles, erros que não desejo explicar. Suplico-te, não digamos nada mais e nos separemos como amigos.

Ele estudou-a durante uns instantes.

—Encontra-se em algum apuro —disse em voz baixa —Deixe que te ajude. É do tipo econômico? Judicial?

—É um tipo de apuro que ninguém pode solucionar. —Não podia sustentar o seu olhar —Por favor, vá —disse, pondo-se de pé —Adeus, Charles.

Mas, ele incentivou-a a regressar ao divã.

—Amanda —murmurou —à luz do que sinto por você, creio que me deve algo... a oportunidade de ser útil a uma pessoa pela qual sinto algo muito profundo. Diga-me o que esta ocorrendo.

Meio comovida e meio aborrecida por sua persistência, Amanda obrigou-se a olhar diretamente em seus doces olhos castanhos.

—Estou grávida —disse num impulso —Vê? Não há nada que você, nem ninguém possa fazer. Agora te peço que vá, para que eu possa refletir com clareza sobre o tremendo desastre em que converti minha vida.

Charles abriu muito os olhos e seus lábios entreabriram-se. De todas as coisas que poderia ter suspeitado estava claro que aquela era a última delas. Quantas pessoas ficariam igualmente impressionadas, pensou Amanda, pelo fato de que a sensata romancista solteirona houvesse tido uma aventura amorosa, ficando grávida em consequência disso? Apesar de seu dilema, quase experimentou uma malévola satisfação por ter feito algo tão imprevisível.

Charles seguia apertando as mãos com força.

—O pai, suponho, será Jack Devlin —afirmou, mais que perguntou, sem nenhum traço de censura em seu tom.

Amanda olhou-o fixamente e ruborizou.

—Então, está sabendo dos rumores.

—Sim. Mas entendi que o que ocorreu entre vocês no passado já tinha terminado.

Amanda deixou escapar uma leve gargalhada sem humor.

—Pelo que parece, não terminou de tudo —consiguiu responder.

—Devlin não está disposto a cumprir com seu dever para com você?

A reação de Charles não foi nada do que ela havia esperado. Em vez de se afastar dela com repugnância, parecia tão tranquilo e amigável como sempre, interessado por seu bem estar. Amanda sabia que era muito cavalheiro para trair a confiança que ela havia depositado nele. Fosse o que lhe dissesse, não ia se converter em assunto de fofoca. Era um grande alívio poder confiar em alguém e Amanda se surpreendeu devolvendo a pressão de sua mão.

—Ele não sabe, nem saberá nunca. Jack deixou-me bem claro que não queria se casar. E soube que não é o tipo de marido que eu desejo. Esse é o motivo pelo qual não irei contar a ele. Não posso ficar na Inglaterra sendo mãe solteira.

—É obvio. É obvio. Mas, deve dizer a ele. Não conheço bem Devlin, mas, deve dar-lhe a oportunidade de assumir sua responsabilidade para com você e a criança. Não é justo com ele, nem com a

criança, guardar esse segredo.

—Não vale a pena dizer a ele. Já sei qual será a sua reação.

—Você não pode carregar essa carga sozinha, Amanda.

—Sim, posso. —De repente, sentiu uma profunda calma, e até mesmo sorriu ao olhar o rosto preocupado de Hartley —Sim, posso. A criança não sofrerá em absoluto, nem eu tampouco.

—Toda criança necessita de um pai. E você necessitará de um marido que a ajude a manter-se.

Amanda negou com a cabeça.

— Jack jamais me proporia casamento e se o fizesse, eu não jamais aceitaria.

Aquelas palavras pareceram desatar algum rasgo temerário em Charles, um impulso fora do comum que o exortou a lançar uma pergunta que a deixou boquiaberta: — E se eu o propusesse?

Ela olhou-o fixamente sem pestanejar duvidando se não estaria fora do juízo.

— Charles —disse em tom paciente, como se suspeitasse que não a havia entendido —estou esperando um filho de outro homem.

—Eu gostaria de ter filhos. Consideraria esse filho como se fosse meu. E gostaria muito que fosse você minha esposa.

— Mas, por que? —perguntou ela com uma risada de desconcerto —Acabo de lhe dizer que vou ter um filho sem estar casada. Você sabe o que isso indica sobre a minha forma de ser. Não sou, em absoluto, o tipo de esposa que necessita.

—Deixe que seja eu quem julgue a sua maneira de ser, a qual me parece tão estimável como sempre. —Sorriu olhando-a no rosto —Dê-me a honra de tornar-se minha esposa, Amanda. Não há necessidade que vá viver longe de sua família e de seus amigos. Juntos viveríamos muito bem, você sabe que fomos feitos um para o outro. Eu a quero... e também quero essa criança.

—Mas, como pode aceitar o bastardo de outro homem como se fosse seu filho?

—Talvez não o tivesse aceitado anos atrás. Mas, agora estou entrando no outono de minha vida e a perspectiva das pessoas muda com a maturidade. Agora se me oferece uma oportunidade de ser pai, por Deus, desejo aproveitá-la.

Amanda contemplou-o silenciosa e estupefata e escapou-lhe, sem querer, uma leve risada.

—Você me surpreende, Charles.

—Você é quem tem me surpreendido —replicou ele, cuja barba se abriu em um sorriso —Vamos, não demore muito para pensar sobre a minha proposta.

—Se aceitar —disse ela insegura —reconheceria este filho como seu?

—Sim..., com uma condição. Antes, deve dizer a verdade a Devlin. Minha consciência não me permitiria roubar de outro homem a oportunidade de conhecer seu próprio filho. Se o que você diz dele estiver correto, ele não causará nenhum problema. Até mesmo ficará contente de se abster de toda responsabilidade a respeito de você e da criança. Mas, não devemos começar um casamento com mentiras.

—Não posso dizer a ele.

Amanda negou com a cabeça, decidida. Não podia imaginar a reação de Jack. Cólera? Acusação? Asco, ressentimento ou deboche? Oh, antes preferiria morrer queimada na fogueira do que ir contar a ele a notícia do bastardo que iria nascer.

—Amanda —disse Charles com suavidade —é provável que algum dia ele descubra. Não pode deixar passar os anos com essa possibilidade pendendo sobre sua cabeça. Deve confiar em mim sobre isso. O correto é falar a ele sobre o filho. Depois disso, não terá nada que temer de Devlin.

Ela sacudiu a cabeça num gesto negativo, assustada.

—Não sei se seria justo para qualquer um de nós que eu aceitasse me casar com você. Também não estou certa de que seja o correto contar a Jack sobre o filho. Oh, quem dera soubesse o que fazer! Antes, estava sempre tão segura de quais eram as decisões corretas. Achava-me tão ajuizada, tão prática, e agora

esse caráter tão meritório que acreditava possuir está feito em pedaços, e...

Charles interrompeu-a com uma leve risada.

—O que é que deseja fazer, Amanda? A solução é simples: pode ir para o estrangeiro e viver entre desconhecidos, criando o seu filho sem pai. Ou pode ficar na Inglaterra e casar-se com um homem que a respeita e a quer.

Amanda o olhou insegura. Dito daquela forma, a solução ficava clara. Experimentou uma curiosa sensação de alívio mesclada com resignação, que lhe provocou lágrimas nos olhos. Charles Hartley era forte sem parecê-lo, com uma intacta tala moral que deixou-a perplexa.

—Não tinha ideia de que você pudesse ser tão perssuassivo, Charles —disse, sorvendo o nariz. Ele sorriu no mesmo instante.

Nos quatro meses que haviam transcorrido desde que Jack começou a publicar com regularidade os fascículos de *Uma Dama Inacabada*, havia causado autêntica sensação. O estrondo que se formava a cada mês, no dia da distribuição da Revista, no Pátio Paternoster Row, situado ao norte da catedral de San Pablo, era ensurdecador, e todos os representantes dos livreiros não queriam mais que uma só coisa: o último número de *Uma Dama Inacabada*.

A demanda estava aumentando muito acima das estimativas mais otimistas de Jack. O êxito da publicação em série do romance de Amanda, podia atribuir-se à excelente qualidade do romance, à intrigante ambiguidade moral da protagonista e ao fato de que Jack havia pago uma extensa publicidade, incluídos vários anúncios em todos os jornais importantes de Londres.

Agora os provedores vendiam materiais publicitários de *Uma Dama Inacabada*: uma colônia de criação especial, inspirada no romance, luvas de cor rubi, semelhantes aos que usava a protagonista, lenços de dama, de gaze, cor vermelha, para levar ao redor do pescoço ou amarradas ao redor do chapéu. A música mais solicitada em todo baile de moda era a valsa *Uma Dama Inacabada*, composta por um admirador da obra de Amanda.

Deveria sentir-me feliz, dizia Jack. Afinal, Amanda e ele estavam ganhando uma fortuna com o romance e seguiriam ganhando—a. Não havia nenhuma dúvida de que venderia muitos exemplares do livro definitivo quando, por fim, o editasse num bonito formato de três volumes. Amanda parecia estar de acordo a respeito da perspectiva de escrever um romance em fascículos originais, para a divisão editorial de Devlin's.

No entanto, agora era impossível obter prazer de qualquer das coisas que antes o proporcionava. O dinheiro já não lhe entusiasmava. Não necessitava mais riquezas, havia ganhado muito mais do que poderia gastar em toda uma vida. Considerando que era o livreiro e também o editor mais poderoso de toda Londres, havia adquirido tanta influência sobre a distribuição dos romances de outros editores, que podia dar enormes descontos por qualquer livro que eles desejassem que se encarregasse.

Jack sabia que era considerado um gigante no mundo editorial. Reconhecimento pelo qual levava muito tempo trabalhando e que ansiava de verdade. Mas, seu trabalho tinha perdido a capacidade de absorver seu interesse. Até os fantasmas de seu passado haviam deixado de acossá-lo como em outros tempos. Agora, os dias passavam sumidos em uma névoa anodina e cinza. Nunca havia se sentido daquele modo, impassível ante todo sentimento, inclusive a dor. Quem dera alguém pudesse lhe dizer como se livrar daquele sufocante abatimento que o envolvia.

—Não é mais que um caso de *tédio*, querido —havia dito um amigo da aristocracia em tom sardônico, utilizando o charme típico da classe alta, para referir-se ao aborrecimento terminal —É uma sorte para você, pois, hoje em dia, está muito na moda ter um caso autêntico de *tédio*. Difícilmente seria um homem de alguma importância se não o sofresse. Se busca alívio, necessita ir a um clube, beber, jogar cartas, entreter-se com algum assunto de saias ou viajar ao continente para mudar de ares.

No entanto, Jack sabia que nenhuma daquelas sugestões serviria de alguma coisa. Limitava-se a

permanecer sentado na prisão de seu escritório e negociar acordos comerciais ou então ficava alhando com expressão vazia aos montões de trabalho novo, que tinham exatamente o mesmo aspecto que o trabalho que havia finalizado no mês passado, e no mês anterior a esse. Aguardava sem cessar, ter notícias de Amanda Briars.

Igual a um fiel cão de caça, Fretwell passava-lhe informação cada vez que se inteirava de algo: que Amanda havia sido vista uma noite na ópera com Charles Hartley ou que Amanda havia visitado os jardins de chá e estava muito bonita. Jack dava voltas e mais voltas a cada uma daquelas informações e amaldiçoava a si mesmo por preocupar-se tanto pelas minúcias da vida de Amanda. Mas, Amanda era a única que parecia reavivar-lhe o pulso. Ele, que havia sido famoso por seu insaciável ímpeto, pelo visto agora, só parecia se interessar pelas tranquilas atividades sociais de uma romancista solteirona.

Uma manhã em que se sentia demasiadamente frustrado e inquieto para atender o trabalho, Jack decidiu que talvez lhe fizesse bem fazer um pouco de exercício físico. Em seu escritório já não fazia nada útil e havia trabalho a fazer fora do edifício. De maneira que deixou sobre sua mesa uma pilha de manuscritos e contratos sem ler e pôs-se a carregar caixas cheias de livros recém empacotados num furgão que aguardava na rua e que devia transportar o material até um barco ancorado no cais.

Tirou o paletó e pôs-se a trabalhar em mangas de camisa, carregando as caixas e baús no ombro e descendo com eles pela escada até o térreo. Embora, a princípio os homens do armazém se sentissem um pouco nervosos ao ver ao proprietário da Devlin's realizando uma tarefa tão servil, o trabalho duro logo os fez perder todo traço de vergonha.

Quando Jack fez ao menos meia dúzia de viagens, desde o quinto andar até a rua, carregando as caixas cheias de livros até o furgão estacionado atrás do edifício, Oscar Fretwell conseguiu encontrá-lo.

—Devlin —chamou por ele, parecia alterado —Senhor Devlin, eu... —interrompeu-se logo assombrado, ao ver Jack carregando um baú até o furgão —posso perguntar o que está fazendo? Não há necessidade de que faça isso, Deus sabe que contratamos homens suficientes para o transporte e a carga de caixas...

—Estou farto de ficar sentado em minha maldita mesa —respondeu Jack brevemente —Quero esticar as pernas.

—Para isso teria servido dar um passeio pelo parque —murmurou Fretwell —Um homem de sua posição não tem por que recorrer a realizar tarefas de armazém.

Jack sorriu e enxugou a testa úmida com a manga. Era uma sensação agradável suar e exercitar os músculos. Fazer algo que não exigisse pensar, mas, apenas realizar um esforço físico.

—Economize-me o sermão, Fretwell. No escritório não estava fazendo nada útil e prefiro fazer algo produtivo, ao invés de passear pelo parque. E bem, queria me dizer algo? Porque se não for assim, tenho mais caixas para carregar.

—Há uma coisa. —O gerente titubeou e o fulminou com o olhar —Tem uma visita... A senhorita Briars está esperando-o em sua sala. Se desejar, direi-lhe que não pode recebê-la. —Mas sua voz se desvaneceu pouco a pouco ao ver que Jack já se dirigia a grandes passadas para a escada, antes que ele tivesse terminado a frase.

Amanda estava ali, desejava vê-lo, apesar de todo o tempo que havia procurado evitá-lo. Jack experimentou uma peculiar opressão no peito que lhe acelerou o pulso. Teve que fazer um esforço para não subir as escadas de dois em dois, subindo os cinco andares que levavam ao seu escritório a um passo moderado. Mesmo assim, sua respiração não era nada normal quando chegou a sua sala. Para seu desgosto era consciente de que o esforço de seus pulmões não tinha nada a ver com o trabalho físico: estava tão ansioso para estar com Amanda Briars na mesma sala, que tremia igual a um jovem apaixonado. Debateu-se uns instantes pensando se deveria mudar de camisa, lavar o rosto, buscar seu paletó, num afã de mostrar um aspecto tranquilo. Mas, decidiu que não. Não queria fazer Amanda esperar mais que o necessário.

Lutando para manter uma fachada impassível entrou em sua sala e deixou a porta ligeiramente encostada. Seu olhar cravou-se de imediato em Amanda, em pé junto a sua mesa com um pacote envolto em papel sob o braço. Uma estranha expressão cruzou seu rosto ao vê-lo. Jack apreciou o nervosismo e prazer, antes que ela se apressasse em dissimular seu incômodo, com um sorriso luminoso e falso.

—Senhor Devlin —disse em tom prático, indo até ele —Trouxe as revisões da última entrega de *Uma Dama Inacabada*... e uma proposta para outro romance em fascículos, se o interessar.

—Claro que me interessa —disse Jack com a voz espessa. —Olá, Amanda. Vejo que está muito bem.

Aquele simples cumprimento não descrevia em nada a verdadeira reação que experimentou ao vê-la.

Amanda tinha um aspecto fresco e elegante, trajava um vestido azul e branco adornado com um laço no pescoço e uma fila de botões de pérolas que desciam pelo corpete. Ao vê-la em pé, frente a ele, lhe pareceu detectar um aroma de limão e um pouco de perfume, e todos os seus sentidos se incendiaram no mesmo momento.

Sentiu vontade de estreitá-la com força contra seu corpo suado e quente. De beijá-la, segurá-la e devorá-la. De enredar suas grandes mãos naquele cabelo cuidadosamente trançado e de arrancar aquela fileira de botões de pérolas até que seus suntuosos seios caíssem em suas mãos. Sentia-se invadido por um apetite devorador, como se estivesse a vários dias sem comer e, de repente, tivesse se dado conta de que estava fraco. Aquela violenta onda de emoções, considerando-se as semanas que havia passado sem sentir nada, quase causou-lhe uma vertigem.

—Estou muito bem, obrigada. —Seu sorriso forçado desapareceu, ao olhar fixamente para Jack, vislumbrando um brilho em seus olhos cinza prateados —Tem uma mancha de sujeira no seu rosto —murmurou.

Retirou um lenço dobrado e limpo de sua manga e segurou o rosto de Jack. Hesitando, quase imperceptivelmente, ela limpou sua face direita. Jack permaneceu imóvel, com todos os músculos tensos, tal qual uma estátua de mármore. Após limpar a mancha, Amanda usou o outro lado do lenço para secar as gotas de suor que lhe cobriam o rosto.

—Pelo amor de Deus, o que estava fazendo? —sussurrou.

—Trabalho —respondeu ele no mesmo tom, fazendo uso de toda sua força de vontade para não tomá-la em seus braços.

Um leve sorriso tocou os suaves lábios de Amanda.

—Como sempre, parece impossível levar sua vida a um ritmo normal.

Aquela observação não soou como um elogio, na verdade, parecia tingida de uma pitada de piedade, como se Amanda tivesse adquirido uma nova capacidade de discernimento que a ele escapava.

Franziu o cenho e inclinou-se sobre ela para depositar o embrulho de papel sobre a mesa, em uma tentativa deliberada de obrigá-la a retroceder um passo, se não quisesse que seu corpo entrasse em pleno contato com o dele. Ficou satisfeito ao ver que se ruborizava e que parte de sua compostura vinha abaixo.

—Posso perguntar por que me trouxe isto pessoalmente? —perguntou, referindo-se as revisões.

—Lamento, talvez preferisse que...

— Não, não é isso —replicou Jack em tom áspero —Só quero saber se há algum motivo em particular, para vir me ver.

—Na realidade, há uma coisa. —Amanda clareou a garganta, incomodada —Esta noite irei assistir a uma festa que dará meu advogado, o senhor Talbot. Soube que você também recebeu um convite, Talbot contou-me que estava na lista de convidados.

Jack se encolheu de ombros.

—É provável que tenha recebido um. Mas, duvido que vá.

Por alguma razão, aquela informação pareceu relaxar Amanda.

—Eu entendo. Bem, talvez seja melhor que receba a notícia de minha boca esta manhã. À luz de nossa... Considerando que você e eu... Não queria que fosse pego desprevenido quando descobrir que...

—Quando descobrir o que, Amanda?

O rubor de seu rosto se intensificou.

—Esta noite, o senhor Hartley e eu vamos anunciar nosso compromisso na festa do senhor Talbot.

Era a notícia que havia estado esperando e, no entanto, ficou atônito ante sua própria reação. Sentiu que se abria um enorme vazio em seu interior, pelo qual penetrou uma torrente de dor e ferocidade. A parte racional de sua mente disse-lhe que não tinha nenhum direito de estar aborrecido, mas estava. Sua abrasadora fúria ia dirigida contra Amanda e contra Hartley, mas, sobretudo, contra si mesmo.

Controlou a expressão de seu rosto e obrigou-se a permanecer imóvel, embora, na realidade, as mãos tremessem, desejosas de sacudir Amanda.

—É um bom homem. —No tom de Amanda filtrou-se uma nota de autodefesa —Temos muito em comum. Espero ser muito feliz com ele.

—Estou certo de que será —sussurrou Jack.

Amanda recuperou a compostura como se de um manto invisível lhe sustentasse os ombros.

—E você e eu continuaremos como até agora, espero.

Jack sabia muito bem a que se referia. Manteriam a fachada de uma distante amizade, trabalhariam juntos de vez em quando, a relação entre eles seria adequadamente impessoal. Como se ele não lhe houvesse arrebatado a inocência. Como se ele nunca lhe houvesse acariciado, nem beijado de um modo íntimo, nem conhecesse a doçura de seu corpo.

Ele baixou o queixo em um gesto rígido para assentir.

—Contou a Hartley sobre nossa aventura? —não pôde evitar perguntar.

Amanda o surpreendeu afirmando com a cabeça.

—Está informado —murmurou com um gesto de ironia nos lábios —É um homem que sabe perdoar. Um perfeito cavalheiro.

Jack sentiu que lhe invadia a amargura. Havia aceitado aquela informação como um cavalheiro? Não acreditava. Charles Hartley era, sem dúvida, melhor homem que ele.

—Estupendo —disse com brusquidão, sentindo a necessidade de molestar Amanda —Não gostaria que Hartley se intrometesse em nossa relação profissional. Tenho planos de ganhar muito dinheiro com você e com seus livros.

Amanda franziu o cenho e apertou os lábios.

—Sim. O céu não permita que nada se interponha entre você e seus negócios. Bom dia. Hoje eu tenho muitas coisas para fazer... Preparativos do casamento.

Deu meia volta com a intenção de partir e encaminhou-se para a porta, fazendo ondear as plumas brancas de seu chapéu azul.

Jack reprimiu o impulso de perguntar, sarcasticamente, se ele ia ser convidado para o abençoado evento. Mas, permaneceu assistindo impávido, sem se oferecer para acompanhá-la até a saída, como teria feito um cavalheiro.

Amanda deteve-se no umbral da porta e voltou para olhá-lo. Por alguma razão, parecia desejar lhe dizer algo mais.

—Jack...

Alguma preocupação a fazia franzir o cenho, parecia estar lutando com o que queria dizer. Os olhares de ambos se encontraram: uns olhos cinzas e atormentados, fixos naqueles azuis, duros e opacos. Depois, movendo a cabeça com um gesto de frustração, Amanda voltou e saiu da sala.

Jack, com a cabeça, o coração e a virilha ardendo, foi até sua mesa e deixou-se cair pesadamente na cadeira. Buscou com mãos torpes uma garrafa de whisky e um copo e serviu-se.

O denso sabor da bebida que chegou à boca e suavizou sua garganta, foi como um bálsamo quente. Apurou o copo e serviu-se de outra dose. Talvez Fretwell estivesse certo, disse a si mesmo com amargura e sarcasmo, um homem de sua posição tinha melhores coisas a fazer do que carregar caixas cheias de

livros.

De fato, esse dia ia dar por encerrado todo o trabalho. Limitaria-se a ficar ali sentado, bebendo, até que se extinguísse qualquer pensamento e toda emoção. Até que as imagens de Amanda nua na cama acompanhada pelo fino e belo senhor Hartley ficassem afogadas num mar de álcool.

—Senhor Devlin. —Na porta apareceu Oscar Fretwell, com uma expressão de preocupação —Não queria incomodá-lo, mas...

—Estou ocupado —grunhiu Jack.

—Sim, senhor. Mas é que tem outra visita, um tal senhor Francis Tode. Disse que é o advogado que se encarrega da administração das propriedades de seu pai.

Jack permaneceu imóvel e contemplou o gerente sem pestanejar. A administração das propriedades de seu pai. Não havia explicação alguma para aquela visita, a não ser que...

—Façam entrar —disse em um tom neutro.

O homem com aquele desafortunado apelido, Tode[2], se parecia de fato a um anfíbio, de estatura diminuta, calvo e de grande mandíbula, com olhos negros e úmidos, desproporcionais para seu rosto. No entanto, seu olhar era agudo e inteligente, e luzia um porte de gravidade e responsabilidade que a Jack agradou de imediato.

—Senhor Devlin. —Adiantou-se para apertar-lhe a mão —Obrigado por aceitar receber-me. Lamento que não nos tenhamos conhecido em circunstâncias mais felizes. Venho lhe dar uma notícia certamente muito triste.

—O conde morreu —disse Jack, enquanto que lhe assinalava com um gesto para que se sentasse. Era a única explicação lógica.

Tode afirmou com a cabeça e seus olhos líquidos se encheram de cortês amizade.

—Assim é, senhor Devlin. Seu pai faleceu a noite, enquanto dormia —Lançou um olhar para a garrafa de whisky que descansava sobre a mesa e adicionou —Pelo visto, já sabia.

Jack riu ao dar-se conta de que o advogado havia suposto que estava bebendo pela notícia da morte de seu pai.

—Não, não estava informado.

Transcorreram uns instantes de incômodo silêncio.

—Céu santo, como você se parece com seu pai! —assinalou o advogado, contemplando o duro rosto de Jack como se estivesse hipnotizado — Logo, não há dúvida de quem foi seu progenitor.

Jack, mal humorado, verteu um pouco de whisky em seu copo.

—Sim, por desgraça.

Ao advogado não surpreendeu aquele comentário negativo. Era indubitável que o conde havia ganhado muitos inimigos durante sua longa e perniciosa vida, entre eles, uns quantos filhos bastardos, bastante descontentes com seu papel de pai.

—Me dou conta de que você e o conde não... mantinham uma relação muito próxima.

Jack sorriu ante semelhante eufemismo e limitou-se a não contestar.

—Não obstante —prosseguiu Tode —o conde considerou oportuno inclui-lo em seu testamento. Algo simbólico, é obvio, para um homem com seus meios. Contudo, é algo que possui um valor familiar. O conde deixou para o senhor uma propriedade em Hertfordshire, com uma pequena casa ensolarada. Bem situada e bem mantida. Uma joia, na realidade. Foi construída por seu tataravô.

—Que grande honra —murmurou Jack.

Tode fez caso omisso do sarcasmo.

—Seus irmãos sim, acreditam —replicou —Muitos deles tinham o olho posto nessa propriedade antes do falecimento de seu pai. Nem vou dizer que todos estão muito surpresos de que o conde o tenha legado a você.

Estupendo, pensou Jack, com uma pontada de mesquina satisfação. Desfrutou da ideia de ter

enraivecido com aquele privilégio o grupo de pedantes que haviam preferido ignorá-lo. Não lhe coube a menor dúvida de que estariam todos gemendo e queixando-se de que uma antiga propriedade da família tivesse ido parar nas mãos de um meio irmão ilegítimo.

—Seu pai mandou redigir o testamento não faz muito tempo —assinalou Tode —Talvez lhe interesse saber que ele mantinha-se informado de suas conquistas. Ao parecer, estava convencido de que você era como ele em muitos aspectos.

—E é muito provável que estivesse certo —respondeu Jack, sentindo como o invadia, pouco a pouco, o asco por si mesmo.

O advogado inclinou a cabeça e contemplou-o com expressão pensativa. —O conde era um homem muito complicado. Pelo visto, tinha tudo que alguém poderia desejar na vida e, no entanto, o pobre parecia carecer do talento necessário para ser feliz.

Aquela última expressão despertou o interesse de Jack e durante um instante o tirou do poço de amargura no qual se encontrava.

—É que faz falta algum talento particular para ser feliz? —perguntou, ainda com o olhar fixo em seu copo de whisky.

— Eu sempre acreditei que sim. Conheço um agricultor arrendatário que trabalha nas terras de seu pai e que vive em uma casa de pedra, com chão de terra, no entanto, sempre me assombrou o fato de encontrá-lo vivendo com muito mais prazer na vida do que seu pai. Cheguei a pensar que o estado de felicidade é algo que alguém escolhe, mais do que algo de simplesmente sobreviver.

Jack encolheu os ombros ante aquele comentário.

—Não sei.

Os dois permaneceram uns instantes em silêncio, até que o senhor Tode aclarou a voz e ficou em pé.

—Desejo-lhe boa sorte, senhor Devlin. Por hoje terminei. Em breve, farei chegar os papéis relativos a sua herança. —Deteve-se num momento de patente incômodo antes de acrescentar —Temo que não existe uma maneira diplomática de dizer isso. No entanto, os filhos legítimos do conde pediram-me que lhe diga que não desejam nenhum tipo de comunicação com você. Dito de outro modo, o funeral...

—Não se preocupe, não penso assistir —replicou Jack com uma risada breve e amarga —Pode informar aos meus meio irmãos de que sinto tão pouco interesse por eles, como eles sentem por mim.

—Sim, senhor Devlin. Se eu puder ser de alguma utilidade, peço que não duvide em me fazer saber.

Uma vez que o advogado se foi, Jack levantou-se da cadeira e se pôs a andar pela sala.

O whisky já havia subido à cabeça, pelo visto, havia desaparecido sua habitual tolerância ao álcool. Doía-lhe a cabeça e sentia um grande vazio. Estava faminto e cansado. Seus lábios se curvaram em um sorriso sem a mínima graça. Que dia de cão foi esse, e ainda não havia terminado a manhã.

O curioso era que se sentia liberado de seu passado e de seu futuro, como se, de algum modo, estivesse fora de sua própria vida. Fez uma conta mental de todas as razões pelas quais deveria estar contente: tinha dinheiro, propriedades, terra, e agora havia herdado uma chácara da família, um direito por nascimento que deveria ter ido parar nas mãos de um herdeiro legítimo, em vez de um bastardo. Deveria sentir-se feliz.

Mas, tudo aquilo não o preocupava em absoluto. Apenas desejava uma coisa: ter Amanda Briars em sua cama. Aquela noite e todas as noites. Possui-la, ser possuído por ela.

De alguma maneira, Amanda era a única coisa que podia impedi-lo de terminar como seu pai: rico, insensível e de espírito mesquinho. Se não pudesse tê-la... teria que passar o resto de sua vida vendo-a envelhecer junto a Charles Hartley.

Lançou um juramento e seu passo ficou mais agitado, até que começou a andar pela sala tal como um tigre enjaulado. Amanda havia tomado uma decisão que, claramente, via-se que era benéfica para ela. Hartley nunca a estimularia a fazer algo pouco convencional ou impróprio para uma dama.

A cercaria de um confortável decoro e não passaria muito tempo, até que a mulher impulsiva, que em

certa ocasião havia tentado contratar um gigolô para seu aniversário, ficasse enterrada sob várias camadas de respeitabilidade.

Deteve-se frente a janela e apoiou as palmas das mãos sobre o vidro frio. Reconheceu com pesar, que para Amanda era muito melhor se casar com um homem como Hartley. Não importava o que tivesse que fazer, Jack afogaria seus desejos egoístas e pensaria mais nas necessidades dela, que nas suas. Embora, isso acabasse matando-o, aceitaria aquele casamento e desejaria o melhor aos dois, para que Amanda não soubesse nunca o que sentia por ela.

Amanda sorriu para seu futuro prometido.

—Que hora irá fazer o anúncio, Charles?

—Talbot deu-me permissão para que o faça quando quiser. Pensei em esperar o início do baile, assim você e eu iniciaremos a primeira valsa como prometidos.

—Um plano perfeito. —Amanda procurou não fazer caso do mal estar que rondava seu estômago.

Os dois estavam juntos em um dos terraços exteriores que se abriam ao salão do senhor Thaddeus Talbot. Havia comparecido muita gente na festa. Mais de cento cinquenta convidados estavam ali reunidos para desfrutar da boa música e das abundantes delícias que constituíam norma em todos os eventos que organizava Talbot.

Aquela noite, Amanda e Charles anunciariam suas próximas núpcias aos amigos e conhecidos. Depois seriam lidos os proclamas na igreja durante três semanas e, finalmente, celebrariam uma pequena cerimônia em Windsor.

As irmãs de Amanda, Sophia e Helen, estavam encantadas desde que souberam que sua irmã mais nova iria se casar. Aprovo por completo sua decisão, e não posso dissimular o enorme prazer que me provoca ver que seguiu o meu conselho —Havia escrito Sophia a ela —Segundo todos os informes, o senhor Hartley é um cavalheiro decente e de vida discreta, possui um estimável pedigree e conta com uma sólida fortuna. Não há a menor dúvida de que este casamento será muito benéfico para todos. Estamos desejando dar as boas vindas a nossa família ao senhor Hartley, querida Amanda, e de verdade, felicito-te por ter mostrado tanta sensatez ao escolhê-lo como marido.

“Sensatez”, pensou Amanda, regozizando para si mesma. Aquela palavra não era a que ela teria escolhido em outro tempo para descrever seu futuro marido, mas, era agora bastante apropriada.

Hartley olhou ao seu redor para ter certeza de que ninguém os observava e, em seguida, inclinou-se para beijá-la na testa. Amanda sentiu-se estranha ao ser beijada por um homem com barba, seus suaves lábios rodeados por uma áspera mata de pelo.

—Que feliz me faz, Amanda. Somos feitos um para o outro, não é assim?

—Assim é —respondeu ela com uma risada curta.

Ele pegou as suas mãos enluvadas e apertou-as.

—Permitame que te traga um pouco de ponche. Compartilharemos uns breves momentos de privacidade aqui fora. Estaremos muito mais tranquilos, sem o barulho que há dentro. Quer me esperar?

—É obvio que sim, querido. —Amanda apertou a sua mão e deixou escapar um suspiro quando dissipou aquela inquietante sensação —Apreste-se, Charles. Se demorar muito a voltar, sentirei sua falta.

—Claro que penso apressar-me —respondeu ele com um afetuoso sorriso —Não serei tão néscio para deixar a mulher mais atraente da festa sem companhia além de uns poucos minutos.

Após isso, abriu as portas de vidro que conduziam ao grande salão. Um barulho de música e conversas acompanhou sua entrada, o estrondo ficou amortecido rapidamente ao fechar a porta uma vez mais para pegar o ponche.

Com gesto melancólico, Jack percorreu com a vista a multidão de elegantes convidados que estavam no salão da casa de Thaddeus Talbot, procurava ver Amanda. A música surgia de um extremo da salão,

uma exuberante versão de uma melodia popular croata que dava vivacidade ao ambiente.

Uma boa ocasião para anunciar um compromisso, pensou com ar sombrio. Não via Amanda em nenhuma parte, mas avistou a alta figura de Charles Hartley junto à mesa dos refrescos.

Todas e cada uma das partículas de seu ser rebelaram-se ante a ideia de falar de maneira civilizada com aquele homem e, no entanto, era necessário fazê-lo. Se obrigaria a aceitar a situação como um cavalheiro, por mais alheia à sua natureza, lhe resultasse tal conduta.

Forçou o seu rosto a adotar uma máscara carente de expressão e aproximou-se de Hartley, que naquele preciso momento indicava a um servente que enchesse uma taça de ponche.

—Boa noite, Hartley —murmurou. O aludido voltou-se para ele. Suas feições amplas e quadradas não mostraram alteração alguma, seu sorriso amável abriu passo entre sua barba recortada —Vim expressar minhas felicitações.

—Obrigado —disse Hartley com cautela.

Por acordo tácito, ambos afastaram-se da mesa dos refrescos e buscaram um canto solitário da sala, onde ninguém ouvisse a sua conversa.

—Amanda me disse que esta manhã foi vê-lo —comentou Hartley —Pensei que depois de lhe dar a notícia, talvez você... —Calou uns instantes e dirigiu a Jack um olhar especulativo —Mas, parece óbvio que não se opõe a este casamento.

—Por que iria me opor? Eu desejo o melhor para a senhorita Briars.

—E as circunstâncias não o preocupam?

Acreditando que Hartley se referia a sua aventura com Amanda, Jack negou com a cabeça.

—Não —respondeu com um sorriso duro —Se você é capaz de passar por cima das circunstâncias, eu também.

Com expressão perplexa, Hartley falou em voz baixa e reservada.

—Gostaria que você soubesse de uma coisa, Devlin. Penso fazer tudo o que estiver em minhas mãos para fazer Amanda feliz e vou ser um excelente pai para seu filho. Talvez, seja melhor assim, sem que você participe de nada.

— Um filho —repetiu Jack com voz baixa, cravando o olhar no rosto de Hartley —De que diabos está falando?

Hartley ficou muito quieto, dedicando a ele uma inusual concentração num ponto distante, no chão. Quando levantou a vista, em seus olhos castanhos podia-se ler um sentimento de consternação.

— Não está sabendo a verdade? Amanda assegurou-me que havia dito nesta mesma manhã.

— Que me havia dito o que? Que está...? —Jack interrompeu-se, invadido pela confusão, perguntando-se o que estava querendo dizer Hartley, pelo amor de Deus. E então, compreendeu. Um filho... Um filho... Deus santo!

A notícia foi como uma explosão em seu cérebro. Todas suas células e seus nervos incendiaram-se de repente.

—Deus santo —sussurrou —Está grávida, não é assim? Espera um filho meu. E estava disposta a se casar com você sem me dizer.

O silêncio de Hartley foi suficiente resposta.

A princípio, Jack estava demasiadamente atônito para sentir algo. Mas, depois começou a surgir a ira e seu rosto adquiriu uma cor escura.

—Ao que parece, Amanda não se atreveu a falar disso com você, depois de tudo.

Aquelas palavras de Hartley, pronunciadas em voz baixa, infiltraram-se através do negro zumbido que inundava seu cérebro.

—Pois terá que se atrever —sussurrou Jack —Será melhor que não faça o seu anúncio de compromisso, Hartley.

—Talvez seja o melhor —ouviu Hartley dizer.

—Diga-me onde está.

Hartley obedeceu e Jack foi em busca de Amanda com a mente fervendo de indesejadas reminiscências. Tinha muitas recordações de garotos desvalidos, lutando para sobreviver num mundo impiedoso. Ele havia tratado de protegê-los e até mesmo levava em seu próprio corpo as marcas que atestavam o dito empenho. Mas, desde aquela época, queria ser responsável apenas por si mesmo. Sua vida era sua, para conduzi-la segundo suas próprias condições. Para um homem que não desejava ter família, evitar aquele destino havia sido uma tarefa bastante simples.

Até agora.

Que Amanda o houvesse afastado com semelhante frieza da situação, era insuportável. Ela sabia muito bem que ele não queria correr o risco de contrair matrimônio e tudo o que ele trazia. Talvez devesse estar agradecido de que o eximisse de toda responsabilidade. Mas, o que sentia não era gratidão: estava cheio de raiva e sentido de posse. Uma primitiva necessidade de reclamar Amanda para ele de uma vez por todas.

Capítulo 14

Uma suave brisa soprava entre as folhas trazendo consigo o aroma de terra recém removida e de flores de lavanda. Amanda foi para o extremo do terraço, ali onde ficava totalmente oculta. Ao recostar-se contra o muro da casa, a textura áspera do tijolo vermelho raspou-lhe um pouco os ombros.

Usava um vestido de seda cor azul claro, com decote nas costas e drapeados de gaze que cruzavam o corpete formando um aspa. As longas mangas estavam confeccionadas em uma gaze mais transparente e levava luvas brancas nas mãos. A imagem dos braços nus sob a tênue seda azul, conferia-lhe um ar sofisticado e atrevido.

As portas francesas abriram-se e voltaram a se fechar. Amanda olhou para trás. Seus olhos haviam acostumado à escuridão, por isso ficou momentaneamente deslumbrada, devido a luz proveniente do interior.

—Voltou rápido, Charles. A fila de pessoas que aguardava diante do ponche deve ter diminuído muito desde que chegamos.

Não houve resposta. No mesmo instante, Amanda se precaviu de que a escura silhueta que tinha a sua frente não era a de Charles Hartley. O homem que aproximava-se dela era alto, de ombros largos e movia-se com uma graça sigilosa que não poderia pertencer a outra pessoa que não fosse Jack Devlin.

A noite converteu-se num torvelinho que girava ao seu redor. Balançou sobre seus pés, mantendo um precário equilíbrio. Havia algo alarmante e deliberado nos movimentos de Jack, como se estivesse se preparando para encurralá-la e devorá-la, tal como faria um tigre com sua presa.

—O que voce quer? —perguntou cautelosa —Advirto-te que está a ponto de regressar o senhor Hartley, e...

—Olá, Amanda. —Sua voz era sedosa e ameaçadora —Há algo que deseja me dizer?

—Como? —Amanda sacudiu a cabeça num gesto de negação desconcertada —Não deveria estar aqui esta noite. Disse-me que não pensava vir. Por que...?

—Queria dar os parabéns a você e a Hartley.

—Oh. Muito amável de sua parte.

—Isso parece pensar também Hartley. Acabo de falar com ele faz apenas um minuto.

Amanda experimentou uma onda de inquietude quando inclinou-se sobre ela a imponente figura de Jack. De maneira inexplicável, começaram a bater seus dentes, como se seu corpo fosse consciente de algo desagradável que sua mente não havia aceitado ainda.

—Do que falaram?

—Adivinha. —Como Amanda obstinava-se a guardar silêncio, tremendo dentro de seu delicado vestido, Jack levantou uma mão para tocá-la, enquanto deixava escapar um grunhido —Pequena covarde.

Muito aturdida para reagir, Amanda ficou rígida quando os castigadores braços de Jack fecharam-se ao redor de seu corpo. Sua mão aferrou-a pela nuca, sem prestar atenção alguma ao fato de que lhe estava desmanchando o penteado e a obrigou a levantar o rosto.

Ela lançou uma exclamação afogada, fez um movimento para se safar, mas, a boca de Jack desceu sobre ela e capturou a sua, ardente, insistente, captando com ânsia o seu calor e seu sabor. Amanda

estremeceu e tratou de empurrá-lo, lutando para ignorar o salvagem prazer que estalou dentro de seu corpo, da reação veemente que experimentou, imune a vergonha e a razão.

O calor e a pressão dos lábios de Jack constituíam uma autêntica delícia e o desejo voraz que sentiu dele foi tão grande que, de fato, tremia quando separou-se de seus lábios.

Retrocedeu com passo inseguro, lutando para recuperar o equilíbrio em uma noite que, de maneira disparatada, havia perdido o rumo. Suas costas bateram contra o muro e já não pôde se afastar mais.

— Está louco — sussurrou com o coração retumbando com dolorosa violência.

— Digame Amanda — disse ele com rudeza. Suas mãos percorriam o corpo de Amanda, fazendo-a estremecer sob seu vestido de seda — Diga-me o que deveria ter me dito esta manhã em meu escritório.

— Vá embora. Irão nos ver aqui fora. Charles regressará e...

— Charles já aceitou prorrogar o anúncio de compromisso até que você e eu pudéssemos falar.

— Falar de que? — exclamou ela, afastando as mãos dele. Tratou desesperadamente de fingir ignorância — Não tenho nenhum interesse em falar de nada com você e menos ainda de uma aventura do passado que já não significa nada!

— Para mim sim, significa muito. — Sua enorme mão pousou sobre o ventre dela num gesto possessivo — Sobre tudo, tendo em conta o filho que está esperando.

Amanda sentiu-se debilitada pela culpa e pelo medo. De não haver se sentido tão alarmada pela fúria contida de Jack, deixou-se cair sobre ele em busca de apoio.

— Charles não deveria ter dito a você. — Empurrou-o pelo peito que encontrou tão rígido como a parede de tijolos que tinha atrás — Não queria que soubesse.

— Tenho direito de sabê-lo, maldita seja.

— Isso não muda nada. Mesmo assim, vou me casar com ele.

— Nem em sonho — replicou Jack em tom áspero — Se fosse só uma decisão sua, eu não diria uma palavra a respeito. Mas, agora há alguém mais implicado: meu filho. E tenho algo a dizer a respeito de seu futuro.

— Não — respondeu ela num susurro veemente — Tomei a decisão mais adequada para mim e para o bebê. Você... Você não pode me dar o que me dará Charles. Deus meu, nem sequer gosta de crianças!

— Não penso dar as costas ao meu filho.

— Não tem outra alternativa!

— Ah, não? — Jack a manteve presa com suavidade, mas sem afrouxar um ápice — Escute com atenção — disse em tom baixo fazendo com que arrepiasse os pelos da nuca dela — Até que tudo isso não esteja acertado, não haverá nenhum compromisso entre Hartley e você. Espero-te diante da casa, em minha carruagem. Se não vier exatamente dentro de quinze minutos, irei buscá-la e tirarei-a daqui nos braços. Podemos ir de forma discreta ou fazendo uma cena da qual amanhã falará todo mundo, em todos os salões de Londres. Você decide.

Jack jamais havia lhe falado daquele modo, com uma suavidade que escondia um toque de aço. Amanda não tinha outro remédio a não ser, acreditar. Teve vontade de começar a gritar, pois, seu grau de frustração ia aumentando pouco a pouco, até um nível insuportável. Estava a beira das lágrimas, tal como as tontas protagonistas dos romances que sempre havia gostado de debochar. Tremeram-lhe os lábios e lutou para controlar as emoções que ameaçavam estalar em seu peito.

Jack percebeu aquele sinal de debilidade e algo relaxou em seu rosto.

— Não chore. Não há necessidade de chorar, *mhuirnin* — disse num tom mais doce.

Ela quase não conseguia nem falar, sentiu a garganta obstruída por uma enorme bola.

— Onde irá me levar?

— À minha casa.

— Eu... Necessito falar antes com Charles.

— Amanda — disse Jack com suavidade — Acredita que Charles pode te livrar de mim?

Sim, sim, gritou sua mente em silêncio. Mas, ao levantar os olhos e ver o escuro rosto do homem que havia sido seu amante e agora era seu adversário, todas as suas esperanças ficaram reduzidas a cinzas. Jack Devlin tinha duas caras: a de pícaro encantador e a de manipulador impiedoso. Era capaz de fazer o que fosse necessário para sair com a sua.

—Não — sussurrou com amargura.

Apesar da insuportável tensão que havia entre eles, Jack não pôde evitar esboçar um sorriso.

—Quinze minutos — advertiu e se foi, deixando Amanda tremendo na escuridão.

A boa prova da capacidade de negociador de Jack, era que permaneceu calado durante todo o trajeto até sua casa. Enquanto ele guardava um silêncio estratégico, Amanda fervia em uma mescla de confusão e raiva. As varetas do corpete pareciam comprimi-la na parte superior do corpo, até o ponto que quase não podia respirar. O vestido de seda azul claro, que antes havia lhe parecido tão leve e elegante, agora parecia apertado e incômodo, e as joias pesavam demais. As presilhas que levava no cabelo, beliscavam o couro cabeludo. Sentia-se presa, limitada e muito desgraçada. Quando chegaram a seu destino, a luta interna que estava liderando havia deixado-a exausta.

O vestíbulo da entrada, todo de mármore, estava iluminado com uma luz tênue, procedente de uma única lamparina que fazia destacar as sombras nas delicadas superfícies de várias estátuas de mármore. A maior parte dos criados haviam se retirado, exceto um mordomo e dois lacaios. Por uma alta janela de vidros coloridos, penetrava o cintilar das estrelas, projetando a cor lavanda, azul e verde sobre o vidro central.

Com uma mão apoiada na cintura de Amanda, Jack subiu dois lances de escadas. Depois entraram em uma das salas que Amanda não havia visto, um hall de entrada privado que dava para um quarto.

Sua aventura amorosa havia tido lugar na casa dela, não na dele. Amanda observou com curiosidade aquele entorno desconhecido. Era um refúgio escuro, de um luxo masculino, com as paredes forradas de couro estampado e o piso coberto por um grosso tapete Aubusson, com desenhos dourados e carmesim.

Jack acendeu uma lamparina com a mão e depois aproximou-se de Amanda. Tirou-lhe as luvas com suavidade do extremo de cada dedo. Ela ficou tensa quando suas mãos se viram engolidas pelo calor e a força das de Jack.

—Isso é minha culpa, não sua — disse em voz baixa, enquanto acariciava-lhe com os nós dos polegares — Dos dois, eu era o que tinha experiência. Deveria ter tido mais cuidado para evitar que acontecesse isso.

—Sim, deveria ter tido.

Jack estreitou-a contra si, fazendo caso omissso do leve estremecimento que ela teve quando seus braços a rodearam pelas costas. A proximidade de Jack deixou-a com a pele arrepiada em todo o corpo e provocou-lhe um leve tremor de emoção. Ele a abraçou com mais força e disse-lhe com os lábios apoiados na massa de cachos que constituía sua cabeleira recolhida: —Ama o Hartley?

Santo céu, como desejava mentir para ele. Sentiu um espasmo nos lábios ao tentar pronunciar a palavra SIM, mas não conseguiu articular nenhum som.

Por fim, juntou os ombros, derrotada, e experimentou uma profunda debilidade em todo o corpo devido àquela silenciosa batalha.

—Não — respondeu com voz rouca —Aprecio e estimo-o, mas não é amor.

Jack deixou escapar um suspiro e suas mãos passaram dos braços às costas de Amanda.

—Não deixei de desejá-la, Amanda. Um maldito dia atrás do outro, desde que te deixei. Pensei em buscar outra mulher, mas não pude.

—Se está me pedindo que continue com nossa relação... não posso fazer isso — Seus olhos se encheram de lágrimas — Não penso em me tornar sua amante e condenar meu filho a uma vida de vergonha e clandestinidade.

Jack deslizou a mão sob seu queixo e a obrigou a olhá-lo no rosto. Havia em sua expressão uma

estranha mescla de ternura e crueldade.

—Quando eu era pequeno, perguntava-me por que havia nascido bastardo, por que não tinha uma família como os demais garotos. Em vez disso, via como minha mãe aceitava um amante após outro, e em cada nova ocasião rezava a Deus para que conseguisse que um daqueles homens se casasse com ela. Que ele me pedisse que chamasse pai a cada um deles... até que essa palavra perdeu todo significado para mim. Entende isso, Amanda. Meu filho não crescerá sem seu verdadeiro pai. Quero dar-lhe meu nome. Quero me casar com você.

Essas palavras iniciaram um redemoinho de intensa vertigem e Amanda sentiu que se inclinava contra Jack.

—Você não deseja casar-se comigo. O que quer é tranquilizar sua consciência dizendo a você mesmo que agiu da maneira mais honrosa. Mas, logo se cansará de mim, e antes de que passe muito tempo, tornarei-me confinada no campo para que você possa esquecer de mim e de nosso filho.

Jack interrompeu aquela onda de amargas e temerosas reprovações dando-lhe uma ligeira sacudida. Seu semblante havia endurecido.

—Você não pode acreditar em tudo isso de verdade, maldita seja. Tão pouca confiança tem em mim? —Ao ler a resposta em seus olhos, jurou para si mesmo —Amanda... Sabe que eu nunca falto às minhas promessas. Prometo-te que serei um bom marido. Um bom pai.

—Você não saberia sê-lo!

—Posso aprender.

—Ninguém aprende a desejar uma família —replicou ela com desdém.

—Mas eu desejo você.

Então beijou-a, com lábios fortes e exigentes, até que ela se abriu para deixá-lo entrar em seu interior. Suas mãos percorreram as costas e as nádegas de Amanda, moldando e presionando como se tentasse atraí-la ao interior de si mesmo. Inclusive através das várias camadas de tecido da saia, Amanda notou o duro e arqueado relevo de sua ereção.

— Amanda —disse Jack com voz turva, percorrendo com os lábios seu rosto e seu cabelo, depositando beijos em todas as partes dela que ficavam a seu alcance — Não posso deixar de desejá-la... necessito, necessito tê-la. E você também me necessita, embora seja muito teimosa para reconhecer.

—Eu necessito de alguém que seja firme, estável e fiel —disse ela —Isto terminará apagando-se um dia, e então...

—Jamais —gemeu ele.

A boca de Jack fechou-se sobre a sua uma vez mais, em um beijo devorador que provocou uma súbita chicotada de desejo em todo seu ser. Ele levantou-a do chão e a depositou sobre a enorme cama de quatro postes, com os pulmões agitando-se como foles, lutando para dominar-se. Em seguida, de pé frente a ela, tirou o paletó e a gravata de seda e começou a desabotoar a camisa.

A mente de Amanda estava turvada pela confusão e o desejo. Jack não podia simplesmente, levá-la a seu quarto daquele modo tão primitivo. E, no entanto, ela não podia ignorar o insistente clamor de seu próprio corpo. As últimas semanas de privação, tornaram-se demais para ela, e liberou seu desejo com uma urgência quase dolorosa.

Com o rosto enrubecido e tremendo, contemplou como Jack se desprendia da camisa e a deixava cair no chão, deixando descoberto seu peito reluzente e musculoso, mostrando a largura de seus fornidos ombros.

Jack inclinou-se sobre ela e buscou suas pernas. Enquanto lhe desatava e tirava os sapatos, o calor de suas mãos envolveu os frios dedos dos pés e os friccionou com suavidade para fazê-los esquentar. Depois subiu as saias dela até os joelhos e deslizou os dedos até as ligas.

—Fez isso com Hartley? —quis saber, com a vista fixa em seus joelhos, enquanto tirava-lhe as ligas e desenrolava as meias.

—Ele o que? —perguntou Amanda com voz nervosa. O tom de voz de Jack tinha uma ponta de ciúmes.

—Não brinque comigo, Amanda. Com isso, não.

—Não tive relações íntimas com Charles —sussurrou. E mordeu o lábio quando Jack tirou-lhe por fim as meias de seda e a acariciou as panturrilhas nuas.

Amanda não podia ver seu rosto, mas percebeu que aquela resposta havia dado um certo alívio a ele. Jack tirou com cuidado as roupas de baixo dela por baixo da saia, buscando a parte posterior do vestido. Ela ficou quieta, com o corpo sumido em uma dolorosa sensação devido a espera, enquanto Jack desabotoava-lhe o vestido e o tirava pela cabeça. Deixou escapar um leve gemido de alívio quando soltou-lhe o espartilho e viu-de por fim livre da mordaz opressão das varetas.

Sentiu as mãos de Jack em seu corpo, explorando através do tênue algodão da camisola. Acariciou-lhe os seios e o calor de suas mãos fez com que os mamilos se erguessem com avidez e endurecessem, provocando uma sensação de formigamento. Gemeu quando Jack inclinou-se e tomou em sua boca um mamilo maduro para lambê-lo e aliviá-lo. O delicado tecido umedeceu devido aos seus serviços, e então Amanda incorporou emitindo um som incoerente.

Os dedos de Jack tocaram a borda da camiseta e a rasgaram de um golpe, facilmente, deixando descobertas as generosas curvas de seus seios. Tomou em suas mãos aquela carne pálida e fria e começou a beijar e chupar, até sentir Amanda tensa e tremendo sob seu corpo.

—Quer ser minha esposa? —murmurou, projetando seu ardente fôlego sobre os mamilos úmidos e rosados. Ao ver que ela não dizia nada, fez pressão com os dedos contra a curva de seus seios, incentivando-a a responder —Responda.

—Não —respondeu Amanda.

Jack lançou uma súbita gargalhada, com os olhos brilhantes de paixão.

—Então penso prender-te nesta cama até que mude de ideia. —Levou uma mão a parte dianteira das calças e tirou o pênis e colocou-se em cima de Amanda —Acabará mudando de ideia. Acaso duvida de minha resistência?

Ela separou as pernas e todo seu corpo reagiu com uma sacudida ao sentir a dureza e o calor do sexo de Jack roçar contra a mata de cachos escuros que o aguardava entre suas coxas. Arqueou-se contra ele, com um desejo tão intenso que teve que apertar os dentes para não gritar.

—É minha —sussurrou Jack, enquanto penetrava-a rapidamente, abrindo passagem com a ponta de seu pênis —Seu coração, seu corpo, sua mente, a semente que cresce em seu ventre... Você toda.

Preencheu-a por completo e investiu, afundando cada vez mais, até que teve que alçar as pernas dela e enrolá-las ao redor das costas de Jack para lhe dar espaço.

—Digame a quem pertence —sussurrou, enquanto empurrava rítmicamente, estirando suas carnes doloridas, até que ela deixou escapar um gemido ao notar o peso em seu interior, em cima, ao seu redor.

—A você —gemeu —A você. Oh, Jack...

Ele empurrou uma e outra vez, sem parar, deslizando a mão entre as coxas de Amanda para tocar e acariciar aquele ponto vulnerável que ficava oculto entre os cachos. Amanda alcançou o orgasmo no mesmo instante, impactada pelo intenso prazer que sentia ao ser possuída por ele.

Sem separar seus corpos, Jack rodou para se estender de costas, de modo que Amanda ficasse montada sobre seu corpo longo e musculoso e agarrou-a pelos quadris para guiá-la com um ritmo novo.

— Não posso —gemeu ela, balançando os seios frente ao rosto de Jack. Mas, as mãos deste a tinha aferrada e a movia de maneira insistente, pelo que ela sentiu renascer um desejo urgente. Desta vez, quando Amanda convulsionou-se, Jack uniu-se a ela com um profundo grunhido levando o clímax até o centro de seu corpo.

Permaneceram fundidos um ao outro durante alguns minutos, os dois suados, envoltos na mesma mescla de calor e sal.

Jack tomou entre suas mãos a massa de cachos da cabeleira de Amanda e aproximou sua boca da dela.

Beijou-a com suavidade, com lábios cálidos e ternos.

—Minha doce Amanda —sussurrou, e ela notou que sorria —Juro-te que antes do amanhecer terei conseguido que me diga que sim.

A boda rápida e simples de Amanda com Jack Devlin causou um tremendo alvoroço entre familiares e amigos. A atitude de Sophia não podia ser mais reprovadora e predisse que aquela união terminaria em separação.

—Não preciso dizer que os dois não tem nada em comum —disse sua irmã com acidez —exceto, certos apetites físicos muito indecentes para serem mencionados.

Amanda, se não estivesse sumida num torvelinho emocional, teria replicado dizendo que havia algo mais em comum entre Jack e ela. No entanto, ainda não estava preparada para dar a notícia de sua gravidez e tratou de guardar silêncio.

Não foi tão fácil enfrentar Charles Hartley. Amanda teria preferido a condenação eterna ao invés da bondade e amabilidade que ele demonstrou. Foi tão generoso, tão compreensivo, que sentiu-se como uma pessoa má, ao explicar a ele que não ia mais se casar com ele, mas sim com Jack Devlin.

—É isso o que deseja, Amanda? —foi a sua única pergunta e ela respondeu envergonhada com um gesto de assentimento.

—Charles —conseguiu dizer, quase afogada pelo nó que crescia em sua garganta —aproveitei-me de você de um modo muito mesquinho...

—Não, não diga isso —interrompeu ele, levantou uma mão para tocá-la, mas conteve-se e lhe ofereceu um débil sorriso —Sou mais feliz depois de conhecê-la, Amanda. Meu único desejo é o seu bem estar. E se casar com Devlin te trazer felicidade, aceitarei sem nenhuma queixa.

Para embaraço de Amanda, quando mais tarde contou essa conversa a Jack, este não pareceu experimentar o mínimo remorço, apenas se limitou a encolher os ombros com indiferença.

—Hartley poderia ter lutado por você —assinalou. —Mas, preferiu não fazê-lo. Por que vamos nos sentir culpados por ele?

—Charles estava sendo um cavalheiro —replicou Amanda —Algo em que, como parece óbvio, você não tem muita experiência.

Jack mostrou um amplo sorriso e a sentou sobre seus joelhos, com as mãos apoiadas de modo insolente sobre seu corpete.

—Os cavalheiros nem sempre conseguem o que desejam.

—E os sem vergonha? —perguntou ela, fazendo-o rir.

—Este sem vergonha, sim.

Jack beijou-a profundamente, até que ficou esquecido de sua mente todo pensamento relacionado a Charles Hartley.

Para consternação de Amanda, a notícia de seu precipitado casamento havia ocupado as páginas de fofocas dos jornais de Londres, com as mais mórbidas especulações. As que eram publicadas por Jack, é obvio, foram respeitosas, mas, as que não eram suas mostraram-se sem nenhuma misericórdia. O público parecia encantado pela união entre o editor de maior êxito de Londres e uma celebrada romancista.

Durante as duas semanas seguintes ao casamento, todos os dias apareciam novos detalhes de sua relação, muitos deles inventados em publicações tais como *The Mercury*, *The post*, *The Public Ledger*, *The Journal* e *The Standard*.

Entendendo o voraz apetite da imprensa, Amanda disse a si mesma que os falatórios logo perderiam interesse por seu casamento com Jack e buscariam algum outro tema novo para explorar. No entanto, houve um artigo que conseguiu alterá-la e, apesar de contar mentiras, sentiu-se o bastante perturbada para comentá-lo com seu recém estreado marido.

— Jack —disse cautelosa, aproximando-se dele no interior de seu gigantesco quarto, decorado em verde e borgonha.

— Humm?

Jack estava colocando um paletó de cor azul marinho combinando com as calças. As linhas lisas e poderosas de seu corpo ficavam ressaltadas com aquela roupa, que havia sido confeccionada sob medida e de acordo com a moda, um estilo que resultava cômodo em vez de ajustado. Em seguida, tomou um lenço de seda estampado que havia selecionado seu valete e o examinou com olho crítico.

Amanda estendeu-lhe o jornal.

— Viu o que foi publicado no London Reporten na seção da sociedade?

Jack deixou de lado o lenço e pegou o jornal. Seu olhar escrutinou o texto com a velocidade que tinha tanta prática.

—Sabe que não leio as páginas da sociedade.

Amanda franziu o cenho e cruzou os braços sobre o peito.

—É sobre você e eu.

Ele sorriu com aspereza, ainda lendo as palavras impressas.

—Sobretudo, não leio as fofocas que publicam sobre mim. Irrita-me quando são falsas, e ainda mais se são verdadeiras.

—Bom, é melhor me explicar em qual categoria se encaixa esta, verdadeiro ou falso?

Ao perceber a tensão no tom de voz de Amanda, Jack a olhou no rosto e deixou cair o jornal sobre uma mesa próxima a ele.

—Diga-me você —sugeriu ficando sério, ao compreender que Amanda estava incomodada de verdade. Colocou as mãos sobre seus ombros e a acariciou nos braços —Relaxe —incentivou-a com suavidade —Seja o que for, não tenho a menor dúvida de que tem pouca importância.

Ela permaneceu rígida.

—É um desagradável artigo que especula sobre a união de mulheres mais velhas com homens mais jovens. Há um parágrafo que explica, com muito sarcasmo, o quanto precisa ser esperto um homem como você, para tirar vantagem do “agradecido entusiasmo” de uma mulher mais velha que ele. É um artigo horroroso, faz-me parecer uma velha bruxa, obcecada pelo sexo, que conseguiu agarrar um homem jovem para que lhe faça de semental. Vamos, digame agora se há algo de certo nisso!

Caberia esperar uma negativa imediata.

Em vez disso, a expressão de Jack voltou-se reservada e Amanda compreendeu com a alma aos pés, que ele não iria refutar o que dizia o jornal.

—Não existem provas definitivas sobre a minha idade —disse com precaução —Nasci bastardo e minha mãe não registrou meu nascimento nos livros de nenhuma paróquia. Toda especulação sobre se sou mais velho que voce, é meramente isso: uma conjectura que ninguém pode confirmar.

Amanda se jogou para trás e olhou-o incrédula.

—Quando nos conhecemos, me disse que tinha trinta e um anos. Era verdade ou não?

Jack suspirou e coçou a nuca. Amanda quase podia ver a série de rápidos cálculos que elaborava em sua mente, em busca de uma estratégia para resolver a situação. Mas, não queria ver a si mesma afastada disso, de nenhum modo, maldita fosse! Simplesmente queria saber se Jack lhe havia mentido sobre algo tão fundamental como sua idade. Por fim, ele pareceu reconhecer que não havia modo algum de iludi-la, então, disse a verdade.

—Não era verdade —disse mal humorado —Mas, se recordar, naquele momento estava muito sensível devido ao seu trigésimo aniversário. E eu sabia que se soubesse que podia ser um ou dois anos mais jovem que você, provavelmente iria montar um bom escândalo.

—Um ou dois anos? —repetiu Amanda num tom cheio de suspeita —Nada mais?

A ampla linha da boca de Jack ficou tensa, num gesto de impaciência.

—Cinco anos, maldita seja.

Amanda teve de repente a sensação de não poder respirar, de que os pulmões desapareciam dentro do peito.

—Tem só vinte e cinco anos? —conseguiu dizer com um sussurro afogado.

—A diferença de idade não significa nada. —Os modos subitamente razoáveis de Jack, soltaram uma chispa de fúria em seu ânimo já alterado.

—Isso significa muito —exclamou —Para começar, mentiu para mim!

—Não queria que me considerasse um homem muito jovem.

—Mas, voce é um homem muito jovem! —Amanda lhe lançou um enfurecido olhar —Cinco anos... Oh, Deus, não posso acreditar que me casei com alguém que é praticamente uma ... uma criança!

Aquela palavra pareceu pegar Jack desprevenido, porque sua expressão se endureceu.

—Basta —disse em voz baixa.

Amanda retrocedeu, mas ele a impediu rodeando-a com suas grandes mãos.

—Não sou nenhuma maldita criança, Amanda. Assumo minhas responsabilidades e como bem sabe, tenho muitas. Não sou um covarde, nem um jogador ou um enganador. Sou leal com as pessoas que me preocupam. Não conheço mais requisitos para ser um homem.

— A sinceridade, talvez? —sugeriu ela em tom cáustico.

— Não deveria ter mentido para você —admitiu —Prometo que nunca voltarei a fazer isso. Por favor, me perdoe.

— Isso não se pode resolver de uma forma tão simples. —Amanda fechou os olhos cheios de lágrimas, com raiva e abatimento —Não quero estar casada com um homem mais jovem.

— Bem, pois se casou com um —respondeu ele, cortante —E não irá a nenhuma parte.

— Poderia solicitar a anulação!

A repentina gargalhada de Jack enfureceu-a.

—Se fizer isso, querida, me verei obrigado a tornar públicas todas as vezes e as formas que já te possuí. Depois disso, nenhum magistrado da Inglaterra te concederia a anulação.

— Não se atreveria!

Ele sorriu e a atraiu para si, apesar de sua resistência.

—Não —murmurou —porque não irá me deixar. Vai me perdoar e encerraremos este assunto de uma vez por todas.

Amanda lutou por conservar um resquício de sua cólera.

—Não quero te perdoar —disse com a voz amortecida contra o ombro de Jack. No entanto, deixou de fazer força e permitiu-se descansar sobre seu peito e sorver as lágrimas.

Jack a manteve abraçada durante um bom tempo, acariciando-a no refúgio do seu corpo, murmurando desculpas e palavras carinhosas junto ao seu pescoço e na suave depressão da orelha. Amanda começou a relaxar contra seu corpo, sem poder manter o sentimento de mortificação e rancor que havia sentido ao descobrir que ela era a mais velha dos dois. Na realidade, não havia nada que pudesse fazer a respeito: ambos estavam unidos legalmente e em todos os demais sentidos.

As mãos de Jack viajaram até a parte posterior dos quadris de Amanda e a pressionou contra a parte baixa de seu corpo, contra sua poderosa ereção.

— Se acha que depois disso vou me meter na cama com você —disse ela contra a gola de sua camisa —está louco.

Jack esfregou depressa contra o vulto que formava seu sexo.

—Sim. Estou louco por você. Adoro-te. Desejo-te com luxúria a todo momento. Encanta-me sua língua afiada, seus enormes olhos cinzas, e seu corpo voluptuoso. Vem, vamos para cama e deixa que te tire a roupa e mostre o que pode fazer por ti um homem mais jovem que você.

Surpreendida ao ouvir a palavra “adorno” de seus lábios, Amanda tomou ar ao sentir as mãos de Jack

através do tecido de sua bata branca e amassada. Ele lhe retirou pouco a pouco a peça pelos ombros, até deixá-la nua na metade superior do corpo.

—Mais tarde —disse, mas ele deslizou os dedos por suas costas e foi deixando um rastro de fogo, e todo o suave pelo de seu corpo eriçou-se devido a súbita excitação.

—Tem que ser agora —insistiu ele com um toque de diversão na voz. Roçou sua pélvis excitada contra ela —Depois de tudo, não pode permitir que eu fique o dia todo por aí, tal como estou.

—A julgar pelo que tenho visto até hoje, esse é o seu estado natural —replicou ela em tom impertinente. Sentiu os lábios dele acariciando seu pescoço e deslizando até o pulso que batia na base da garganta.

—E dependo exclusivamente de você para encontrar alívio —murmurou Jack, tirando o cinto que fechava a bata. A fina musselina branca caiu ao chão. Apertou então o corpo nu de Amanda contra o seu, que ainda estava vestido.

—Chegará tarde ao trabalho —disse ela.

A audaciosa mão de Jack percorreu as formas plenas de suas nádegas, estreitando aquelas carnes flexíveis.

—Estou ajudando você —informou-a —Estou te proporcionando material novo para que o utilize em seu próximo romance.

Amanda deixou escapar um som gutural de alegria.

—Eu jamais descreveria uma cena tão vulgar em um de meus livros.

—*Os Pecados da Senhora D* —sussurrou ele, enquanto a levantava nos braços e a levava até a cama desfeita —Faremos um pouco de competição com Gemma Bradshaw.

Depositou-a sobre o leito e contemplou seu abundante corpo corado de branco e rosa, e a cascata de sua cabeleira cacheada e avermelhada.

—Jack —disse ela debilmente, debatendo-se entre a excitação e a mortificação. Agarrou o lençol para cobrir seu corpo nu.

Jack juntou-se a ela sobre o monte de nívea roupa de cama, ainda vestido por completo. Retirou o lenço de sua mão de forma bem lenta e, em seguida, estendeu-lhe os braços e as pernas.

—Não pode resolver nada me levando para a cama —disse Amanda deixando escapar uma leve exclamação ao sentir o roçar da seda do paletó de Jack contra seus seios nus.

—Não. Mas, posso fazer com que nós dois nos sintamos muitíssimo melhor.

Amanda ergueu as mãos até os braços de Jack e deslizou-sa rapidamente, seguindo as formas dos músculos cobertos pelas finas mangas da camisa.

—Mentiu sobre algo mais?

Os olhos azuis de Jack cravaram-se diretamente nos seus.

—Nada —disse sem titubear —Só nessa minúscula e intrascendente diferença de idade.

—Cinco anos —gemeu ela com renovado mal estar —Deus santo, cada aniversário será uma dolorosa recordação. Não poderei suportar isso.

Em vez de parecer contrito, o muito canalha teve a temeridade de sorrir.

—Deixe-me que alivie sua dor, querida. Limite-se a ficar quieta durante um tempo.

Amanda teria gostado de prolongar seu desgosto ao menos alguns minutos mais, mas, os lábios de Jack grudaram nos seus com doçura e o aroma limpo e penetrante de sua pele invadiu seus sentidos.

Seu corpo arqueou-se quando ela sentiu de cima a baixo, passar uma intensa corrente de prazer. Para ela era estranho estar nua contra Jack, que estava vestido. Sentia-se mais exposta, mais vulnerável, do que se estivesse nu como ela. Surgiu em sua garganta um leve gemido e segurou as roupas que ocultavam o corpo de Jack.

—Não —sussurrou Jack, enquanto abaixava-se para beijar o firme ângulo do pescoço —Desça as mãos.

—Quero tirar sua roupa —protestou ela, mas, Jack lhe segurou pelos pulsos e os apertou nas costas.

Amanda fechou os olhos e notou como lhe acelerava o ritmo respiratório. O fôlego de Jack roçou um mamilo, tal como uma explosão de vapor, e ela arqueou-se para cima com um gemido apagado ao sentir o delicioso tato de sua língua.

—Jack —gemeu, buscando sua cabeça escura, uma vez mais, ele segurou as mãos dela e colocou-as dos lados.

—Disse para você ficar quieta —murmurou com voz acariciante —Comporte-se bem, Amanda e terá o que deseja.

Perplexa e excitada, Amanda tratou de relaxar sob o peso de Jack, embora, suas mãos se contraíssem num esforço por não tentar tocá-lo de novo.

Jack aprovou aquele gesto com um murmúrio e inclinou-se sobre seus seios, para beijar com doçura o espaço que se estendia entre eles, na terna curva sob os mesmos, a forma macia e generosa ali deitada. Os mamilos endureceram, erguidos e doloridos. Amanda sentiu que sua pele cobria-se com uma leve camada de suor, enquanto esperava, esperava... até que por fim, Jack fechou os lábios sobre um deles e começou a acariciá-lo com sua boca. Um prazer abrasador partiu daquele ponto de contato e estendeu-se pelo resto de seu corpo e sua pélvis agitou-se com avidez, preparando—se para albergar Jack.

Uma enorme mão veio tocar sobre seu ventre, justo acima do triângulo de cachos acobreados. Não pôde evitar a suplicante ondulação de seus quadris, e então Jack pressionou com firmeza no estômago para obrigá-la a permanecer estendida sobre o colchão.

—Disse que não se movesse —disse, mais divertido que ameaçador.

—Não posso evitar —gemeu Amanda.

Ele riu suavemente. Seu dedo polegar traçava círculos ao redor do umbigo, excitando a sensível pele daquela região.

—Evitará, se quer que continue.

—Sim —respondeu ela, deixando de lado o orgulho e a dignidade —Ficarei quieta. Mas, se apresse.

Seus desavergonhados rogos pareceram agradar Jack. Com ânimo perverso, diminuiu ainda mais o ritmo e foi cobrindo cada centímetro de pele com lentos beijos e carícias generosas. Ela o sentiu tocar os cachos que tinha entre as pernas, notou a palma de sua mão suave como a brisa, e desejou sentir seus dedos sobre seu corpo, dentro de seu corpo, com tanta urgência que não pôde reprimir um gemido de súplica.

Os lábios de Jack buscaram entre os cachos, encontraram sua presa e começaram de imediato a succionar com força, o que fez com que Amanda contivesse de repente a respiração. Em seu corpo, explorou o prazer implacável e abrasador. Sentiu a carícia dos dedos de Jack no vale entre suas coxas, e logo mais abaixo, muito abaixo, introduzindo-se entre os glúteos de um modo que lhe produziu um ligeiro sobressalto de incômodo.

—Não —sussurrou —Não, espera...

Mas, Jack deslizou um dedo em seu interior, num lugar tão estranho e inadmissível que a mente dela ficou em branco devido a impressão.

A doce carícia continuou. Amanda tratou de empurrá-lo fora dela, mas, por alguma razão seu corpo tremeu e rendeu-se. O prazer envolveu-a igua a uma manta quente e asfixiante. Gritou uma e outra vez, contorcendo, arqueando, até que por fim, a sensação cedeu e ela começou a respirar de forma agitada e frenética.

Enquanto persistia nos membros o delicioso formigamento posterior ao orgasmo notou que Jack desabotoava as calças. Em seguida, penetrou-a profundamente, com força. Amanda enroscou-se ao redor de seu corpo, gemendo enquanto ele investia. O beijou no rosto tenso, na boca, nas faces afoitas, encantada de sentir aquele calor em seu interior, encantada pelo modo que gemia, como um homem que foi saciado por completo.

Os dois permaneceram enredados um ao outro, as coxas nuas de Amanda enganchadas na perna vestida de Jack. Amanda sentia-se tão exausta e plena que duvidou que pudesse voltar a mover-se. Apoiou uma mão no ventre duro de seu esposo e disse por fim: —Já pode ir trabalhar.

Ele riu em voz baixa, com um som gutural e beijou-a a fundo antes de sair da cama.

Embora Jack Devlin não fosse um homem erudito, possuía uma combinação de inteligência e instinto que assombrava Amanda. O tremendo peso das preocupações e problemas que havia em seu negócio teria afastado um homem mais fraco, no entanto, Jack manejava-os com uma serena competência.

Ao que parecia, o leque de seus interesses não conhecia limites e compartilhava seus muitos entusiasmos com Amanda, abrindo sua mente a ideias que não teria a ocorrido de maneira nenhuma.

Para surpresa de Amanda, Jack falava com ela de negócios e a tratava como sua igual, mais que uma mera esposa. Nenhum homem havia-lhe mostrado, jamais, uma mescla tal de indulgência e respeito. Incentivava a expressar-se com liberdade, colocava em questão suas opiniões quando não estava de acordo com elas e quando estava equivocado, reconhecia abertamente. Ele a animava a ser audaciosa e aventureira, e com esse propósito a levava com ele a todas as partes: eventos deportivos, tavernas, exposições científicas e, até mesmo, em reuniões de negócios, nas quais sua presença era recebida com evidente assombro, por parte dos demais homens que participavam delas. Embora, Jack fosse consciente de que semelhante conduta não era bem vista pela sociedade, ao que parecia, não importava-se em absoluto. Na maioria dos dias, Amanda reservava um tempo pela manhã para escrever em uma espaçosa sala, que havia sido decorada para seu uso. As paredes, de uma cor balsâmica verde sálvia, estavam forradas com imensas estantes de mogno e, nos espaços vazios que as separavam, foram penduradas gravuras emolduradas.

Em vez do habitual mobiliário imponente que cabia encontrar em uma biblioteca ou em uma sala de leitura, a mesa, as poltronas e o divã, eram leves e femininos. Como Jack aumentava sem descanso a coleção de porta-canetas de Amanda, muitas delas adornadas com joias e gravadas com seu nome, ela as guardava num estojo de couro e marfim que tinha sobre a mesa.

Pelas noites, Jack gostava de organizar jantares, porque havia uma horda interminável de pessoas que requeriam os seus favores: políticos, artistas, comerciantes e até mesmo, os aristocratas. Amanda se surpreendeu quando reparou na grande influência que possuía seu marido. As pessoas o tratavam com prudente cordialidade, pois, sabiam que podia mudar a opinião do público, acerca de qualquer tema que chamasse a sua atenção. Os convidavam a todos os eventos, desde bailes e festas em barcos, até simples piqueniques campestres e, raramente os viam separados, em companhia de outros.

Amanda acabou por entender que, apesar de sua aparente compatibilidade com Charles Hartley, este jamais teria conseguido tocar sua alma, como havia conseguido Jack. Este a entendia de uma maneira total, que quase lhe dava medo. Era flexível, imprescindível, algumas vezes a tratava como a mulher madura que era, outras vezes a sentava sobre seus joelhos como se fosse uma menina. Mimava e brincava com ela, até deixá-la em um mar de risos.

Uma noite ordenou que preparassem um banho no quarto deles, frente ao fogo, e que subissem uma bandeja com a jantar. Despediu as criadas e banhou Amanda ele mesmo, acariciando-a com suas grandes mãos, sob a água quente e perfumada. Depois, penteou-lhe o cabelo e deu a ela de comer as porções da bandeja, enquanto ela relaxava contra seu peito e contemplava com olhar sonhador o fogo que ardia na lareira.

Os apetites de Jack se estendiam ao quarto, onde a intimidade que compartilhavam era tão primitiva e impetuosa que, as vezes, Amanda temia não ser capaz de olhar Jack no rosto à luz do dia.

Jack não permitia-lhe ser reservada em nada, nem no plano físico, nem no emocional e ela nunca se sentia totalmente confortável, ao se ver tão exposta. Ele dava, tomava, exigia, até um ponto em que parecia que ela já não pertencia mais a si mesma. Jack ensinou-lhe coisas que uma dama não deveria saber. Era o

tipo de esposo que ela não imaginava necessitar: um homem que a sacudia para evitar que fosse autocomplacente ou que tivesse inibições. Um homem que a fazia brincar e jogar, até perder toda a amargura acumulada pelas responsabilidades que havia suportado ao longo dos anos de sua juventude.

Com a publicação da última entrega de *Uma Dama Inacabada*, a posição de Amanda como primeira romancista feminina da Inglaterra não foi questionada por ninguém.

Jack fez planos para publicar o romance inteiro, em um formato de três volumes, com uma edição encadernada com caras capas de pele e outra versão mais acessível em falso tecido de seda.

A demanda da edição em três volumes de *Uma Dama Inacabada* foi tão grande, que Jack calculou que romperia os recordes de vendas. Comemorou comprando para Amanda um colar de opalas e diamantes, com brincos combinando, um conjunto tão ridiculamente opulento, que ela não pôde evitar protestar entre risadas ao vê-lo. O colar havia sido confeccionado para Catarina, a Grande, imperatriz da Rússia, três quartos de século antes. O desenho levava o nome de “Lua e Estrelas”, e constava de umas luas de opala, engastadas em filigrana de ouro, e grandes pedras de diamantes em forma de “estrelas”, insertados entre elas.

—Não posso usar uma coisa assim—disse Amanda, enquanto estava sentada e nua na cama, segurando os lençóis contra seu corpo.

Jack foi até ela com o colar na mão. O sol matinal arrancava brilhos das joias que pareciam de outro mundo.

—Claro que pode.

Sentou-se no colchão, atrás de Amanda e separou a mata de cabelo cacheado e acobreado para um ombro. Quando abotoou o pesado colar ao redor de seu pescoço, ela deixou escapar uma exclamação afogada, ao apalpar as frias pedras em contraste com sua pele morna, após uma noite de sonho. Jack a beijou no ombro nu, lhe entregou-lhe um espelho de mão.

—Gostou? —perguntou—trocaremos por outro desenho, se preferir.

—É um colar magnífico —disse ela sem emoção—Mas, não é apropriado para uma mulher como eu.

—Por que não?

—Porque eu sei muito bem quais são as minhas limitações. É como se atasse uma pluma de pavão real no rabo de um galo! —De má vontade, levou as mãos à nuca e começou a desabotoar a joia —É muito generoso, mas isso não é...

—Limitações —repetiu Jack com um bufo de troça.

Tomou suas mãos e a empurrou contra o colchão. Seu ardente olhar azul percorreu seu corpo nu, detendo-se na extensão pura e pálida de seu peito, onde as opálas estavam espalhadas em diminutos arco-íris, sobre sua pele. A expressão de seu rosto estava banhada de desejo e adoração quando baixou a cabeça para beijar Amanda na garganta, aventurando—se com a língua dentro dos pequenos espaços que separavam os diamantes e as opálas redondas.

—Por que não pode ver a si mesma como eu a vejo?

—Basta —disse ela. Contorceu-se ao notar a protuberância de seu sexo excitado contra ela —Jack, não seja tolo.

—É preciosa —insistiu ele, ficando em cima dela, sujeitando suas coxas com suas musculosas pernas —E não penso permitir que abandone esta cama até que o admita.

—Jack —gemeu ela colocando os olhos em branco.

—Repita comigo: sou preciosa.

Amanda apoiou as mãos em seu peito e empurrou, então, ele agarrou-a pelos pulsos e os estirou por cima da cabeça. Aquele movimento fez com que se elevassem os seus peitos, enquanto que a pesada rede de diamantes ia tomando a temperatura da pele. Amanda sentiu como enrubecia, mas, obrigou-se a olhar nos olhos penetrantes de Jack.

—Sou preciosa —disse em tom que usaria para dar razão a um louco —Pronto. Pode me soltar agora? Mas, os dentes de Jack relampejaram em um maldoso sorriso.

—Em seguida soltarei-a, senhora. —inclinou-se sobre ela, até quase tocar os lábios de Amanda com os seus —Repita —sussurrou junto a sua boca.

Ela fez força com as mãos aprisionadas e fingiu que tentava se liberar. Jack permitiu que se contorcesse debaixo dele, até que os lençóis a descobrissem. Ele jogou o lençol a patadas e as pélvis nuas de ambos ficaram em íntimo contato.

O intenso calor que irradiava do sexo de Jack vibrava contra ela, e seu corpo respondeu com um estremecimento. Respirando com dificuldade, separou os joelhos e os abriu para ele. Jack beijou-a nos seios, uma carícia quente e úmida de sua boca rodeada pela aspereza de uma barba incipiente.

—Digame —sussurrou Jack —Digame.

Amanda rendeu-se com um gemido, demasiadamente inflamada para se preocupar pela tonta que pudesse parecer.

—Sou preciosa —disse com os dentes apertados —Oh, Jack...

—O bastante preciosa para usar um colar confeccionado para uma imperatriz.

—Sim. Sim. Oh, Deus...

Então, Jack deslizou em seu interior, fazendo-a gemer e provocando que seu corpo se estremecesse de prazer. Amanda segurou-se, a ele, com braços e pernas, e levantou os quadris com urgência para acomodar-se a cada arremetida de Jack.

Observou fixamente o rosto que pendia sobre ela. Jack tinha os olhos entrecerrados, convertidos em duas esferas de intenso azul. Suas mãos cobriam ambos lados da cabeça de Amanda com suavidade. Continuou fazendo amor até que ela alcançou o orgasmo com um gemido. Então, com um estremecimento, apropriou-se de sua paixão, empurrando com violência dentro do cáldo corpo dela. Quando por fim recuperou o fôlego, sorriu e aprofundou um pouco mais, com seu sexo já brando.

—Isso te ensinará a não rejeitar meus presentes. —Rodou para um lado e a levou consigo.

—Sim, senhor —murmurou ela, com fingida submissão e ele respondeu sorrindo e dando nela uma palmadinha de aprovação nas nádegas.

Conforme Amanda ia se familiarizando com os muitos projetos de seu esposo, adquiriu um especial interesse por uma publicação em decadência, intitulada Covent Quarterly Review, que levava certo tempo padecendo do benigno descuido de Jack.

Consistia em uma série de ensaios, nos quais se examinavam as recentes novidades literárias e os títulos relativos a temas históricos. Amanda viu com clareza que o Review poderia ir bem se tivesse um diretor o bastante forte para lhe dar forma e acrescentar peso intelectual.

Repleta de ideias sobre o que devia fazer com aquela publicação, Amanda escreveu um programa que incluía sugestões de possíveis temas, colaboradores e livros a resenhar, assim como um resumo da direção geral que devia seguir. “El Review” devia se transformar em uma publicação progressista e não simples —propôs —, favorável a reforma e a mudanças sociais.

Por outro lado, devia conservar certa tolerância a respeito dos sistemas e as estruturas já existentes e buscar melhorá-las em vez de denegrí-las, com o fim de preservar os melhores traços da sociedade e de eliminar os piores.

—É bom —declarou Jack, depois de ler o programa, com o olhar distante e a mente ocupada por uma multidão de pensamentos —muito bom.

Os dois estavam sentados no jardim de inverno da casa. Jack acomodado numa poltrona com os pés apoiados no alto, enquanto Amanda havia se aconchegado entre as almofadas de um pequeno divã, com uma xícara de chá quente nas mãos. Através dos arcos da entrada chegava a eles uma fresca brisa vespertina.

Jack tomou uma decisão e olhou para Amanda com seus azuis e penetrantes olhos.

—Descreveu o plano perfeito para o Review. Agora necessito de um diretor que esteja disponível e que queira ou possa encarregar-se do projeto.

—Talvez o senhor Fretwell? —sugeriu ela.

Jack negou de imediato com a cabeça.

—Não, Fretwell está muito ocupado e duvido que se interesse por isto. É algo mais intelectual do que o agradaria.

—Bom, pois tem que encontrar alguém —insistiu Amanda, olhando-o por cima da borda de sua xícara

—Não pode permitir sem mais que o Review siga em sua cepa!

—Já encontrei alguém. Você. Se é que está disposta a se encarregar dele.

Amanda riu com irônica tristeza, certa de que Jack zombava dela.

—Sabe que isso é impossível.

—Por que?

Amanda tirou distraidamente um fio de cabelo solto que dançava sobre sua testa.

—Ninguém leria uma publicação assim se soubessem que é uma mulher quem a dirige. Nenhum escritor de reputação iria querer jamais colaborar com ela. Claro que o caso seria muito diferente se fosse uma publicação de moda ou dirigida ao entretenimento de mulheres, mas, algo tão sério como o Review... —Sacudiu a cabeça.

Naquele momento, o semblante de Jack mudou, adotando uma expressão que Amanda havia aprendido a reconhecer como diversão, ante algo aparentemente impossível.

—E se colocarmos Fretwell como um mero titular? —sugeriu —Poderíamos nomeá-lo como seu “ajudante de direção”, embora, na realidade, seria você quem estaria à frente de tudo.

—Cedo ou tarde se conheceria a verdade.

—Sim, mas aí, já teria conseguido assentar tal credibilidade e realizar um trabalho tão bom que ninguém se atreveria a sugerir que te substituisse. —Levantou e começou a passear pelo jardim. Seu entusiasmo ia aumentando a cada momento. Dirigiu a Amanda um olhar cheio de desafio e orgulho —Você, a primeira mulher diretora de uma revista importante. Por Deus, encantaria-me ver isto!

Amanda o olhou com expressão de alarme.

—Está dizendo coisas ridículas. Eu não fiz nada para merecer tal responsabilidade. E, embora o fizesse bem, ninguém jamais aprovaria.

Jack respondeu a suas palavras com um sorriso.

—Se te importasse algo a aprovação dos outros, jamais teria se casado comigo em vez de Charles Hartley.

—Sim, mas isso... isso é um escândalo. —Não conseguia imaginar-se como editora de uma revista

—Além disso —adicionou com o cenho franzido —apenas tenho tempo suficiente para trabalhar.

—Está dizendo que não quer fazê-lo?

—É claro que quero! Mas, o que ocorrerá com o meu estado? Dentro de pouco tempo estarei em trabalho de parto e depois terei um bebê para cuidar.

—Isso poderia se arrumar. Contrate todas as pessoas que precisar para que te ajudem. Não há motivo para que não faça a maior parte do trabalho em casa.

Amanda se concentrou em terminar o chá.

—A publicação estaria totalmente a meu cargo? —perguntou —Ficarei encarregada de todos os artigos, contratar pessoal novo, selecionar os livros para as resenhas? Não teria que prestar contas a ninguém?

—Nem sequer a mim —respondeu Jack.

—E quando descobrirem que, em vez do senhor Fretwell, é uma mulher a verdadeira diretora, e me converter em uma figura conhecida e os críticos opinarem sobre mim... Ficaré do meu lado?

O sorriso de Jack se desvaneceu. Foi até Amanda e apoiou as mãos no braço do divã.

—É óbvio que ficarei ao seu lado —disse —Maldição, como pode, sequer, me perguntar algo assim?

—Darei à revista um giro surpreendentemente liberal —advertiu ela, inclinando a cabeça para trás para olhá-lo. Suas mãos tocaram o dorso das mãos de Jack, e seus dedos se aventuraram por baixo das mangas para acariciar o áspero pelo dos braços. Seu sorriso radiante conseguiu arrancar uma careta de satisfação de Jack.

—Bem —disse Jack em voz baixa —Ponha fogo no mundo inteiro. Mas, deixe que eu te entregue o pavil.

Inundada por uma mescla de emoção e assombro, Amanda aproximou sua boca para receber um beijo.

Capítulo 15

Enquanto traçava os planos para o Coventry Quarterly Review, Amanda fez uma descoberta irônica e surpreendente: casar-se com Jack, havia-lhe dado muito mais liberdade do que desfrutava estando solteira. Graças a ele, agora possuía dinheiro e influência suficientes para fazer o que quisesse, e o que era mais importante, tinha um marido que a estimulava a fazer o que quisesse.

Jack não sentia-se acovardado pela inteligência de sua esposa. Orgulhava-se de suas conquistas e não mostrava vacilação ao elogiá-la ante outras pessoas. Procurava sempre incentivá-la a ser audaciosa, a dizer o que pensava, a se comportar como jamais se atreveriam a se comportar as esposas decentes.

Em suas horas de intimidade, Jack a seduzia e a atormentava todas as noites. Amanda desfrutava de cada momento. Jamais havia sonhado que um homem pudesse sentir aquilo por ela, que um marido pudesse vê-la como uma mulher tentadora, que obtivesse tanto prazer de seu corpo, um corpo que se encontrava muito longe da perfeição.

Maior surpresa foi saber e ver que, até aquela data, Jack gostava da vida em casa. Para um homem que levou uma vida marcada pelas incessantes relações sociais, parecia contente por diminuir o ritmo estressado, quase frenético, de sua vida diária. Mostrava-se disposto a aceitar apenas poucos convites dos muitos que chegavam a cada semana e preferia passar as noites na intimidade com Amanda.

—Poderíamos sair um pouco mais, se quiser —sugeriu Amanda uma noite, enquanto preparavam-se para jantar sozinhos —Esta semana nos convidaram pelo menos para três festas, sem mencionar a noite de sábado e uma festa num barco no domingo. Não quero que deixe de lado o prazer de desfrutar da companhia de outras pessoas, devido a ideia equivocada de que eu desejo ter você só para mim.

—Amanda —interrompeu ele, tomando-a em seus braços —passei os últimos anos saindo quase todas as noites e sentindo-me sozinho em meio a uma multidão. Agora, por fim, tenho um lar e uma esposa, quero desfrutar dele. Se a você agrada sair, te acompanharei onde quiser, mas, eu prefiro ficar aqui.

—Então não te aborrece ficar em casa? —disse ela acariciando-lhe a face.

—Não —respondeu ele, com ar introspectivo. Então olhou-a e arqueou as sobrancelhas —Estou mudando —disse com gravidade —Você me converteu em um marido domado.

Amanda arregalou os olhos em resposta àquela brincadeira.

—Domado é a última palavra que eu empregaria para descrevê-lo —disse —É o marido menos convencional que poderia imaginar. Cabe perguntar que tipo de pai será.

—Oh, penso dar a nosso filho tudo de melhor. Vou mimá-lo por completo. Enviarei-o às melhores escolas e quando regressar de sua grande experiência, dirigirá Devlin's por mim.

—E se for uma menina?

—Então a dirigirá também —replicou Jack no mesmo instante.

—Que tolo... Uma mulher jamais poderia fazer semelhante coisa.

—Minha filha, sim —informou Jack.

Em vez de discutir, Amanda o obsequiou com um sorriso.

—E depois, o que você fará enquanto nosso filho ou nossa filha se encarrega de sua loja e de suas empresas?

—Passarei os dias e as noites agradando você —respondeu Jack —Depois de tudo, é uma ocupação prazerosa em muitos sentidos.

Em seguida, começou a rir, esquivando da mão de Amanda, quando esta tentou dar um tapa em suas atraentes coxas.

O pior dia da vida de Jack começou de maneira inócua, após todos os gratos rituais do desjejum, os beijos de despedida, e com a promessa de voltar para casa para o almoço.

Caía uma chuvinha fina, mas persistente e o céu estava cinza, coberto de nuvens que prometiam as piores tormentas. Quando Jack entrou no ambiente cálido e acolhedor de sua loja, onde já havia grande número de clientes que buscavam se refugiar da chuva, sentiu um formigamento de satisfação que percorreu-lhe as costas.

Seu negócio florescia. Em casa, esperava-o uma esposa amante e o futuro parecia repleto de promessas. Parecia bom para ser verdade que sua vida, que tão mal havia começado, tivesse chegado a dar semelhante giro. De alguma maneira, havia terminado tendo mais do que merecia, pensou Jack, com um amplo sorriso, enquanto subia as escadas que conduziam ao seu escritório particular.

Trabalhou sem descanso até o meio dia e depois dedicou-se a empilhar documentos e manuscritos, preparando—se para ir comer em casa. Naquele preciso momento ouviu uns pequenos golpes na porta e apareceu o rosto de Oscar Fretwell.

—Devlin —disse em voz baixa, com ar preocupado —chegou uma mensagem para você. O homem que a trouxe disse que era bastante urgente.

Com o cenho franzido, Jack tomou a nota que lhe estendia Fretwell e a leu a toda pressa. O texto escrito a mão em tinta negra, parecia saltar do papel. Era a letra de Amanda, mas, com a pressa, não havia estampado a sua assinatura.

Jack, estou doente. Chamei o médico. Venha para casa em seguida.

Sua mão se fechou sobre o papel e o amassou, formando uma bola compacta.

—É Amanda —sussurrou.

—O que quer que faça? —se ofereceu Fretwell de imediato.

—Ocupe-se de tudo aqui —respondeu Jack por cima do ombro, saindo da sala a grandes passadas —Eu vou pra casa.

Durante o breve e frenético trajeto até sua casa, a mente de Jack não deixou de dar voltas a uma possibilidade após outra. O que poderia ter acontecido a Amanda, pelo amor de Deus? Aquela mesma manhã exalava saúde. Talvez havia tido um acidente. A sensação cada vez mais intensa de pânico fez com que lhe encolhessem as entranhas, e quando chegou ao seu destino estava pálido e com o semblante severo.

—Oh, senhor —exclamou Sukey quando o viu entrar correndo no vestíbulo —neste momento, encontra-se com o médico... Tudo foi tão repentino... Minha pobre senhorita Amanda.

—Onde está? —exigiu Jack.

—No quarto, senhor —balbuciou Sukey.

O olhar de Jack cravou-se no vulto de lençóis que a criada levava nos braços e que em seguida apressou-se a entregar a uma criada com a ordem de que lavasse-os. Jack, alarmado, viu umas manchas de cor vermelha manchando o branco do tecido.

Encaminhou-se a grandes passos para as escadas e subiu de três em três os degraus. Justo ao chegar ao seu quarto, cruzou o umbral com um homem de certa idade que levava o típico paletó negro dos médicos. Era um homem baixo e de ombros estreitos, mas possuía um ar de autoridade que sobressaía em muito a sua estatura física. Fechou a porta atrás de si, levantou a cabeça e contemplou Jack com olhar firme.

—Senhor Devlin? Sou o doutor Leighton.

Ao reconhecer aquele nome, Jack estendeu a mão.

—Ouvi a minha esposa mencionar seu nome —disse —Foi você quem confirmou sua gravidez.

—Sim, foi. Por desgraça, estas coisas nem sempre tem a conclusão que se espera delas.

Jack ficou alhando o médico sem piscar, sentindo o sangue gelar nas veias. Se abateu sobre ele uma sensação de incredulidade, de irreabilidade.

—Perdeu a criança —disse em voz baixa —Como? Por que?

—As vezes não há explicação para um aborto —respondeu Leighton com gravidade —Isso ocorre também com as mulheres saudáveis. Ao longo da prática de minha profissão aprendi que, em ocasiões, a natureza segue seu próprio curso, independente do que nós desejamos. Mas, permita-me que lhe assegure, tal como disse para a senhora Devlin, que isso não tem por que impedir de conceber e dar à luz um bebê da próxima vez.

Jack baixou a vista para o chão, em profunda concentração. Por estranho que parecesse, não pôde evitar pensar em seu pai, já frio em sua tumba, tão insensível na morte, como havia sido em vida. Que tipo de homem poderia engendrar tantos filhos, legítimos e ilegítimos, e preocupar-se tão pouco com eles? Para Jack, cada pequena vida parecia de um valor infinito e mais ainda agora que acabava de perder uma. .

—Talvez eu seja o culpado —sussurrou —Compartilhamos o mesmo quarto. Eu... Deveria tê-la deixado só...

—Não, não, senhor Devlin. —Apesar da seriedade da situação, no rosto do médico apareceu um débil sorriso compassivo —Há casos nos quais eu prescrevi que uma paciente se abstinhasse de manter relações durante a gravidez, mas este não era um deles. Você não provocou o aborto, senhor, não mais do que pode tê-lo provocado sua esposa. Prometo que não é culpa de ninguém. Disse à senhora Devlin que deve descansar durante uns dias, até que cesse a hemorragia. Voltarei antes do final da semana para ver como está a sua evolução. Como é natural, seu estado de ânimo não será dos melhores durante um tempo, mas, sua esposa parece ser uma mulher de caráter forte. Não vejo motivos para que ela não se recupere com rapidez.

Quando o médico se foi, Jack entrou no quarto. Seu coração encolheu-se de angústia ao ver como Amanda parecia pequena na cama, ausente toda sua paixão e seu bom ânimo habituais. Foi até ela e lhe afastou o cabelo, jogando-o para trás para beijá-la na testa quente.

—Sinto muito —sussurrou olhando-a nos olhos vazios. Aguardou algum tipo de reação, mesmo que fosse de desespero, raiva ou esperança, mas, o inexpressivo rosto de sua esposa permaneceu neutro. Amanda tinha uma parte da bata aferrada com força num punho. Retorcia e enrugava-o sem cessar.

—Amanda —disse, tomando aquele punho em sua mão —por favor, fale comigo.

—Não posso —conseguiu articular ela com voz afogada, como se uma força agisse em sua garganta Jack continuou segurando em seus dedos o punho gelado de sua esposa.

—Amanda —sussurrou —Entendo como se sente.

—Como você poderia entender? —replicou ela em um tom sem inflexões. Puxou o punho até que ele o soltou e fixou a vista em algum ponto longínquo da parede —Estou cansada —murmurou, embora tivesse os olhos muito abertos e não pestanejava —Quero dormir.

Confuso e ferido, Jack separou-se dela. Amanda nunca o havia tratado daquele modo.

Era a primeira vez que guardava para si mesma seus sentimentos, era como se tivesse usado um machado para cortar toda conexão entre os dois.

Talvez se descansasse, como havia recomendado o médico, desapareceria aquele terrível vazio que havia em seus olhos.

—Está bem —murmurou —Não me moverei do seu lado. Amanda estarei aqui caso necessite de algo.

—Não —sussurrou ela sem nenhum traço de emoção —Não necessito nada.

Durante as três semanas seguintes, Jack viu-se obrigado a sofrer sozinho, enquanto Amanda

permanecia em algum refúgio interior que ninguém mais tinha permissão para compartilhar. Parecia estar decidida a isolar-se de todo mundo, inclusive dele. Jack já não sabia o que fazer para chegar até ela. De algum modo, a verdadeira Amanda havia desaparecido e deixado apenas uma casca vazia.

Segundo o médico, a única coisa que necessitava era descansar, mas, Jack não estava tão certo. Temia que a perda do bebê fosse um golpe do qual jamais pudesse se recuperar. Que a mulher vibrante, com a qual havia se casado nunca mais voltasse.

Imerso no desespero, ele chamou Sophia para que viesse passar o fim de semana, apesar de não lhe agradar nada aquela fera. Sophia fez tudo o que pôde para consolar Amanda, mas, sua presença produziu pouco efeito.

—Meu conselho é que tenha paciência —disse Sophia para Jack no momento de ir embora —Amanda irá recuperar-se apenas com o tempo. Espero, de coração, que você não a pressione, nem exija que cumpra com certas coisas que não está preparada para satisfazer.

—O que significa isso? —sussurrou Jack. No passado, Sophia não havia guardado em segredo sua opinião de que ele era um sem vergonha, de baixa categoria, que possuía o mesmo autocontrole de um osso —Não tenho dúvida de que pensa que eu estou planejando lançar-me sobre ela e exigir meus direitos conjugais quando você voltar para Windsor.

—Não, não é isso o que penso. —Os lábios de Sophia curvaram-se em um inesperado sorriso —Referia-me as demandas de tipo emocional, Devlin. Creio que nem você seja tão bruto, a ponto de forçar uma mulher que se encontra no estado de Amanda.

—Obrigado —disse Jack sardônicamente.

Ambos estudaram um ao outro durante um instante, sem que Sophia perdesse o sorriso.

—Talvez tenha me equivocado ao julgá-lo com tanta dureza —declarou —Há uma coisa que me deixou clara: por muitos defeitos que tenha, quer a minha irmã de verdade.

Jack sustentou o olhar dela sem titubear.

—Sim, quero-a.

—Bem, é possível que com o tempo, eu aprove este casamento. Não é como Charles Hartley, mas, suponho que minha irmã poderia ter se casado com alguém pior que você.

Ele sorriu com ironia.

—É muito amável, Sophia.

—Traga Amanda para passar uns dias em Windsor, quando ela melhorar —ordenou Sophia. Ele fez uma leve revêrencia como se acatasse uma ordem real. Após trocarem despedidas e sorrisos de estranho companherismo, chamou um criado para acompanhar Sophia à carruagem que a aguardava.

Jack vagou pelo andar de cima e falou com sua mulher. Junto a janela do quarto, observando como se afastava pelo caminho da entrada da casa, a carruagem de Sophia. Contemplava a cena como se estivesse em transe, com o pulso batendo de forma visível na base do pescoço. Sobre uma mesa próxima havia uma bandeja de comida sem tocar.

—Amanda —murmurou Jack com a intenção de que ela o olhasse.

Durante um momento, seu deprimido olhar se cruzou com o seu e, em seguida, desviou-se para o chão, quando ele aproximou-se dela. Amanda ficou onde estava e aceitou o seu breve abraço sem reagir.

—Quanto tempo vai continuar assim? —não pôde evitar perguntar. Ao ver que ela não respondia, amaldiçoou em voz baixa —Poderia ao menos falar comigo, maldita seja...

—E o que posso dizer? —respondeu ela em tom neutro.

Jack a virou para obrigá-la a olhar para ele.

—Se não tem nada a dizer, eu sim tenho, pelo amor de Deus! Você não é a única que perdeu algo. Esse filho também era meu.

—Não tenho vontade de falar —disse Amanda, afastando-se dele —Agora não.

—Não quero que haja mais silêncio entre nós —insistiu Jack, seguindo-a em sua retirada —Temos de

superar o ocorrido e buscar um modo de esquecer.

—Eu não quero esquecer —disse Amanda —Eu... Eu quero pôr fim a nosso casamento.

Aquelas palavras sacudiram Jack até os ossos.

—O que? —disse, aturdido —Em nome de Deus, por que diz isso?

Amanda esforçou-se para responder, mas, não pôde dizer mais nenhuma palavra. De repente, todos os sentimentos que tinha reprimido durante as três últimas semanas, afloraram à superfície com a força do desespero. Embora, tentasse controlar a dolorosa explosão, não pôde suprimir os soluços que pareciam arranhar as cavidades interiores de seu peito.

Cruzou e descruzou os braços ao redor do corpo, por cima da cabeça, numa tentativa de conter os violentos espasmos. Ficou assustada com a falta de domínio sobre si mesma. Sentia-se como se a alma tivesse desmoronado em pedaços. Necessitava algo, alguém, que lhe devolvesse a sanidade que parecia estar perdendo.

— Deixe-me em paz —soluçou, cobrindo os olhos lacrimejantes com as mãos.

Mas, então notou que seu marido a percorria com o olhar e ficou tensa. Não recordava ter desmoronado assim diante de ninguém, pois, sempre acreditou que semelhantes emoções não deviam ser exibidas em público.

Jack a rodeou com seus braços e a puxou contra seu largo peito.

— Amanda... querida...abrace-me. Assim.

Jack era tão sólido, tão firme, seu corpo mantinha aquecida a pele dela, seu aroma e seu tato era, tão familiares, como se os conhecesse pela vida toda.

Segurou-se a ele enquanto as palavras saíam de sua boca de forma impulsiva, em total abandono.

— A única razão pela qual nos casamos foi o bebê. Agora já não existe. Nada voltará a ser o mesmo entre nós.

— Está dizendo coisas sem sentido.

— Você não queria essa criança —falou Amanda — Mas eu sim. Desejava com toda minha alma, e agora o perdi e não posso suportar.

— Eu também o queria —replicou Jack com a voz afetada —Amanda, superaremos isso e, algum dia, teremos outro.

— Não, já sou muito velha —disse ela, derramando uma nova torrente de lágrimas — Por isso tive um aborto. Esperei demais. Já não poderei ter filhos, nunca.

— Cale-se. Isso é ridículo. O médico disse que trouxe ao mundo filhos de mulheres muito mais velhas que você. Não está pensando com clareza.

Levantou-a nos braços sem esforço. Levou-a até uma pequena poltrona com capa de veludo e sentou-se com ela sobre seus joelhos. Em seguida, enxugou as lágrimas dos olhos e das faces com o guardanapo dobrado da bandeja da ceia.

Era tão capaz e tão firme que Amanda sentiu que parte de seu pânico começava a evaporar.

Obediente, assoou o nariz com o guardanapo e deixou escapar um suspiro trêmulo com a cabeça apoiada no ombro de Jack. Notava o calor de sua mão nas costas dela, movendo-se em uma lenta carícia que foi acalmando seus destroçados nervos.

Jack a manteve abraçada por muito tempo, até que sua respiração se acalmou, ficando no ritmo sereno da dele, e suas lágrimas secaram sobre as faces.

— Não me casei com você só pelo bebê —disse Jack com voz baixa — Me casei com você porque te amo. E se te ocorrer voltar a mencionar a ideia de me deixar, te... —Fez uma pausa para pensar num castigo que fosse bastante cruel — Bem, que não te ocorra —concluiu.

— Nunca me senti tão terrivelmente mal como agora. Nem sequer, quando morreram os meus pais.

Sentiu reverberar seu amplo peito sob o ouvido quando lhe disse: — Eu tão pouco. Exceto... Quanto me alegre de te abraçar. Estas semanas foram um verdadeiro inferno, sem poder falar e nem te tocar.

— Acredita mesmo que poderemos ter um filho algum dia? —perguntou ela num áspero sussurro.

— Se for o que deseja, sim.

— E o que você deseja?

— A princípio, era difícil aceitar a ideia de ser pai —admitiu Jack. Beijou-a na face e depois no pescoço — Mas, quando começamos a fazer planos, meu filho se converteu em algo real para mim. E então, pensei em todos os garotos pequenos de Knatchford Heat, aos quais nunca pude ajudar, nem proteger, e em vez do antigo desespero, senti... esperança. Dei-me conta de que, por fim, iria ter uma criança neste mundo, de quem iria poder cuidar. Era a possibilidade de começar de novo. Desejava... fazer a sua vida maravilhosa.

Amanda levantou a cabeça e olhou fixamente para Jack, com os olhos aquosos.

— E teria conseguido —sussurrou.

— Então, não percamos as esperanças, querida. Quando estiver pronta me dedicarei, dia e noite, à tarefa de te engravidar. E se não conseguirmos, buscaremos outra maneira. Deus sabe que existem muitos garotos no mundo que necessitam uma família.

— Faria isso por mim?—perguntou ela com voz trêmula, sem poder acreditar que aquele homem, que em outro tempo, mostrava-se tão contrário à ideia de formar uma família, agora estivesse preparado para assumir semelhante compromisso.

—Não é só por você. —A beijou na ponta do nariz e na suave curva da face —Também é por mim.

Amanda rodeou-lhe o pescoço com os braços e o estreitou com força. Por fim, a angústia da dor começou a afrouxar sua garra ao redor do coração e experimentou um sentimento de alívio tão agudo, que quase lhe produziu vertigem.

—Não sei o que fazer agora —murmurou.

Jack a beijou outra vez e sentiu sua boca quente e terna contra a pele corada.

—Esta noite irá deixar de pensar durante por algumas horas e irá comer e descansar.

O fato de pensar na comida lhe provocou uma careta de desagrado.

—Não vou conseguir.

—Passou dias sem comer nada. —Jack aproximou a bandeja, destampou o prato de comida e pegou uma colher —Prove um pouco —disse em tom firme —Confio muito nos poderes restauradores de... —Jogou uma olhada ao conteúdo da travessa que estava escondida sob a tampa de prata —Da sopa de batata.

Amanda observou a colher e a expressão decidida de Jack e, pela primeira vez em três semanas, seus lábios se curvaram em um sorriso inseguro.

—É um abusado.

—E sou maior que você —recordou ele. Ela tirou a colher e se inclinou para frente para olhar a a sopa de cor branca, salpicada de ervas picadas. Junto a ela repousava um prato pequeno com um pãozinho recém assado e um pudim de frutas decorado com framboesas. Pudim *à la framboise*, o denominava a cozinheira, que nos últimos tempos, dava de nomear em francês muitas de suas receitas.

Jack se levantou da cadeira e observou como Amanda afundava a colher na sopa. Comeu depressa, deixando que o calor da comida chegasse ao estômago, enquanto Jack, sentado a seu lado, aproximava dos lábios uma taça de vinho. Conforme foi comendo e bebendo, voltou a cor a suas faces e foi relaxando em sua cadeira. Contemplou o atraente homem que se sentava junto a ela e se sentiu carregada pela onda de amor que a inundou. Jack a fazia sentir como se tudo fosse possível. De maneira impulsiva, segurou uma mão dele e a levou ao rosto.

—Te quero —disse.

Ele a acariciou na face e na linha do queixo com o dorso da mão.

—Eu te quero mais que a minha vida, Amanda.

Logo inclinou-se um pouco mais e roçou-lhe os lábios com os seus, docemente, consciente do quanto

ela se sentia ferida e vulnerável, como se pudesse curá-la com um beijo. Amanda levantou uma mão e a pousou na nuca de Jack e deixou que seus dedos se afundassem na densa mata de cabelo. Aceitou a sutil intrusão da língua de Jack em sua boca. Permitiu que buscasse o gosto do vinho, até que o beijo começou a arder com um fogo vulcânico.

Voltou o rosto para um lado murmurando em voz baixa, sentindo-se adormecida e fraca, notando que lhe fechavam os olhos, quando os dedos de Jack passaram sobre o corpete de sua bata. Soltou um botão, depois dois, três, em uma série de leves toques que fizeram com que o tecido que a cobria se separasse da pele. Os lábios de Jack deslizaram até sua garganta, encontrou o ponto sensível de um lado e começou a acariciá-lo, até que ela deixou escapar um leve gemido.

—Jack...estou muito cansada...não creio que...

—Não tem que fazer nada —sussurrou ele contra seu pescoço —Só me deixe te tocar. Passou muito tempo, querida.

Amanda respirou fundo e não tentou dizer nada, mas, limitou-se a reclinar a cabeça contra a cadeira. Sentia-se sonolenta e não abriu os olhos quando notou que Jack se movia, apenas aguardou passivamente, enquanto ele diminuía a chama das lamparinas e regressava junto a ela.

A luz tênue, quase fantasmagórica, apenas penetrava a escuridão. Jack havia tirado a camisa. Suas mãos encontraram a nudez de seus ombros, duros, quentes e tensos pelos músculos. Jack ajoelhou-se frente a ela, entre seus joelhos separados, e introduziu as mãos dentro da bata para tomar com suavidade os seios nas palmas da mão. Seus polegares acariciaram os mamilos com delicadeza, mimando, estimulando, até que se contraíram e ficaram eretos e firmes. Então, inclinou-se para frente para capturar um deles com sua boca.

Amanda arqueou-se, com a cabeça jogada para trás, e lançou uma exclamação afogada ao sentir o suave toque dos lábios de Jack. Ele beliscou o outro mamilo entre o polegar e o indicador, em uma carícia leve, mas persistente, que fez Amanda cravar os dedos na dura superfície de seus ombros. Sentia-se prisioneira de sua boca e de suas mãos. Todas as partes de seu ser estavam concentradas naquela sedução lenta e calculada.

Jack levantou a barra da bata, empurrou-a até a cintura e deslizou os dedos que haviam brincado com os mamilos para as voluptuosas curvas da parte interior das coxas. Ela separou as pernas para ele, com os músculos trêmulos reagindo ao calor que desprendiam suas mãos. Embora Jack soubesse o muito que ela desejava que a tocasse, manteve as mãos na parte superior das coxas.

Tomou posse de sua boca com beijos tão leves e prazerosos que ela fechou os punhos de pura frustração, desejando mais. Depois, sorrindo contra sua boca suplicante, Jack deslizou as mãos ao longo das pernas tensas até chegar aos joelhos. Passou os dedos por baixo, dobrou seu joelho com suavidade, primeiro uma, logo outra, até que as pernas ficaram enganchadas por cima das almofadas dos braços da cadeira. Amanda nunca se viu tão descaradamente em exibição, aberta e estirada por completo ante ele.

—Jack —protestou, fazendo subir e baixar os seios em sua luta para respirar —o que está fazendo?

Ele não se apressou em responder. Sua ágil boca foi vagando desde o pescoço até os duros cumes dos mamilos, enquanto suas mãos acariciavam o pequeno montículo do ventre, as curvas redondas dos quadris, as suaves formas dos glúteos. Não era uma postura precisamente favorecedora, mas a chispa fugaz de vergonha foi extinta no momento por uma torrente de desejo. Encolheu os dedos dos pés ao se sentir percorrida por uma onda de prazer e quis levantar as pernas para liberá-las da cadeira.

—Não —ouviu Jack dizer, num suave sussurro. Empurrou-a as costas para trás outra vez e manteve suas pernas bem separadas —Vou comer a sobremesa: *Amanda á la framboise*.

Então estirou uma mão para a mesa, tomou algo de um prato de porcelana e o aproximou dos lábios de Amanda.

—Abra a boca —disse e ela obedeceu, confusa.

Sua língua se enroscou ao redor da pequena forma de uma framboesa. Em sua boca explodiu o doce e

picante sabor daquela fruta, mastigou e engoliu. Os lábios de Jack abriram os seus e sua língua buscou com ânsia todo resíduo de doçura que lhe ficasse na boca.

Então, Jack colocou outra framboesa no oco do umbigo e Amanda lançou uma exclamação quando ele inclinou-se para capturá-la com a língua, fazendo cócegas e acariciando aquele lugar tão sensível.

—Basta —disse com voz entrecortada —Já basta, Jack.

Mas, aparentemente, ele não quis ouvi-la, porque suas mãos malignas e suaves deslizaram sob seu ventre, entre suas coxas... e, de repente, sentiu um choque, quando percebeu a sensação peculiar de dedos introduzindo algo em seu interior... framboesas, pensou ela, contraindo os músculos ao sentir gotejar o sumo da fruta naquele íntimo recesso de seu corpo. Sua boca tremeu e mal podia falar.

— Jack, não. Tire-as. Por favor...

Jack, obediente, baixou a cabeça, e Amanda sentiu que seus membros se tensionavam devido a vergonha e ao prazer, quando percebeu o contato de sua boca.

Deixou escapar uns gemidos guturais, enquanto ele lambia e comia com cuidado, devorando as framboesas e, ao mesmo, tempo umidade de seu corpo. Fechou os olhos com força e gemeu tratando de recuperar o fôlego, totalmente imóvel, enquanto a língua de Jack se introduzia nela com suaves movimentos.

—Que deliciosa é —sussurrou ele —Já não sobraram framboesas. Quer que me detenha agora, Amanda?

Ela segurou com desespero sua cabeça escura e a atraiu com força para si, e Jack deslizou a língua sobre o dolorido capuz de seu sexo. O silêncio que reinava no quarto se via pontuado apenas pelos gemidos de Amanda, os ruídos de sucção de Jack e o barulho da cadeira, ao se mover Amanda para frente e para cima, em seu afã de capturar a boca torturante de Jack.

Justo quando acreditava não poder suportar mais aquele íntimo tormento, estalou a tensão em uma delirante explosão de fogo. Amanda gritou e estremeceu, suas pernas se agitaram contra os braços da cadeira, e os espasmos continuaram até que, por fim, suplicou a Jack que parasse.

Quando começaram a diminuir as loucas batidas de seu coração e pôde encontrar as forças necessárias para se mover, Amanda tirou as pernas da cadeira e buscou Jack com as mãos. Então, segurou-se a ele, enquanto Jack a tomava nos braços e a levava até a cama. Quando a depositou sobre o colchão, ela negou-se a se soltar de seu pescoço.

— Deite-se comigo —disse.

— Precisa descansar —replicou Jack, de pé junto a cama.

Antes que ele pudesse se separar, ela segurou a parte frontal de suas calças e desabotoou o primeiro botão.

— Tire isso —ordenou, e logo passou ao segundo botão, e ao terceiro. Jack, com um amplo sorriso que brilhou na penumbra do quarto, obedeceu e tirou o resto da roupa. Seu corpo nu, musculoso e potente uniu-se ao dela na cama, fazendo-a estremecer de prazer ao contato de sua pele morna.

—E agora, o que? —perguntou Jack.

Mas, ele ficou sem respiração, quando Amanda colocou-se em cima dele e roçou com seus seios redondos, o peito e depois o estômago, enquanto sua longa cabeleira arrastava-se sobre sua pele.

—Agora serei eu a saborear a sobremesa —disse e, durante um longo espaço de tempo, não houve palavras, nem pensamentos, mas apenas os corpos de ambos entrelaçados na paixão.

Depois, Jack deitou-a de costas e deixou escapar um suspiro de satisfação. Então, seu peito agitou-se em uma risada profunda, e Amanda voltou-se para ele.

—O que ocorre? —perguntou com curiosidade.

—Estava pensando na noite em que nos conhecemos. Você estava disposta a me pagar para fazer isto. Estava tentando calcular quanto me deveria, depois de todas as vezes que deitamos juntos.

Apesar da débil condição em que se encontrava, Amanda não pôde reprimir uma súbita gargalhada.

—Jack Devlin, como pode pensar em dinheiro em um momento como este?

—Quero que esteja tão endividada comigo que nunca possa se livrar de mim.

Amanda sorriu e aproximou a cabeça de Jack da sua.

—Sou sua —sussurrou contra sua boca —Agora e sempre, Jack. Esta satisfeito?

—Oh, sim.

Passou o resto da noite demonstrando a ela o quanto estava satisfeito.

Epílogo

—Papai, supõe-se que deve me pegar! —exclamou o pequeno olhando para o alongado corpo de seu pai, derrumbado na grama.

Jack sorriu ao menino de cabelo escuro que tinha frente a ele. Batizado com o nome do pai de Amanda, Edward, seu filho possuía uma inesgotável reserva de energia e um vocabulário que superava, em muito, o da média dos garotos de três anos de idade. Ao jovem Edward, encantava falar, o que não era precisamente uma surpresa, se levasse em conta sua ascendência.

—Filho, levo quase uma hora brincando de te perseguir —disse Jack —Deixe que este ancião descanse uns minutos.

—Mas ainda não terminamos!

Com uma repentina gargalhada, Jack prendeu o pequeno e o derrubou no chão, para lhe fazer cócegas.

Amanda levantou os olhos dos papéis que tinha sobre o colo e observou como brincavam os dois. Estavam passando a parte mais quente do verão na fazenda que Jack havia herdado. Um lugar que contava com uma paisagem tão bela, que podia ter sido objeto de uma pintura de Rubens. A única coisa que faltava era alguns anjos e um aglomerado de nuvens no alto, então a ilusão seria então completa.

O terreno da fazenda abarcava, desde um recinto semicircular de ladrilho na parte de trás da casa, do século XVII, até um jardim superior, muito bem cuidado, uma arcada branca de pedra e um horto silvestre de vívidas cores, dotado de um lago de forma ovalada. A família costumava organizar, com frequência, piqueniques ao ar livre, à sombra de uma majestosa e velha figueira, cujo tronco estava revestido de grossas camadas de hortênsias. O lago, bordeado de suave e frondosa erva e de pequenas flores amarelas, oferecia um entorno muito agradável onde molhar os pés.

Após se satisfazerem com um saboroso lanche preparado pela cozinheira, Amanda tentou voltar a se concentrar no trabalho que havia levado com ela. Depois de quatro anos sob sua direção, o Coventry Quarterly Review havia se tornado a revista de crítica mais lida de toda Inglaterra.

Amanda sentia-se orgulhosa do que havia conseguido, em especial, ao demonstrar que, como diretora, uma mulher podia ser tão audaciosa, intelectual e livre pensadora, como qualquer homem. Quando o público descobriu por fim de quem se tratava, quem era a força motriz daquela revista de âmbito nacional, a polêmica não fez outra coisa que incrementar as vendas. Tal como lhe havia prometido, Jack foi seu fiel defensor a todo momento, e negou categoricamente, todas as especulações referentes a que devia ser ele e não a sua esposa, quem dirigia aquela publicação.

—Minha esposa não necessita de nenhuma ajuda da minha parte para manifestar suas opiniões —disse aos críticos em tom sardônico —É mais capaz e mais profissional que a maioria dos homens que conheço.

Jack estimulava Amanda a desfrutar de sua recente popularidade, pois, havia se transformado na convidada mais cobiçada de todas as festas de Londres. Sua “mente privilegiada” e sua “original genialidade” eram elogiadas de forma unânime nos círculos literários e políticos de maior relevância.

Todo mundo se fixa em mim como se fosse uma atração de circo—queixou-se em certa ocasião a Jack, após uma reunião durante a qual cada palavra que pronunciou foi estudada com escrupulosa atenção

—Por que é tão difícil as pessoas acreditarem que alguém que usa um vestido pode também ter cérebro?

—Ninguém gosta que uma mulher seja muito inteligente e preparada —respondeu Jack sorrindo ao vê-la tão irritada —Aos homens agrada conservar nossa aparência de superioridade.

—Então, por que você não se sente ameaçado pela inteligência de uma mulher? —quis saber ela franzindo o cenho.

—Porque eu sei como você se comporta no seu lugar —replicou Jack com um sorriso enlouquecedor, no mesmo momento em que se jogou para trás, rindo, para se esquivar de Amanda, que pretendia se vingar.

Sorrindo ao recordar aquele episódio, Amanda pôs-se a escutar o conto de dragões, arco-íris e feitos mágicos, que Jack estava contando a Edward, até que o menino, por fim, dormiu sobre seus joelhos. Com muito cuidado, Jack deixou seu corpinho inerte na manta estendida sobre a erva.

Amanda fingiu não se dar conta de que seu marido se sentava ao seu lado.

—Deixe isso —ordenou ele, puxando seu cabelo solto.

—Não posso.

— Por que não?

—Porque tenho um chefe muito exigente que se queixa quando a revista não chega na data prevista.

—Você sabe como fazer com que ele deixe de se queixar.

—Agora não tenho tempo para isso —replicou Amanda em tom hipócrita —Deixe-me trabalhar, por favor.

Mas, não protestou quando sentiu que Jack a rodeava com seus braços, nem quando a beijou no pescoço, formando uma carícia que lhe produziu uma onda de prazer da cabeça aos pés.

— Tem ideia do muito que te desejo?

Pôs os dedos sobre a curva de seu estômago, onde sentiu os suaves movimentos de seu segundo filho. Logo, deixou vagar a mão ao longo da perna dela até o tornozelo, e se insinuou sob sua saia. Amanda deixou cair a pasta de papeis das mãos, que se esparramaram sobre a grama.

— Jack—disse sem fôlego, recostando—se sobre ele —na frente de Edward, não.

—Está dormindo.

Amanda se virou em seus braços e aplicou sua boca sobre a dele num beijo lento e ardente.

—Terá que esperar até a noite —disse quando se separaram os lábios de ambos —De verdade, Jack, você é incorrigível. Estamos há quatro anos casados, deveria já ter se cansado de mim, como qualquer marido normal e respeitável.

—Bem, isso sim que é um problema —disse ele em tom razoável, brincando com os dedos atrás do joelho de sua mulher —Eu nunca fui respeitável. Sou um sem vergonha, não se lembra?

Sorrindo, Amanda deixou-se cair sobre a grama morna e arrastou Jack com ela, até os ombros dele impedirem a passagem da luz do sol que se filtrava entre a frondosa copa da árvore.

—Por sorte, descobri que é muito mais divertido estar casada com um sem vergonha do que com um cavalheiro.

Jack sorriu, mas o brilho de malícia que se viu no azul de seus olhos foi suplantado por uma expressão reflexiva.

—Se pudesse voltar no tempo e mudar as coisas... —murmurou retirando do rosto dela a mechas de cabelo solto.

—Nem por todo ouro do mundo —respondeu Amanda, enquanto voltava o rosto para beijar os suaves dedos de Jack —Tenho tudo o que jamais me atreveria a sonhar.

—Então, sonhe um pouco mais —sussurrou ele, antes de fechar sua boca sobre a dela.

[1] Hell - Inferno

[2] **Tode** se pronuncia igual que **toad** que significa sapo. (N. del T.)